

RICHARD H. SHULTZ
& ROY GODSON

DESIN FORM AÇÃO

MEDIDAS ATIVAS NA
ESTRATÉGIA SOVIÉTICA

RICHARD H. SHULTZ
e ROY GODSON

DESINFORMAÇÃO

Medidas Ativas na Estratégia Soviética



Minha Impalpável Biblioteca

Todos os direitos reservados sob a legislação em vigor. É proibido reproduzir este livro, no todo ou em parte, ou transmitir o seu texto sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, sendo especialmente *interditada a sua reprodução em fotocópias (xerox)*, por gravação ou por qualquer outro sistema, em antologias, livros didáticos etc., a não ser após autorização específica e por escrito da Editora Nórdica. Esta autorização só é desnecessária em caso de citação nos meios de comunicação com finalidade crítica.

Titulo do original em inglês:

Dezinformatsia, Active Measures in Soviet Strategy

Copyright © 1984 National Strategy Information Center, Inc.

Esta edição de SHULTZ/GODSON: Dezinformatsia será publicada por acordo com Pergamon Books Ltd., Headington Hill Hall, Oxford OX3 OBW, Inglaterra.

Tradução: Newton Vasconcelos

Capa e produção editorial:

Anna Luisa Araujo

Direitos adquiridos para a língua portuguesa por:

EDITORIAL NÓRDICA LTDA.

Rua Oito de Dezembro, 353

20550 Rio de Janeiro RJ

Fone: (021) 284-8848.

Telegramas: Nórdica, Rio de Janeiro.

Telex: (021) 31810 NOCA BR.

Composto pela Bitaurus, Rio de Janeiro, RJ

Impresso no Brasil — ref. 286/87

ISBN 85-7007-117-5

SUMÁRIO

PREFÁCIO por Sidney Hook / 5

AGRADECIMENTOS / 7

1. INTRODUÇÃO / 9

2. PERSPECTIVAS E ESTRATÉGIA SOVIÉTICAS

Burocracia, estratégia e perspectivas da política externa / 14

Estrutura organizacional soviética para medidas ativas / 24

A propaganda direta e técnicas da política disfarçadas:
diferenças e definições / 39

3. TEMAS DE PROPAGANDA DIRETA SOVIÉTICA, 1960-1980

Método e projeto de pesquisa / 5

Temas gerais da propaganda / 57

Análise descritiva dos temas da propaganda externa soviética
dirigidos contra os Estados Unidos e a OTAN / 60

Análise longitudinal dos temas da propaganda soviética / 84

Análise longitudinal comparativa / 87

Resumo / 98

4. TÉCNICAS DA POLÍTICA SECRETA SOVIÉTICA,
1960-1980

Organizações Internacionais Dissimuladas / 111

Agentes de influência / 132

Falsificações soviéticas / 147

5. ENTREVISTAS COM EX-AGENTES DO SERVIÇO
SECRETO DO BLOCO SOVIÉTICO / 163

Ladislav Bittman, ex-agente do Serviço Secreto tcheco / 164

Stanislav Levchenko, ex-agente do Serviço Secreto da KGB / 171

6. CONCLUSÃO / 181

GLOSSÁRIO / 187

PREFÁCIO

Este livro contém uma análise esclarecedora das técnicas de propaganda disfarçada e aberta, usadas pela União Soviética contra o mundo livre, particularmente contra os Estados Unidos. Sua leitura atenta despertará os sonâmbulos para as questões políticas do mundo ocidental. Esses políticos não percebem, ou exigem mais provas ainda, que a sofisticada estratégia política da União Soviética contra as sociedades democráticas, iniciada há muito tempo, permanece até nossos dias. O Kremlin vem utilizando estas técnicas com grande habilidade e desenvoltura. As mudanças que vêm ocorrendo no mapa do mundo, desde 1917, registram o sucesso da estratégia global do movimento comunista; isto ocorre em parte com a colaboração da ignorância e da inocência política dos cidadãos do mundo livre.

Inicialmente os leitores terão dificuldade em superar sua incredulidade diante do que os autores relatam. Entretanto, à medida que se enfronharem na documentação e analisarem ponderadamente as evidências, eles se convencerão da importância deste tema e da sobriedade com que o assunto foi tratado pelos autores.

Aqueles que se dedicarem à leitura, ainda que de poucas páginas, deste livro perceberão, com clareza, os motivos pelos quais este trabalho deveria fazer parte do treinamento profissional de todos que estão engajados em atividades de comunicação, de qualquer nível político, particularmente se referentes às relações exteriores. Alguns altruístas ou algumas instituições imbuídas de espírito público deveriam facilitar o acesso deste livro a todo jornalista e a todo comentarista de rádio ou televisão. Os que não conhecem o conteúdo deste trabalho não poderão entender, em sua totalidade, as dificuldades enfrentadas pelo mundo livre em sua luta pela sobrevivência.

Pode-se perguntar por que o objetivo deste trabalho interessaria ao homem comum, tanto quanto ao especialista em comunicação e em

assuntos internacionais. A resposta é que as atividades que ele revela e as análises que contém do aparato propagandístico e das técnicas soviéticas disfarçadas têm relação direta com as questões de guerra e de paz, inescapáveis a qualquer ser pensante. Embora a União Soviética esteja preparada para se expandir por meios militares onde quer que lhe seja possível sem pagar um custo pesado demais, sua estratégia preferida é colher os frutos da vitória sem correr riscos desnecessários. Isto ela procura conseguir semeando a confusão no Ocidente, gerando dissensões e desconfiança mútua entre as forças democráticas, “finlandizando” a Europa Ocidental e isolando os Estados Unidos.

Uma nação livre pode ser enfraquecida por não compreender as idéias de seus inimigos e também por sua incapacidade ou falta de vontade de se defender. Na verdade, esta última pode ser uma conseqüência da primeira. Os líderes soviéticos gozam da vantagem — garantida por sua sociedade fechada — de impedir que seus cidadãos ouçam ou leiam o noticiário da imprensa falada ou escrita do mundo livre. Gozam igualmente do direito, concedido pelo mundo livre, de transmitir suas mensagens e de pregar suas doutrinas além das fronteiras da URSS. O mundo livre não precisa de qualquer defesa contra idéias e palavras *per se*, de Moscou e seus aliados. A evidência a partir de registros históricos e argumentos que podem ser reunidos contra o comunismo são fatais. Entretanto, o mundo livre efetivamente precisa em primeiro lugar de uma defesa adequada contra o poderio militar do Kremlin. Em seguida, precisa de uma defesa apropriada — fornecida pelo conhecimento e pelo entendimento — contra os estratagemas da propaganda comunista.

Karl Jaspers, o conhecido filósofo alemão, disse certa vez que a verdade algumas vezes precisa de sua própria propaganda. Acho que isto quer dizer apenas que a verdade precisa de coragem para falar a verdade. Esta é a melhor defesa contra a mentira sistemática. Este livro procura defender nossa sociedade livre, conflitante e imperfeita, dizendo a verdade sobre um assunto que alguns prefeririam ignorar. As democracias já não podem se dar ao luxo de tal ignorância. Nada nos garante que tornar a verdade conhecida nos manterá livres, mas isso com certeza nos ajudará na luta pela preservação de nossa liberdade.

Sidney Hook
South Wardsboro, Vermont, EUA

AGRADECIMENTOS

Durante vários anos os autores vêm pesquisando e dando aulas sobre relações internacionais, estratégia e mecanismos convencionais e não convencionais da diplomacia. No decorrer das palestras sobre a evolução dos cursos acadêmicos no campo da política de segurança nacional, Frank R. Barnett, Presidente do National Strategy Information Center (NSIC), postulava a necessidade de um trabalho acadêmico que abrangesse informações sobre a propaganda soviética e conhecimentos dos instrumentos de dissimulação política de que eles lançam mão. Mais adiante, sugeriu que tal trabalho, ao analisar as técnicas pouco conhecidas que afetam o posicionamento diário do Ocidente, seria um material importante e útil para jornalistas e para todos que respondem pela conduta política do Governo, e também para professores e leigos interessados.

Por um período de vinte anos, o NSIC tomou a iniciativa e patrocinou pesquisas e ensino específico sobre os temas relacionados com a segurança nacional. Como extensão normal deste programa, Barnett encorajou-nos a empreender este projeto e colocou a nossa disposição todas as facilidades e o apoio financeiro do NSIC — fundação educacional apartidária e isenta de impostos. Isto possibilitou aos autores receber assistência de especialistas de duas áreas diferentes: primeiro, importantes autoridades universitárias em política externa e em história da União Soviética foram solicitadas a opinar sobre o projeto de pesquisa dos autores e sobre o rascunho manuscrito. Este grupo de pessoas de categoria que realizou a revisão acadêmica era composto de Frederick C. Barghoorn (Yale), Robert Conquest (Organização Hoover sobre a Guerra, a Revolução e a Paz), William E. Griffith (Instituto de Tecnologia de Massachusetts), Uri Ravanan (Escola Fletcher de Direito e Diplomacia), Donald W. Treadgold (Universidade de Washington) e Adam Ulam (Harvard). Suas sugestões e sua orientação, refletindo várias disciplinas acadêmicas, foram de valor inestimável.

Outros especialistas — antigos e atuais técnicos do Governo americano em propaganda comunista e em “medidas ativas”, soviéticas — também foram extremamente importantes. Cada um a seu tempo, eles opinaram sobre o projeto de pesquisa e apresentaram sugestões de grande valia quanto aos vários aspectos técnicos do trabalho. Por sua generosa contribuição profissional, somos profundamente gratos a George Constantinides, John Dziak, William Mills, Raymond Rocca, Herbert Romerstein e Norman Smith. Entretanto, os autores assumem, sozinhos, a responsabilidade pelos dados, argumentos, interpretações e conclusões deste estudo.

Joyce E. Larson, editor-assistente do escritório do NSIC, de Nova Iorque, realizou um trabalho editorial extraordinário. Sua atenta observação dos detalhes, discernimento e crítica construtiva são profundamente apreciados pelos autores.

Também fomos muitíssimo beneficiados pela assistência e estímulo de Dorothy E. Nicolosi, do NSIC; a assistência editorial de George DiVirgilio; e o apoio da técnica e da pesquisa de Jeffrey Berman, Paul Bland, Jill Fall e Christine Thompson (todos pertencentes ao quadro do NSIC de Washington, D.C.).

Desejamos ainda agradecer a Kevin Maxwell, Diretor de Publicidade da Pergamon Press Inc. A ele somos gratos por seu entusiasmo, incentivo e apoio à investigação constante de um tema tão complexo e tão digno da atenção que se está devotando, neste livro e nos outros volumes em projeto, às “medidas ativas” da União Soviética.

1.

INTRODUÇÃO

Existe um nítido desacordo quanto à importância que Moscou atribui à eficácia da propaganda aberta e disfarçada e às técnicas de influência política como instrumentos da política externa. Esta questão continua provocando acirrados debates públicos no Ocidente.

De um lado estão aqueles que crêem que estas técnicas continuam a desempenhar um papel de destaque na estratégia do Kremlin. Recentemente, altos funcionários americanos e europeus vêm alertando para o que eles acreditam seja uma ofensiva política soviética importante, lançada em todo o mundo. Muitos analistas partilham deste ponto de vista. Por exemplo, um importante teórico da política externa da União Soviética ao comentar, no início da década de 80, as recentes ocorrências na Alemanha Ocidental, observou que a “propaganda soviética, pelo Departamento de Informação Internacional do Comitê Central, tem de fato suprido de munição intelectual o Movimento pela Paz, na Alemanha Ocidental, e indiretamente talvez tenha fornecido ao citado movimento algum apoio financeiro”. Embora afirmando que o movimento pela paz “não foi iniciado e nem é controlado por Moscou” este especialista, apesar disso, conclui que os soviéticos estão atualmente “mais ativos na política da Alemanha Ocidental do que jamais o foram, desde 1933”.¹ Outros discordam. Estes sustentam que desde que a União Soviética tornou-se uma superpotência militar, os líderes do Kremlin já não consideram tão importante estas táticas. Entretanto, este estudo conclui que a propaganda e as técnicas de influenciamento na política realmente constituem instrumentos significativos na estratégia e na política externa da União Soviética.

Antes mesmo de ocuparem o poder, os líderes bolcheviques definiam a política externa como um estado permanente de conflito ou luta. Constantemente a União Soviética tem rejeitado o ponto de vista ocidental de que a política mundial flutua entre períodos de guerra e

de paz. Os líderes soviéticos não consideram a guerra e a política como estados distintos; ao contrário, de acordo com sua visão, a política é um contínuo estado de guerra levado avante por uma ampla variedade de recursos que, algumas vezes, incluem operações militares. Deste modo, Moscou encara a política internacional como uma luta sem tréguas. Os líderes russos empregam uma ampla variedade de medidas militares e não militares contra todos os adversários. Incluídas nesta abordagem estão todas as técnicas comprovadamente eficientes.

Os líderes soviéticos usam a expressão “medidas ativas” (*aktivnyye meropriatia*) para descrever um conjunto de ações abertas ou dissimuladas destinadas a influenciar eventos e comportamentos nos países estrangeiros, e as atividades desses países. Antes de 1960 o termo *dezinformatsia* era usado em alguns círculos soviéticos para descrever estas técnicas. As medidas ativas podem destinar-se a influenciar a política de outros governos, minar a confiança em seus líderes e em suas instituições, deteriorar as relações diplomáticas entre nações, ou desacreditar e enfraquecer opositores governamentais ou não. Isto frequentemente envolve tentativas de mascarar o alvo (a elite dos quadros oficiais ou não, os estrangeiros, ou o público em geral) e de distorcer a maneira como o alvo capta a realidade.

As medidas ativas podem ser conduzidas abertamente através de canais externos de propaganda, pelas relações diplomáticas e pela diplomacia cultural, tudo com apoio oficial. As técnicas políticas disfarçadas incluem o uso da propaganda dissimulada, desinformação oral e escrita, agentes de influência, emissoras de rádio clandestinas e organizações internacionais de fachada. (Como ficará claro em todo este trabalho, estas táticas veladas são, na prática, frequentemente correlacionadas e interdependentes.) As medidas ativas também podem envolver manobras militares ou ajuda paramilitar a movimentos de insurreição e a grupos terroristas.

A liderança soviética emprega essas técnicas de política aberta e velada para fortalecer seus aliados e enfraquecer seus antagonistas, e para criar um clima que favoreça à União Soviética atingir seus objetivos quanto à política internacional. Enquanto outras nações apenas de tempos em tempos servem-se desse expediente, o Politburo russo usa esses recursos de modo muito diverso, tanto sob o ponto de vista dos métodos, quanto da frequência das técnicas. De acordo com o sistema soviético as táticas políticas abertas e dissimuladas são muito mais centralizadas e veementes. Também elas se conduzem, sistemática e rotineiramente, em escala mundial. Os dirigentes russos, por exemplo, usam os recursos políticos disfarçados na maioria dos países não comunistas — se não em todos — para realçar, de forma dramática, seus temas de propaganda aberta, através do emprego intencional da deturpação, do exagero e da calúnia aberta, em larga escala. Estas campanhas políticas abertas e veladas, sistemáticas, também podem ser mantidas, e

frequentemente o são, durante longos períodos. Poucos governos ocidentais (se houver algum) servem-se desses expedientes em tempos de paz.

De comum acordo com outros elementos da linha política do governo, os soviéticos integram intimamente suas medidas ativas e sua estratégia global. Como ocorre nos meios militares, econômicos e diplomáticos, o Kremlin projeta e emprega estas medidas para dar apoio às operações e aos objetivos estratégicos russos. Presumivelmente, os soviéticos buscam obter maior poder global e influência, de preferência sem o emprego da força. As medidas ativas desempenham um papel central na medida em que enfraquecem os opositores da Rússia sem necessidade de luta armada.

Este estudo mostra como os líderes soviéticos aplicam as medidas ativas em um dos mais importantes setores da política mundial contemporânea — o âmbito da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Desde o início do período pós-Segunda Guerra Mundial os principais alvos das atividades soviéticas têm sido os Estados Unidos e os aliados da OTAN. Os dirigentes russos têm procurado desacreditar, isolar e separar os Estados Unidos de seus aliados. A campanha soviética em andamento contra a modernização das Forças Nucleares de Alcance Médio (INF), da OTAN, é uma das provas mais dramáticas deste objetivo. Durante muitos anos os soviéticos vêm preparando uma campanha em larga escala, de ações diplomáticas coordenadas, de propaganda aberta e de atividades políticas disfarçadas, com o objetivo de impedir tal modernização.

Lamentavelmente, até bem pouco tempo os estudiosos contemporâneos de assuntos soviéticos não tentaram descrever e esclarecer, sistematicamente, esta faceta do comportamento russo. Atualmente não há um estudo acadêmico especializado das atividades de influenciamento político e da propaganda aberta e velada da Rússia, seu interrelacionamento e seu papel na estratégia soviética contemporânea. Isto é surpreendente, tendo em vista que os líderes soviéticos, tanto em sua doutrina quanto em suas ações, enfatizam a importância destas táticas e devotam a elas amplos recursos financeiros e organizacionais.²

O presente estudo é um passo inicial para preencher esta lacuna da literatura acadêmica. Ele enfatiza e documenta os principais meios que Moscou utiliza para empregar as técnicas de propaganda e de influenciamento político. O livro não tentará avaliar o impacto desse esforço soviético.

Entretanto, os líderes do Kremlin claramente acreditam que seu empenho é válido. Eles não dão mostras de desencanto com estas táticas e não pretendem modificar seu comportamento, pelo menos em futuro próximo.

Após este breve capítulo introdutório, o corpo principal do estudo é dividido em cinco partes. O Capítulo 2 focaliza as perspectivas

da política externa de Moscou e o conjunto de medidas ativas da estratégia soviética. Delineia os conceitos, a doutrina e a impressionante estrutura financeira e organizacional criada por Moscou para levar avante estas atividades. O Capítulo 3 examina um dos principais alvos dos esforços da propaganda externa da URSS, no período posterior à Segunda Guerra Mundial: sua tentativa de dividir o Ocidente, rompendo e esfacelando as alianças da OTAN. Enfatiza a campanha de propaganda aberta conduzida pelos soviéticos entre 1960 e 1980, com atenção especial para os períodos 1960-62, 1967-69 e 1976-79. Para identificar os principais temas da propaganda aberta dirigida contra o Ocidente, a coluna semanal “Resenha Internacional”, do *Pravda*, o mais importante jornal oficial russo, foi analisada sistematicamente com o emprego dos recursos da computação, para avaliação de seu conteúdo. Esta abordagem basicamente quantitativa e suplementada pela determinação mais qualitativa de artigos selecionados de *Novos Tempos*, um semanário publicado pelo Departamento Internacional do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), e distribuído por todo o mundo em vários idiomas.

O Capítulo 4 mostra como a União Soviética opera secretamente, promovendo e acentuando a prática de sua propaganda aberta. É claro que o Kremlin faz o possível para dissimular estas técnicas. De fato, não é fácil detectar e documentar estas atividades. De qualquer maneira, é possível demonstrar, além de qualquer dúvida, que a União Soviética integra a propaganda aberta com as técnicas políticas disfarçadas para multiplicar a eficiência de seu esforço global. O capítulo examina ainda como a URSS manipula a propaganda disseminada por uma das muitas organizações de fachada internacionais, controladas por aquele país, o Conselho Mundial pela Paz, e seus subsidiários nacionais, os Conselhos pela Paz. Além disso, o capítulo descreve como os soviéticos utilizaram pelo menos um importante agente de influência para afetar a política da França, um integrante da OTAN, e como este agente — durante mais de vinte anos — reprisou secretamente a propaganda soviética. O capítulo focaliza também as falsificações soviéticas — variedade de desinformação para documentar, adicionalmente, o complexo relacionamento entre as técnicas abertas e secretas da URSS — e a importância dessas táticas para seus objetivos.

O Capítulo 5 compõe-se de entrevistas com antigos agentes secretos do bloco soviético que se especializaram nas táticas políticas dissimuladas desde o início dos anos 60 e até fins da década de 70. Suas respostas a uma série de perguntas feitas pelos autores apresentam uma perspicácia incomparável, com referência ao modo pelo qual os líderes soviéticos conduzem estas operações e os recursos utilizados por Moscou para avaliar sua eficácia. O Capítulo 6 resume as principais conclusões do estudo e tece considerações sobre as implicações do plano de ação na estratégia do Ocidente.

NOTAS

- 1 William Griffith: "Bonn and Washington: From Deterioration to Crisis?", *Orbis* (primavera de 1982) pp.122-123.
- 2 No início da década de 80 começaram a surgir artigos focalizando o relacionamento entre a União Soviética e o Movimento Europeu pela Paz. Consultar Vladimir Bukovsky, "The Peace Movement and the Soviet Union", em *Commentary* (maio de 1982), pp. 1-36; Wynfred Joshua, "Soviet Manipulation of the European Peace Movement", em *Strategic Review* (inverno de 1983), pp. 9-18; e J.A. Emerson Vermaat, "Moscow Fronts and the European Peace Movement", em *Problems of Communism* (novembro-dezembro de 1982), pp. 43-56. Ver também John Barroñ, *The KGB Today: The Hidden Hand* (Nova Iorque: Reader's Digest Press, 1983).

2.

PERSPECTIVAS E ESTRATÉGIAS SOVIÉTICAS

PERSPECTIVAS EM POLÍTICA EXTERNA, ESTRATÉGIA E BUROCRACIA

Perspectivas da Política Externa Soviética

Muitos estudiosos têm admitido que há uma diferença fundamental entre as perspectivas dos líderes soviéticos e ocidentais, quanto à essência da política mundial que, por sua vez, afeta a visão que ambos têm da política externa. Em sua quase totalidade, as pretensões soviéticas quanto às relações internacionais refletem os princípios do marxismo-leninismo e têm permanecido coerentes desde a instalação do regime soviético.

Em *A Política Externa Soviética a partir da Segunda Guerra Mundial*, recente estudo de Joseph Nogee e Robert Donaldson, tendo por base a obra clássica de Nathan Leites, os autores consignam essa coerência à compreensão que os soviéticos têm da política mundial e a abordagem que dela fazem. “Há uma série de posicionamentos na teoria marxista-leninista que caracterizam o ponto de vista comunista da política mundial e seu relacionamento com ela”, escrevem Nogee e Donaldson. Estas posturas “têm apoio na premissa básica de que toda atividade política... envolve conflito”, e refletem a opinião de que “em um mundo com sistemas sociais diferentes, os estados de guerra e de paz são ocorrências naturais”.¹ (Os governos democráticos, por outro lado, estabelecem uma distinção clara entre guerra e paz e não admitem que um estado constante de conflito seja uma característica das relações internacionais.) Em outro estudo recente, Adam Ulam obser-

va que mesmo durante o período da “detente” russo-americana, na década de 70, o método usado por Moscou, para acesso à política mundial, permaneceu praticamente inalterado. “Do ponto de vista de Moscou”, escreve Ulam, “a detente não deve ter o poder de limitar sua liberdade de ação ou de prejudicar a habilidade de praticar o jogo da política internacional de acordo com suas próprias regras...a União Soviética não se propôs conseguir a boa vontade do Ocidente alterando sua linha de ação tradicional.”²

Uma perfeita evidência da constância da fidelidade soviética a esses preceitos pode ser encontrada nas fontes disponíveis na URSS, incluindo publicações e discursos dos principais funcionários do Partido dominante e de oficiais do exército.³ Leonid Brezhnev, por exemplo, em muitas oportunidades declarou que a coexistência pacífica não conduz, necessariamente, a um enfraquecimento da luta mundial pela revolução; ao contrário, a luta se tornará mais acirrada e os antagonismos ficarão mais profundos entre os dois sistemas. Em 1973 Brezhnev afirmou que “a revolução, a luta de classes e o marxismo-leninismo não podem deixar de existir por via de determinações ou acordos... estamos lutando para assegurar condições internacionais que favoreçam o avanço da causa do progresso social.”⁴ Este ponto de vista foi reiterado por Brezhnev em 1976 no XXV Congresso do PCUS:⁵

Os políticos burgueses... soltam rugidos a propósito da solidariedade dos comunistas soviéticos e do povo soviético, patrono da luta dos povos pela liberdade e pelo progresso. Isto ou é ingenuidade ou, mais precisamente, trama deliberada... A coexistência pacífica... em nenhuma hipótese aboliu, e nem poderá abolir ou alterar, os princípios da luta de classes.

O Marechal A. A. Grechko afirmou, do mesmo modo, que a perspectiva leninista do conflito, da guerra e da política continua sendo, na URSS, a base dos conceitos político-estratégicos e da doutrina militar a eles correlacionada. De acordo com Grechko:⁶

“A definição de Lenin, da natureza da guerra, é a chave para o entendimento apropriado do conteúdo sócio-político das guerras do passado e do presente... Lenin mostra que “a guerra nada mais é do que uma continuação da política, servindo-se de outros meios (especificamente violentos)”... Este foi sempre o ponto de vista de Marx e Engels, os quais consideraram cada conflito como uma extensão da política e da autoridade... A técnica militar soviética baseia-se na definição leninista da essência da guerra como uma continuação da política através de outros meios que, especificamente, envolvem o uso da força.

O que estas afirmações sugerem é uma permanente adesão soviética a uma visão dinâmica e dialética da história que enfatiza que a mudança e a interação políticas são resultados de conflitos — o que quase sempre ocorre entre os principais adversários de cada período histórico. Como um porta-voz da cúpula soviética observou, “rivalidade, confronto e conflito entre dois sistemas opostos são objetivamente inevitáveis” e persistirão “enquanto dois sistemas sócio-econômicos diferentes existirem”.⁷ O principal antagonista, de acordo com o ponto de vista soviético, é a entidade que tiver a capacidade e o propósito de causar o dano mais grave. Uma vez identificado o principal antagonista, o passo seguinte, de acordo com os soviéticos, é exigir que tal entidade seja afastada de seus aliados e isolada do sistema internacional.

Assim sendo, como Ulam deu a entender, e como confirmam as declarações de líderes soviéticos, a visão do mundo, de parte do Kremlin, e sua abordagem dos princípios políticos em geral permanecem inalterados.

Está além do escopo deste trabalho um exame mais amplo da extensa série de comentários coerentes e razoavelmente francos, apresentados pelos soviéticos sobre este assunto. Entretanto, com referência a isto, cumpre que se volte a atenção para um livro recente de R. Judson Mitchell, intitulado *Ideologia de uma Superpotência: Documentos Soviéticos Recentes sobre Relações Internacionais*. Neste volume Mitchell observa que enquanto várias fontes soviéticas identificam importantes mudanças na estrutura do sistema internacional nas décadas de 70 e 80, os princípios básicos que apoiam a atual doutrina soviética de relações internacionais continuam a refletir a consistência na abordagem descrita nos trabalhos de Nogee e Donaldson, Ulam, Alvin Rubinstein e outros especialistas em política externa soviética.⁸ Presentemente, para Moscou a política mundial continua sendo um estado contínuo de conflito e guerra.

Considerações de ordem doutrinária, por sua vez, fornecem o amplo quadro ou o prisma através do qual os soviéticos identificam os fins de sua política externa; e os vários componentes da estratégia político-militar do Partido vão servir, então, aos objetivos desta mesma política externa.

Com isto, não se pretende sugerir que a influência da doutrina soviética sobre o comportamento e os objetivos da política externa de Moscou seja necessariamente simples e direta; de uma maneira clara, muitos fatores influenciam aquelas autoridades que estabeleceram os objetivos da política externa.⁹ Não obstante, um vínculo claro realmente parece existir entre a vigilância doutrinária dos líderes soviéticos e os diversificados objetivos da política externa que eles estabelecem para a URSS.

Existe amplo apoio (embora com certeza não unânime) a esta tese, na literatura ocidental sobre a política soviética. Rubinstein, por

exemplo, esclarece esta relação entre a doutrina e os objetivos da política externa em seus comentários sobre as importantes diferenciações entre a política soviética da coexistência pacífica e o conceito ocidental da distensão. Enquanto a coexistência pacífica originariamente buscou “apoiar a estratégia essencialmente defensiva” dos primeiros anos, no período de Brezhnev ela foi remodelada em favor de uma União Soviética “forte... imperial”. Desse modo, explica Rubinstein, “estão implícitas na coexistência pacífica a constante rivalidade, a suspeita endêmica e o esforço incansável para debilitar o adversário visando a alterar a correlação das forças mundiais por meio de uma combinação de instrumentos políticos, econômicos, culturais e ideológicos”.¹⁰ Em contraste, no Ocidente (particularmente nos Estados Unidos), a detente foi inteiramente considerada um acordo entre o Leste e o Oeste para moderar — não para acelerar — estas táticas.

Enquanto a orientação específica, promovida pelos líderes do Kremlin, vai refletir, é óbvio, a situação e questões invulgares para um dado período de tempo, os amplos objetivos da política externa soviética, a serem seguidos — ofensiva e defesa —, foram identificados por muitos estudiosos ocidentais:¹¹ (1) Preservar, acentuar e ampliar a segurança nas zonas de influência da URSS. (2) Dividir os adversários ocidentais da União Soviética, mediante a colocação de obstáculos, entre eles o rompimento de seu sistema de alianças. (3) Preservar a primazia da URSS no mundo comunista. (4) Promover o “internacionalismo proletário” e aqueles “movimentos de libertação nacional” que estão sob controle do comunismo ou que servem aos interesses soviéticos. (5) Minimizar os riscos e evitar envolvimento sério em mais de uma frente ao mesmo tempo. Esta pesquisa, apoiada nestes primeiros trabalhos, vai demonstrar como os soviéticos usam instrumentos políticos específicos para atingir esses objetivos.

Estratégia e Correlação de Forças

Ao perseguir os objetivos de sua política externa, durante o período pós-Segunda Guerra Mundial, os soviéticos desenvolveram uma complexa estratégia político-militar.¹² Entretanto, o desdobramento por Moscou de diversos elementos desta estratégia, em dado momento, é determinado com base na avaliação de seu acesso ao poder mundial, denominado “correlação de forças”. De acordo com um estudioso da matéria, “historicamente, o conceito geral... tem sido aplicado desde a fase pré-revolucionária para denotar o alinhamento relativo de duas forças ou grupo de forças oponentes... no âmbito nacional e no cenário internacional, e as variações especiais de forças (por exemplo, a correlação de forças de classe, políticas, econômicas e militares)”.¹³

A idéia soviética de correlação de forças é frequentemente mal-entendida no Ocidente. Muitos observadores ocidentais impropriamente comparam este conceito com o “equilíbrio de forças”.¹⁴ Além de componentes militares, como Vernon Aspaturian observou, “as ‘correlações de forças’ derivam de uma miríade de variáveis que se entrecruzam e interagem”. Mais adiante, ele acentua: “O Ocidente não é tão versado quanto o grupo soviético em manipular ou se ajustar às múltiplas facetas do processo social, político e revolucionário que concorrem para a equação da ‘correlação de forças’”.¹⁵ Em outras palavras, enquanto a noção de “equilíbrio de força”, em uso no Ocidente, tende a se concentrar em elementos do poder militar e econômico, o conceito de “correlação de forças” reflete uma concepção de poder muito mais ampla, defendida pela União Soviética.¹⁶

Quais são essas “variáveis que bloqueiam e interagem”, observadas por Aspaturian? De que modo elas se ajustam dentro da estratégia política e militar da URSS? Um simples exame das forças [de informação] soviéticas revela que esta composição de força baseia-se nas principais categorias ou elementos do poder — poderio militar, poder econômico, poder político e movimentos internacionais — que refletem as tensões e as contradições no campo adversário.¹⁷ Grande parte da perplexidade ocidental diante da “correlação de forças” pode ser atribuída à dúvida quanto ao poder político, aos movimentos internacionais e às contradições existentes no mundo não-comunista, difíceis de serem avaliadas. Contudo, de acordo com os comentários soviéticos, estes componentes da política nacional e internacional desempenham um papel muito importante na composição da política externa.¹⁸

O potencial da política externa de um país depende não apenas de suas próprias forças e de suas reservas internas mas, em considerável extensão, de fatores como a existência de *aliados política e socialmente confiáveis*, dentre outros países, de um *contingente nacional de classes que se identificam, movimentos internacionais de massa e outras forças* atuantes no cenário mundial. (Grifo é nosso.)

Influenciar estas forças políticas e sociais, nacionais e internacionais, parece constituir um importante objetivo dentro da estratégia soviética. Sob o ponto de vista da URSS, tais esforços — se eficientemente orientados — podem desempenhar um importante papel na esquematização de toda a correlação de forças favoráveis à URSS.¹⁹

Em suma, a definição de Moscou em relação a quais elementos militares e não-militares, de sua estratégia, deverão ser utilizados em determinado território, na ocasião própria, depende de uma avaliação da correlação de forças. Esta avaliação é utilizada para estabelecer as prioridades ofensivas e defensivas, alocar recursos e determinar as ações

a serem empreendidas. Da perspectiva soviética, a nação que tiver potencial para ser bem-sucedida na correlação de forças se encontrará em posição prioritária para atingir seus objetivos. As mudanças no equacionamento das forças resultam tanto de fatores militares como não-militares. A importância de elementos políticos e sociais na correlação de forças está evidente nas valiosas fontes de informação soviéticas.²⁰

Uma análise do período entre 1960 e 1980 demonstra que os líderes do PCUS consideram as medidas ativas um componente indispensável da estratégia soviética. Moscou empregou essas medidas de várias maneiras durante aquele período. Tanto a propaganda aberta quanto as táticas políticas veladas foram fartamente utilizadas no início da década de 60, quando, por exemplo, a Rússia se encontrava em posição de inferioridade militar, em comparação com os Estados Unidos e a OTAN. Isto não é de surpreender. Desde a época de Lenin os russos têm-se valido de medidas de hostilidade política para atacar e enfraquecer seus adversários mais fortes. Do mesmo modo, estas medidas continuaram a desempenhar um papel de destaque no final da década de 1970 e início da de 1980, quando os soviéticos declararam que a correlação de forças havia mudado a seu favor.²¹

Como será provado mais adiante, o relaxamento de tensões nos anos 70 não parece ter reduzido a intensidade ou abrandado o áspero teor da propaganda soviética contra os Estados Unidos e a OTAN. Segundo o próprio Brezhnev, a detente foi de fato um indício do relaxamento das tensões americano-soviéticas — como resultado tanto do rápido declínio dos compromissos políticos e militares dos Estados Unidos quanto do reconhecimento, por este país, do poderio crescente das forças militares da União Soviética. Contudo, Brezhnev ainda enfatizou que o relaxamento de tensões não reduzia a competição internacional entre “sistemas sociais diferentes, com ideologias diferentes... tendo como fonte essas diferenças de classe”. De acordo com o líder soviético, o abrandamento da tensão de modo algum elimina o conflito de idéias. Tal conflito é um fenômeno objetivo.²²

Medidas Ativas Soviéticas

A hostilidade política — a ameaça do emprego ou o uso efetivo de técnicas militares, econômicas e políticas abertas ou disfarçadas, com a finalidade de influenciar as diretrizes políticas e os acontecimentos em países estrangeiros — tem sido um instrumento da política governamental desde épocas remotas. Este assunto pode ser encontrado nos mais antigos manuais sobre governo e estratégia político-militar. Por exemplo, Sun Tzu em *A Arte da Guerra*, escrito na China no século V a.C., enfatiza a importância de minar os propósitos do inimigo, usando agentes capazes de “criar divisões entre o soberano e seus ministros”

e “vazar informações que sejam de fato falsas.”²³ O antigo clássico político da Índia, o *Arthasastra*, de Kautilya, da mesma forma traz conselhos de como aniquilar o ânimo dos adversários políticos, não só espalhando boatos, como servindo-se de intrigas políticas.²⁴ Igual orientação sobre métodos para governar foi levada a efeito durante o período dos impérios persas (do século III ao VII de nossa era).²⁵

No decorrer do século XX, várias técnicas de hostilidade política vêm sendo empregadas por muitos governos. Entretanto, alguns regimes têm-se servido destas táticas de maneira muito mais sistemática, dinâmica e integrada do que outros. Certamente a Alemanha nazista e a Rússia soviética claramente distinguem-se como pioneiras, na época contemporânea, da teoria e da prática da guerra política.²⁶

Nas décadas de 50 e 60, as teses americanas em relação às ações políticas agressivas abertas e dissimuladas e sua utilização foram, de várias formas, influenciadas pela desordem conceitual e por certo grau de divisão na organização. (Por volta dos anos 70, a insatisfação com as atividades dissimuladas de tal modo generalizou-se que os Estados Unidos aparentemente decidiram boicotar ao máximo o uso desta arma política.²⁷ Para começar, houve profunda discordância sobre o que constituía a hostilidade política. Durante muitos anos os estudiosos do assunto usaram este conceito em alternância com “guerra psicológica, ideológica, de propaganda econômica, propaganda internacional e guerra de idéias”.²⁸ Cada expressão dessas tem sido usada das mais variadas formas, de acordo com a visão pessoal de cada autor, a fim de obter uma abrangência variada ou limitada de técnicas. Um dos mais importantes cientistas políticos americanos, Harold Lasswell, definiu a hostilidade política em termos mais abrangentes:³⁰

“O conceito de guerra psicológica é, até certo ponto, menos amplo. A concepção mais ampla é a de hostilidade política que corresponde ao uso de meios que ultrapassam a comunicação de massa. Esta hostilidade acrescenta ainda a importante noção de que todos os instrumentos da política precisam estar adequadamente correlacionados... A diplomacia, por exemplo, pode ser usada para conservar neutros os inimigos em potencial ou para apartar dos inimigos os seus aliados. ...Quando falamos em diplomacia, estamos nos referindo às negociações oficiais. Considerando que a comunicação de massa tem como alvo um grande público, a diplomacia age por meio da negociação oficial... A hostilidade política também inclui o uso de meios econômicos.”

Lasswell incluiu, pois, a diplomacia, a propaganda e a manobra econômica em seu conceito de estado de guerra política. Entretanto,

sua definição não foi de todo abrangente, pois alguns conceitos relevantes foram excluídos. De fato, ele separou o que é claro do dissimulado.³¹

Vista por uma perspectiva histórica, é comparativamente invulgar a maneira como o governo dos Estados Unidos encara as atividades disfarçadas da política externa. Muitos países vêem a influência política estrangeira, aberta ou velada, como parte do funcionamento normal de toda a estrutura da política externa. Eles tratam em separado esta categoria de medidas e não criam termos especiais para distingui-las. Entretanto, no início da década de 1950, o governo norte-americano compartilhou burocraticamente a guerra política. Para os encargos das atividades disfarçadas foi criado um setor administrativo especial — a Agência Central de Inteligência (CIA).

Os Estados Unidos introduziram também uma expressão específica, “atividade disfarçada”, para designar tais medidas. É verdade que foram criados vários mecanismos, de várias agências governamentais, para coordenar as funções dos diferentes elementos burocráticos envolvidos na guerra política. De qualquer modo, uma nítida distinção entre comportamento aberto e dissimulado reflete-se tanto na organização quanto na política.³²

Segundo um estudioso do assunto, “os americanos continuaram a considerar os sistemas secretos de exercer influência como um recurso que, de certa forma, se situa fora do âmbito da política externa tradicional. As próprias expressões ‘ação disfarçada’ e ‘atividades especiais’ tendem a significar que... elas têm um conteúdo diferente daquele que constitui a essência da política externa”.³³ Para os soviéticos, contudo, estas distinções parecem não existir.

Os soviéticos usam agora a expressão “medidas ativas” para designar as técnicas diretas e disfarçadas de influenciar os acontecimentos e o comportamento em países estrangeiros, e nas atitudes que isto requer. Não há um equivalente exato no léxico do Ocidente. Embora haja semelhanças entre as medidas ativas soviéticas e algumas atividades ocidentais, existem também diferenças importantes. Em primeiro lugar, enquanto Moscou tem ambições de âmbito global a longo prazo, os objetivos das técnicas de influência política do Ocidente são muito mais restritos. Em segundo lugar, os meios utilizados nas medidas ativas soviéticas são virtualmente ilimitados. Os profissionais liberais soviéticos parecem ser restringidos principalmente pela prudência e pelas exigências de eficiência. Por sua vez, os líderes ocidentais são também reprimidos rotineiramente, principalmente por motivos de ordem cultural, política e moral.

Além disso, o Politburo tem a capacidade de orquestrar e centralizar as táticas abertas e veladas para atingir seus objetivos. As nações do Ocidente, particularmente os Estados Unidos, são demasiado pluralistas para conseguirem uma coordenação central de grande alcan-

ce, exceto em circunstâncias muito excepcionais. Por sua vez, os líderes soviéticos empenham-se em campanhas de medidas ativas durante períodos prolongados. Os governos ocidentais, por outro lado, são frequentemente substituídos e estão sujeitos à inconstância da opinião pública. Estas são algumas das diferenças fundamentais entre a capacidade soviética para manobrar as medidas efetivas e o princípio instrumentalista ocidental. De fato, dos regimes do século XX, apenas o nazismo alemão rivalizou com Moscou e seus aliados na apreciação, compreensão e utilização dessas ferramentas da política externa.³⁴

Um retrospecto das origens e do desenvolvimento do sistema político da URSS mostra a importância daquelas técnicas para os líderes soviéticos.³⁵ Tal exame mostra também que o uso recente e habitual das medidas efetivas por Moscou é fortalecido por longa experiência e prática. Está bem documentado que a tomada do poder pelos bolcheviques deveu-se, em grande parte, a uma combinação da propaganda com as técnicas de influenciamento político e também com as forças armadas, para a derrubada do governo provisório.³⁶ De fato, as técnicas soviéticas atuais representam uma notável ampliação racional da luta dos bolcheviques pelo poder, especialmente durante o período entre as duas revoluções de 1917.

De certa forma, entretanto, os métodos em voga também refletem as tradições do messiânico movimento revolucionário russo. Desde o início, ele se apoiou na formação de frentes amplas, no recrutamento de agentes e outros métodos de guerra política. Apresentadas estas explicações, não é de surpreender que, após a revolução bolchevista, primeiramente Lenin e depois Stalin aplicassem esses métodos não apenas contra os remanescentes das forças não-comunistas, do novo Estado soviético, mas também contra as facções rivais dentro do PCUS. Serve como exemplo as campanhas contra Trotsky — primeiramente considerado um “menchevique”, depois um inimigo do Estado soviético e, finalmente, um agente de nazistas e japoneses.

Ao conduzir suas atividades externas durante décadas, o Estado soviético simplesmente institucionalizou e aperfeiçou essas práticas. Leonard Schapiro, refletindo sobre mais de 60 anos de política externa russa, declarou que tão logo os bolcheviques ocuparam o poder estas táticas se tornaram instrumentos importantes para a consecução dos objetivos soviéticos no plano internacional. Segundo Schapiro:³⁷

O uso de uma presença militar ameaçadora, uma intensa espionagem e a presença da subversão são parte daquilo que sempre tem sido tratado pela terminologia soviética como “luta ideológica”, que é repetidamente declarada como a contrapartida indispensável da “coexistência pacífica”.... Em essência, esta visão é a complementação lógica da linha política de

Lenin, de combinar relações comerciais e diplomáticas apropriadas de um lado, com subversão e agressão política, do outro.

Para a União Soviética, as medidas ativas constituem um arsenal dinâmico e integrado de técnicas diretas e disfarçadas para influenciar os acontecimentos, o comportamento e as ações de países estrangeiros. Estas medidas são empregadas para influenciar a conduta política de outros governos, debilitar a confiança em seus líderes e instituições, provocar o rompimento de relações entre várias nações e desacreditar e enfraquecer seus principais oponentes.³⁸ Isso com frequência envolve tentativas de confundir o país alvo, e de distorcer sua concepção da realidade.

As medidas ativas podem ser levadas a efeito abertamente através dos canais de propaganda com patrocínio oficial, por meio das relações diplomáticas e pelo envolvimento em atividades internacionais de natureza cultural. Os métodos soviéticos de conduzir abertamente as medidas ativas incluem uma grande variedade de técnicas políticas. A propaganda disfarçada é utilizada na tentativa ininterrupta de influenciar os meios de informação dos países estrangeiros e, através deles, a população local. Em tal sentido, Moscou tenta publicar matérias de autoria ou de inspiração soviética nos veículos de informação de outros países, sem indicação de fonte ou atribuindo-as a autor não-soviético.³⁹ Uma segunda técnica, que ultimamente vem, cada vez mais, despertando a atenção do Ocidente, é a desinformação. O objetivo desta tática (descrito detalhadamente a seguir) é manipular pessoas ou grupos alvos, induzindo-os a acreditar na veracidade das mensagens e, conseqüentemente, a agirem em defesa da causa da nação que está orientando a operação. Outras técnicas disfarçadas, empregadas pela União Soviética, incluem o uso de organizações frentistas internacionais, o patrocínio de emissoras de rádio clandestinas e a realização de operações por meio de agente de influência.

Também são componentes das medidas ativas soviéticas as manobras militares e as operações paramilitares. Isto pode envolver várias modalidades de fraude, bem como apoio disfarçado a movimentos de insurreição e a grupos terroristas. Foram criados grupos de pessoas e de organizações especiais para essas atividades. Na URSS, no Leste Europeu, em Cuba e no Oriente Médio realiza-se treinamento especializado para terroristas e para movimentos rebeldes; armas e outros tipos de ajuda militar são fornecidos; e os assessores soviéticos ou seus representantes podem ser especialmente utilizados em uma área de conflito. As instituições militares soviéticas e o Comitê para Segurança Nacional (KGB) desempenham um significativo papel de organizadores, na condução da fraude política e militar e nas operações paramilitares. O Estado-Maior supervisiona o apoio militar, enquanto a

Diretoria do Serviço de Inteligência do Estado-Maior Soviético (GRU) age através de serviços de treinamento de operações secretas e de seu setor de insurreições. Entretanto, este estudo se concentrará apenas nas atividades intermediárias e nas operações de influência política.

ESTRUTURA DA ORGANIZAÇÃO SOVIÉTICA PARA AS MEDIDAS ATIVAS

Estrutura Organizacional

A maioria dos especialistas ocidentais em União Soviética acredita que as decisões da URSS sobre os assuntos mais importantes da política são tomadas na cúpula do PCUS. Schapiro, Frederick Barghoorn, Robert Conquest, Merle Fainsod, John Reshetar e John Armstrong (entre outros) descreveram a estrutura e o processo soviéticos de tomada de decisões de acordo com o delineamento apresentado nos parágrafos que se seguem.⁴⁰ Embora mencionado apenas de leve na Constituição soviética, é o PCUS que determina as linhas políticas do regime, que são posteriormente adotadas e executadas pelo governo soviético.

Na cúpula da estrutura do Partido está o Politburo, o corpo dirigente do sistema soviético. Além de sua composição e do fato de que constitui o lugar de onde emanam todas as decisões importantes, pouco se sabe sobre o mais importante órgão de tomada de decisões políticas da União Soviética. De acordo com Reshetar, “as resoluções do Comitê Central normalmente refletem as decisões do Politburo, e deste também irradiam diretrizes para várias agências e ministérios do governo. A ele cabe o exame dos problemas urgentes trazidos pelos departamentos da Secretaria do Partido, por um ministro ou pelo Conselho de Ministros”.⁴¹

Isto não significa que as decisões centralizadas da URSS sempre operem sem conflitos. Como Armstrong observou, “o sistema político soviético tem sido freqüentemente atormentado por conflitos graves”. Armstrong continua assinalando, contudo, que “o que a ideologia comunista conseguiu como elemento da cultura política foi manter a solução desses conflitos no âmbito da estrutura institucional do Partido Comunista”.⁴² Em outras palavras, quer uma importante decisão política provoque ou não atrito na estrutura centralizada do Partido, o processo decisório permanece no âmbito do Politburo (ou de um círculo restrito dentro dele, tal como o Conselho de Defesa).

Até que ponto é importante o papel do Politburo na tomada de decisões relacionadas com as medidas ativas? Tanto a literatura confiável sobre a decisão política na URSS quanto a natureza controversa

de muitas destas técnicas sugerem profundo envolvimento do Politburo. A ele cabe aprovar a linha política e os temas que norteiam as principais campanhas de política agressiva e analisar seus efeitos e eficácia. Estas táticas políticas continuam a desempenhar um papel de importância considerável para os líderes soviéticos desde os dias iniciais da supremacia do PCUS. Assim sendo, parece lógico que o Politburo retenha a supervisão de todas as decisões importantes concernentes a tais políticas e programas. Todas as fontes conhecidas indicam que provavelmente é esse o caso, mas há pouca informação confirmada que de fato comprove este fato.

Embora nos seja vedado o acesso ao processo de planejamento interno do Politburo, uma análise dos fatores chaves relacionados com a estrutura organizacional soviética para levar avante as medidas ativas nos proporciona indicadores que identificam a importância que a cúpula da liderança soviética atribui a essas atividades. Estes indicadores incluem as posições dentro da estrutura organizacional do comando da cúpula do PCUS, mantidas por três corpos principais responsáveis pelo planejamento, coordenação e encaminhamento das medidas eficazes; raízes históricas desses departamentos e seu crescimento durante o período em exame; a importância dos líderes do Partido que dirigem esse departamento, e ainda a coordenação dos objetivos mais amplos da política externa soviética com a linha e os temas dos principais programas políticos disfarçados e da propaganda direta, de Moscou.

O Quadro 1 identifica os três principais órgãos — Departamento Internacional (DI), Departamento de Informação Internacional (DII) e a KGB — responsável pelo planejamento e pela condução dos programas específicos de apoio às principais campanhas de medidas ativas lançadas pelo Politburo. Como está indicado pela orientação das flechas, o poder de planejar, dirigir e coordenar os programas está centralizado dentro desses três departamentos operacionais do PCUS.

Esta centralização do controle reflete o ponto de vista soviético quanto à existência e à importância de uma arma própria de organização. Começando pelo período revolucionário. Lenin enfatizou que não há distinção entre palavras, ações e organização.⁴³ Wilbur Schramm, refletindo sobre a evolução e a inter-relação desses elementos das medidas ativas, esclarece que:⁴⁴

Tipicamente a palavra não permanece isolada no planejamento soviético. Desde os primórdios, os comunistas ouviram de seus líderes que as palavras não eram suficientes, que as palavras tinham de fundir-se com os fatos e ambas dentro da organização. ... Quando tentamos descrever as ações psicológicas dos soviéticos não falamos, portanto, tanto da palavra como uma arma, porém da organização como arma.

Está além do escopo deste estudo examinar o surgimento e o desenvolvimento das medidas ativas soviéticas desde 1917. Cumpre observar, contudo, que este componente do comportamento da política externa da URSS passou por várias fases específicas.

Até aproximadamente 1930, as medidas ativas foram em grande parte uma função do Comintern. O Serviço de Informação e Segurança (o Cheka e seus substitutos) parece ter-se dedicado a suprimir as forças contra-revolucionárias na URSS e a lidar com refugiados russos no estrangeiro. (No caso dos refugiados, esses esforços de fato envolveram o Serviço de Informação em campanhas das medidas ativas no exterior.) Durante o período de Stálin, as medidas ativas foram sincronizadas, esperando-se que todas as agências soviéticas relacionadas com questões internacionais participassem desses trabalhos. As depurações da era stalinista, contudo, contribuíram para dificultar a eficácia dessas atividades. A fase pós-1945, caracterizada por novo fortalecimento da posição de Moscou nos assuntos mundiais, assistiu à proliferação e a um novo refinamento das técnicas de propaganda e de influência política, assim como ao posterior desenvolvimento de mecanismos para organizar, planejar, coordenar e conduzir essas medidas.

Agora passaremos a um exame mais detalhado do DI, do DII e da KGB.

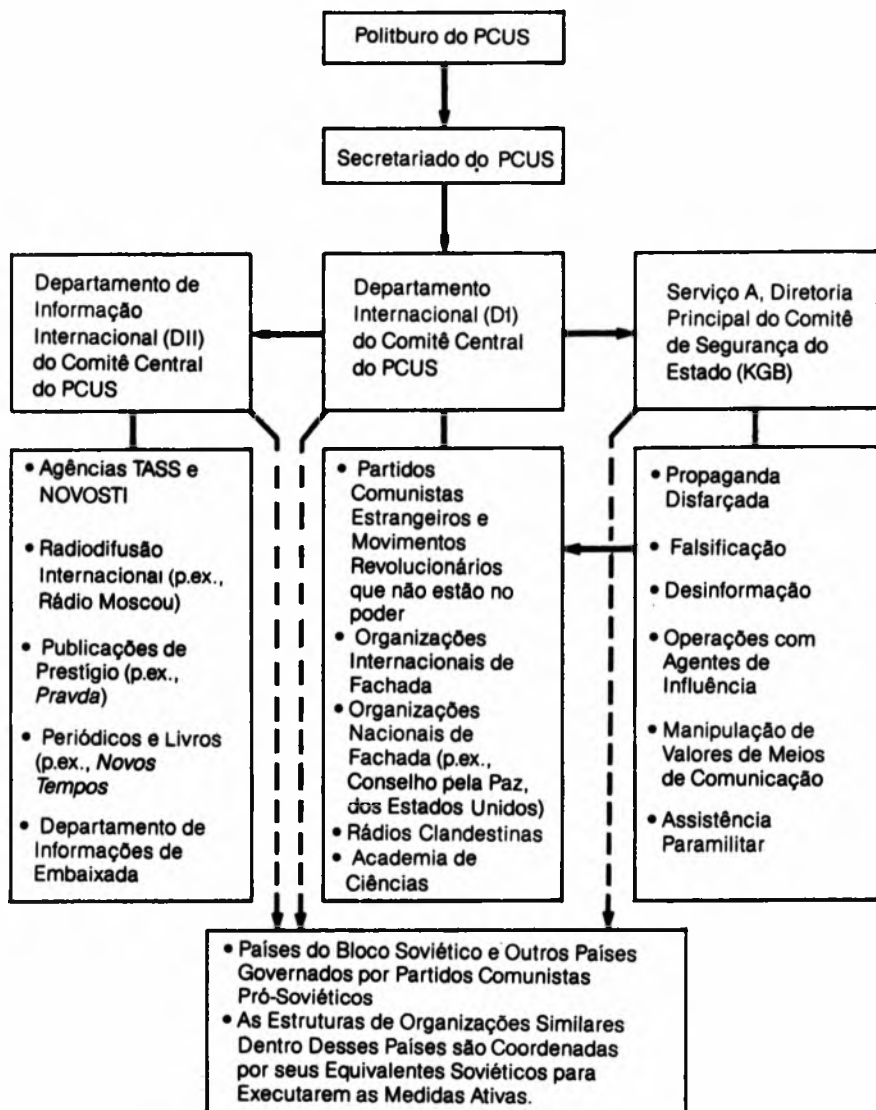
Departamento Internacional

Um aspecto importante da política externa soviética é a cadeia de vínculos estreitos que o PCUS vem mantendo com quase todos os partidos comunistas, no poder ou não, em todo o mundo. No período entre a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais, o PCUS relacionou-se com outros partidos comunistas, com as organizações internacionais de fachada, em sua maior parte por intermédio da Terceira Internacional ou Comintern.⁴⁵ Stálin desmobilizou o Comintern em 1943 (aparentemente como um gesto de boa vontade com os Aliados); e no período posterior à Segunda Guerra Mundial as responsabilidades do Comintern foram reassumidas por departamentos importantes do Comitê Central do PCUS.

Embora não haja uma determinação clara do período em que esses departamentos foram criados, Schapiro estabeleceu o que se segue:⁴⁶

Somente após a dissolução do Comintern (1943), o Comitê Central passou a ter um Ministério de Relações Exteriores que até então não existia.... Desse modo, o Ministério de Relações Exteriores tornou-se, na prática, o substituto do Comintern. Mas ele foi muito mais. Durante algum tempo o novo Minis-

QUADRO 1
Estrutura Organizacional Soviética
para Medidas Ativas



tério funcionou como um conjunto de uma série de atividades no campo dos assuntos estrangeiros.

De acordo com Schapiro, em 1957 o Ministério das Relações Exteriores foi desmembrado em três departamentos do Comitê Central, separados e independentes: “Um Departamento para Relações com Partidos Comunistas e Trabalhistas de países socialistas, cujo encargo é o controle do bloco; um Departamento para o Quadro de Funcionários no Estrangeiro, intimamente ligado à KGB, responsável pela coordenação das células que funcionam nas missões estrangeiras”; e o Departamento Internacional.⁴⁷

É importante ter uma visão dessas mudanças no contexto mais amplo da política externa soviética. Primeiramente, eles se firmam claramente na tradição do Comintern, criado por Lenin como um dos vários instrumentos para conduzir as bases da linha de agressão da política externa soviética. A seguir, a separação e a especificação das funções descritas acima marcam um momento crítico na expansão do potencial soviético para a política de agressão, no período posterior à Segunda Guerra Mundial. Finalmente, cumpre notar que as pessoas ligadas a dois desses novos departamentos, durante o período de 1960-1980, com o tempo alcançaram preeminência na liderança soviética.

Com referência a este último fator, a carreira de Boris Ponomarev, chefe *de facto* do DI, será tratada a seguir. O primeiro chefe do Departamento do PCUS para as relações com partidos comunistas no poder foi Yuri Andropov (provavelmente designado em 1957). Imediatamente antes desta designação Andropov aparentemente trabalhava no Ministério das Relações Exteriores, no qual seus cargos foram sucessivamente Conselheiro e Embaixador em Budapeste (durante a revolução húngara de 1956). Andropov não era um diplomata de carreira do Ministério das Relações Exteriores; ao invés, provavelmente era vinculado ao Departamento de Relações Exteriores do Comitê Central (que havia herdado o disfarce do Comintern), especializando-se em política de agressão.⁴⁸ Em 1967 ele tornou-se o chefe da KGB.

Dos três departamentos do Comitê Central criados em 1957, o Departamento Internacional parece ser o mais importante. O verdadeiro papel desse Departamento — chefiado por Ponomarev desde sua instalação — é frequentemente omitido no Ocidente. De acordo com estudo recente, “erroneamente algumas autoridades ocidentais acreditam que o Departamento Internacional trata apenas do relacionamento entre partidos comunistas fora do poder. ... Entretanto, mesmo um exame superficial deste departamento mostra que ele desfrutava de muito mais prestígio do que outros departamentos”.⁴⁹

Na opinião de Schapiro, o DI chega mesmo a ser mais importante do que o Ministério do Exterior soviético. Schapiro assim escreve:

“Assim, parece estar fora de dúvida que o Departamento Internacional seja, no processo de tomada de decisão da URSS, o elemento que reúne informações sobre a política externa, informa ao Politburo e, a partir daí, subordinado a este, exerce influência decisiva na condução da política soviética.”⁵⁰ Esta interpretação é também apoiada pelo antigo funcionário da KGB, Stanislav Levchenko, especialista em operações de medidas ativas. (Levchenko desertou em 1979 e é entrevistado exaustivamente no Capítulo 5 deste trabalho.)

O Quadro 1 delinea, por meio de gráfico, as atividades do Departamento Internacional quanto à política externa, identificando suas várias funções. Com referência ao ponto de vista externado por Schapiro, verificamos que o Departamento Internacional coordena e controla dados e informações relacionados com a política externa soviética do Ministério do Exterior, da KGB, e de vários *think tanks*, isto é, grupos organizados de pesquisas, da Academia de Ciências.⁵¹ Alguns especialistas acreditam que além da coordenação e do controle de tais informações os representantes deste Departamento, em embaixadas estrangeiras, determinam a tendência da política e estabelecem contatos com organizações e pessoas “progressistas” desses países.⁵²

O desempenho do Departamento na guerra política é conduzido através de contatos com departamentos similares nos países do bloco comunista, de seu relacionamento com os partidos comunistas fora do poder e de movimentos revolucionários.

Além do envolvimento desse Departamento em reuniões internacionais, seus representantes, responsáveis por persuadir estes partidos e movimentos a realizarem propaganda aberta e camuflada e campanhas de atividade política como representante da URSS, são admitidas, em caráter temporário ou permanentemente, nas embaixadas soviéticas no estrangeiro.⁵³ Em conexão com estes trabalhos, o Departamento Internacional é responsável pela publicação do mensário *Problemas da Paz e do Socialismo*, conhecido na edição em língua inglesa como *World Marxist Review*. Por meio desta revista, uma fonte oficial da ideologia soviética para público estrangeiro, ele abertamente leva instruções aos partidos comunistas, movimentos revolucionários e organizações de fachada no estrangeiro.

Cabe também ao DI administrar, aplicar fundos e coordenar devidamente uma infinidade de importantes organizações internacionais de fachadas, abertamente não oficiais, criadas desde a Segunda Guerra Mundial. As organizações de fachada são, pois, outro meio através do qual o Departamento executa medidas ativas. As principais organizações de fachada internacionais são:⁵⁴

1. *Conselho Mundial pela Paz (CMP)* — Criado em 1949. Suas principais atividades focalizam campanhas pela paz, publicações, con-

- gressos soviéticos e coordenação de outras frentes internacionais.
2. *Federação Mundial de Organizações Sindicais (FMOS)* — Fundada em 1945. O principal centro de convergência é a coordenação dos sindicatos comunistas espalhados pelo mundo, publicações, treinamento, financiamento, programas educacionais e a busca da “unidade” entre grupos comunistas ou não.
 3. *Organização de Solidariedade aos Povos Afro-Asiáticos (OSPAA)* — Data de 1957. Sua principal função é servir de veículo às influências soviéticas no Terceiro Mundo.
 4. *Federação Mundial de Juventudes Democráticas (FMJD)* — Criada em 1945. Sua principal função é apoiar as campanhas soviéticas pela paz, por meio de publicações, congressos e Festivais Mundiais da Juventude.
 5. *União Internacional de Estudantes (UIE)* — Estabelecida em 1946. Suas atividades principais são muito semelhantes às da FMJD.
 6. *Instituto Internacional para a Paz (IIP)* — Criado em 1958. Intimamente relacionado com o CMP. Sua função principal é orientar o Fórum para Debates entre cientistas do Leste e do Oeste.
 7. *Organização Internacional de Jornalistas (OIJ)* — Fundada em 1952. Seu papel principal é dar apoio às campanhas soviéticas pela paz, campanhas pelos direitos humanos e outras causas, através de publicações, conferências e atividades correlatas.
 8. *Conferência Cristã Pela Paz (CCP)* — Instituída em 1958. Sua principal função é estabelecer apoio teológico e cristão para a política soviética pela paz.
 9. *Federação Democrática Internacional da Mulher (FDIM)* — Iniciada em 1945. As atividades principais voltam-se para as publicações, encontros e seminários em defesa dos objetivos gerais da política externa soviética.
 10. *Associação Internacional de Advogados Democráticos (AIAD)* — Estabelecida em 1946. Suas principais atividades são publicações e conferências em defesa dos objetivos gerais da política externa soviética.

Em um capítulo posterior examinaremos com detalhes o papel do principal grupo de fachada, o Conselho Mundial pela Paz, focalizando a campanha deste Conselho dirigida contra os Estados Unidos e a OTAN, no período de 1960-1980.

Finalmente o Departamento Internacional tem sido o responsável pela operação de grande número de emissoras de rádio clandestinas. Uma das mais conhecidas é a Voz Nacional do Irã, que opera em Baku desde 1959.⁵⁵

A posição de Ponomarev como chefe do Departamento Internacional é mais um indício da importância deste Departamento den-

tro do PCUS. Antes de assumir a direção do DI, Ponomarev era um funcionário de destaque do Comintern.⁵⁶ As posições-chaves que ele agora ocupa são a de Secretário do Comitê Central, candidato a membro do Politburo e Presidente da Comissão de Assuntos Estrangeiros de uma câmara do Soviète Supremo. Paralelamente, Ponomarev está escrevendo sobre os anos em que ele foi a voz principal dos debates teóricos relacionados com a doutrina soviética de relações internacionais, especialmente com referência ao proletariado internacional, e o papel da URSS na participação de seu crescimento e expansão.⁵⁷

O Departamento de Informação Internacional

A disseminação, no estrangeiro, da propaganda aberta soviética é realizada pelo partido oficial e por organizações sociais e governamentais, todas operando sob a supervisão do Partido. Após 1978, essas atividades tornaram-se controladas pelo Departamento de Agitação e Propaganda (Agitprop) do Comitê Central do PCUS. Segundo Barghoorn, este departamento tinha dupla responsabilidade: coordenação da propaganda tanto interna quanto externa.⁵⁸ Em outras palavras, o Partido assegurava seu controle de todas as organizações engajadas em atividades de propaganda externa pelos mesmos métodos de controle centralizado do PCUS, empregados em todo o Estado soviético.

O Departamento de Agitação e Propaganda fornecia orientação e controle político para aqueles comitês operacionais do Conselho de Ministros da URSS que eram encarregados das atividades de propaganda e informação internacional (por exemplo, Comitê sobre Rádio, Comitê sobre Radiodifusão e Televisão, Comitê de Cinematografia etc.⁵⁹ Em 1947, Mikail Suslov foi indicado chefe do Departamento de Agitação e Propaganda e Secretário do Comitê Central. Embora Suslov se juntasse ao Presidium em 1952, e durante o período de Brezhnev chegasse a ter grande poder e influência no Politburo, a supervisão de campanhas, reforço de campanhas ideológicas, controle da imprensa e da cultura soviética, relações com partidos comunistas estrangeiros continuavam sendo de sua competência especial.⁶⁰

Parece que em 1965 a liderança posterior a Khrushchev procurou melhorar a qualidade da propaganda soviética, através da criação de um novo departamento no Comitê Central. Identificado como Departamento de Informações, esse órgão foi chefiado por Dimitri Shevlyagin (que havia sido Vice-Diretor do Departamento Internacional desde sua criação em 1957).⁶¹ Pouco se sabe sobre a composição e funções deste departamento; e por volta do final de 1960, ele deve ter sido su-

primido como uma experiência fracassada. Todas as referências ao Departamento Internacional cessaram por essa época. Seu diretor foi designado Embaixador soviético na Argélia em 1968, e não foi indicado outro chefe para o Departamento de Informações.

Em 1978, num passo destinado a melhorar a coordenação do que já era um poderoso programa de atividades de propaganda estrangeira, o PCUS criou o Departamento de Informações Internacionais (DII) do Comitê Central.⁶² Não se sabe muito a respeito desse Departamento. Alguns analistas ocidentais acreditam que ele foi criado para dinamizar a propaganda soviética estrangeira através da integração eficiente e mais centralizada do variado conjunto de veículos utilizados.

Contudo, é difícil determinar a verdadeira importância deste departamento. O Quadro 1 identifica os vários veículos de propaganda cuja atividade o DII parece ter a responsabilidade de integrar. Há uma grande evidência, contudo, que tende a confirmar a argumentação do antigo funcionário da KGB, Levchenko, de que o DII nem estabelece a linha de propaganda para esses canais de comunicações nem a responsabilidade deles pela orientação quanto aos programas. De acordo com um discurso do dia 14 de junho de 1981, pelo membro do Politburo K.U. Chernenko, perante o Comitê Central do PCUS, o Departamento Internacional tem as responsabilidades inerentes a essas funções.⁶³ Levchenko também declara que o DII tem muito menos importância do que o DI. Ele afirma que é o DI e não o DII que estabelece a linha de propaganda direta (sob a direção do Politburo). Além disso, ele explica, o DII não é igual ao DI em número de pessoas e outros elementos de organização.

Quaisquer que sejam as limitações do DII, o fato deste órgão ter sido criado serve ainda como outro indício do desejo da liderança soviética de assegurar o uso efetivo de programas de medidas ativas. Evidência adicional pode ser notada na escolha de Leonid Zamyatin para chefiar o DII. Zamyatin, membro do Comitê Central, tornou-se chefe do Departamento de Imprensa do Ministério do Exterior em 1962 e foi promovido, em 1970, ao posto de diretor da agência soviética de notícias, a TASS. Em cada uma dessas funções anteriores, Zamyatin dirigiu importantes peças da máquina de propaganda externa da URSS; e no caso da TASS, ele supervisionou sua criação e seu desenvolvimento.

A constituição do DII foi apenas o passo mais recente na série de medidas responsáveis pela dinamização do programa soviético de propaganda externa. Um breve exame da criação e do desenvolvimento, durante as décadas passadas, de uma variedade de canais de propaganda externa soviética⁶⁴ fornece novas provas do importante papel que a cúpula soviética atribui à propaganda. Agora coordenados pelo DII (ver

Quadro 2), esses canais incluem um sistema de radiodifusão estrangeira, duas agências de notícias, uma imprensa influente, várias publicações e aproximadamente quinhentos jornalistas russos em países estrangeiros.

A radiodifusão internacional desempenha claramente um papel de destaque na propaganda internacional soviética. A radiodifusão para o exterior expandiu-se grandemente no período 1960-1980: em 1960, as horas semanais de radiodifusão (com alguma repetição de programa) totalizaram aproximadamente 1.047; em 1970 este número havia mais do que dobrado, chegando a 2.115; e em 1980 o total de horas semanais de transmissão chegou a 2.762.⁶⁵ (Ver Quadro 2.)

Além da Rádio Moscou, os soviéticos irradiavam por meio de várias estações de rádio regionais, incluindo a Rádio Erevan, a Rádio Kiev, a Rádio Tashkent e a Rádio Paz e Progresso (RPP), que transmite da Rússia para o Terceiro Mundo. Estas estações regionais, como seria de se esperar, desempenham um papel especial nas operações de propaganda externa. A RPP, por exemplo — anunciando-se como a voz da “opinião pública” soviética — é orientada principalmente para a grande massa de ouvintes do Terceiro Mundo.⁶⁶ “Dado que supostamente não mantém” ligação com o governo a Rádio Paz e Progresso tende a ser independente e menos artificial do que, digamos, a Rádio Moscou.

As transmissões para o exterior são feitas em mais de 80 línguas e dialetos, incluindo o “Serviço Mundial” da Rádio Moscou, em inglês (transmitindo em faixas de ondas curtas 24 horas por dia). Em comparação, as horas semanais, em 1981, das transmissões internacionais americanas foram de 905 horas para a Voz da América, 553 para a Rádio Europa Livre e 469 para a Rádio Liberdade — um total de 1.927 horas semanais em 46 línguas.⁶⁷

Um crescimento semelhante, em outros setores da propaganda externa, também ocorreu durante o período de 1960-80. Por exemplo, uma agência noticiosa não-oficial — a Agência de Notícias Novosti (ANN) — foi criada no início de 1960 para colaborar com a TASS, porta-voz autorizada do governo oficial. Durante o final da década de 60 e início da de 70, a agência TASS mantinha escritórios e correspondentes em quase 100 países, e 62 agências estrangeiras, serviços de informações e empresas de rádio e televisão em 60 países recebiam e usavam diretamente seus serviços. No final da década de 70, estes últimos números haviam crescido para 300 agências, serviços e companhias estrangeiras em 93 países.⁶⁸

A exemplo da Rádio Paz e Progresso, a Novosti supostamente representa a opinião pública soviética (incluindo organizações culturais e de informações, como o Sindicato de Jornalistas, o Sindicato de Escritores e o Sindicato das Sociedades Soviéticas de Amizade e de Laços Culturais com Países Estrangeiros). Na realidade, suas atividades são coordenadas pelo Kremlin. No início da década de 70 a Novosti

(ANN) havia conseguido um impressionante número de recursos:⁶⁹

A ANN troca informação com 101 agências nacionais e internacionais, 120 editoras, mais de 100 empresas de rádio e televisão, e mais de 7.000 dos maiores jornais e revistas do mundo. Mantém escritórios e correspondentes em 80 países. A ANN afirma transmitir anualmente para veículos estrangeiros de massa 60.000 textos e mais de 2 milhões de impressões fotográficas.

Mediante vários acordos intergovernamentais, a ANN também fornece material para 52 revistas soviéticas, 8 jornais e 119 boletins informativos publicados no estrangeiro. Sua circulação conjunta é de 2,7 milhões de exemplares.

Moscú também usa a imprensa de maior prestígio (principalmente o *Pravda*) e grande variedade de publicações para fins de propaganda externa. De acordo com certa fonte:⁷⁰

Na metade dos anos 70 a URSS ... publicou 91 jornais e revistas em 20 línguas estrangeiras para circular em fora do país. ...Este total é amplamente suplantado pela circulação de periódicos e números avulsos impressos no exterior e de importância tanto comercial como para embaixadas e ligas de amizade. Estimou-se que cerca de 10 milhões de exemplares atingiram a população local através desses canais.

Embora nem todas essas publicações sejam projetadas para servir aos objetivos da política externa, jornais como o *Novos Tempos*, *International Affairs*, *World Marxist Review*, são específicos para essa finalidade. Publicações prestigiosas como o *Pravda* (de circulação mundial) frequentemente são usadas para introduzir novos temas ou lançar novos relatos relacionados com antigos temas que são depois reprocessados e ampliados pela Rádio Moscou, pela Agência TASS e outros veículos da propaganda externa.

Além dos procedimentos da propaganda direta, a TASS, a Novosti e veículos soviéticos de publicidade em geral são conhecidos como abrigo de uma certa porcentagem (algumas vezes muito grande) de agentes da KGB entre os funcionários no país e no exterior. No Capítulo 5, Levchenko afirma que em o *Novos Tempos*, em meados dos anos 70, tinha 12 correspondentes no exterior, dos quais 10 eram agentes da KGB.

Outro indicador polêmico do aparecimento e progresso da propaganda direta soviética é a magnitude dos recursos financeiros destinados a esses fins. Uma estimativa dos gastos soviéticos (em dólares)

QUADRO 2.

Horas semanais* de Radiodifusão Soviética para o Exterior

	1960	1962	1964	1966	1968	1970	1972	1974	1976	1978	1980
África	42:00	112:00	129:30	147:00	164:30	169:00	169:00	169:00	169:00	274:00	270:30
Ásia Oriental e Pacífico	119:00	180:00	232:45	259:35	399:35	424:05	427:35	449:35	464:35	498:35	544:05
Europa	344:00	324:00	278:50	344:30	547:05	581:20	545:25	518:35	541:55	607:25	623:05
América Latina	56:00	120:00	95:30	132:40	137:00	139:30	139:30	138:30	131:00	152:30	133:00
Oriente Próximo e Norte da África	184:20	209:25	206:30	225:00	237:35	253:15	250:20	280:15	279:15	340:45	364:55
Sul da Ásia	80:30	71:45	12:00	136:30	202:00	247:30	247:30	211:00	219:00	309:00	370:15
América do Norte	158:00	105:30	88:00	111:10	111:30	111:30	108:00	107:00	128:30	205:30	222:15
"Serviço Mundial" da Rádio Moscou	63:05	81:10	195:15	210:20	228:20	229:15	229:30	266:10	269:30	226:30	234:30
TOTAL	1046:55	1203:50	1238:20	1566:45	2027:35	2155:25	2116:50	2140:05	2202:45	2614:15	2762:35

*Com alguma programação duplicada

Fontes: Programas de Informação para o Exterior e de Relações Culturais da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (Washington, DC: "Escritório de Pesquisa e de Opinião, do USIA, 1973"); Rádio Soviética de Difusão Externa, 1970-1978 (Washington, DC: Escritório de Pesquisa do USIA, 1979) e Rádio Difusora Internacional Comunista em 1980 (Washington, DC: "Escritório de Pesquisa, USIA").

é difícil de ser feita⁷¹, mas fontes confiáveis confirmam que é importante o que o Kremlin vislumbra nessa região. Em 1978 o chefe de Operações Sigilosas da CIA apresentou as seguintes estimativas dos gastos soviéticos anuais, com canais de propaganda-chave estrangeira, no início da década de 70: TASS, US\$550 milhões; Novosti, US\$500 milhões; *Pravda* US\$250 milhões; Novos Tempos, US\$200 milhões; e serviço exterior da Rádio Moscou, US\$ 700 milhões. Comparando-se, estima-se que os gastos anuais de Moscou (US\$150 milhões por ano) para interferência intencional em transmissões dos Estados Unidos são superiores aos custos operacionais combinados da Voz da América, Rádio Europa Livre e Rádio Liberdade.⁷² Uma estimativa grosseira da CIA de todos os gastos soviéticos, em 1978, com propaganda e atividades disfarçadas foi de aproximadamente 3 bilhões de dólares.⁷³ Uma estimativa feita em 1982 eleva as cifras anuais aproximadas para 4 bilhões de dólares.⁷⁴

O Comitê de Segurança do Estado (KGB)

Como o Quadro 1 retrata, um terceiro instrumento importante à disposição da liderança do PCUS é o Comitê de Segurança do Estado, ou KGB. As origens da KGB podem ser encontradas a partir de 20 de dezembro de 1917, quando o Conselho de Comissários do Povo criou a Comissão Extraordinária de todas as Rússias para combater a Contra-revolução e a Sabotagem (Cheka).

Criada primitivamente como um órgão de investigação, a Cheka rapidamente transformou-se em um instrumento de terror para eliminar a oposição ao sistema bolchevique dentro e fora do país. Com o fim da guerra civil e a consolidação do poder comunista, tornou-se conveniente proceder a algumas mudanças superficiais no aparato da segurança do Estado. Em 6 de fevereiro de 1922 foi promulgado um decreto abolindo a Cheka e substituindo-a pela Junta de Política Governamental (GPU).

Desde os tempos da Cheka, o aparato de segurança do Estado tem sido reorganizado e mudado de denominação várias vezes, tornando-se sucessivamente GPU, OGPU, GUGB/NKVD, NKGB, MGB e, em 13 de março de 1954, a KGB. É importante notar, contudo, que enquanto o aparato da segurança nacional passava por alterações e ampliações significativas em sua organização ao longo do tempo, há um princípio institucional e uma disposição que caminham diretamente da Cheka para a KGB. Em outras palavras, desde 1917 resiste e prospera um sentido de tradição e continuidade no aparato da segurança do Estado. De fato, os antecedentes para virtualmente todos os departamentos ope-

racionais da KGB podem ser encontrados na Cheka. Além disso, dedicados oficiais da KGB orgulham-se de sua herança chekista.⁷⁵

Como “espada e escudo” do PCUS, a KGB é responsável pelas funções de segurança interna, por estrangeiros que visitam a União Soviética ou nela residem, e pela contra-espionagem. Também é responsável por todas as operações clandestinas levadas a efeito no estrangeiro, exceto por aquelas atribuídas à Diretoria do Serviço de Inteligência, do Estado-Maior Soviético (GRU). Finalmente, com seus guardas de fronteiras, cujo número compreende de 300 a 400 mil soldados altamente treinados e doutrinados, a KGB defende as extensas fronteiras da URSS.

As operações externas da KGB sempre se situam em duas categorias inter-relacionadas e com frequência parcialmente coincidentes: espionagem constante e declarada (incluindo contra-espionagem) e guerra política.⁷⁶ No caso desta última, a KGB emprega uma ampla gama de táticas disfarçadas destinadas a apoiar e suplementar as ações diretas.

A coordenação entre as medidas ativas diretas e dissimuladas nem sempre é clara, como será provado pelo seguinte apanhado das operações da KGB. As técnicas disfarçadas utilizadas pela KGB incluem a propaganda dissimulada (isto é, falsamente atribuída), operações com agentes de influência e desinformação oral e escrita (incluindo falsificação). Embora estas medidas tenham sido separadas, aqui, para fins de análise, de fato elas são, na prática, frequentemente inter-relacionadas.

A propaganda velada é frequentemente utilizada para reforçar temas abordados através dos veículos soviéticos de propaganda direta. Esta tática apresenta-se, em geral, sob duas formas: a publicação clandestina de matéria de interesse público em veículo noticioso estrangeiro, ou a repetição cautelosa de um artigo que originariamente tenha aparecido em uma publicação estrangeira. No primeiro caso, os soviéticos procuram criar credibilidade para um argumento de outra maneira inaceitável, conseguindo a colocação do material no estrangeiro por meio de um jornalista não-soviético (que pode estar ciente ou não da conexão soviética). No último caso, o conteúdo e o significado de uma declaração pública de uma figura preeminente ou uma matéria de um jornal estrangeiro de renome são adequados para atender aos objetivos soviéticos e, depois, são enviados aos veículos de informação, de modo direto ou disfarçado.

Uma segunda técnica empregada pela KGB envolve operações com agentes de influência. O objetivo de tal operação é injetar, cautelosamente, o ponto de vista soviético em círculos governamentais, políticos, jornalísticos, financeiros, trabalhistas e universitários. Para atingir esse objetivo os funcionários da KGB estabelecem um relacionamen-

to com pessoa chave desses círculos de influência desejosa de colaborar (deliberadamente ou não) em problemas de interesse mútuo. Em troca desta colaboração a KGB auxiliará o agente de influência em seus empreendimentos particulares. No caso de o agente ser um jornalista, a conexão com as operações de propaganda disfarçadas é evidente. (Num capítulo posterior será apresentado um resumo detalhado de uma operação desta natureza.)

Desde o início do regime, a falsificação — uma dentre as muitas táticas de desinformação — tem sido usada pelo serviço secreto soviético. A falsificação inclui desde o uso de um documento autêntico que tenha sido adulterado, até a produção total de outro. No capítulo a seguir, este estudo examina dois conjuntos de falsificação, no início da década de 60 e fins da década de 70, e que foram usados para desacreditar os Estados Unidos e a OTAN.

Outra categoria de medidas ativas nas quais a KGB está envolvida são as operações paramilitares que incluem uma ampla variedade de atividade soviética de apoio a grupos terroristas e movimentos de insurreição. Dentre estas medidas disfarçadas, empregadas com mais frequência durante toda a última década, estão o fornecimento de armas e de apoio logístico, treinamento militar e político especializado e assessoramento pelo serviço secreto e de segurança da União Soviética.⁷⁷

Na KGB de hoje, a responsabilidade pela direção da maioria das atividades descritas acima está a cargo do Serviço A da Diretoria do Serviço de Inteligência. Entretanto, como no caso do Departamento Internacional, o Serviço A parece resultar de um processo de evolução e expansão organizacional nas duas últimas décadas. Há motivos para se crer que o PCUS, nos últimos anos da década de 50, se dispôs a intensificar a utilização da KGB na desinformação e em outras modalidades de medidas ativas contra os Estados Unidos e a OTAN.⁷⁸ Para colaborar neste trabalho, o Departamento de Desinformação (Departamento D) foi colocado dentro da Diretoria de Serviço de Inteligência.⁷⁹ Além de planejar e supervisionar suas próprias operações, o Departamento D devia supervisionar as atividades similares conduzidas pelo serviço de inteligência dos países do bloco oriental.⁸⁰

Em 1968, sob as ordens do então chefe da KGB, Yuri Andropov, o Departamento D voltou a denominar-se Departamento A, e nos fins da década de 70 Andropov elevou o Departamento à categoria de Serviço — mudança que presumivelmente significava um reforço nos meios disponíveis e uma posição mais elevada na estrutura da organização da KGB. Uma vez mais, este crescimento gradual na instituição serve como importante indício do interesse da cúpula soviética por atividades dissimuladas.

A PROPAGANDA DIRETA E AS TÉCNICAS POLÍTICAS DISFARÇADAS: DIFERENÇAS E DEFINIÇÕES

O final deste capítulo identifica e descreve com mais detalhes os objetivos e técnicas específicas selecionados para um exame mais demorado nos Capítulos 3 e 4.

Propaganda Direta

De um modo geral, a propaganda pode ser definida como uma informação verbal ou escrita que deliberadamente procura influenciar ou manipular a opinião e as atitudes de certo grupo visado. Um país pode dirigir sua propaganda visando ao público local ou estrangeiro. No caso da propaganda aberta, nenhuma tentativa é feita para ocultar as verdadeiras fontes.

As origens do importante lugar atualmente ocupado pela propaganda na política soviética externa e interna podem ser encontradas na criação, por Lenin, em 1900, do *Iskra (Centelha)* — um jornal que, segundo Lenin, “vai insuflar cada centelha da luta de classe e da revolta popular até uma conflagração geral”.⁸¹ Este crescimento gradual estabeleceu um posicionamento crescente da propaganda como o instrumento principal, primeiramente no arsenal bolchevique e depois no PCUS. Como Barghoorn observou:⁸²

Lenin estabeleceu uma tradição dentro da qual os “revolucionários profissionais” bolcheviques e, mais tarde, os funcionários do governo soviético e dos partidos comunistas estrangeiros, especialmente treinados, vêm sistematicamente usando as técnicas modernas de comunicação... Obviamente, a atual liderança da União Soviética compartilha do ponto de vista de Lenin quanto à importância da propaganda como instrumento político.

Embora o livro de Barghoorn tenha sido publicado no início da década de 60, aquilo que ele declarou naquela época continuou válido durante todo o período de vinte anos entre 1960 e 1980. A propaganda externa continua sendo um instrumento de primeira linha na política externa soviética.⁸³

Desde o início do período que se seguiu à Segunda Guerra Mundial, os sistemas políticos ocidentais têm constituído o principal alvo

da propaganda soviética. Parece que Moscou, no início dos anos 50, iniciou um novo programa com a finalidade de acelerar a qualidade, a quantidade e a intensidade desta propaganda de agressão. Ao examinar dois comunicados emitidos pelos soviéticos para os partidos comunistas no poder ou não, em 1957 e 1960, Barghoorn observou:⁸⁴

Com a situação interna no Bloco Soviético, uma vez mais sob rígido controle; nos fins de 1957, Moscou visivelmente sentiu que a ocasião era propícia para reiniciar a propaganda internacional e a ofensiva no campo da psicologia... Ambos os comunicados mostram que os países capitalistas lutavam pela preservação da posição deteriorada de potência mundial. O comunicado de 1960... referia-se ao período histórico contemporâneo como uma época de revoluções socialistas... o período da derrocada do imperialismo... Mantendo esta linha de análise estratégica, os dois comunicados continham diretrizes para as táticas de propaganda.

Embora os primeiros estágios desta campanha tenham sido interrompidos pela luta interna pelo poder contra Khrushchev, no final da metade dos anos 60 a propaganda soviética ofensiva de novo começou a se expandir. Na última metade da década de 70 a campanha contra os Estados Unidos e a OTAN se intensificou ainda mais; e continua até hoje. A propaganda externa soviética tem-se caracterizado pela intensidade e centralização; flexibilidade e adaptabilidade; fraude e manipulação; coordenação e controle centralizado.

Com referência à primeira característica, Moscou demonstrou habilidade ao usar as técnicas de comunicação de massa para dar início às campanhas de propaganda em larga escala; elas deveriam se concentrar em um objeto específico durante prolongado período. Por exemplo, durante todo o período de 20 anos examinado aqui, um tema persistente da propaganda soviética tem sido a falta de disposição dos Estados Unidos e da OTAN no sentido de assegurar a paz pelo desarmamento. A última mensagem — isto é, o militarismo e o imperialismo dos Estados Unidos e da OTAN bloqueiam o caminho das várias propostas de desarmamento apresentadas pela URSS — é repetida virtualmente *ad infinitum*. Posteriormente, quando a situação política internacional relacionada com um tipo específico da propaganda atinge um ponto delicado, a violência da propaganda rapidamente recrudesce. Isto tornou-se evidente, por exemplo, durante a última metade da década de 70, quando a oposição, na Europa Ocidental, à propagação da bomba de nêutrons e à modernização das armas nucleares de alcance médio da OTAN (INF), tem destaque cada vez mais frequente na propaganda soviética.

Flexibilidade e capacidade de adaptação são outras características da propaganda soviética. Os soviéticos são capazes de rapidamente ajustar seus esforços a situações e a resultados que se modificam, prontamente coordenando a palavra com a ação. Como ficará provado no capítulo a seguir, essa habilidade ficou bem clara durante a última metade da década de 70. Não é surpresa que a propaganda soviética também se sirva da informação falsa, intencional, e do exagero, tendo em vista a importância que os soviéticos atribuem à fraude, na abordagem de questões políticas e militares.⁸⁵ Finalmente, como foi esclarecido anteriormente neste capítulo, todas as facetas da propaganda soviética são totalmente controladas e centralizadas pela cúpula da estrutura partidária.

É importante notar que Moscou também emprega outras técnicas de propaganda direta, embora um exame detalhado dessas medidas esteja além do escopo deste trabalho. Um importante veículo de comunicação, por exemplo, é obtido em contatos pessoais, e Moscou sempre tem utilizado programas de intercâmbio cultural e sociedades de amigos (conjugados com outras medidas) como recursos adicionais de propaganda. Essas técnicas foram examinadas nos estudos de Barghoorn, Sylvia Margulies e Paul Hollander.⁸⁶

Técnicas Políticas Disfarçadas

Embora todo Estado procure influenciar o governo e a opinião pública estrangeiros, os soviéticos além disso servem-se das técnicas políticas disfarçadas (isto é, secretas) para ampliar dramaticamente a eficácia da propaganda direta e de seus esforços políticos não-disfarçados. Como ocorre com a propaganda direta, as técnicas disfarçadas são em número substancial e têm um longo prazo de duração.

Dado que Moscou chega aos maiores extremos para ocultar estas atividades, elas são difíceis de ser identificadas e classificadas em seu todo. Não obstante, é possível provar e documentar o emprego que os soviéticos fizeram, durante o período 1960-1980, de várias modalidades de medidas ativas secretas — a desinformação (frequentemente levadas a cabo através da falsificação), o uso de agentes de influência nos meios de comunicação e a promoção da propaganda disfarçada por organizações internacionais de fachada — para intensificar e aumentar a propaganda direta contra os Estados Unidos e a OTAN. Existem muito barulho e desacordo entre os especialistas quanto à definição dessas técnicas secretas e o vínculo de cada tática. É verdade que essas categorias não são facilmente identificáveis ou distinguíveis e as técnicas são frequentemente inter-relacionadas, na prática. De qualquer modo, nas páginas seguintes tentaremos definir cada técnica e estabelecer diferenças entre elas.

Até o final de 1959 o termo *dezinformatsia* era empregado em alguns círculos soviéticos para significar o que os líderes soviéticos agora denominam “medidas ativas”. *Dezinformatsia* é atualmente usado em Moscou para referir-se a uma modalidade específica de técnica de medidas ativas aqui denominada “desinformação”. Das técnicas políticas disfarçadas, enfatizadas aqui, apenas a desinformação, nos últimos anos, mereceu cuidadosa atenção pública no Ocidente. O assunto, contudo, tem sido frequentemente mal-interpretado. Afinal, o que é desinformação? Em 1965 a CIA afirmou que “(desinformação)... é a informação falsa, incompleta ou confusa, passada, enriquecida ou confirmada em relação a um país, a um grupo ou a um indivíduo em mira”.⁸⁷ De acordo com um manual de treinamento da KGB, citado em um Relatório do Congresso, em 1980:⁸⁸

A desinformação estratégica auxilia a execução de tarefas do governo e é direcionada para confundir o inimigo quanto às questões básicas da política do governo, à situação econômico-militar e quanto às conquistas técnicas e científicas da União Soviética; à política de certos governos imperialistas entre si, e com relação a outros países; e às funções específicas da contra-informação dos órgãos de segurança do Estado.

Embora essas definições sejam úteis, elas também têm falhas. Tanto os relatórios da CIA quanto da KGB, por exemplo, concluem que a desinformação é sempre constituída da informação falsa. Entretanto, de acordo com Ladislav Bittman (antigo funcionário da inteligência da Tcheco-Eslováquia, especialista em operações de desinformação), a mensagem pode conter “uma informação tanto verdadeira quanto falsa, vazada para um antagonista com a finalidade de o confundir”. Bittman afirma, também, que os alvos da desinformação são “os que tomam as decisões... e não a população como um todo”.⁸⁹ Alguns analistas contestam este último ponto, argumentando que algumas vezes o alvo é o público. Outros observadores usam uma abordagem muito mais ampla. Definem a desinformação como sendo qualquer comunicação do governo (direta ou disfarçada) que intencionalmente contenha matéria falsa e enganosa, com frequência combinada seletivamente com a informação verdadeira, com o propósito de confundir e manipular as elites e a massa da população.

Embora a desinformação, em nosso ponto de vista, possa ser tanto direta quanto dissimulada, o presente estudo refere-se apenas à desinformação conduzida de forma secreta. A desinformação direta é uma comunicação não-simbólica ou falsamente simbólica, escrita ou oral, que contém informação incompleta, enganadora ou intencionalmente falsa, (frequentemente combinada com a informação verdadeira) que

tenta enganar, informar mal e/ou confundir o alvo. Este tanto pode ser a elite estrangeira governamental ou não, quanto o público estrangeiro. Em comparação com a propaganda direta, a desinformação disfarçada normalmente é usada de maneira seletiva e discriminatória. Esta técnica pode ser ampliada com rumores, falsificações, ações políticas que podem ser manipuladas, agentes de influência, organizações de fachada e outros artifícios. O objetivo da desinformação é levar o alvo a acreditar na veracidade do material apresentado e, conseqüentemente, a agir no interesse da nação que executou a operação de desinformação.

As operações com agentes de influência, outra forma de atuação secreta enfatizada neste livro, são realizadas por alguém que de maneira seleta e ardilosa usa sua posição, influência, poder ou credibilidade para promover os objetivos de um governo estrangeiro, de modo a não levantar suspeitas contra aquele governo. Os meios mais comuns de conduzir estas operações variam da utilização de um agente de influência controlado (alguém que é aliciado, e promove os interesses de uma potência estrangeira em resposta a ordens e instruções específicas) para investigação de uma pessoa ingênua que é manipulada. Entre o agente controlado e o colaborador ingênuo fica o "contato de confiança", alguém que conscientemente favoreça o objetivo de um governo estrangeiro, esteja em contato com aquele governo visando a atingir esses objetivos e que possa receber algum tipo de ajuda e recompensa por essa colaboração. Entretanto, ao contrário do agente controlado, o contato de confiança não é formalmente engajado, não recebe ordens claras e não é rigidamente controlado. Os soviéticos parecem empregar essas três modalidades.

O agente de influência pode ocupar-se da desinformação e/ou da propaganda disfarçada. Por exemplo, um jornalista que trabalhe para um jornal do Ocidente, de grande circulação, provavelmente seria envolvido em operação de propaganda dissimulada como representante de Moscou. O mesmo jornalista também poderia estar envolvido em atividades de desinformação. Moscou pode alimentar o agente com informação que intencionalmente procura iludir e confundir os leitores, seus associados ou os líderes do governo.

Nosso estudo sobre as técnicas de políticas secretas também focaliza a propaganda disfarçada. Em contraste com a propaganda direta, sua correlata, a propaganda disfarçada emana de um veículo falsamente qualificado ou não-qualificado. Vários meios de comunicação de massa podem ser usados para disseminar a propaganda disfarçada, incluindo campanhas orquestradas na imprensa mundial por jornalistas que atuam como agentes de influência, emissoras de rádio clandestinas e as atividades de propaganda de organizações internacionais de fachada.⁹⁰

No Capítulo 4 serão estudadas as medidas ativas disfarçadas dos

soviéticos, específicas para cada uma dessas categorias. As operações específicas examinadas incluem a manipulação, pelos soviéticos, de uma importante organização internacional de fachada (propaganda disfarçada e desinformação); uma ampla operação com agente de influência soviético (propaganda dissimulada e desinformação); e exemplos de falsificações soviéticas (desinformação). O Capítulo 5 contém entrevistas com antigos funcionários do serviço secreto do Bloco Soviético que se dedicaram às atividades camufladas do início da década de 60 até os últimos anos da década de 70.

Objetivos Gerais da Propaganda Direta e Técnicas Políticas Dissimuladas

Uma revisão dos trabalhos atinentes realizados no Ocidente, e publicados nas décadas de 50 e 60, revela explicações alternativas com referência aos propósitos dessas atividades. Entretanto, embora esses estudos focalizem uma variedade de campanhas soviéticas realizadas em épocas diferentes, grande número de pesquisadores deve ter chegado a conclusões semelhantes.⁹¹

Mesmo quando o conteúdo dos temas específicos se modificou para refletir os assuntos e os eventos do dia, os principais objetivos das técnicas políticas da propaganda direta e dissimulada dos soviéticos permaneceram os mesmos: enfraquecer os Estados Unidos e a OTAN; e elogiar as realizações da União Soviética, criando assim um ambiente favorável à promoção dos objetivos de Moscou. A literatura sobre o tema dá a entender que os líderes soviéticos vêm tentando atingir os seguintes objetivos específicos, com o uso da propaganda e da guerra política:

1. Induzir a opinião pública dos Estados Unidos, da Europa e do mundo a crer que as atividades políticas e militares dos Estados Unidos são a principal causa dos conflitos e das crises internacionais.
2. Demonstrar que os Estados Unidos são uma potência agressiva, militarista e imperialista.
3. Isolar os Estados Unidos de seus amigos e aliados (especialmente os da OTAN) e desacreditar os países que cooperem com os Estados Unidos.
4. Subestimar os efetivos militares e de inteligência dos Estados Unidos e da OTAN.

5. Demonstrar que a política e os objetivos dos Estados Unidos são incompatíveis com os dos países subdesenvolvidos.
6. Confundir a opinião pública com referência aos propósitos soviéticos em geral, criando um ambiente favorável à sua política externa.

O restante deste trabalho examina a propaganda direta e as técnicas políticas disfarçadas de Moscou, com relação aos Estados Unidos e à OTAN, durante o período de 1960 a 1980, para provar que estas técnicas estão totalmente em conformidade com a temática dos objetivos acima expostos.

NOTAS

1. Joseph L. Noguee e Robert H. Donaldson, *Soviet Foreign Policy Since World War II* (Nova Iorque: Pergamon Press, 1981), pp. 33-34. Consultar também Nathan C. Leites, *A Study of Bolshevism* (Glencoe, IL: Free Press, 1953).
2. Adam Ulam: "The Soviet Union and the Rules of the International Game" in Kurt London, ed., *The Soviet Union in World Politics* (Boulder, CO: Westview, 1980) pp. 48-49.
3. Recomendamos os seguintes tratados teóricos importantes: Leonid Brezhnev: *Selected Speeches and Writings on Foreign Affairs* (Nova Iorque: Pergamon Press, 1979); Mikhail Suslov: *Selected Speeches and Writings* (Nova Iorque: Pergamon Press, 1982); Boris Ponomarev: "Invincibility of the Liberation Movement", *Kommunist*, Nº 1 (1980), pp. 11-27, traduzido em *FBIS Daily Report*, União Soviética, Vol. 3, Nº 24 (4 de fevereiro de 1980); e V. V. Zagladin, ed., *The World Communist Movement* (Moscou: Progress Publishers, 1973).

Revelações importantes também podem ser obtidas do "25th Congress of the Communist Party of the Soviet Union, Documents and Resolutions" (Moscou: Novosti, 1976). Estes pontos de vista são também fartamente expressos nos documentos militares soviéticos. Consultar, especialmente, a coletânea publicada por Harriet Fast Scott e William F. Scott, intitulada "The Soviet Art of War: Doctrine, Strategy and Tactics" (Boulder, CO: Westview, 1982).

4. *Pravda*, 19 de outubro de 1973, citado em Current Digest of the Soviet Press. Vol. 25, Nº 43 (21 de novembro de 1973), p. 6.
5. *Pravda*, 25 de fevereiro de 1976, citado em Current Digest of the Soviet Press, vol. 28, nº 8 (24 de março de 1976), p. 14.
6. Marechal A. A. Grechko, "The Armed Forces of the Soviet State", tradução pela Força Aérea dos EUA (Washington, DC: GPO, 1975). O Capítulo I apresenta um estudo detalhado do pensamento de Lenine sobre a guerra e as forças armadas e a contínua importância de Lenine até hoje.
7. N. Inozemtsev, "Problems of Modern World Development and International Relations", em *Kommunist* (outubro de 1976) p. 78.
8. R. Judson Mitchell: *Ideology of a Superpower: Contemporary Soviet Doc-*

trine on International Relations (Stanford: Hoover Institution Press, 1982), Capítulo 5.

Consultar também: Nogee e Donaldson, "Soviet Foreign Policy Since World War II"; Alvin Rubinstein, "Soviet Foreign Policy Since World War II": Imperial and Global (Cambridge, MA: Winthrop Publishers, 1981); Adam Ulam, *Expansion and Coexistence: Soviet Foreign Policy, 1917-73* (Nova Iorque: Praeger, 1974); Erik Hoffman e Frederic Fleron, eds., *The Conduct of Soviet Foreign Policy* (Chicago: Aldine Publishing Co., 1980); Morton Schwartz, *The Foreign Policy of the USSR* (Encino, CA: Dickenson Publishing Co., 1976); Vernon Aspaturian, *Process and Power in Soviet Foreign Policy* (Boston: Little, Brown, 1971); e Alain Besancon, *The Soviet Syndrome* (Nova Iorque: Harcourt, Brace, Jovanovich, 1978).

9. Estes fatores incluem o ambiente exterior, ameaças representadas por inimigos em potencial, oportunidades surgidas inesperadamente, as condições locais, a política de segurança de hierarquia, as condições econômicas etc., em outras palavras, os fatores gerais que os textos básicos identificam como influências-chave no comportamento do governo. Para conceitos clássicos, consultar Hans Morgenthau, *Politics Among Nations*, 5ª ed. (Nova Iorque: Alfred A. Knopf, 1973); e Kenneth Waltz, *Man, the State, and War* (Nova Iorque: Columbia University Press, 1965).
 10. Rubinstein; *Soviet Foreign Policy Since World War II: Imperial and Global*, pp. 269-271.
 11. As obras relativamente recentes de Rubinstein, Ulam, Nogee e Donaldson, Schwartz, e Mitchell já foram citadas nas notas anteriores. Os estudos anteriores mais importantes incluem: Louis Fischer, *The Soviets in World Affairs*, 2 vols. (Nova Iorque: Vintage Books, 1960); May Beloff, *The Foreign Policy of Soviet Russia, 1929-1941*, 2 vols. (Londres: Oxford University Press, 1947-1955); George Kennan, *Russia and the West Under Lenin and Stalin* (Boston: Little, Brown, 1961); Philip Mosely, *The Kremlin and World Politics* (Nova Iorque: Vintage Books, 1960); Hugh Seton-Watson, *From Lenin to Khrushchev* (Nova Iorque: Praeger, 1960); e Robert Wesson, *Soviet Foreign Policy in Perspective* (Homewood, IL: Dorsey, 1969).
 12. As avaliações mais importantes e atualizadas da estratégia militar soviética incluem: Harriet Fast Scott e William F. Scott, *The Armed Forces of the USSR* (Boulder, CO: Westview, 1979); Derek Leebeart, ed., *Soviet Military Thinking* (Londres: George Allen and Unwin, 1981); Ken Booth, *The Military Instrument in Soviet Foreign Policy, 1917-1972* (Londres: Royal United Services Institute, 1973); Joseph D. Douglass, Jr. e Amoretta H. Hoeber, *Strategy for Nuclear War* (Stanford: Hoover Institution Press, 1979); Joseph D. Douglass, Jr., *Military Strategy in Europe* (Nova Iorque: Pergamon Press, 1980); John Erickson, *Soviet Military Power* (Londres: Royal United Services Institute, 1971); e John Dziak, *Soviet Perceptions of Military Power: The Interaction of Theory and Practice* (Nova Iorque: Crane, Russak and Co., 1981).
- Embora muito se tenha escrito sobre a estratégia militar soviética e como ela pode servir a propósitos políticos, não há um estudo amplo e atualizado sobre os aspectos da guerra política da estratégia soviética. Para um exame deste tema, deve-se consultar os estudos publicados nos anos 50 e 60. Um exemplo é Robert Strausz-Hupe et al., *Protracted Conflict* (Nova Iorque: Harper, 1959).
13. Michael Deane, "The Soviet Assessment of the Correlation of Forces: Implications for American Foreign Policy", *Orbis* (outono de 1976), p. 627.
 14. Embora a literatura sobre o equilíbrio de forças seja extensa, até recentemente

- ela havia sido escrita a respeito da maneira como os soviéticos avaliam o equilíbrio de forças ou “correlação de forças”. Trabalhos como *Ideology of a Superpower*, de Mitchell, estão abrindo novas fronteiras nesta área.
15. Vernon Aspaturian, “Soviet Global Power and the Correlation of Forces”, *Problems of Communism* (maio-junho de 1980), p. 8.
 16. Isto não quer dizer que os analistas ocidentais sempre deixam de levar em conta outros fatores. Entretanto, um exame dos estudos de Morgenthau, Inis Claude, Klaus Knorr, e outros escritores importantes, sobre o equilíbrio de forças mostrará a predominância de fatores militares e econômicos nesta avaliação. Consultar Morgenthau, *Politics Among Nations*; Claude, *Power and International Relations* (Nova Iorque: Random House, 1967); e Knorr, *The Power of Nations* (Nova Iorque: Basic Book, 1975).
 17. G. Shakhazarov, “On the Problems of the Correlation of Forces”, *Kommunist*, N.º 3 (fevereiro de 1974); e S. Sanakoyev, “The World Today: Problems of the Correlation of Forces”, *International Affairs* (novembro de 1974).
 18. Serjijev, “Leninism on the Correlation of Forces as a Factor of International Relations”, *International Affairs* (maio de 1975), p. 103.
 19. V. Kortunov, “The Leninist Policy of Peaceful Co-Existence and Class Struggle”, *International Affairs* (maio de 1979); e N. Kapchenko, “Leninist Foreign Policy: A Transformative Force”, *International Affairs* (outubro de 1978).
 20. Sobre este assunto Mitchell explica que os soviéticos vêm mantendo uma “preferência tradicional por evitar um conflito frontal com o inimigo principal e por atingir os fins com manobras pelo flanco e concentração nos lados em vez de no centro do sistema opositor”. *Ideology of a Superpower*, p. 57. Embora Mitchell esteja com razão, também é verdade que, como este estudo prova, os soviéticos empregam recursos de guerra política diretamente contra o centro do principal sistema oponente.
 21. Durante os anos 70 houve extenso comentário soviético sobre este assunto. Para um estudo abalizado deste assunto, pelos soviéticos, consultar os documentos do “XXIV e XXV Congressos do Partido”, “24th Congress of the Communist Party of the Soviet Union”; March 30 — April 9, 1971, *Documents* (Moscou: Novosti, 1971); e “25th Congress of the Communist Party of the Soviet Union, Documents and Resolutions”. Para analisar este comentário soviético por especialistas em política externa consultar Mitchell, *Ideology of a Superpower*, Capítulos 5, 6, 8 e 9; Rubinstein, *Soviet Foreign Policy Since World War II*, Capítulo 12; e London, ed., *The Soviet Union in World Politics*, Capítulo 13.
 22. Discurso de Leonid Brezhnev, *Pravda*, 15 de outubro de 1975, p. 1. Traduzido em *Current Digest of the Soviet Press*, vol. 27, N.º 42 (1975), p. 13. Para uma excelente análise da visão soviética da detente e da coexistência pacífica, consultar “Research Notes on U.S. — Soviet Affairs”, N.º 1 (julho de 1978), organizado por Mose Harvey e Fox Kohler, do Center for Advanced International Studies.
 23. Sun Tzu, *The Art of War* Londres: Oxford University Press, 1963, pp. 114-149.
 24. Sobre a época clássica do sistema indiano e sua evolução histórica, consultar Chanakya, *Kautilya's Arthashastra*, 4.ª ed., R. Shamasastri, et. al., trad. (Mysore: Sri Raghuvir Printing Press, 1951); John Spellman, *Political Theory of Ancient India*. (Oxford: Clarendon Press, 1964); e K.M. Panikkar, *A Survey of Indian History Bombaim*: Asia Publishing House, 1957).
 25. Para uma discussão fascinante, consultar Adda Bozeman, “Covert Action and Foreign Policy”, in Roy Godson, ed., *Intelligence Requirements for the 1980's: Covert Action* (Nova Iorque: “National Strategy Information Center, 1981”),

- pp. 15-78. Um tratamento interessante do uso da guerra psicológica através da história pode ser encontrado em Paul Linebarger, *Psychological Warfare* (Washington, D.C.: Infantry Journal Press, 1948), Capítulo 1.
26. Uma útil visão geral da abordagem nazista e soviética encontra-se em Andrew Scott, *The Revolution in Statecraft: Informal Penetration* (Nova Iorque: Random House, 1965), Capítulo 2. A experiência nazista não será examinada no presente estudo. Os leitores interessados numa análise mais completa do que a apresentada por Scott devem consultar Louis de Jong, *The German Fifth Column in the Second World War* (Londres: Routledge, 1956); Z.A.B. Zeman, *Nazi Propaganda*, 2ª ed. (Nova Iorque: Oxford University Press, 1973); e Louis Rochner, *The Goebbels Diaries* (Nova Iorque: Doubleday, 1948).
 27. Para uma análise fundamentada dessas ocorrências, por um grupo de antigos oficiais veteranos de inteligência e conhecidos especialistas, ver Godson, ed., "Intelligence Requirements for the 1980's: Covert Action".
 28. Para conhecer um estudo interessante sobre o modo como esses conceitos eram usados alternadamente, consultar Roland Perusse, "Psychological Warfare Reappraised" em *A Psychological Warfare Casebook* (Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1958), pp. 25-26, organizado por William Daugherty e Morris Janowitz.
Entre as pesquisas e estudos acadêmicos sobre a guerra psicológica da década de 1950 até início da década de 1960 incluem-se *Psychological Warfare*, de Linebarger; *A Psychological Warfare Casebook*, organizada por Daugherty e Janowitz; *Propaganda in War and Crisis*, organizado por Daniel Lerner (Nova Iorque: Stewart Publishers, 1950); *Public Opinion and Propaganda*, de Leonard Doob (Nova Iorque: Holt and Co., 1948); *Propaganda: The Formation of Men's Attitudes*, de Jacques Ellul (Nova Iorque: Alfred A. Knopf, 1965); W. Phillips Davison, *International Political Communication* (Nova Iorque: Praeger, 1965); e Harold Lasswell, Nathan Leites e outros, *Language of Politics: Studies in Quantitative Semantics* (Nova Iorque: Stewart Publishers, 1949).
 29. William Daugherty, "Changing Concepts", in Daugherty e Janowitz, eds., *A Psychological Warfare Casebook*, pp. 12-18.
 30. Harold Lasswell, "Political and Psychological Warfare", in Daugherty e Janowitz, eds. *A Psychological Warfare Casebook*, p. 24. Linebarger também apresenta uma definição relativamente abrangente: "A guerra política consiste no enquadramento da política nacional, de modo tal que ajude a propaganda ou as operações militares, quer a respeito das relações políticas diretas entre governos, quer em relação a grupos de indivíduos que possuem caráter político." *Psychological Warfare*, p. 47.
 31. Ao examinar-se a literatura acadêmica sobre relações internacionais, percebemos a dificuldade de encontrar textos que abordem as medidas diretas e disfarçadas de maneira integrada. Os escritores dos anos 50 e 60 consideravam essas medidas como ferramentas importantes, mas distintas da diplomacia. Nos anos 70 muitos textos mais novos não incluem seções sobre propaganda e ações disfarçadas, deixando transparecer que essas medidas não são importantes. Uma recente exceção importante é K.J. Holsti, *International Politics: A Framework for Analysis*, 4ª ed. (Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1983).
 32. Consultar Godson, ed., *Intelligence Requirements for the 1980's: Covert Action*, pp. 1-11 e 193-207.
 33. Angelo Codevilla, "Covert Action and Foreign Policy", in Godson, ed., *Intelligence Requirements for the 1980's: Covert Action*, p. 79.

34. Para comentários sobre as táticas nazistas, consultar os trabalhos previamente citados, particularmente Ellul, *Propaganda*.
35. Consultar, por exemplo, Alfred Meyer, *Leninism* (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1957); Bertram Wolfe, *An Ideology in Power* (Nova Iorque: Stein and Day, 1969); Leonard Schapiro, *The Communist Party of the Soviet Union*, ed. rev. (Nova Iorque: Random House, 1971); Adam Ulam, *The Bolsheviks* (Nova Iorque: Macmillan, 1965); e Merle Fainsod, *How Russia is Ruled*, ed. rev. (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1963).
36. Bertram Wolf, *Three Who Made a Revolution*, ed. rev. (Nova Iorque: Delta, 1964); E.H. Carr, *A History of Soviet Russia*, 3 vols. (Nova Iorque: Macmillan, 1950, 1951, 1952); e Ulam, *The Bolsheviks*.
37. Leonard Schapiro, "Totalitarianism in Foreign Policy", in London, ed., *The Soviet Union in World Politics*, pp. 8-9.
38. Informações sobre a história e o desenvolvimento dessas táticas de guerra política podem ser encontradas nas seguintes fontes: publicações sobre a história do PCUS: sobre o Comintern; sobre os serviços de inteligência soviética; e análises de primeira mão por pessoas que usaram as medidas ativas antes de desertar da URSS. Para as duas últimas categorias, os autores deste trabalho fizeram uso exaustivo da *Bibliography on the Soviet Intelligence and Security Services* (Nova Iorque: National Strategy Information Center, em preparação [1984]. Esta bibliografia encerra mais de 400 fontes anotadas.
39. Para uma avaliação interessante, em primeira mão, por um antigo funcionário da KGB, especialista nestas técnicas, consultar Alexander Kaznacheyev, *Inside a Soviet Embassy: Experiences of a Russian Diplomat in Burma* (Nova Iorque: Ballantine, 1981).
40. Frederick Barghoorn, *Politics in the USSR*, 2^{ed.} (Boston: Little, Brown, 1972); Schapiro, *The Communist Party of the Soviet Union*; Robert Conquest, *Power and Policy in the USSR* (Nova Iorque: Harper and Row, 1967); Fainsod: *How Russia is Ruled*; John Reshetar, *The Soviet Party*, 2^{ed.} (Nova Iorque: Harper and Row, 1978); e John Armstrong: *Ideology, Politics and Government in The Soviet Union*, 4^a ed. (Nova Iorque: Praeger, 1978).
41. Reshetar, *The Soviet Polity*, p. 125.
42. Armstrong: *Ideology, Politics and Government in the Soviet Union*, pp. 81-82. Consultar também Conquest, *Power and Policy in the USSR*; e Carl Linden, *Khrushchev and the Soviet Leadership, 1957-1964* (Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1966).
43. Para uma discussão acadêmica deste ponto, consultar Phillip Selznick, *The Organizational Weapon: A Study of Bolshevik Strategy and Tactics* (Nova York: McGraw-Hill, 1952). A perspectiva leninista sobre esse assunto encontra-se em V.I. Lenin: *What Is to Be Done?* (Nova Iorque: International Publishers, 1969).
44. Wilbur Schramm, "Soviet Concept of Psychological Warfare", in Daugherty e Janowitz, ed. *A Psychological Warfare, Casebook*, pp. 782-783.
45. Dentre os melhores trabalhos gerais sobre o Comintern estão os de Gunther Nollau, *International Communism and World Revolution, History and Methods* (Londres: Hollis and Carter, 1961); e Franz Borkenay, *World Communism* (Ann Arbor, MI: University of Michigan Press, 1962).
46. Leonard Schapiro, "The International Department of the CPSU: Key to a Soviet Policy", *International Journal* (primavera de 1976-1977), p. 42.
47. *Ibid.*
48. "The Foreign Department of the Central Committee of the CPSU", Radio Liberty Research Bulletin (27 de outubro de 1980), pp. 13-14.

49. Relatório de um grupo de estudos do Institut for Conflict Studies, "*The Strategic Intentions of the Soviet Union*" (Londres: Institute for Conflict Studies, 1978), pp. 13-14.
50. Schapiro, "The International Department of the CPSU: Key to Soviet Policy", p. 44. Schapiro também observa que o DI se tornou responsável por nomeações no Serviço Exterior.
51. *Ibid.*, pp. 43-44. Para uma interessante discussão sobre esses *think tanks*, consultar Richard Soll, Arthur Zuehlke e Richard Foster, "The Role of Social Science Research Institutes in the Formulation and Execution of Soviet Foreign Policy" (Arlington, VA: SRI International, 1976). Para um ponto de vista um pouco diferente, consultar Morton Schwartz, "Soviet Perceptions of the United States" (Los Angeles: University of California Press, 1974).
52. Ver Cord Meyer, *Facing Reality* (Nova Iorque: Harper and Row, 1980), Capítulos 13 e 14.
53. A relação anual mais completa desses vários grupos pode ser encontrada em Richard Staar, ed., "Yearbook on International Communist Affairs" (Stanford: Hoover Institution Press). Este anuário tem sido publicado anualmente desde 1966.
54. A maioria das publicações posteriores à Segunda Guerra Mundial, sobre o uso que os soviéticos fazem das frentes internacionais, foi publicada nos anos 50 e nos primeiros anos da década de 60. Por exemplo, o periódico *Problems of Communism* apresentou uma cobertura completa das mudanças ocorridas em artigos como "Communist Fronts: Their History and Function", em *Problems of Communism*, de Robert Ross (setembro-outubro de 1960); Otto Pick e Andrew Wiseman, "Moscow and the WFTU", *Problems of Communism* (maio-junho de 1959); e Morton Schwartz, "Moscow's Experimental Venture: The Vienna World Youth Festival", *Problems of Communism* (julho-agosto de 1959). O período recente foi marcado pela publicação de numerosos livros de pesquisa sobre o assunto. Consultar Jeane Kirkpatrick, ed., *The Strategy of Deception* (Nova Iorque: Farrar, Straus and Co. 1963); Frederick Barghoorn, "The Soviet Cultural Offensive" (Princeton: Princeton University Press, 1960); e James Atkinson, *The Politics of Struggle: The Communist Front and Political Warfare* (Chicago: Henry Regnery Co., 1966).

Por volta dos anos 70 as frentes internacionais soviéticas estavam recebendo menos atenção por parte dos estudiosos. Uma exceção é Roy Godson, *The Kremlin and Labor* (Nova Iorque: Crane, Russak and Co., 1977). (Godson vai publicar novo trabalho, *Labor in Soviet Global Strategy*, em 1984.)

55. Outros exemplos de emissoras de rádio clandestinas operadas pelos soviéticos: Rádio Bha Yi, ou Rádio Primeiro de Agosto, dirigida para a China; Nossa Rádio (Vizim Radio) e a Voz do Partido Comunista da Turquia (VCPT) visando à Turquia; e a Voz da Verdade, visando à Grécia.
56. Para uma descrição dos antecedentes de Ponomarev, consultar Reshetar, *The Soviet Polity*, p. 147; e "The Foreign Departments of the Central Committee of the CPSU", *Radio Liberty Research Bulletin*, pp. 14-18 e 21-24.
57. Desejando uma análise oportuna dos escritos de Ponomarev, consultar "The Foreign Departments of the CPSU", pp. 14-24. Consultar também os comentários de Mitchell sobre Ponomarev, *Ideology of a Superpower*, pp. 75-87 e 123-124.
58. Frederick Barghoorn, "Soviet Foreign Propaganda" (Princeton: Princeton University Press, 1964), pp. 244-250. Sobre as mudanças históricas do Departamento de Propaganda e de Subversão, consultar Herbert McCloskey e John Turner, *The Soviet Dictatorship* (Nova Iorque: McGraw-Hill, 1960).

59. Consultar Robert Conquest, ed., *The Politics of Ideas in the USSR* (Londres: Bodley Head, 1967); Schapiro, *The Communist Party of the Soviet Union*; Mark Hopkins: *Mass Media in the Soviet Union* (Nova Iorque: Pegasus, 1970); e "External Information and Cultural Relations Programs of the Union of Soviet Socialist Republics" (Washington, D.C.: *USIA Office of Research Assessment*, 1973).
60. Reshetar: *The Soviet Polity*, p. 147.
61. Identificado no *Pravda*, 12 de dezembro de 1965. Citado em "The Foreign Departments of the Central Committee of the CPSU", p.18.
62. Em virtude de o DII ser um Departamento novo, pouco se tem escrito a respeito dele. Há trechos valiosos em "The International Information Department of the Central Committee of the CPSU", e Comitê Permanente Especial sobre Inteligência, Congresso dos Estados Unidos, Câmara dos Representantes, "Soviet Active Measures", 97º Congresso, 2ª Sessão (Washington, D.C.: GPO, 1982).
63. *FBIS Daily Report*, União Soviética, Vol. III (15 de junho de 1983), p. R15.
64. Consultar Barghoorn, *Soviet Foreign Propaganda*; John Clews: *Communist Propaganda Techniques* (Nova Iorque: Praeger, 1964); Davison, *International Political Communication*; Ellul, *Propaganda*; e Alex Inkeles, "Social Changes in Soviet Russia" (Cambridge, MA: *Harvard University Press*).
65. Os números foram extraídos de External Information and Cultural Relations Programs of the Union of Soviet Socialist Republics, p. 127; *Soviet External Radio Broadcasts*, 1970-1978 (Washington, D. C.: Escritório de Pesquisas da USIA, 1979), p. III; e *Communist International Radio Broadcasting in 1980* (Washington, D.C.: Escritório de Pesquisas da USIA), p.4.
66. Ver "Moscow's Radio Peace and Progress", na publicação do Departamento de Estado dos Estados Unidos, *Foreign Affairs Notes* (agosto de 1982).
67. Conselho de Radiodifusão Internacional: 1983 Annual Report (Washington, D.C.: Conselho de Radiodifusão Internacional, 1983), p. 2.
68. *External Cultural and Information Activities and Themes of Communist Countries in 1977* (Washington, D.C.: Escritório de Pesquisas da USIA, 1978) pp. 1-6.
69. *External Information and Cultural Relations Programs of the Union of Soviet Socialist Republics*, pp. 36-37.
70. *Ibid.*
71. Consultar, por exemplo, William Lee, "Understanding the Soviet Military Threat" (Nova Iorque: Centro Nacional de Informação Estratégica, 1977).
72. Stanley Leinwoll, "Jamming — Past, Present, Future", in J.M. Frost, ed., *World Radio and TV Handbook* (Dinamarca: Billboard, 1982), p. 40.
73. Comitê Permanente Especial sobre Inteligência, Congresso dos Estados Unidos, Câmara dos Representantes, "Soviet Covert Action (The Forgery Offensive)", 96º Congresso, 2ª Sessão (Washington, D.C.: GPO, 1980), p. 60.
74. Comitê Permanente Especial sobre Inteligência, Congresso dos Estados Unidos, Câmara dos Representantes, "Soviet Active Measures", p. 30.
75. Sobre a Cheka, consultar George Leggett, *The Cheka: Lenin's Political Police* (Nova Iorque: Oxford University Press, 1981).
76. Consultar John Barron, *The KGB: The Secret Work of Soviet Secret Agents* (Nova Iorque: Reader's Digest Press, 1974), e *The KGB Today: The Hidden Hand* (Nova Iorque: Reader's Digest Press, 1983); David Dallin, *Soviet Espionage* (New Haven, CT: Yale University Press, 1955); Ronald Hingsley, *The Russian Secret Police: Muscovite, Imperial Russian, and Soviet Political Security Operations* (Nova Iorque: Simon and Schuster, 1970); Leggett, *The Che-*

- ka: *Lenin's Political Police*; e Simon Wolin e Robert Slusser, eds, *The Soviet Secret Police* (Nova Iorque: Praeger, 1957).
77. John Dziak, "Soviet Intelligence and Security Services in the 1980: The Paramilitary Dimension", in Roy Godson, ed., *Intelligence Requirements for the 1980s: Counterintelligence* (Nova Iorque: Centro Nacional de Informação Estratégica, 1980), pp. 95-113. Consultar também Stephen T. Hosmer e Thomas W. Wolfe, *Soviet Policy and Practice Toward Third World Conflicts* (Lexington, MA: Lexington Books, 1983).
 78. Congressional Record — House (28 de setembro de 1965), pp. 25 391-25 393.
 79. Barrom: *The KGB*, Capítulo 2; Ladislav Tírrman, "Soviet Bloc 'Disinformation' and other 'Active Measures'", in Robert Lee Pfaltzgraff, Uri Ra'anam e Warren Milberg, eds, *Intelligence Policy and National Security* (Hamden, CT: Archon Books, 1981), pp. 212-214.
 80. Ladislav Bittman, *The Deception Game* (Syracuse, NY: Syracuse University Research Corp., 1972).
 81. Wolfe, *Three Who Made a Revolution*, pp. 54-59. Sobre os pontos de vista de Lenin quanto ao uso da imprensa, consultar: *What Is To Be Done?*
 82. Barghoorn: *Soviet Foreign Propaganda*, pp. 4-5.
 83. A este respeito, consultar W. Phillips Davison, "Some Trends in International Propaganda", *Annals of The American Academy of Political and Social Science* (novembro de 1971), pp. 1-13; Gerhard Wettign, *Broadcasting and Detente* (Nova Iorque: St. Martin's Press, 1977); e External Information and Cultural Relations Programs.
 84. Barghoorn: *Soviet Foreign Propaganda*, pp. 40 e 42.
 85. Há um número crescente de publicações sobre o papel da fraude na estratégia soviética. Entretanto, essas publicações focalizam principalmente assuntos militares. Para uma discussão mais ampla do papel da fraude na política soviética, consultar: Ronald Higsley, *The Russian Mind* (Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1972), Capítulo 2. Com referência à estratégia e às operações militares, consultar Jiri Valenta, "Soviet Use of Surprise and Deception", *Survival* (março/abril de 1982).
 86. Barghoorn, *The Soviet Cultural Offensive*; Sylvia Margulies, *The Pilgrimage to Russia* (Madison, WI: University of Wisconsin Press, 1968); e Paul Hollander, *Political Pilgrims: Travels of Western Intellectuals to the Soviet Union, China and Cuba, 1928-1978*. (Nova Iorque: Oxford University Press, 1981).
 87. "Disinformation: War With Words", *Air Force Magazine* (março de 1982), pp. 85-86.
 88. Citado no Comitê Permanente Especial sobre Inteligência, Congresso dos Estados Unidos, Câmara dos Representantes, "Soviet Covert Action (The Forgery Offensive)", p. 63.
 90. As publicações mais importantes normalmente subdividem a propaganda nas seguintes categorias: branca (operação aberta — o patrocinador é conhecido); cinza (operação aberta — a fonte verdadeira é oculta e não se fornece qualquer referência); negra (operação dissimulada — a propaganda pretende partir de uma fonte que é verdadeira). Para fins deste trabalho, julgamos a distinção aberta-dissimulada mais adequada do que a classificação branca-cinza-negra.
 91. Esta literatura inicial é bem extensa. As obras fundamentais incluem: Barghoorn, *Soviet Foreign Propaganda*; Clews, *Communist Propaganda Techniques*; Davison, *International Political Communication*; Ellul, *Propaganda*; Michael Gehlen, *The Politics of Coexistence: Soviet Methods and Motives* (Bloomington, Indiana University Press, 1967); e Inkeles, *Social Change in Soviet Russia*.

3.

TEMAS DA PROPAGANDA ABERTA SOVIÉTICA, 1960-1980

A propaganda externa soviética geralmente procura retratar a URSS como uma sociedade quase perfeita. Elogia os governos e movimentos estrangeiros que apóiam a política e os objetivos soviéticos, e denuncia violentamente aqueles que a eles se opõem. Esta propaganda é dirigida predominantemente contra os Estados Unidos, seus aliados da OTAN e outras nações amigas desses países.¹ Os comentários soviéticos sobre questões internacionais emanam de múltiplas fontes; o alto grau de coerência e ordenação que define este enorme fluxo mostra a extensão do apoio dos meios de comunicação soviéticos aos objetivos de Moscou.² O íntimo relacionamento entre a propaganda e a política externa soviéticas (isto é, entre o que é dito e o que é feito) é impressionante.

MÉTODO DE PESQUISA E PROJETO

Os meios de comunicação de massa utilizados por um governo fornecem dados básicos para examinar as preocupações internas e externas do país. Durante a Segunda Guerra Mundial, por exemplo, os organismos militares e as agências do serviço secreto dos países aliados monitoravam os jornais dos inimigos e estações de rádio e foram contabilizados vários tipos de informações importantes. As variações semanais numa grande quantidade de tais referências forneciam pistas quanto ao moral dos inimigos, as suas intenções e ações. Essas informações eram usadas depois no planejamento bélico aliado.³

Apoiando-se nesta experiência, cientistas sociais têm estudado sistematicamente, em décadas recentes, as comunicações de massa, a fim de interpretar a política e a cultura de várias nações-estados. Este extenso texto de literatura, que vai além das disciplinas das ciências sociais, é muito amplo para ser resenhado aqui.⁴ Contudo, ao examinar os tipos de questões sobre pesquisa, aplicados nos vários estudos sobre comunicações de massa, é possível desenvolver uma classificação de temas de pesquisa relevantes para estudo de propaganda externa. Nosso próprio projeto baseou-se nesses temas.⁵

Paralelamente a este avanço da pesquisa, os analistas vêm disciplinando, cada vez mais, um método especial de pesquisa — a análise quantitativa do conteúdo — para examinar sistematicamente a essência das comunicações de massa.⁶ Embora a investigação de tais registros não seja nova, esta abordagem é uma tentativa de analisar metodicamente o conteúdo dos dados sobre comunicações durante um determinado período de tempo, através de meios determinados de classificação e tabulação estatística. Comparada com os métodos anteriores, a análise de conteúdo permanece sob regras ou controles específicos que a tornam mais sistemática e objetiva.⁷

Embora a análise quantitativa do conteúdo tenha suas vantagens, também apresenta pontos fracos. Especificamente, o interesse principal com a quantificação pode obscurecer a importância dos conhecimentos e julgamento que possam ser extraídos de uma análise textual, da essência de uma comunicação específica.⁸ Este estudo combina análise de conteúdo quantitativo com análise textual descritiva, para superar esta deficiência. Isso permite a identificação, a classificação e a quantificação das principais tendências temáticas e produz uma análise mais real e profunda do conteúdo e do foco da propaganda externa soviética. O início de tal abordagem começa com a seleção de uma fonte fidedigna (jornal, programa de rádio etc.), a época a ser examinada e a unidade de medida.

Em primeiro lugar, a fonte de mídia mais conveniente — determinada para ser a que a caracteriza pelo maior grau de autoritarismo e regularidade — foi considerada a base de dados para se levar a cabo a análise quantitativa do conteúdo. Como certas fontes soviéticas de mídia são consideradas mais autorizadas que outras, foi necessário também levar em conta outros fatores. A análise quantitativa do conteúdo também requer uma fonte que aparece com um adequado índice de regularidade. Além disso, dados os modestos recursos disponíveis para este estudo, era crucial que a fonte não fosse muito volumosa. Finalmente, era necessário que a fonte focalizasse exclusivamente questões internacionais e fosse projetada para a leitura do público estrangeiro. É importante observar que a natureza e o conteúdo da propaganda soviética podem variar, dependendo do público a que se destine. Muitas vezes existem diferenças significativas entre a propaganda que é diri-

gida tanto para o público interno quanto externo, e aquela que é direcionada estritamente para a exportação.

A fonte selecionada para a análise quantitativa do conteúdo dos esforços de propaganda exterior soviética no período entre 1960 e 1980 foi a coluna semanal “Resenha Internacional”, do *Pravda*. Este comentário (que aparece geralmente na página 4, cobrindo um terço da página) enfoca assuntos internacionais; é publicado num jornal altamente autorizado (destinado ao público nacional e estrangeiro); é publicado regularmente desde 1967 (geralmente aos domingos) e apareceu de um modo razoavelmente regular antes daquela época; fornece uma amostra que é viável para os nossos objetivos de pesquisa. Embora outras fontes tenham sido consideradas, nenhuma satisfaz os requisitos identificados acima do modo tão adequado como a “Resenha Internacional”.⁹ É claro, todas as análises quantitativas são acompanhadas de suas próprias limitações particulares e o caso em questão não é exceção.¹⁰

Com respeito à análise descritiva do texto a fonte selecionada foi a revista semanal soviética sobre questões externas, *Novos Tempos*. Esta publicação cobre basicamente os mesmos temas que a coluna “Resenha Internacional”, porém com muito mais detalhes, e parece destinada principalmente ao leitor estrangeiro. A *Novos Tempos* aparentemente também é usada para fins de propaganda interna. Um tratamento mais amplo e geral de uma dada questão é apresentado na “Resenha Internacional”, que — como resultado de sua autoridade — serve para estabelecer a perspectiva do governo soviético sobre o tema. A análise do texto de *Novos Tempos* foi empreendida neste estudo para determinar se as mensagens que continham uma fonte de informações que se concentrava tanto no público interno quanto externo (por exemplo da “Resenha Internacional”) são intimamente associadas àquelas de outra fonte que parecem dirigidas principalmente a alvos externos (o caso de *Novos Tempos*). Além disso, um exame de *Novos Tempos* permite observar como um comentário mais sucinto da “Resenha Internacional” pode ser desenvolvido e ampliado em outra publicação.

Em suma, a análise quantitativa do conteúdo da “Resenha Internacional” do *Pravda*, combinada com a análise textual de *Novos Tempos*, fornece um meio sistemático para examinar a campanha de propaganda soviética de vinte anos dirigida contra os Estados Unidos e a OTAN, no período estudado neste livro. Esta abordagem da pesquisa traz dois tipos de achados que são analisados no restante deste capítulo.¹¹ A análise quantitativa do conteúdo da “Resenha Internacional” torna possível a classificação das mensagens da propaganda soviética dirigidas aos Estados Unidos e à OTAN em dez categorias temáticas. Estes dez temas estão classificados com base na relativa frequência (média em percentagens) com que cada um deles apareceu durante uma série de intervalos de doze semanas nos anos de 1960-1962, 1967-1969 e 1976-1979. Os registros de frequência são representados graficamente

de acordo com um método conhecido como análise longitudinal, o que permite extrair a frequência da aparição de vários temas a serem comparados durante segmentos do período de 1960-1980. Por sua parte, a análise textual de *Novos Tempos* teve como resultado uma descrição e explanação detalhada da série de questões apresentadas nesta fonte soviética de comunicação de massas durante os anos entre 1960 e 1980.

TEMAS GERAIS DE PROPAGANDA

A análise quantitativa do conteúdo da “Resenha Internacional” do *Pravda*, no período 1960-1980, permitiu identificar dez temas gerais de propaganda, relacionados com os Estados Unidos e a OTAN. Estes dez temas (relacionados abaixo) constituem a característica principal como o Ocidente foi definido através de toda esta base de dados razoavelmente ampla. As descobertas desta análise quantitativa também foram confirmadas por nossa análise textual de *Novos Tempos*.

Temas

1. Agressividade.

Termos Fundamentais que Refletem estes Tópicos

Aventureiro, provocador, crescentes tensões internacionais, agressivo, interferência ou exploração no mundo em desenvolvimento.

Embora a maioria das referências soviéticas à agressividade se dirigissem aos Estados Unidos, produziu-se um aumento nas referências à agressividade do Ocidente como um todo (ou à OTAN, ao capitalismo, ao imperialismo ou a determinados países da OTAN) durante as duas décadas ora estudadas. Durante o período 1960-1962, 75 por cento das referências da “Resenha Internacional” à agressividade visavam aos Estados Unidos. Nos períodos 1967-1969 e 1976-1979, os números foram de 60 e 55 por cento, respectivamente.

2. Militarismo.

Militarista, promoção da corrida armamentista, busca da superioridade militar, promoção da Guerra Fria, emprego da força.

Durante o período 1960-1962, 75 por cento de todas as referências ao militarismo tiveram por alvo os Estados Unidos da América. Com respeito aos aliados da OTAN, o revanchismo da Alemanha Ocidental foi frequentemente descrito como conduzindo a República Federal ao expansionismo militar. O militarismo novamente foi

um tema importante durante o período 1976-1979, com 55 por cento das referências dirigidas aos Estados Unidos. Quando as referências eram dirigidas à Europa, os líderes militares da OTAN eram um alvo mais frequente.

3. Oposição às Negociações.

Contrário à solução negociada de questões internacionais, contrário à “detente” e às conversações sobre Limitação de Armas Estratégicas (SALT), contra a cooperação Leste-Oeste.

A oposição às negociações tornou-se um tema importante no final da década de 70, quando 70 por cento de todas as referências a esse tema tiveram por alvo os Estados Unidos. Este tema apareceu primeiramente em 1962. Antes dessa época, a atenção voltava-se para várias propostas soviéticas de desarmamento, em vez de para a intransigência americana.

4. Crise no Ocidente.

Crises e contradições políticas, econômicas ou sociais nas sociedades ocidentais.

Durante a década de 60, os Estados Unidos eram identificados em aproximadamente metade destas referências. No período 1976-1979, à medida que as referências deste tipo aumentaram, somente cerca de 25 por cento eram dirigidas aos Estados Unidos, enquanto as nações européias — individualmente e em grupo — recebiam cobertura cada vez maior.

5. Ameaça à Unidade do Bloco Comunista.

Tentativa de subverter a unidade comunista, interferência nos assuntos dos países comunistas, execução de propaganda anti-soviética e ações políticas.

Estas referências foram mínimas durante a década de 60, com exceção do período compreendido pela crise tcheca de 1968. Durante o período 1976-1979, este tema foi importante, com 55 por cento de todas as referências deste tipo visando aos Estados Unidos.

6. Realismo.

Favorecer a “detente” e as negociações com a URSS, manter uma atitude positiva a respeito do bloco comunista, favorecer a paz e o desar-

mamento progressivo.

Foi somente no período 1976-1979 que referências ao “realismo” atingiram um nível significativo. Estas referências geralmente assumiram a forma de identificar certos indivíduos ou grupos, nos Estados Unidos, ou os países da OTAN, que eram vistos como mantendo atitudes chamadas realistas (isto é, cooperativas).

7. Problemas da Aliança com a OTAN.

Desunião, contradições dentro da Aliança Ocidental, interferência dos Estados Unidos nas questões da Europa.

Embora fosse um tema de menor importância em cada um dos três períodos examinados, este tema recebeu uma atenção maior no período 1976-1979.

8. A Não-Confiabilidade dos Estados Unidos.

A existência de duas tendências contraditórias na política externa americana (agressividade e “realismo”).

Este tema não apareceu durante a década de 60, e foi de menor importância no período 1976-1979. Quando estas referências apareciam no último período, geralmente eram combinadas com um dos outros temas citados acima.

9. Conspiração com Outro Inimigo Soviético.

Conspiração entre os Estados Unidos e/ou a OTAN e outro inimigo soviético.

Este foi um tema de menor importância no período 1960-1962 e virtualmente desapareceu no período 1967-1969. Reapareceu em 1976-1979, com a maior parte das referências dirigida às negociações sino-americanas.

10. Violações dos Direitos Humanos.

Violação dos direitos humanos no Ocidente, especialmente nos Estados Unidos.

Um tema de pouco relevo durante todo o período, com ênfases máximas ocorrendo em 1977.

ANÁLISE DESCRITIVA DOS TEMAS DE PROPAGANDA EXTERNA SOVIÉTICA DIRIGIDOS CONTRA OS ESTADOS UNIDOS E A OTAN

Primeiro Período: 1960/1962

O impulso principal da propaganda soviética dirigida contra os Estados Unidos e a OTAN durante os anos de 1960 a 1962 concentrou-se na agressividade americana, no militarismo e na sabotagem das propostas de paz e desarmamento dos soviéticos. Durante a primeira metade do período, os soviéticos enfatizaram em várias publicações a sinceridade e profundidade de seu compromisso com os objetivos do desarmamento e da paz.¹² Foram publicados numerosos artigos que descreviam detalhadamente vários planos soviéticos de desarmamento. Em janeiro de 1960, por exemplo, a *Novos Tempos* elogiou a proposta do PCUS de imediato “desarmamento completo e geral”,¹³ e enfatizou o modo como a URSS e o Ocidente se beneficiariam economicamente da redução de gastos com armamentos.¹⁴ Este tema serviu de base para o relatório de Khrushchev ao Soviete Supremo em janeiro de 1960. A *Novos Tempos* e o *Pravda* usaram posteriormente o relatório como base para várias reportagens que louvavam o empenho soviético em prol do desarmamento.

Na realidade, o uso da palavra “paz” pelos soviéticos como tema principal faz parte de um esforço de propaganda mais antigo.¹⁵ De acordo com Barghoorn, durante anos a “determinação soviética de explorar o desejo mundial de paz como arma de propaganda se refletia de inumeráveis modos. O tema da paz aparece em quase cada aspecto de propaganda soviética”.¹⁶ Isto começou no início de 1922, quando G.V. Chicherin, Comissário Soviético para Assuntos Exteriores, apresentou à conferência de Gênova a primeira de uma série aparentemente interminável de propostas em favor de um desarmamento geral e imediato. Moscou levou a cabo nos quarenta anos seguintes uma campanha incansável e de muitas faces em torno da causa do desarmamento mundial.¹⁷ Assim, em contraste com a conotação dada pelo conceito ocidental de paz, como se vê refletido na Carta das Nações Unidas,¹⁸ os soviéticos vêem a paz como uma arma valiosa de guerra política para uso contra o mundo não-comunista.¹⁹

Se a propaganda soviética apresenta a URSS como campeã da paz e do desarmamento, os Estados Unidos e os seus aliados da OTAN (especialmente a Grã-Bretanha) têm sido retratados como os maiores obstáculos à concretização das propostas soviéticas.²⁰ Em 15 de agosto de

1960, o *Pravda* referiu-se a “círculos agressivos nos Estados Unidos e de outros países ocidentais” que estavam por trás desta política de obstrução.²¹ A *Novos Tempos* publicava acusações semelhantes, mas foi além, desenvolvendo o tema, ao identificar grupos específicos dos Estados Unidos que impediam o desarmamento. Especificamente, as forças do Pentágono, e o chamado Complexo Industrial-Militar (M-I-C), foram considerados responsáveis por essa obstrução, por causa dos constantes testes nucleares, do aumento de gastos com a defesa, do acúmulo de reservas de armas nucleares, e atos de provocação, tais como o vôo do U-2, por Francis Gary Power, sobre a União Soviética, que sabotou a reunião de cúpula de Paris de maio de 1960.²²

Os Estados Unidos também foram acusados de deturpar as propostas soviéticas de desarmamento e de fazer exigências absurdas em matéria de negociações. Um exemplo disso foi a pressão de Washington nas conversações de 1961 em Genebra, uma sobre a proibição dos testes nucleares, para forçar uma inspeção no local. Um comentário da *Novos Tempos* observava:²³

A nova administração dos Estados Unidos, a julgar por todos os indícios, tem divergido somente parcialmente das propostas absurdas e inaceitáveis do governo de Eisenhower. Não foi dado nenhum passo decisivo em direção à posição soviética... Basta dizer que os norte-americanos exigem o consentimento incondicional soviético a 20 inspeções por ano e, além disso, que elas sejam realizadas por grupos compostos inteiramente por estrangeiros. Uma outra exigência americana quer que todos os postos de controle na URSS sejam chefiados por estrangeiros... Todas as evidências mostram que as concessões soviéticas tornaram possível uma solução de compromisso... As forças ocidentais, contudo, rejeitaram a proposta...

Durante o período 1960-1962, a propaganda soviética tentou usar a questão do desarmamento para isolar os Estados Unidos de seus aliados. Contudo, comparados com a aspereza do ataque soviético contra os Estados Unidos, montado depois de meados de 1961, os comentários soviéticos durante a parte inicial deste período foram marcados por certa moderação.²⁴ A partir da última metade de 1961, o *Pravda* apresentou uma caracterização muito mais negativa das intenções americanas, à medida que as tensões entre Washington e Moscou atingiam Berlim e outras questões. Os Estados Unidos eram agora retratados como responsáveis pela obstrução do projeto de desarmamento por razões mais sinistras, mas discerníveis ideologicamente.²⁵ Esta mudança de temas ficou evidente num artigo de *Novos Tempos*, de 13 de setembro de 1961, que afirmava que “os Estados Unidos e seus aliados estavam engrenando sua máquina de guerra para velocidades cada vez

mais altas, levando a corrida armamentista a proporções sem precedentes... conduzindo as tensões internacionais a um alto grau de efervescência".²⁶

Por volta do final do ano, o "mundo capitalista" foi acusado de desencadear "uma desenfreada corrida armamentista com intensos preparativos de guerra. Os gastos militares nos países imperialistas, notadamente os Estados Unidos, aumentavam abruptamente. Os estrategistas estão trabalhando à velocidade máxima".²⁷ Moscou afirmou, além disso, que os Estados Unidos estavam "ansiosos por uma guerra".²⁸

Não há a menor dúvida de que o imperialismo, com suas armas nucleares, representa um grande perigo. Não há sombra de dúvida de que o imperialismo encara o futuro com receio. Como todas as forças sociais condenadas pela história, ele apegase convulsivamente ao passado e procura derrubar cada obstáculo concebível ao progresso... O imperialismo é estéril. Tem medo de encarar o futuro, pois o futuro é o comunismo... A mudança de um sistema social para outro é uma lei da história.

Em 1962, estas acusações tornaram-se cada vez mais acres. Enquanto Moscou continuava a propor novos planos de desarmamento,²⁹ e descrevia, mediante artigos sobre Hiroxima, os horrores que uma guerra nuclear poderia produzir,³⁰ a propaganda soviética agora reclamava que os estrategistas militares americanos procuravam criar uma doutrina de guerra nuclear para justificar a iniciativa do ataque. Este tema apareceu num artigo da *Novos Tempos* de 21 de março de 1962, intitulado "Guerra Nuclear Possível — a Mais Recente Teoria Americana". De acordo com o autor, o General-de-Divisão Teplimsky, os estrategistas civis americanos "justificam cinicamente um primeiro ataque americano" alegando que "isto levaria à eliminação do inimigo calamitoso... para estar seguro de que a liquidação, a quase qualquer preço, é válida".³¹ Teplimsky continuou a afirmar que a estratégia da iniciativa de ataque constituía um aspecto integral da doutrina Kennedy da reação flexível.³² O mesmo número de *Novos Tempos* continha um ensaio que descrevia os esforços incessantes de Moscou em prol de de um "mundo sem armas".³³

Por todo o ano de 1962, este esquema temático — isto é, a URSS em busca de um mundo livre de armas nucleares,³⁴ enquanto os Estados Unidos trabalham ativamente para desenvolver sua capacidade para a guerra nuclear e para desferir o primeiro ataque — desdobrou-se de várias maneiras. Por exemplo, os Estados Unidos foram acusados de tentar militarizar o espaço;³⁵ de criar uma doutrina de controle da escalada que incluía o uso de armas químicas e biológicas que Washing-

ton afirmava serem “armas humanas”;³⁶ de propor planos de desarmamento cujo objetivo real era “enfraquecer o sistema de defesa soviético”.³⁷ O principal arquiteto desta política foi identificado como Robert McNamara, o Secretário de Defesa, caracterizado pela propaganda como o “Napoleão americano da guerra nuclear”.³⁸

A propaganda soviética também insistiu no tema da agressão e do militarismo americano, ao acusar os Estados Unidos de serem responsáveis pelas crises internacionais ocorridas durante o período 1960-1962. Tanto o *Pravda* quanto a *Novos Tempos* focalizaram eventos em Cuba, Congo, Laos, Vietnã e Berlim, para citar os exemplos mais gritantes.³⁹ Diretamente associadas a estas acusações estavam as alegações de expansão do imperialismo americano no Terceiro Mundo. Durante os anos de 1960 a 1962, o Congo, o Vietnã e o Laos receberam atenção cada vez maior. Em 1960, por exemplo, um artigo da *Novos Tempos* apresentou o governo sul-vietnamita como capataz de uns Estados Unidos imperialista, retratado como tendo empreendido uma política de arma e treinar as forças repressivas militares e de segurança do Vietnã do Sul.⁴⁰

Este tema foi ampliado durante o ano de 1961, culminando em 1962 com a publicação na *Novos Tempos* de uma longa série de quatro artigos, pelo jornalista Wilfred Burchett, um antigo membro do Partido Comunista australiano.⁴¹ Incluída entre as muitas acusações lançadas contra os Estados Unidos nesta série estava a de que as forças americanas estavam usando armas químicas e biológicas no Vietnã do Sul.⁴² De acordo com Burchett, “usar asiáticos como vítimas para testes de novas armas ajusta-se a um quadro muito conhecido que se estende até Hiroxima”.⁴³ (É interessante observar que, como correspondente na Coreia do Norte durante a Guerra da Coreia, Burchett lançou acusações semelhantes contra os Estados Unidos.⁴⁴)

Além da propaganda soviética concentrada na agressividade, o militarismo e a sabotagem americanos às iniciativas soviéticas pela paz e o desarmamento, o *Pravda* e a *Novos Tempos* também continham uma série de artigos que focalizavam questões relacionadas com o caráter e os problemas referentes à aliança da OTAN e seus Estados membros. Embora estas últimas questões tenham recebido do *Pravda* uma cobertura menor do que os temas descritos anteriormente, o mesmo não ocorreu com a *Novos Tempos*. A cobertura de questões relacionadas com a OTAN, durante o segmento 1960-1962, focalizava geralmente a ameaça do revanchismo alemão e a suposta dominação da aliança por parte dos Estados Unidos.

O tema do revanchismo alemão foi utilizado de várias maneiras, com o objetivo aparente de dividir a OTAN, apresentando a Alemanha Ocidental como uma séria ameaça à paz na Europa. A propaganda soviética afirmava, por exemplo, que as principais figuras do governo do Chanceler Konrad Adenauer eram antigos partidários políticos de Hi-

tlar. Talvez o caso mais divulgado tenha sido o do Secretário de Estado de Adenauer, Dr. Hans Globke. De acordo com a *Novos Tempos*, Globke — ao contrário do argumento sustentado por Bonn, de que ele era um “humilde advogado do Ministério” que tentara incorporar instruções legais às Leis de Nuremberg — na realidade foi um arquiteto importante da “solução final”. Um artigo de 1962 dizia:⁴⁵

Globke atendeu aos aspectos “legais” do plano — Eichmann dirigia sua execução prática. Todo o país ocupado ficou imediatamente sujeito à operação das “Leis de Nuremberg”, que primeiro privou milhões de pessoas de seus direitos e levou-as à morte... Globke determinava quem deveria ser massacrado. Mas não eram somente os judeus que a política nazi-racista objetivava aniquilar. Eles foram muito além. A “solução final” deveria ser aplicada também a numerosos outros povos, notadamente os eslavos.

O artigo concluiu afirmando que aqueles que colocaram Globke no poder estavam agora tentando persuadir Israel a “restringir a publicidade do caso Eichmann”, por medo de que Eichmann revelasse outros criminosos de guerra que mantinham posições importantes no governo Adenauer.⁴⁶

Esta atenção dada aos funcionários da Alemanha Ocidental estava diretamente associada à explicação de Moscou, quanto aos motivos da atitude revanchista e militarista de Bonn. Adenauer e seu Ministro de Defesa, Franz-Josef Strauss, foram apresentados num artigo da *Novos Tempos*, de 1960, como os arquitetos de um plano para ressuscitar a Wehrmacht sob a falsa aparência da Bundeswehr.⁴⁷

A Bundeswehr da Alemanha Ocidental, organizada e dirigida pelos militaristas a quem se permitiu ficar em liberdade, como resultado da política seguida pelo Ocidente, está agora novamente no poder. As forças do Ocidente... encorajaram o restabelecimento do imperialismo alemão, trazendo como resultado seu poder que hoje chega ao ponto de quase reivindicar um papel dominante na Europa capitalista.

O artigo continua com a advertência de que “o que os negociadores da vingança desejam é a guerra, não a paz”.⁴⁸ De acordo com outros comentários de *Novos Tempos*, Strauss — para conduzir este plano — criara um exército de alguns milhões de homens, que estava “tornando-se uma ameaça à paz da Europa e, ao mesmo tempo, ao próprio povo alemão”.⁴⁹

Com esse contingente militar, Adenauer e Strauss estariam prontos para revelar seus verdadeiros planos, que Moscou delineou nos se-

guintes termos. Seu “interesse”, afirmava um ensaio de 1960 de *Novos Tempos*, “é absorver-se a Alemanha Oriental, aniquilando forçosamente o sistema socialista... o confisco dos territórios poloneses a leste do Oder, um novo assalto à Áustria, Tcheco-Eslováquia... a reunificação alemã... tudo isto nada mais é do que um prelúdio à revanche”.⁵⁰

Durante os anos de 1960, 1961 e 1962, uma série de artigos previam que a consequência deste rearmamento seria um novo Reich imperial que lançaria toda a Europa a uma guerra devastadora. Além disso, a imprensa soviética alertava que, se a Alemanha Ocidental chegasse a potência nuclear — uma política que Bonn foi acusada de buscar ativamente sob os auspícios da OTAN — as consequências para a Europa seriam catastróficas.⁵¹ Como esses terríveis acontecimentos iriam se transformar em realidade? De acordo com um artigo da *Novos Tempos*, publicado em agosto de 1960, Adenauer havia manipulado a OTAN, com sucesso, no sentido de “encorajar o rearmamento da Alemanha Ocidental”, e Bonn já estava usando esta conquista para empenhar-se por uma remilitarização “secreta” que resultaria em seu predomínio na OTAN... tornando aquele bloco um instrumento de sua política agressiva.⁵²

Outras variações na questão da Alemanha Ocidental também foram apresentadas no *Pravda* e na *Novos Tempos*, como parte da campanha de Moscou para dividir a aliança da OTAN. Por exemplo, a Alemanha Ocidental foi acusada de arquitetar secretamente um ressurgimento fascista em toda a Europa.⁵³ Como os Estados Unidos encaixaram-se neste esquema? O que o *Pravda* denominava “a íntima união dos círculos americanos mais reacionários e agressivos com os revanchistas militaristas da Alemanha Ocidental” recebeu ampla cobertura repetidas vezes, durante os anos 1960-1962.⁵⁴

De acordo com Moscou, este esquema foi uma dentre as muitas medidas empreendidas pelos Estados Unidos para manipular e controlar a OTAN para seus próprios fins. Além disso, os Estados Unidos eram vistos como culpados por usar Berlim Ocidental “como uma fonte de tensão e conflito, transformando-a numa base militar”.⁵⁵ Contudo, qualquer que fosse a variação usada, a explicação soviética para os propósitos americanos subjacentes permanecia a mesma: isto é, os Estados Unidos procuravam ganhar o apoio da OTAN por trás de sua política imperialista, agressiva e militarista. Durante este período, Moscou alertava continuamente a Europa de que os Estados Unidos a estavam arrastando para um “caminho perigoso e escorregadio, algo como um jogo de guerra”.⁵⁶

Finalmente, mas em extensão menor, a propaganda soviética também escolheu a CIA para uma atenção especial (embora a cobertura durante estes anos não fosse nem de perto tão extensa quanto seria durante o período 1976-1979). Entre 1960 e 1962, a *Novos Tempos* publicou artigos sobre os programas de espionagem global da CIA e sua su-

posta manipulação do Corpo de Voluntários da Paz, um artigo sobre as atividades da CIA na Alemanha Ocidental, e um artigo pretendendo mostrar como o Congresso americano não exerce influência, não tendo controle sobre quaisquer atividades conduzidas pela CIA.⁵⁷ Neste último caso, o autor usou declarações supostamente feitas pelo Senador Wayne Morse para explicar ao leitor que “a Constituição americana prescreve que nenhuma agência governamental... deve estar isenta do controle do Senado. Mas a CIA escapa completamente a esse controle”.⁵⁸ Poucos comentários foram publicados durante este período de tempo, na política interna dos Estados Unidos ou de seus aliados da OTAN (com exceção da Alemanha Ocidental e da França). Contudo, apareceram poucos artigos cada ano, sobre a deterioração da crise do capitalismo mundial.⁵⁹

Segundo Período: 1967-1969

A propaganda aberta soviética durante o período 1967-1969 continuou a focalizar a agressividade americana e a da OTAN. Contudo, estes anos também foram caracterizados por algumas novas tendências, não evidentes durante o período inicial anteriormente discutido. Para iniciar, enquanto este tema sobre a agressividade americana continuava a predominar, o número de questões secundárias levantadas pelos soviéticos aumentou durante esse período. Em segundo lugar, enquanto a questão importante, em voga nos anos de 1960-1962, era a política nuclear para expressar a agressividade americana, agora a ênfase na Guerra do Vietnã veio exercer este papel (embora a política nuclear continuasse a receber cobertura). Uma terceira mudança se relacionou com o que os soviéticos denominam *kombinatsia*: durante este período, era aparente um esforço soviético cada vez maior de combinar várias questões e inter-relacionar estas combinações com temas gerais. Finalmente, terminando este tempo, os primeiros sinais do tema da detente começaram a emergir.

A cobertura dedicada durante estes anos ao envolvimento dos Estados Unidos na Guerra do Vietnã excedeu em muito a atuação dada a qualquer outra questão.⁶⁰ A manipulação soviética do tema tomou uma variedade de formas e concentrou-se tanto nos problemas internos quanto internacionais encarados pelos Estados Unidos como resultado de seu desempenho no conflito. Para começar, Washington foi acusada de tomar a iniciativa de uma política imprudente e cada vez mais genocida. Por exemplo, durante 1967 a *Novos Tempos* acusou o Pentágono de “tentar transformar em sucesso seu fracasso no Vietnã do Sul ao intensificar seu desumano ataque aéreo... Aviões americanos bombardearam diques e outras instalações de irrigação que não podem ser considerados, em hipótese alguma, objetivos militares”.⁶¹

As atividades de tempo de guerra eram caracterizadas como o resultado de uma política sistematicamente planejada e dirigida pelo Pen-

tágono. Como foi afirmado na *Novos Tempos*: “O comando americano deliberadamente calculou o momento destes ataques de surpresa de modo a coincidirem com o aumento do nível das águas dos rios do Vietnã... para causar inundações e destruir as colheitas.”⁶² De acordo com a propaganda soviética, os Estados Unidos foram culpados das mesmas atrocidades pelas quais os nazistas tinham sido julgados e condenados em Nuremberg.⁶³ Em suma, os Estados Unidos foram caracterizados como a “sociedade de guerra” orientada por uma “moralidade de Napalm.”⁶⁴ Estas acusações tornaram-se mais virulentas no período 1967-1969.

Que forças sustentaram a decisão dos Estados Unidos de buscarem tal política? De acordo com Moscou, as ações americanas foram o resultado do imperialismo e neocolonialismo americano. Um redator da *Novos Tempos* afirmou que “a política de Washington visa a tornar os países asiáticos uma vasta colônia do imperialismo americano, ao lado de seus aliados europeus e asiáticos”. Esta política irá “condenar a Ásia a permanecer o quintal do mundo, um apêndice produtor de matéria-prima para os imperialistas... O monopólio de exploração da riqueza natural destes países bloqueia o desenvolvimento de seu potencial industrial natural.”⁶⁵

Contrastando com a descrição dos Estados Unidos como um governo motivado por estas forças malévolas, o Vietnã do Norte e o Vietcong eram apresentados como entidades que lutavam por uma causa justa — a liberdade, a independência e liberação — em nome do povo vietnamita. De acordo com Moscou, esta distinção serviu para explicar por que os Estados Unidos estavam perdendo no Vietnã. Um artigo na *Novos Tempos* afirmava: “A enorme máquina de guerra americana mostrou-se incapaz de destruir a resistência inimiga... Eles estão determinados a continuar lutando por sua liberdade e sua independência.”⁶⁶

Este argumento foi repetido ainda com mais estridência durante a ofensiva do Tet.⁶⁷

Nada consegue subjugar o povo vietnamita. Não há qualquer solução militar para Washington. Quanto maior a escalada da agressão, tanto mais pesadas as derrotas infligidas aos agressores. Estas são as verdades nacionais tornadas claras novamente, com força renovada, pelas forças patrióticas contra as cidades sul-vietnamitas controladas pelo inimigo e bases militares americanas.

O país inteiro é agora virtualmente uma frente de batalha. Os invasores americanos nada deixaram atrás de si... O solo vietnamita está torrado sob os pés dos agressores, assim como todas as camadas da população — de camponeses e trabalha-

dores a comerciantes e industriais — se unem para a luta... De fato, que melhor exemplo poderia haver para a falácia da teoria da escalada (política americana) do que a captura da embaixada americana e dos edifícios governamentais pelas guerrilhas... Os Estados Unidos depararam com um fiasco político e estão suportando pesadas derrotas no campo de batalha. Os últimos acontecimentos tornam isto mais claro do que nunca.

As afirmações de Moscou, de que a ofensiva do Tet constituiu um sucesso total, parecem ter sido parte de um esforço maior de propaganda norte-vietnamita, para promover a idéia de que, já que a política militar americana de 1965 a 1968 não tinha evitado esta ofensiva “devastadora” em todo o país, os Estados Unidos, na realidade, tinham perdido a guerra. Pela ótica soviética, a ofensiva do Tet compelia agora os Estados Unidos a se voltarem para as conversações de paz como a única saída de Washington para a guerra.⁶⁸

A propaganda soviética também se concentrava cada vez mais nos efeitos da Guerra do Vietnã dentro dos Estados Unidos, focalizando problemas econômicos e políticos internos. Uma atenção especial (e de apoio) foi dada ao desenvolvimento do movimento americano antibélico.⁶⁹ Também se deu ênfase especial às tensões raciais que afligiam as cidades americanas, e elas foram tratadas como um indicador importante para o aniquilamento do regime capitalista americano, assim como em relação à Guerra do Vietnã. Assim, como a *Novos Tempos* afirmou em agosto de 1967, “o desespero acumulado através de décadas, e multiplicado por uma decepção amarga com as políticas da administração Johnson, então pródigo em suas promessas aos negros, é o que torna o atual conflito racial tão agudo e irreconhecível”.⁷⁰ Enquanto estas ocorrências eram: “agravadas pela Guerra do Vietnã”, a situação foi também grandemente agravada, na visão do autor, por “reacionários americanos... que não conhecem outro modo de resolver os problemas sociais senão através do modo fascista de terror e violência”.⁷¹

Durante este período, os soviéticos trabalharam deste modo a combinar as questões da guerra do Vietnã com as tensões raciais americanas internas (denominadas “a outra Guerra de Washington”) num grande tema geral dos Estados Unidos como uma “Sociedade Bélica”.⁷² De acordo com um artigo da *Novos Tempos*, de agosto de 1967, intitulado “Uma Sociedade Enferma”, os Estados Unidos estavam empenhados em “manter duas guerras — em casa, contra os negros, e no exterior, contra o Vietnã... As guerras e os dois problemas estão intimamente interligados”, e são o resultado do “imperialismo de força bruta americano”.⁷³

Somente duas vezes, durante este período de três anos, qualquer

outro assunto apresentado na “Resenha Internacional” do *Pravda* teve cobertura comparável àquela concedida à Guerra do Vietnã. O primeiro caso ocorreu como resultado da guerra de 1967, no Oriente Médio; e durante a última metade de 1967, o Oriente Médio e o Vietnã receberam aproximadamente igual ênfase. Qual, de acordo com Moscou, era o papel desempenhado pelos Estados Unidos na guerra de 1967? Um comentário na “Resenha Internacional” afirmou que, enquanto Israel era o agressor, os Estados Unidos (e a Grã-Bretanha) eram as forças provocadoras por trás da cena.⁷⁴ A *Novos Tempos* abordou o assunto de maneira semelhante. Observe, por exemplo, como esta publicação descreveu a oposição americana e a britânica à resolução do Conselho de Segurança da ONU, condenando Israel:⁷⁵

O mundo testemunhou um novo ato de agressão: Israel foi novamente a força de choque, mas não há a menor dúvida de que as forças imperialistas dos Estados Unidos e Grã-Bretanha estão por trás disto. Não é por acaso que os diplomatas americanos e britânicos fizeram o possível para acobertar Israel quando eles se opuseram à resolução do Conselho de Segurança da ONU que condenava o agressor... Existem muitos fatos que provam, sem sombra de dúvida, que Israel e seus partidários ocidentais eram mais uma vez aliados.

Como no caso do envolvimento americano no Vietnã, a assistência e o apoio militar a Israel foram caracterizados, na propaganda soviética, como resultantes das exigências do imperialismo. Foi dito que os objetivos americanos incluíam acesso assegurado ao petróleo do Golfo Pérsico e a liberdade de navegação, no Golfo de Ácaba, assim como motivar a queda dos governos egípcio e sírio. Em relação aos regimes de Cairo e Damasco, o objetivo americano — de acordo com Moscou — era lutar contra as “forças revolucionárias e de libertação nacional” do Terceiro Mundo (uma grande ameaça ao imperialismo), derrubando dois dos mais importantes proponentes destas lutas.⁷⁶

O outro único assunto que recebeu um nível de cobertura no *Pravda*, durante este período, igual à Guerra do Vietnã, foi relacionado à invasão soviética da Tcheco-Eslováquia. O comentário da “Perspectiva Internacional” acusou os Estados Unidos e outros membros da OTAN de, em conexão com a situação tcheca, tentarem subverter a unidade do bloco comunista por meio da propaganda maliciosa. Foi dito que os métodos ocidentais incluíam a promoção de atividades “contra-revolucionárias” que distorciam o significado do envolvimento soviético na Tcheco-Eslováquia, capitalizando na crise para dar novo alento à corrida armamentista ocidental, agravando a situação na Europa.⁷⁷

A guerra de 1967 no Oriente Médio e a crise de 1968 na Tcheco-

Eslováquia também foram objeto da atenção da *Novos Tempos* durante esses anos, mas este órgão de imprensa continuou a enfatizar duas outras questões que tinham sido apresentadas insistentemente no período de 1960-1962: a questão das armas nucleares e o desarmamento, e as relações entre os Estados Unidos e seus aliados da OTAN. (Embora estes temas também fossem discutidos na “Perspectiva Internacional”, a cobertura, ali, não era tão extensa quanto a da *Novos Tempos*.)

No caso da propaganda soviética que focalizava as relações com a OTAN. Moscou continuava a lidar com os problemas e seu desdobramento de maneira a promover divisões na aliança ocidental. Deu atenção especial aos perigos do revanchismo alemão, ao objetivo de Bonn de dominar militarmente a OTAN e à manipulação, por Washington, da aliança, visando à conservação de seus próprios objetivos expansionistas.

Uma importante linha de ataque enfatizava os perigos que advinham da cooperação americana com os revanchistas alemães, especialmente em conexão com o fortalecimento do poder militar alemão. Moscou argumentou que estas ocorrências apresentavam um grave perigo para o resto da Europa. A coluna “Resenha Internacional” de agosto de 1967, por exemplo, acusou os “imperialistas americanos” de tentarem transformar a Europa numa “arena de agressão” em conjunto com os revanchistas da Alemanha Ocidental que “mal podem esperar para conseguir tanto a posição dominante na OTAN quanto armas nucleares”, na esperança de atingirem seus objetivos da Segunda Guerra Mundial.⁷⁸ Esta coluna era típica da linha geral soviética, apresentada durante todo este período. Um artigo da *Novos Tempos*, intitulado “A Bundeswehr sobre a OTAN”, também publicado em agosto de 1967, afirmava que os “esquemas revanchistas” de Adenauer e Strauss, apoiados pelos americanos, procuravam “ocupar as posições chave da OTAN, estabelecer sua supremacia (a da Alemanha Ocidental), na Europa Ocidental, colocar as mãos nos recursos militares (especialmente armas de destruição em massa) e econômicos de todo o Ocidente, e depois começarem a executar o projeto estratégico de Bonn”.⁷⁹

Como foi observado anteriormente neste capítulo, o “projeto estratégico” habitual da Alemanha Ocidental foi caracterizado pelo Kremlin como nada menos que os planos alimentados por “Hitler e sua camarilha”.⁸⁰ Um artigo publicado em 1969 na *Novos Tempos* afirmava:⁸¹

O programa do governo da Alemanha Ocidental, de vingança e revisão das fronteiras européias, está aí à vista de todos. Foi redigido por Franz-Josef Strauss, que no início dos anos 40 era funcionário de propaganda das forças armadas alemãs de Hitler, e no final se constituiu em protegido dos americanos na política da Alemanha Ocidental... “Nossa tarefa ho-

je”, disse Strauss,” deve ser criar um cinturão entre a Rússia e a Europa Ocidental, uma espécie de ‘Europa intermediária’ que consistiria na ‘Polônia, Tcheco-Eslováquia, Hungria, Bulgária, Romênia etc..’ ” Bonn está preparando o terreno para a guerra contra o Oriente, de todas as maneiras possíveis: militar, psicológica e ideologicamente.

Além das acusações de revanchismo, a propaganda soviética também lançou a acusação de neofascismo contra o governo da Alemanha Ocidental. Como ocorreu no período de 1960-1962, o objetivo do Kremlin era convencer os europeus de que as ambições alemãs ameaçavam gravemente a segurança de toda a Europa.

Uma segunda linha de ataque verbal, soviético, contra a OTAN, concentrava-se diretamente nos Estados Unidos. Além da alegação de que Washington estava promovendo o revanchismo alemão, dois outros temas receberam considerável atenção: a acusação de que os Estados Unidos estavam estimulando a modernização militar contínua da OTAN e a afirmação de que o componente nuclear da estratégia da OTAN (isto é, o arsenal e a doutrina nuclear americanos) colocavam em perigo a própria existência da Europa. Moscou alertava frequentemente que “o aprimoramento da tecnologia militar e a saturação do continente com armas de destruição em massa (pelos Estados Unidos) alcançaram tal ponto, que os europeus devem pensar seriamente no perigo que os espera... o perigo de tornar a Europa o centro de uma guerra nuclear”.⁸²

Ao enfatizar este perigo, os soviéticos muitas vezes logravam o seu intento de despertar muitos europeus para o perigo externo que a estratégia nuclear americana apresentava para o continente.⁸³ Por exemplo, um artigo de 1969, da *Novos Tempos*, reportava uma desilusão crescente pela estratégia americana de resposta flexível.⁸⁴

Na Europa Ocidental, a nova abordagem foi considerada uma tentativa, por parte do exército americano, de procurar proteção por trás de seus parceiros da OTAN. O resultado foi um aumento de desconfiança e suspeita entre os parceiros do Atlântico. E embora esta estratégia de “resposta flexível” fosse eventualmente adotada, sob pressão de Washington, como a doutrina comum da OTAN, isto não pôs fim às controvérsias.

A propaganda soviética, por volta de 1969, estava anunciando uma oposição cada vez maior à estratégia nuclear americana, e as demonstrações contrárias à OTAN, na Europa, eram descritas como parte de uma onda crescente de oposição à política da OTAN, de “preparar para a agressão”.⁸⁵

A respeito do tema do desarmamento, a *Novos Tempos* — e, nu-

ma extensão menor, a “Resenha Internacional” — continuava a focalizar (como no período de 1960-1962) o compromisso soviético com o controle de armas e o desarmamento mundial, mesmo sob o ponto de vista da estratégia americana de conflito armado, e dos preparativos de guerra observados acima.⁸⁶ As acusações do Kremlin de que os Estados Unidos estavam engajados em preparativos de uma guerra nuclear harmonizavam-se com as caracterizações de Moscou, com respeito à estratégia agressiva de Washington na OTAN, e as duas afirmações juntas serviram para reforçar a descrição dos Estados Unidos como um governo que se preparava irresponsavelmente para iniciar uma guerra nuclear.

Contudo, durante o último ano do período 1967-1969, os soviéticos empreenderam uma mudança parcial de alvo e passaram a sugerir a possibilidade da detente entre Moscou e Washington. A primeira rodada de negociações preparatórias do SALT I começou em Helsinque em novembro de 1969. Os comentários que apareciam na “Resenha Internacional”, durante os meses de preparativos para as conversações, eram cautelosos, mas sugeriam a possibilidade de cooperação soviético-americana, limitada a certas questões. Por exemplo, o número de 23 de março de 1969 trazia um artigo a respeito da existência de forças “realistas” (isto é, cooperativas) no Ocidente.⁸⁷ Comentários deste tipo tinham se tornado mais frequentes por volta do final de 1969. Quais, na opinião de Moscou, eram as forças que tornavam possível esta mudança? De acordo com o artigo da “Resenha Internacional”, de dezembro de 1969, a derrota americana no Vietnã e o crescente reconhecimento de Washington acerca do poderio militar soviético tinham forçado certos elementos dos Estados Unidos a travarem uma luta aberta com as limitações ao poder e influência americanos.⁸⁸

A propaganda soviética, no entanto, chamou a atenção para o fato de que, enquanto alguns círculos que favoreciam as negociações se mostravam ativos nos Estados Unidos e na Europa, outros elementos do lado capitalista continuavam a usar todos os meios possíveis para aumentar a tensão e o conflito.⁸⁹ Os soviéticos afirmaram que este último grupo foi o responsável pelo alento dado ao revanchismo alemão, pelas tentativas de manipulação das crises tcheca e do Oriente Médio e pela intensificação da Guerra do Vietnã. Moscou de fato foi longe, a ponto de sugerir a existência de uma grande conspiração, na qual estes elementos reacionários do Ocidente se alinharam com os comunistas chineses para tramarem coletivamente contra a União Soviética. O comentário soviético, com respeito à luta de soviéticos e chineses no Rio Usuri, no verão de 1969, é um bom exemplo do uso deste tema por Moscou. De acordo com o *Pravda*, os chineses iniciaram a luta para provocar um motivo para cooperar com os Estados Unidos contra a União Soviética.⁹⁰

Uma análise dos comentários soviéticos durante o início da dé-

cada de 70 está além do escopo deste trabalho. Contudo, uma breve relação dos assuntos da *Novos Tempos*, publicados durante aqueles anos, indica que o tema do “realismo” americano recebeu uma cobertura cada vez maior, à medida que havia maior aproximação entre os Estados Unidos e a União Soviética. No seu recente livro intitulado *Dangerous Relations: The Soviet Union in World Politics*, (“Relações Perigosas: A União Soviética na Política Mundial”), Ulam descreve de modo penetrante a atitude de Moscou para com a detente e sua abordagem, e o modo como a detente influenciou o comportamento da política externa soviética. Por um lado, Ulam observa, os líderes do Kremlin não tinham esperanças de que a detente pudesse eliminar a “luta entre dois sistemas”; isto continuaria, embora de formas menos perigosas.⁹¹ Por outro lado, Ulam continua, a possibilidade de cooperação com Moscou, levou à modificação do tom de seus comentários sobre os Estados Unidos. A respeito do tratamento dado pela imprensa soviética à política externa de Nixon, Ulam observa que o Kremlin era:⁹²

cuidadoso para não permitir nenhuma crítica explícita a seu respeito na detente — a administração Nixon. Ao contrário, o Presidente e seus Secretários eram elogiados pela habilidade política e o realismo, mostrados tanto na determinação quanto na disposição de engajar-se em novo tipo de relacionamento com Moscou e todo o bloco soviético.

A guerra árabe-israelense de 1973, o escândalo de Watergate em Washington, o envolvimento soviético em Angola e outros eventos perturbadores atrasaram o processo da detente à medida que a década avançava. Contudo, como será discutido na próxima seção deste capítulo, o tema soviético do realismo ressurgiu ao final da década, com a eleição de Jimmy Carter.

Terceiro Período: 1976-1979

A propaganda direta soviética durante o período 1976-1979 foi caracterizada tanto pela constância de certas tendências dos anos anteriores, quanto pelo aparecimento de algumas características novas. O número de questões examinadas continuou a crescer, embora o nível de cobertura assegurada a cada uma variasse muito. No final da década de 70, a extensa cobertura de uma ou duas questões características dos dois períodos anteriores tinha sido substituída pelo exame de meia dúzia de temas. Além de aumentar o número de temas considerados, Moscou combinou vários deles e inter-relacionou estreitamente temas selecionados.

A questão da detente, que surgiu pela primeira vez em 1969,

tornou-se um tema importante no final da década de 70. De fato, uma das questões levantadas com mais persistência, durante esses anos, foi se o realismo (isto é, detente com Moscou) poderia ou não ter primazia sobre a agressividade e o militarismo que tinham dominado a política externa ocidental através de todo o período posterior à Segunda Guerra Mundial. Tanto a “Resenha Internacional” do *Pravda* quanto a *Novos Tempos* seguiram de perto a evolução dos acontecimentos referentes à detente e relacionaram seu resultado com numerosas outras questões e eventos.

A propaganda soviética do período 1976-1979 também demonstrou uma melhor capacidade de responder imediatamente às crises e eventos chaves. Além disso, a linguagem empregada na propaganda soviética — sem originalidade, monótona e ritualista (talvez uma de suas maiores fraquezas) na década de 60 — tornara-se consideravelmente menos prosaica no final da década de 70.

Um exame dos comentários publicados em 1976 revela uma modificação parcial nas severas acusações feitas contra os Estados Unidos, as quais tinham dominado a propaganda anterior. Ao invés, era evidente a existência de uma especulação cautelosa em torno das perspectivas da detente, e a ênfase dada ao papel central exercido pelas iniciativas soviéticas pela paz e pelo desarmamento para a promoção desta aproximação. Na primavera de 1976, por exemplo, a “Resenha Internacional” confirmou o entusiasmo soviético pela detente, e o desejo de Moscou de melhorar as relações com o Ocidente.⁹³ Outras edições do *Pravda* mostravam a detente como sendo “a meta principal da convivência internacional”,⁹⁴ e afirmavam que quando o Ocidente reconhecesse este fato “acordos seriam possíveis, mesmo em questões mais complexas”.⁹⁵

A cobertura cada vez maior dada ao processo da detente no Ocidente atraiu de um modo geral as atenções para “duas tendências contraditórias”. Enquanto as forças realistas que apoiavam a detente estavam em evidência no Ocidente, também existiam “opositores da detente”, que procuravam subverter o processo.⁹⁶ Ainda assim, mesmo existindo estas forças negativas, os soviéticos sugeriram que a eleição de Jimmy Carter poderia “aumentar a eficácia da detente”.⁹⁷

Durante o primeiro semestre de 1977, referências favoráveis à probabilidade da detente continuaram a aparecer com destaque nos comentários soviéticos, e vários artigos referiam-se à recém-inaugurada administração Carter como o principal proponente ocidental de relações mais “realistas” do Ocidente com o Oriente. Já em dezembro de 1976, a *Novos Tempos* observou que “alguns dos influentes assessores para assuntos militares e relações exteriores do Presidente eleito Jimmy Carter” falaram — segundo palavras da *Novos Tempos* — da “conveniência de reduzir a dependência em relação às armas atômicas” e da necessidade “de congelar, no atual estágio, o número de mísseis, o núme-

ro de ogivas, o poder total de lançamento, e o aspecto qualitativo".⁹⁸

Depois que Carter ocupou a Casa Branca, Moscou continuou a enfatizar "sua intenção de trabalhar pela normalização das relações internacionais e para pôr fim ao acúmulo de armas nucleares", assim como seu desejo de "alcançar um novo acordo para a limitação de armas estratégicas".⁹⁹ Também foi observado que "pontos de vista equilibrados sobre as relações americano-soviéticas foram expostos por influentes membros da administração Carter, como o Secretário de Estado Cyrus Vance e o Secretário de Defesa Harold Brown".¹⁰⁰ A *Novos Tempos* mostrou que, fora da administração, "George Kennan, autor da limitação baseada no uso da força" (entre outras figuras) estava agora mostrando "um certo grau de realismo".¹⁰¹

Durante este período, uma tendência semelhante foi evidente na abordagem soviética em relação à Europa. O *Pravda* observou, em junho de 1976, que "as forças políticas realísticas da Alemanha Ocidental sabem que não existe qualquer alternativa para a detente".¹⁰² A descrição que os soviéticos fizeram do governo de Bonn, durante estes anos, constituiu uma importante inversão do tratamento dispensado a Bonn na década de 60: ao invés de ser apresentada como a principal opositora da detente, como seria de se esperar, a Alemanha Ocidental era agora considerada o membro mais realista da OTAN. Indicações desta mudança aparecem inicialmente em 1969, quando um comentário soviético identificou pela primeira vez a existência de "duas tendências contraditórias" na Alemanha Ocidental.¹⁰³ Nos últimos anos da década de 70, foram raras as acusações de revanchismo, neo-fascismo, militarismo e ambições nucleares contra a Alemanha Ocidental.

A figura mais frequentemente identificada por Moscou como responsável por estas mudanças favoráveis foi o Chanceler Helmut Schmidt.¹⁰⁴ Em abril de 1978, a *Novos Tempos* descreveu Schmidt como o arquiteto de "tratados e acordos" com a União Soviética, com o objetivo de "criar a base para um processo de normalização a longo prazo".¹⁰⁵ Segundo Moscou, a normalização de relações estava rapidamente se tornando um "aspecto importante da política externa do governo de coalizão da Alemanha Ocidental".¹⁰⁶

Como foi observado acima, os comentários soviéticos, no que diz respeito às forças realistas no Ocidente, sempre foram tratados em termos de "duas tendências contraditórias": isto é, enquanto as forças do realismo procuravam normalizar as relações Ocidente-Oriente, o Pentágono e o Complexo Industrial-Militar (M-I-C) opunham-se continuamente a qualquer movimento nesta direção. No final de 1976 e início de 1977, Moscou afirmava que os opositores da detente estavam se preparando rapidamente para sabotar o tratado SALT II e quaisquer outros acordos em potencial de controle de armas.¹⁰⁷

Segundo os comentários soviéticos, estas forças obstrucionistas eram extremamente influentes e possuíam grande poder. Por exemplo,

a *Novos Tempos* reconheceu o mérito “das corporações da indústria de guerra e do exército” por terem pressionado, com sucesso, o Presidente Ford a “renunciar ao emprego da palavra detente” durante a campanha eleitoral presidencial de 1976.¹⁰⁸ O artigo continuou dizendo que desde a eleição estas forças tinham desencadeado uma “campanha maciça de propaganda em favor de maiores verbas para o Pentágono”.¹⁰⁹ Argumentava-se que a principal intenção destes “relatórios altamente provocadores” era dar uma falsa imagem dos gastos soviéticos com a defesa, o poderio militar e a estratégia nuclear. No caso da estratégia nuclear, estes elementos reacionários tinham apresentado o ponto de vista de que a União Soviética planejava ativamente “dar o primeiro golpe”. De acordo com Moscou, tal plano não constituía a estratégia da União Soviética, mas sim a dos Estados Unidos.¹¹⁰

Moscou não se contentava em simplesmente rejeitar estas acusações como sendo as mesmas antigas mentiras. Os líderes soviéticos iniciaram além disso, uma longa campanha de difamação contra o “Pentágono e o Complexo Militar-Industrial (M-I-C)”, com a intenção aparente de colocar a completa responsabilidade por qualquer aumento das tensões internacionais, ou pela corrida armamentista, nas mãos destes elementos.¹¹¹ A *Novos Tempos* apresentou em 1976 artigos sobre tais assuntos, como “Mercadoras da Morte”, que serviram de título para uma longa exposição sobre o suposto poder e influência do M-I-C.¹¹² Durante o primeiro semestre de 1977, foi dada ênfase à estratégia nuclear americana e ao aumento de armas.

A respeito do primeiro destes temas, os comentários soviéticos afirmavam que a postura americana fora baseada, desde o final da década de 40, em dois objetivos: a superioridade nuclear e a possibilidade da iniciativa do ataque.¹¹³ Por sua parte, o ataque verbal de Moscou contra o expansionismo armamentista americano concentrou-se na assim chamada “arma humanitária, a bomba de nêutrons” do Pentágono.¹¹⁴ Do ponto de vista do Kremlin, qual o poder desta coalizão M-I-C/Pentágono? Isto poderia alterar a orientação da política da administração Carter? De acordo com os comentários soviéticos, se Carter resistisse às pressões desta coalizão, dado “o poder ilimitado do Pentágono... um golpe de Estado não seria mais descartável”.¹¹⁵ Além do mais, observou a *Novos Tempos*, tais pontos de vista são mantidos por membros do Congresso americano.¹¹⁶

Também se dedicou atenção às forças similares dentro da liderança da OTAN, que se colocavam em oposição à detente. Como afirmava um artigo de 1976, da *Novos Tempos*:¹¹⁷

Tornou-se claro o motivo pelo qual o Comandante Supremo da OTAN cultivou o estilo Dulles, de brincar com o perigo. Ele está evidentemente alarmado com o fato de que, no clima de detente... os aliados da Europa Ocidental estão começando a

perder o interesse pela fabricação de armas dispendiosas e estão mesmo tomando partido, com mais intensidade, por sua limitação e mesmo redução”.

Um artigo da *Novos Tempos*, publicado no ano seguinte, notava que apesar desta tendência popular a liderança da OTAN persistiu em vetar acordos que iriam deter a corrida armamentista, justificando suas ações “sob a cobertura de mentiras sobre a ‘ameaça soviética’”.¹¹⁸

Durante a segunda metade de 1977, à medida em que — na visão soviética — as forças de agressão e do militarismo começaram a se afirmar com mais intensidade nos Estados Unidos, o tom dos comentários, no que dizia respeito à detente, tornou-se profundamente pessimista. A atenção voltada para o desenvolvimento militar americano começou a dominar o noticiário soviético, com ênfase especial nas armas de nêutrons.¹¹⁹ A administração Carter foi fortemente censurada por submeter-se às pressões do M-I-C e do Pentágono para o desenvolvimento de novas armas nucleares e a possibilidade de um primeiro ataque. A *Novos Tempos* afirmou:¹²⁰

O Presidente Carter deu o sinal verde para a fabricação dos mísseis de cruzeiro. Assim, os alertas no país e no estrangeiro sobre os graves perigos de desenvolver esta arma estratégica foram ignorados pela Casa Branca... A decisão de produzir em massa os mísseis de cruzeiro cria uma situação nova, dificultando ainda mais que se façam acordos nas conversações soviético-americanas sobre as limitações de armas estratégicas... Praticamente nenhum dia se passa sem notícias sobre comércio de armas... o orçamento do exército cresceu em 10.000 milhões de dólares... No início de junho, o Presidente decidiu desenvolver a nova ogiva nuclear MK-12A, a ser instalada no Minuteman-3... a nova ogiva está diretamente relacionada com o conceito de “iniciativa do ataque” do Pentágono. No final de junho, mais de milhão de dólares foram destinados à chamada bomba de nêutrons.

O autor do artigo concluiu que “os americanos sérios apenas imaginam onde a política americana é tramada — na Casa Branca ou no Pentágono?”¹²¹

Qual seria, do ponto de vista de Moscou, o motivo da vacilação de Carter? De acordo com a *Novos Tempos*, esta mudança nos rumos da política foi o resultado de uma reação política armada pela extrema direita, que lançou uma ofensiva que “revela sua abordagem inescrupulosa de questões chaves da política externa”.¹²² Os principais parceiros incluíam o M-I-C, o Pentágono, os “falcões” do Congresso e grupos “extra-oficiais” poderosos, como o Comitê sobre o Perigo Presente.¹²³

Carter foi criticado por “não fazer a menor tentativa para rebater esta propaganda maliciosa”, e Moscou descrevia agora a política de Carter como se ela refletisse o programa da extrema direita, e estivesse “conduzindo os Estados Unidos para um caminho perigoso”.¹²⁴

Durante o período que começou em meados de 1977, continuando por 1978, a propaganda soviética concentrou-se nas forças dos Estados Unidos e dos aliados da OTAN que promoviam uma política externa militarista e de extremismo e na capitulação de Carter diante destas forças. Este enfoque aparece no seguinte trecho de um longo artigo da *Novos Tempos* intitulado “O Complexo Industrial Militar: Dinheiro, Armas, Poder”, publicado em maio de 1978.¹²⁵

Os Estados Unidos são o berço do primeiro e mais poderoso complexo industrial militar do mundo... Eles conquistaram posições chave na economia do país e, como um tumor maligno, infectou todo o organismo do País. ... Não existe praticamente nenhuma esfera de atividade nos Estados Unidos que não seja influenciada pelo complexo industrial militar... A expansão de seus preparativos de guerra afeta adversamente a solução de problemas sociais e econômicos em escala nacional e internacional. (...) A solução destes problemas é geralmente adiada ano após ano, no mundo capitalista, porque a prioridade é para a produção de aviões e mísseis, tanques e aviões de transporte de mísseis atômicos.

O autor do artigo prossegue explicando que o M-I-C justifica o desenvolvimento das armas como uma ofensiva de “informação incorreta” que “ataca veementemente a detente” através da propagação do “espectro da ameaça soviética”.¹²⁶ O artigo também identifica o Comitê sobre o Perigo Presente como um grupo não oficial de pressão do Complexo Industrial-Militar e responsável por “aquela desgastada e já batida linha de propaganda de que a URSS busca a supremacia mundial”.¹²⁷ A *Novos Tempos*, além disso, afirmava que na Europa o centro principal do complexo industrial militar americano encontra-se no quartel-general da OTAN em Bruxelas.¹²⁸

Os comentários soviéticos desde meados de 1977 e por todo o ano de 1978 vincularam estas acusações gerais de intensificações do militarismo americano a vários assuntos específicos, sendo o mais importante a bomba de nêutrons. Durante o verão de 1977, logo após o Congresso americano ter aprovado fundos para a construção dessa arma, os soviéticos desencadearam uma campanha maciça de propaganda destinada a unir a opinião pública contra a decisão da administração Carter de criar tal armamento. A bomba de nêutrons se tornara um importante tema político em virtualmente cada capital européia em poucos meses. Embora esta campanha de Moscou fosse, por si mesma, de

curta duração, na verdade ela representava ainda uma outra fase do esforço propagandístico soviético posterior à Segunda Guerra Mundial, dirigido contra a falsa informação de decisões de expansão e dos orçamentos para defesa, dos Estados Unidos e da OTAN.

Os objetivos da campanha soviética antinêutrons eram deter o desenvolvimento da arma, pela OTAN, e dividir a aliança, apresentando os Estados Unidos como arquiteto de uma política de defesa que iria levar a Europa à guerra. Em muitos aspectos, esta campanha foi a repetição de um esforço elaborado durante 1961 e 1962, quando a possibilidade de desenvolver tal mecanismo foi inicialmente discutida no Ocidente. Naquela época, reconhecendo a importante contribuição que a arma de nêutrons poderia trazer para a defesa da Europa Ocidental — os soviéticos iniciaram imediatamente uma ofensiva propagandística contra o desenvolvimento da arma. De acordo com Khrushchev, “a bomba de nêutrons, tal como foi concebida pelos cientistas americanos, destruiria tudo que tivesse vida, mas deixaria intactos os bens materiais... Eles estão agindo como ladrões que pretendem matar um homem sem manchar de sangue a roupa dele, para poder usá-la”.¹²⁹

Depois de mais de uma década e meia, a propaganda soviética reproduziu, quase exatamente a mesma configuração, as acusações lançadas por Khrushchev no início da década de 60. A arma de nêutrons era agora descrita como uma arma capitalista projetada expressamente para destruir coisas vivas enquanto deixava a propriedade intacta, e foi apresentada como um armamento desumano que produz uma morte mais horrível do que a causada por qualquer outra arma. Moscou afirmou, da mesma forma, que a arma de nêutrons diminuiria o limiar de uma guerra nuclear, desse modo apresentando o conflito nuclear como mais “concebível” e mais provável. Ademais, foi afirmado que, já que se pretendia a arma principalmente para o uso na Europa Ocidental, os europeus iriam se tornar, desse modo, as primeiras vítimas de uma guerra nuclear comandadas pelos Estados Unidos. Finalmente, os soviéticos argumentaram que o desenvolvimento da arma de nêutrons iria interferir no equilíbrio de forças nucleares entre os Estados Unidos e a União Soviética, intensificando deste modo a corrida armamentista.¹³⁰ Ao fazer estas afirmações e acusações, Moscou ignorava, convenientemente, a existência de desequilíbrios que favoreciam a URSS, tanto no campo da guerra convencional quanto no da guerra nuclear, e rejeitava de plano a argumentação dos Estados Unidos de que a arma de nêutrons é antitanque e defensiva, com o objetivo de equilibrar a superioridade convencional dos soviéticos na Europa.

As acusações de Moscou foram ampliadas na Europa através de ampla variedade de fontes soviéticas oficiais e extra-oficiais. Por exemplo, Brezhnev enviou pessoalmente uma carta aos chefes de governo ocidentais alertando que a produção e implementação da arma de nêutrons iriam ameaçar seriamente a detente. Cartas semelhantes foram despa-

chadas do Soviete Supremo e de funcionários dos “sindicatos” soviéticos para parlamentares ocidentais e líderes trabalhistas. Os comentários soviéticos, tanto no *Pravda* quanto na *Novos Tempos*, assumiram uma posição mais dura, afirmando que a arma não só ameaçava a detente mas também aumentava grandemente a probabilidade de uma guerra nuclear na Europa.

Em suma, argumentava-se que os Estados Unidos estavam tentando transformar a Europa Ocidental num refém da política militar americana, ao imporem a arma de nêutrons a seus aliados. Como um artigo na *Novos Tempos* manifestava:¹³¹

Praticamente não pode haver dúvida alguma de que a bomba de nêutrons é uma arma cujo uso tem como objetivo a Europa Ocidental. Pois onde mais existe tamanha concentração de edifícios que os estrategistas da bomba de nêutrons desejam poupar. O argumento tecido em favor da bomba de nêutrons... é que ela é uma “bomba limpa” que não destruirá as igrejas, casas ou fábricas da Europa Ocidental... A falha deste argumento é que ele parte da premissa de que é improvável que os americanos usem as atuais armas nucleares na Europa devido à relutância sentimental de destruir edifícios e outros valores... Que o sentimentalismo não é uma característica do Pentágono fica suficientemente claro com a experiência no Vietnã.

O autor prossegue dizendo que o verdadeiro propósito da arma seria tornar possível o prosseguimento mais efetivo da guerra na Europa. O artigo continuava:¹³²

Os inventores da bomba de nêutrons vangloriam-se de que ela tem ainda outra vantagem do ponto de vista da “estratégia avançada” da OTAN. Ela não contamina o campo de batalha com precipitação radioativa, como ocorre com uma bomba “suja”. Precisa apenas remover os mortos e ir em frente pressionando sem interrupção. Esta “vantagem” representa outro passo no sentido da degradação moral do militarismo atual.

Os comentários soviéticos, durante estes meses, também incluíam ênfase cada vez maior à crescente oposição mundial ao desenvolvimento americano da arma de nêutrons. Os soviéticos registravam, frequentemente, demonstrações, discursos de pessoas importantes e formação de comitês de oposição, na Europa, onde este sentimento era mais forte.¹³³

Em 1979, uma crescente campanha de propaganda contra os planos da OTAN, de modernizar suas forças nucleares de médio alcance

(INF), substituiu a campanha contra a arma de nêutrons como o tópico mais importante utilizado por Moscou em sua tentativa de difamação da política militar americana e de enfraquecimento da aliança da OTAN. A campanha anti-INF tornara-se agora tema fundamental do esforço global da União Soviética, de definir a postura americana como militarista, e de encorajar o nascente movimento pacifista europeu. Esta investida de propaganda prosseguiu mesmo quando os Estados Unidos e a URSS estavam prestes a assinar o tratado SALT II (o que ocorreu em Viena em 18 de junho de 1979).

Em 10 de dezembro de 1978, o *Pravda* declarou que as “forças do imperialismo e da reação foram ativadas nos Estados Unidos”.¹³⁴ Mesmo depois da assinatura da SALT II, Moscou alertou que “o Comitê sobre o Perigo Presente, a União Conservadora Americana e a Aliança para a Paz pela Força”, eram todos vistos como “bem pagos pelo complexo industrial militar”, estavam conduzindo uma eficiente campanha de massa nacional, através dos meios de comunicação, para evitar a ratificação americana do tratado.¹³⁵ No final do verão de 1979, os soviéticos não só viram a ratificação do acordo SALT II falhar, como também sentiam haver motivo para registrar que “a campanha dos falcões resultou num aumento do novo orçamento para a defesa, assim como a decisão de prosseguir no desenvolvimento de novas armas nucleares — do qual o componente mais importante era a decisão de modernizar o poderio nuclear da OTAN”.¹³⁶

Em dezembro de 1979, em uma reunião especial realizada em Bruxelas, os ministros do Exterior e da Defesa da OTAN decidiram empreender a modernização do campo de operações das forças nucleares da OTAN, através da produção e do aperfeiçoamento eventual de 572 mísseis de cruzeiro e Pershing II. No início desse ano, à medida que os ministérios da OTAN iniciaram as deliberações que iriam eventualmente levar a esta decisão, Moscou respondeu imediatamente com uma intensa campanha com o objetivo de criar na opinião pública da Europa Ocidental um ambiente contrário à modernização das Forças Nucleares de Médio Alcance. Como no caso do empenho contra a arma de nêutrons, a nova campanha de Moscou assumiu uma variedade de formas. Entre estas o uso de atos públicos e gestões diplomáticas, propaganda aberta e colocações encoberta de artigos na imprensa, e também o emprego dos partidos comunistas e de grupos internacionais de fachada na Europa Ocidental.

Em grande medida, os principais temas apresentados durante a investida da propaganda contra os planos de modernização da OTAN refletiram aqueles empregados durante o trabalho inicial feito contra a arma de nêutrons. A modernização das Forças Nucleares de Médio Alcance (INF) iria gerar uma escalada da corrida armamentista na Europa, causada pelos norte-americanos, argumentava-se, aumentando

deste modo a probabilidade de uma guerra nuclear.¹³⁷ Moscou afirmava que o programa soviético de modernização nuclear não representava uma ameaça para a Europa Ocidental, não existindo pois, nenhuma justificativa para a decisão da OTAN de aumentar suas forças nucleares.¹³⁸ Como o *Pravda* salientou, a decisão a respeito das Forças Nucleares de Médio Alcance (INF) iria impor altos custos financeiros à OTAN e, portanto, era considerada desinteressante para muitos europeus.¹³⁹ Moscou observou também que a decisão da OTAN iria forçar a União Soviética a fortalecer, em resposta, suas próprias potencialidades nucleares.¹⁴⁰ Finalmente, o *Pravda* declarava que a proposta americana pretende, na realidade, funcionar apenas como um elemento de negociação, para fins de chantagear os soviéticos nas negociações da SALT, não tendo sido projetada especialmente para a defesa dos aliados norte-americanos da OTAN.¹⁴¹

Ao aproximar-se o momento da decisão da OTAN, o volume de cobertura de propaganda soviética dedicada ao tema aumentava e o tom empregado tornava-se mais áspero. No final de outubro de 1979, um artigo na *Novos Tempos* afirmava que os planos da OTAN “não visavam simplesmente à modernização” mas, na verdade, eram projetados como uma “coação nuclear” a ser “usada contra a URSS no caso de uma guerra” — um resultado considerado mais de acordo com os propósitos da OTAN.¹⁴² No final de novembro, Moscou definia as deliberações da OTAN como um “Frenesi de Mísseis da OTAN” dirigido pelos Estados Unidos e — no início de dezembro — como um componente do “Ideal Geopolítico de Hegemonia”.¹⁴³ Quando a decisão finalmente foi tomada, em dezembro, a favor da modernização das Forças Nucleares de Médio Alcance (INF), Moscou continuou a alertar a Europa sobre as consequências que adviriam. A *Novos Tempos* declarou:¹⁴⁴

A revista *Der Spiegel*, da Alemanha Ocidental, escreve, ao comentar os planos do Pentágono: “A fabricação de mísseis nucleares trarão a Washington uma vantagem: não terá mais que garantir a defesa da Europa e arriscar ter seu próprio território destruído no caso de uma guerra. No futuro, os Estados Unidos serão capazes de confinar à Europa não apenas os conflitos comuns, como também os nucleares.” Isto é altamente discutível, mas é óbvio o desejo de colocar outros em risco e ficar fora do principal campo de ação.

A oposição à arma de nêutrons e à modernização das Forças Nucleares de Médio Alcance (INF) constituíram os principais temas de propaganda utilizados pelos soviéticos em 1977, 1978 e 1979, em seus esforços de dividir a aliança da OTAN e encorajar o crescimento de movimentos pacifistas no Ocidente. Além destes assuntos, porém, grande ênfase também foi dada ao tema do imperialismo americano no Ter-

ceiro Mundo, especialmente com respeito à interferência americana nos esforços da União Soviética em oferecer ajuda aos países em desenvolvimento. A força central deste argumento parece ter sido planejada para equilibrar a crítica americana ao envolvimento soviético na África (e em qualquer outro país no Terceiro Mundo), ao apresentar os Estados Unidos como opositores das lutas de libertação.¹⁴⁵

A cobertura deste tema se centrou em Angola durante o período 1976-1977, se transferiu para a Etiópia em 1978 e concentrou-se no Afeganistão em 1979.¹⁴⁶ Além destas situações, o único outro conjunto de circunstâncias relacionadas com os assuntos do Terceiro Mundo e os Estados Unidos que recebeu atenção preferencial foi a rebelião no Irã, na última fase deste período. Como seria de se esperar, este “fracasso do imperialismo americano” recebeu extensa cobertura das fontes soviéticas de propaganda.¹⁴⁷

Um exame do caso da Etiópia serve para ilustrar a abordagem geral empregada pelos soviéticos neste campo. Moscou definiu sua intervenção neste país como uma ajuda à “revolução etíope”, que era retratada como “vítima de agressão” promovida pelos Estados Unidos. Nas palavras da *Novos Tempos*, a União Soviética “a pedido do governo etíope... proporciona material e assistência técnica”, enquanto os Estados Unidos e seus aliados tinham “se apoderado da luta interna na Etiópia para desequilibrar a situação no sul do continente africano”.¹⁴⁸

Os soviéticos apresentaram uma variedade de outros temas secundários de propaganda durante o período 1976-1979, que focalizavam os Estados Unidos *per se* ou na aliança Europa-Estados Unidos (por exemplo, o comentário das crescentes crises sociais e econômicas que afligiam as sociedades ocidentais). Outro componente do esforço de propaganda de Moscou durante estes anos, no entanto, requer uma atenção especial: a grande campanha do Kremlin por todo este período contra a CIA.¹⁴⁹ O ataque de Moscou compreendia uma série de acusações, muito numerosas para serem examinadas aqui. Não obstante, deve ser observado que estas acusações em geral parecem estar coerentes com o objetivo soviético a longo prazo — instituído quase que imediatamente após o começo da CIA no final da década de 40 — de difamar a Agência ao retratá-la como uma arma do imperialismo americano que somente ajudava os regimes ditatoriais e que empregava os métodos mais desonestos e draconianos. Dois exemplos simples servem para demonstrar o uso que os soviéticos faziam desta abordagem de sua propaganda.

Em 1977, a *Novos Tempos* publicou uma série em duas partes, razoavelmente extensa, titulada “Na Trilha dos Assassinos de um Presidente”. Ao focalizar as “forças sinistras” por trás do assassinato do Presidente John F. Kennedy, o autor destes artigos apontou o dedo acusador para a CIA e o Complexo Industrial Militar. A *Novos Tempos* declarava:¹⁵⁰

No outono de 1963 o Presidente Kennedy ordenou que se pusesse fim aos ataques de sabotagem contra Cuba... Esta ordem encontrou forte resistência das agências do serviço secreto... O Presidente também estava pretendendo pôr fim à intervenção militar americana na Indochina, o que enfureceu o Pentágono e o levou a juntar forças com o serviço secreto contra a Casa Branca.

O autor continuava afirmando que já que era “impossível remover Kennedy por meios legais... a única alternativa que restava a seus oponentes era matá-lo”.¹⁵¹ O restante da sequência pretendia revelar significativamente como estes eventos foram cobertos e concluiu com a observação de que nos Estados Unidos “o assassinato político tornou-se uma tradição estabelecida”.¹⁵²

Uma extensa série de quatro partes, publicada na *Novos Tempos* no outono de 1979, com o título de “Silhuetas de Langley”,¹⁵³ fornece o segundo exemplo. Esta série, que sabidamente retirou parte de suas verdades de escutas do Congresso americano, apresentou uma história (iniciada no começo da década de 50) de atividades conduzidas pela CIA “um centro de espionagem, provocação e subversão sem paralelo na história da humanidade”.¹⁵⁴ As acusações lançadas contra a CIA nestes artigos eram reflexos do esforço de propaganda soviética pós-Segunda Guerra Mundial, dirigida contra o serviço secreto americano.

A *Novos Tempos* definia agora a CIA como “um dos principais instrumentos da elite dominante americana, que gostaria de refazer o mundo da maneira que melhor se adaptasse a seus propósitos, para impor em toda parte sua concepção de ordem”.¹⁵⁵ A série continuava dizendo que, para ajudar nesta meta, “o trabalho da CIA consistia em levar a cabo uma guerra psicológica, e 90 por cento de seus recursos destinam-se a este fim”. A motivação fundamental é nada menos de que o desejo de “subverter o sistema político de um país escolhido como alvo... esta é a finalidade para a qual a Agência foi estabelecida, e sua razão de ser”.¹⁵⁶

ANÁLISE LONGITUDINAL DOS TEMAS DA PROPAGANDA SOVIÉTICA

A seção anterior deste capítulo apresentou uma descrição e explicação dos resultados obtidos através de uma análise textual da propaganda externa soviética entre 1960 e 1980. Nesta seção, as tendências

da propaganda soviética serão examinadas quantitativamente, por meio de uma análise longitudinal dos comentários aparecidos na “Resenha Internacional” do *Pravda*.

Com base na análise quantitativa de conteúdo nos é possível classificar os comentários soviéticos sobre os Estados Unidos e a OTAN em dez categorias temáticas (descritas anteriormente neste capítulo). Os temas foram ordenados por categoria, de acordo com a relativa frequência com que cada um apareceu na “Resenha Internacional” durante períodos de tempo específicos (neste estudo, medidos numa série de unidades de 12 semanas). Por exemplo, um escore de cem por cento para um tema específico durante um dado período de 12 semanas significaria que todos os assuntos e eventos relacionados com o Ocidente, que receberam atenção na “Resenha Internacional” durante aquele segmento de tempo, estavam diretamente associados somente com aquele tema.

A Tabela 1 apresenta, em forma de sumário, os resultados gerais de nossa análise de conteúdo da “Resenha Internacional” nos poucos períodos de dois ou três anos examinados neste capítulo. (Um tema deve ter recebido ao menos 10 por cento do total de comentários sobre os Estados Unidos e a OTAN, durante um período de tempo específico, para ser registrado na tabela.)

TABELA 1. TENDÊNCIAS DOS PRINCIPAIS TEMAS DA PROPAGANDA SOVIÉTICA

	Agressi- vidade	Milita- rismo	Ameça à Unidade do Bloco	Crise no Ocidente	Oposição às Nego- ciações	Realismo
1960-1962	69% *	15%	—	—	—	—
1967-1969	79%	— **	10%	—	—	—
1976-1979	25%	10%	12%	12%	20%	10%

* Os números representam a percentagem de comentários relacionados com o Ocidente, publicados na “Resenha Internacional”, referente a cada tema, durante um dado período.

** Menos de 10 por cento.

Os resultados desta análise quantitativa são coerentes com as amplas tendências da propaganda soviética, já identificadas em nossa análise textual descritiva. Para começar, a análise quantitativa revela que, à medida que o número de assuntos e eventos discutidos na “Resenha Internacional” aumentava, durante o período 1960-1980, o número de temas de propaganda empregados também aumentava. As afirmações sobre a agressividade americana e da OTAN constituíam o tema pre-

dominante no início da década de 60; 69 por cento de todos os comentários sobre o Ocidente estavam relacionados com este tema. Somente um outro assunto — intimamente relacionado com o do militarismo — alcançou ou excedeu a marca dos 10 por cento (e, deste modo, foi incluído na Tabela 1). Estes resultados têm correlação diretamente com a análise descritiva apresentada para o período de 1960-1962.

Durante o período 1967-1969, os comentários soviéticos foram ainda mais unilaterais, com referências à agressividade, abrangendo 79 por cento de toda a opinião externada sobre os Estados Unidos e a OTAN. Esse resultado quantitativo não é surpreendente, em vista da extensa cobertura dedicada tanto pelo *Pravda* quanto pela *Novos Tempos*, durante estes anos ao envolvimento americano no Vietnã. Como foi dito anteriormente, os comentários soviéticos sobre a questão da Indochina assumiram aspectos diferentes mas inter-relacionados, e Moscou empreendeu um esforço sistemático para associar este assunto a vários problemas internos e internacionais enfrentados pelos Estados Unidos. Outros assuntos ligados ao tema da agressividade, durante este período, foram o perigo do revanchismo alemão e a manipulação americana da OTAN, com o objetivo de alcançar as metas expansionistas próprias de Washington. O único outro tema que recebeu pelo menos 10 por cento de cobertura durante estes anos foi a afirmação sobre as ameaças ocidentais à unidade do bloco comunista, através de meios subversivos e propaganda anti-soviética. Esta acusação foi especificamente relacionada com os acontecimentos que envolveram a crise tcheca de 1968.

Seis dos dez temas identificados neste estudo alcançaram um escore de pelo menos 10 por cento na análise quantitativa conduzida no segmento de tempo de 1976-1979, como indicado na Tabela 1. Estes resultados também comprovam, em termos quantitativos, conclusões apresentadas em nossa análise descrita. Durante estes anos, o tema negativo da agressividade caiu para 25 por cento de cobertura recebida, enquanto o tema mais positivo do realismo alcançava agora um escore de 10 por cento. Contudo, isto não deve significar que um balanço equitativo foi alcançado entre o comentário positivo e negativo — pois enquanto a cobertura sobre a agressividade caiu outros indicadores negativos recebiam atenção muito mais significativa do que em períodos anteriores. Estes temas cada vez mais enfatizados (e seus escores de cobertura) incluíam o militarismo (10 por cento), ameaça à unidade do bloco (12 por cento), oposição às negociações (20 por cento) e crise no Ocidente (12 por cento). É claro que a propaganda soviética permaneceu esmagadoramente negativa, com 80 por cento de todos os comentários sobre os Estados Unidos e a OTAN situando-se em temas negativos.

Finalmente, alguns temas secundários também receberam mais cobertura durante o período 1976-1979, embora não atingissem a marca

dos 10 por cento. Por exemplo, o tópico da falta de credibilidade da política externa americana não apareceu durante o início da década de 60, nem tampouco o tema da cumplicidade americana com outros inimigos da URSS, no período 1960-1962, nem no de 1967 a 1969. Contudo, durante o período 1976-1979, cada um destes temas apareceu mais frequentemente, com a falta de credibilidade da política externa americana associada ao processo da SALT, e à questão da conspiração ligada às relações americanas com a China. Durante os dois segmentos da década de 60, examinados neste capítulo, metade dos dez temas identificados recebeu menos de 2 por cento da cobertura da “Resenha Internacional” relacionada com o Ocidente. Contudo, durante os anos de 1976-1979, somente o tema da violação dos direitos humanos no Ocidente apresentava média menor que 2 por cento da cobertura apresentada.

ANÁLISE LONGITUDINAL COMPARATIVA

Na parte precedente deste capítulo, os temas relativos à propaganda soviética foram examinados de uma perspectiva longitudinal quantitativa. Esta abordagem terá continuidade nesta seção, com uma avaliação destes temas de modo comparativo, e em combinação um com o outro. As questões seguintes serão: Qual tem sido o peso relativo do comentário negativo em oposição ao positivo, a respeito dos Estados Unidos e da OTAN? Até que ponto Moscou vê os Estados Unidos e a OTAN como uma ameaça? Como Moscou tem usado os índices de problemas sociais, econômicos e políticos no Ocidente?

Comentários negativos versus comentários positivos

A análise descritiva do texto da propaganda soviética durante o período 1960-1980, apresentada anteriormente, mostrou que enquanto os comentários soviéticos se tornaram um pouco menos agressivos durante a década de 70 (devido à crescente ênfase do assim chamado realismo ocidental), no todo eles permaneceram corretamente negativos. Na próxima seção, esta conclusão será confirmada quantitativamente. Aqui nossos resultados quantitativos serão mostrados por gráficos. A ênfase será dada à comparação do comentário positivo, no que diz respeito ao realismo, e dos seguintes indicadores negativos do comportamento americano e da OTAN: agressividade, hostilidade (uma síntese que combina os temas de agressividade, militarismo e ameaças à unidade do bloco comunista) e oposição às negociações.

O Gráfico 1, que compara realismo com agressividade, reela uma importante diferença entre a década de 60 e o final dos anos 70. Durante toda a década de 60, as referências à agressividade dos Estados Unidos e da OTAN — que incluíam o comportamento aventureiro e provocativo, o aumento de tensões internacionais e a exploração do mundo em desenvolvimento — dominaram a propaganda soviética. (Entre 50 e 98 por cento de todos os comentários sobre o Ocidente continham tais referências.) Por outro lado, o tema do realismo ocidental recebeu uma cobertura insignificante durante a década de 60. Ao contrário, durante o segmento de tempo de 1976 a 1979, a agressividade ficou entre 9 e 41 por cento de toda a cobertura relacionada com o Ocidente na “Resenha Internacional”, enquanto a parcela do comentário dedicado ao realismo ocidental flutuou entre 10 e 20 por cento.

Deste modo, enquanto as referências ao realismo constituíam uma média de somente 1,6 por cento de todos os comentários dedicados aos Estados Unidos e a OTAN, durante a década de 60, o número correspondente subiu para quase 10 por cento durante os anos de 1976-1979. Como está demonstrado no Gráfico 1, os níveis mais baixos de referências à agressividade ou coincidem ou seguiram imediatamente o apogeu de cobertura sobre o realismo. Também se deve observar que os dois períodos em que o realismo recebeu ênfase maior foram o primeiro ano do Presidente Carter e o verão de 1979 (quando se deu a assinatura dos acordos SALT II).

Enquanto os dados apresentados no Gráfico 1 tendem a ser consistentes com nossa análise descritiva anterior, do período 1960-1980, de certo modo o gráfico parece exagerar, ao dar uma impressão de maior equilíbrio entre os comentários positivo e negativo, do que na verdade ocorreu. Contudo, a agressividade é somente um dentre os inúmeros temas de propaganda usados pelos soviéticos para apresentar, em termos negativos, os Estados Unidos e a OTAN. Por esta razão, a medida para a hostilidade — que combina os temas da agressividade, militarismo e ameaças ocidentais à unidade do bloco comunista — é um indicador mais apropriado para ser comparado ao tema do realismo ocidental.

À medida que o Gráfico 1 revela a agressividade, o Gráfico 2 retrata um declínio no comentário negativo (isto é, a cobertura dedicada à hostilidade) no segmento de tempo de 1976-1979, em comparação com a década de 60. Contudo, a estreita relação entre o crescimento do comentário positivo e o declínio do comentário negativo é muito menos evidente do que no Gráfico 1. Em outras palavras, enquanto a proporção de cobertura dedicada ao realismo durante os anos 1976-1979 tinha como média aproximadamente 10 por cento, a medida combinada de hostilidade representava, não obstante, uma média de 50 por cento de todos os comentários soviéticos sobre o Ocidente publicados na “Resenha Internacional” durante este segmento de tempo. Um exame bre-

ve do tema do militarismo ajudará a explicar esta diferença.

O Gráfico 3 apresenta um aumento significativo nas referências ao militarismo ocidental (principalmente americano) no final da década de 70. A linha de tendência retratando a proporção da cobertura dedicada a este tema salta de números que tinham uma média de 8 por cento, no final de 1976 e início de 1977, para 25 por cento no verão seguinte, e 35 por cento no outono de 1977. Este aumento repentino ilustra o recrudescimento da crítica soviética às forças que, nos Estados Unidos, se opuseram à detente e defenderam uma expansão militar.

Além disso, foi durante estes meses que as negociações SALT II fracassaram e a administração Carter acusou o governo soviético de inúmeras violações dos direitos humanos. Esta tendência ascendente declinou com a assinatura dos acordos SALT II, mas começou a crescer de novo rapidamente, em abril de 1979. No final do ano, 20 por cento de todos os comentários relacionados com o Ocidente se centravam no militarismo.

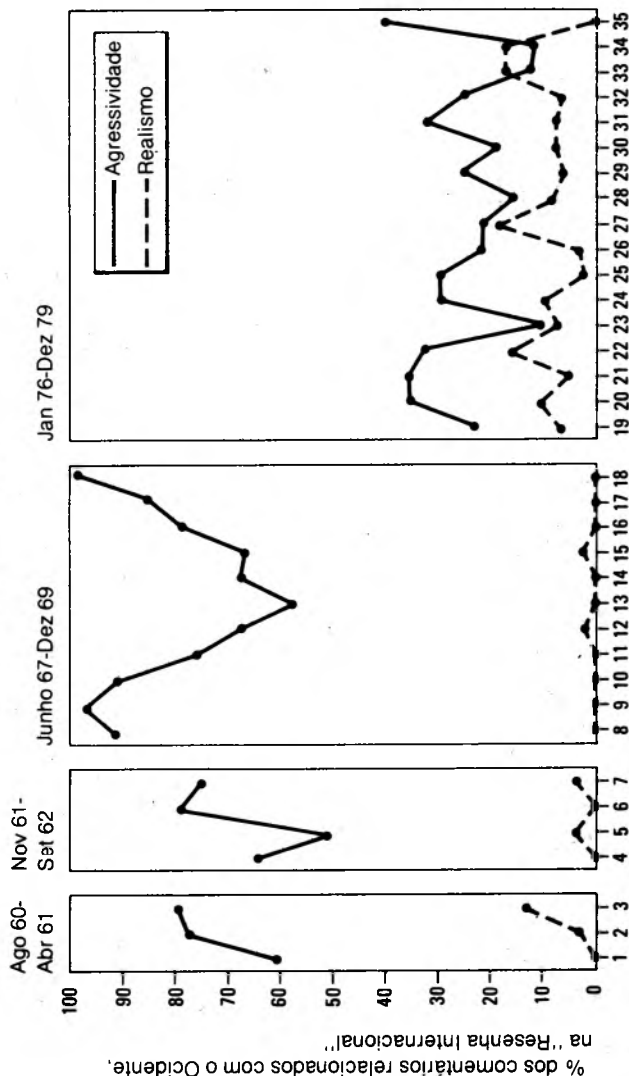
O Gráfico 4' indica a percentagem dos comentários soviéticos dedicados ao tema da recusa americana de negociar com a URSS. Este tema — embora não incluído na medida da hostilidade — é outro indicador de propaganda negativa com o objetivo de depreciar o Ocidente. Este tema foi virtualmente ignorado durante a década de 60; mas, por volta de 1976-1979, ele constituiu uma média de 20 por cento dos comentários da "Resenha Internacional", no que dizia respeito aos Estados Unidos e à OTAN.

O curso da linha da tendência parece caminhar de forma paralela com as negociações SALT neste período. Deste modo, a linha cai do máximo dos 60 por cento em 1978 para 10 por cento no primeiro semestre de 1979, quando as conversações foram concluídas e se havia chegado a um acordo. Contudo, a curva ascendente mostra o período em que a ratificação do tratado tornou-se cada vez mais incerta e uma cifra próxima a 40 por cento foi atingida no verão de 1979. A proporção dos comentários dedicados a este assunto diminuiu para 10 por cento, no final do ano, talvez porque os líderes soviéticos tenham decidido concentrar-se no tema mais contundente do militarismo.

Em suma, um exame quantitativo das referências à combinação de temas agrupados sob a medição da hostilidade e dos comentários ligados ao tema da oposição ocidental às negociações sugere que pouca mudança ocorreu, entre os anos 1960 e 1980, na propaganda soviética dirigida contra os Estados Unidos e a OTAN. Em outras palavras, enquanto a caracterização negativa dos Estados Unidos e da OTAN, por parte de Moscou, era menos intensa na década de 70 do que na de 60, ela não obstante continuou a dominar os comentários soviéticos. Embora os soviéticos incluíssem algumas referências aos cada vez mais numerosos partidários do realismo e da detente no Ocidente, a maior parte da propaganda externa soviética trazia uniformemente um impulso ne-

GRÁFICO 1

Temas da (a) Agressividade Ocidental e (b) do "Realismo" Ocidental



NOTA: modo com que a análise de conteúdo é utilizada neste estudo, para analisar a "Resenha Internacional" do Pravda, foi apresentado com detalhes em outra parte deste capítulo. (Ver a seção sobre "Método e Projeto de Pesquisa" e Nota 10.) Para resumir: Cada parágrafo foi analisado e foi feito um cálculo do número de vezes em que foi expressa uma opinião sobre os Estados Unidos e/ou a OTAN. Estes dados foram sintetizados em 35 períodos de doze semanas e

os sumários dos dados brutos foram convertidos em percentagens. Isto gerou 35 pontos dados (os números abaixo de cada gráfico) para as análises de linhas de tendências dos períodos 1960-1962, 1967-1969 e 1976-1979. Os gráficos apresentam a relativa frequência da ocorrência de vários temas de propaganda medidas como uma percentagem sobre todo o comentário da "Resenha Internacional", focalizando os Estados Unidos e a OTAN.

GRÁFICO 2
Temas da (a) Hostilidade Ocidental e (b)
do "Realismo" Ocidental

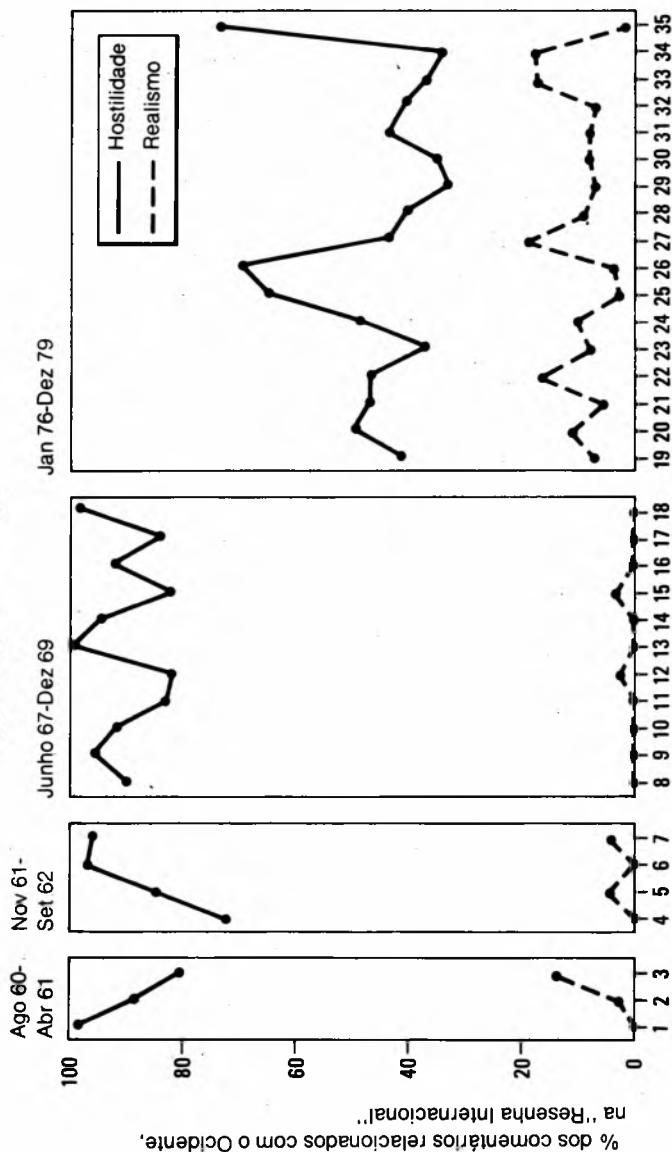


GRÁFICO 3

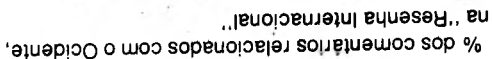
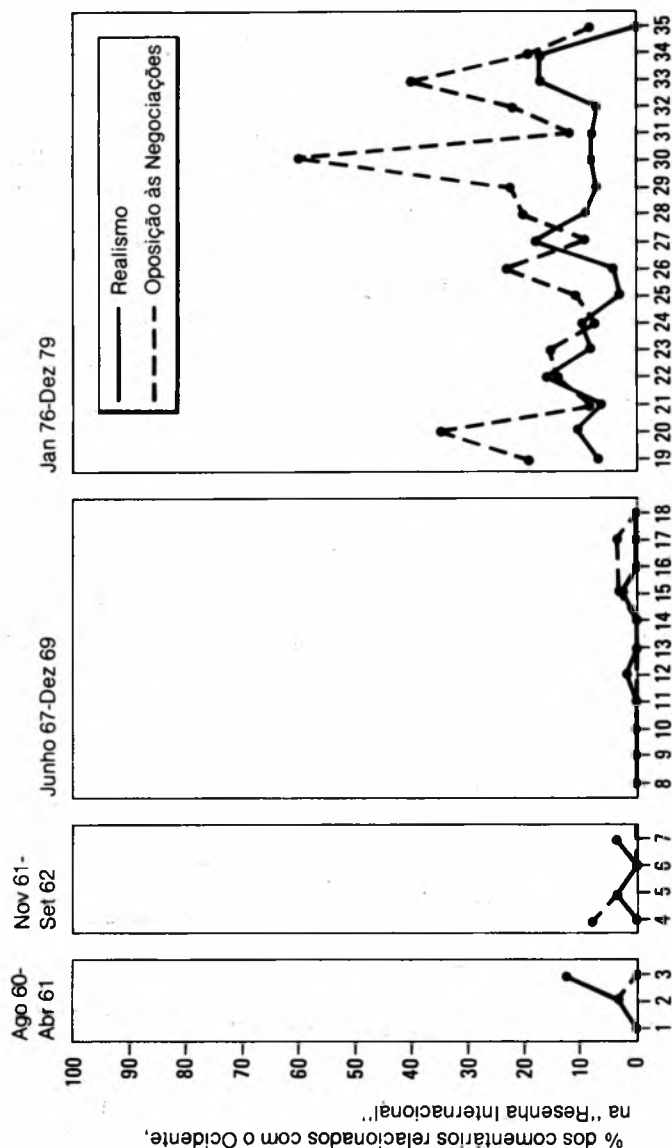


GRÁFICO 4
Temas da (a) "Realismo" Ocidental e (b)
da Oposição Ocidental às Negociações



gativo e manteve-se extremamente crítica quando tratava dos países ocidentais.

As ameaças dos Estados Unidos e da OTAN à URSS

A noção de ameaça indica um perigo mais direto e imediato do que a agressividade. O último tema da propaganda soviética, como definido neste estudo, refere-se à aventura, ao comportamento provocativo, às ações que conduzem ao aumento da tensão internacional e à interferência na política das nações do Terceiro Mundo. Moscou utiliza tipicamente o tema da agressividade de maneira um tanto teórica para definir a “natureza” fundamental da aliança dos Estados Unidos e da OTAN. Por outro lado, temas focalizando a idéia de ameaça sugerem um perigo muito mais imediato, e a existência de um desafio real — ao invés de teórico.

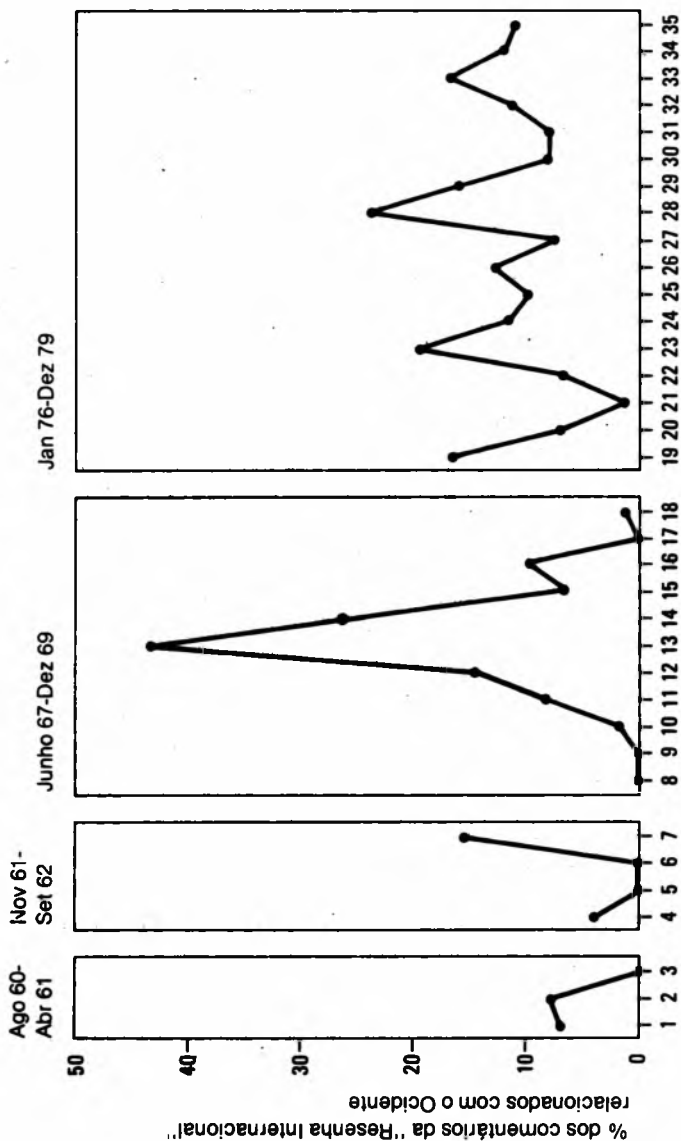
Um exame mais minucioso da medida da hostilidade discutida anteriormente sugere que dois de seus temas constitutivos — o militarismo e a ameaça à unidade do bloco comunista — podem ser interpretados como um indício de perigo imediato. Isto também parece ser verdadeiro sobre o tema que enfoca a pretensa cumplicidade ocidental com um inimigo da URSS. A ação da propaganda centrada na ameaça à unidade do bloco comunista parece refletir um desafio imediato e direto, enquanto os outros dois temas parecem sugerir ameaças que, quanto à sua natureza, são a mais longo prazo.

Como se indica no Gráfico 5 a acusação de Moscou, de que o Ocidente ameaça debilitar a unidade do bloco comunista, constituiu um aspecto secundário nos comentários da “Resenha Internacional” no início da década de 60. Em 1968, porém, este tema aumentou abruptamente, em proporções aos comentários publicados, e depois caiu a seu antigo nível de 1969. Durante o segmento de tempo de 1976 a 1979, a proporção dos comentários relacionados com o Ocidente, dedicados a este tema, flutuou entre 10 e 20 por cento. Depois de ter como média um escore de cobertura de somente 3,5 por cento durante os anos 1960-1962, esta investida da propaganda recebeu 43 por cento de cobertura durante agosto-outubro de 1968, e depois caiu para zero em 1969.

É interessante observar a sequência de eventos que ocorreram durante o período de maior atenção da propaganda com este assunto. A causa do aumento de cobertura parece ter sido a crise na Tcheco-Eslóvaquia, que culminou com a invasão soviética, em 20 de agosto de 1968. As acusações de uma ameaça ocidental à unidade do bloco receberam uma atenção maior nos meses que se seguiram imediatamente

GRAFICO 5

Tema das Ameaças à Unidade do Bloco Comunista



à invasão do que no período imediatamente anterior. A ênfase do Kremlin, depois que suas tropas haviam sufocado a rebelião ante a suposta existência de perigo vindo do Ocidente, parece sugerir que este tema foi parcialmente usado para justificar a invasão, e não refletiu um sentimento verdadeiro de ameaça.

O segundo tema que parece sugerir a existência de uma ameaça do Ocidente é a acusação de uma conspiração com um inimigo da URSS. (Ver Gráfico 6). As acusações de uma conspiração americana com a Alemanha Ocidental constituíram um tema secundário no início da década de 60. O tema logo virtualmente desapareceu até meados de 1978. Com início em novembro de 1978 e continuando até o fim de 1979, as acusações de conspiração dos Estados Unidos com a China, contra a URSS, receberam crescente atenção propagandística. Esta maior cobertura provavelmente foi um reflexo da preocupação soviética com as implicações em potencial, a longo prazo, da visita de Zbigniew Brzezinski à China, em maio de 1978, e à troca de acordos diplomáticos entre os dois países, em janeiro de 1979.

Como foi observado anteriormente, o tema do militarismo ocidental também parece ter sido projetado para realçar a presença de ameaça à União Soviética. O Gráfico III revela que o uso deste tema tem sido extraordinariamente irregular. As flutuações abruptas parecem refletir as paradas e reinícios dos desenvolvimentos estratégicos e dos gastos com a defesa por parte dos Estados Unidos, ao invés da reação soviética a uma ameaça a longo prazo e genuinamente percebida como real contra a URSS. Em outras palavras, o uso desta linha de propaganda pelos soviéticos não foi claramente o reflexo da preocupação de Moscou quanto ao verdadeiro poderio militar ocidental *per se*, mas uma resposta à ameaça periódica de uma séria escalada nos gastos do Ocidente com a defesa.

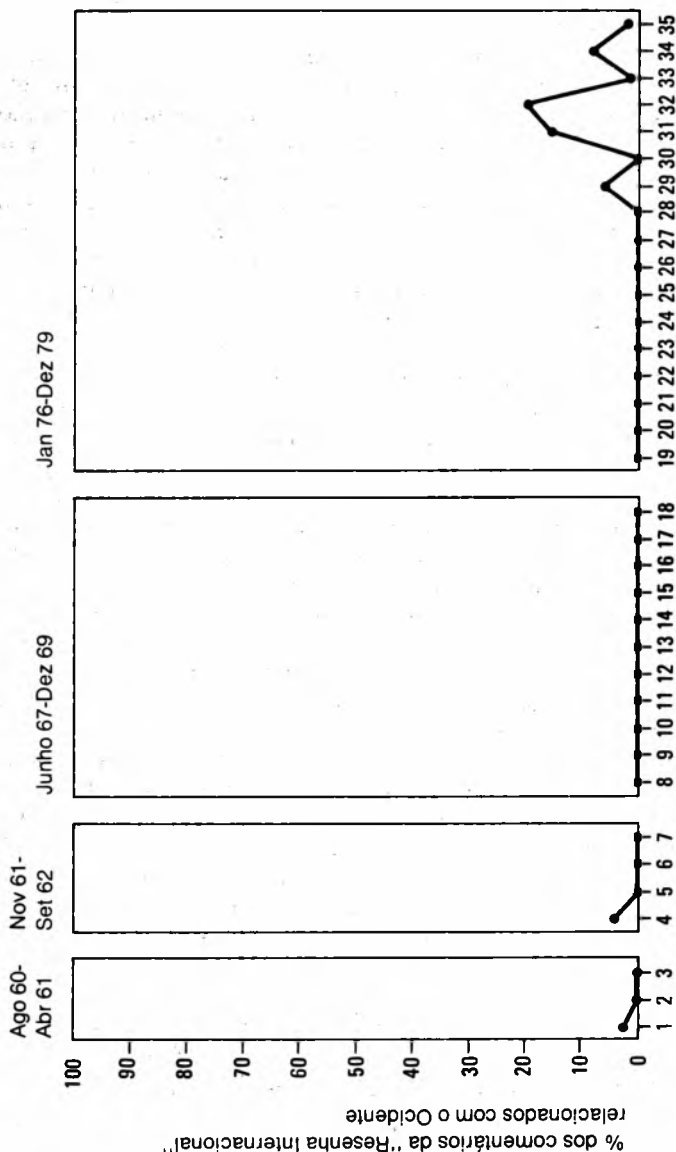
Em suma, apesar do tom claramente antiamericano e anti-OTAN, predominante nos comentários da "Resenha Internacional" durante o período 1960-1980, uma análise cuidadosa revela poucos sinais de que os líderes soviéticos na realidade perceberam uma ameaça direta do Ocidente à União Soviética durante aqueles anos. Na realidade, o uso pelos soviéticos dos três temas ligados à ameaça parece refletir uma tentativa de apresentar a URSS como uma vítima inocente. Parece que, no uso destes temas de propaganda, considerações táticas de política externa, ao invés de preocupações sérias de segurança, podem muito bem ter constituído a motivação principal de Moscou.

O Ocidente em crise e os problemas da aliança da OTAN

Os pontos de vista de Moscou sobre a força e a debilidade inter-

GRAFICO 6

Tema das Ameaças à Unidade do Bloco Comunista



na da sociedade ocidental contribuem, sem dúvida, para a percepção de uma ameaça por parte dos soviéticos, e constituem um fator importante na formulação da política externa e nas atividades militares da URSS. Dois temas tratados na “Resenha Internacional” — a crise no Ocidente e os problemas da aliança da OTAN — são relevantes. Os indicadores mais frequentemente empregados para o tema da crise no Ocidente são a atenção às divisões raciais, a opressão da classe trabalhadora e o desemprego de proporções cruciais, assim como a repetição do refrão oficial: “crise do capitalismo”. Os comentários soviéticos que refletem o conteúdo dos problemas da aliança da OTAN se concentram nas divisões entre os aliados ocidentais. De acordo com a imprensa soviética, os fatores-chave que contribuem para estas divisões incluem a interferência dos Estados Unidos na política da Europa Ocidental e a pressão norte-americana sobre estes governos para se curvarem às preferências de Washington.

A cobertura dada aos problemas das alianças — um tema periódico nas décadas de 60 e 70 — flutuou irregularmente durante o período 1960-1980, mas a proporção dos comentários da “Resenha Internacional”, dedicada a este assunto, era sempre relativamente baixa, como se indica no Gráfico 7. Somente por duas vezes — no início de 1978 e no final de 1979 — este tema recebeu o equivalente a 10 por cento de todos os comentários focalizando os Estados Unidos e a OTAN. Estas ocorrências, que faziam parte de uma tendência geral para uma cobertura maior deste tema, durante o período de 1976-1979 sugere que Moscou concluiu que a aliança com a OTAN estava cercada de tensões internas cada vez maiores. A reação de Moscou foi dar ênfase crescente à “discórdia na aliança” como um tema importante de propaganda. Esta avaliação coincide estreitamente com nossa análise descritiva anterior, dos anos 1976-1979.

À medida em que o período 1960-1980 avançava, ênfase propagandística maior foi dada ao tema das crises internas nas sociedades ocidentais. (Ver Gráfico 8.) Durante os anos 1967-1969, este assunto recebeu muita ênfase, com atenção maior para o efeito debilitante da Guerra do Vietnã sobre a economia e a sociedade dos Estados Unidos, a mensagem do movimento antiguerra e a extensão dos protestos e dos conflitos raciais nas cidades americanas. Contudo, a maior cobertura ocorreu durante o início de 1977, quando referências aos problemas econômicos ocidentais eram especialmente frequentes. Nesta época, 40 por cento dos comentários relacionados com o Ocidente, feitos na “Resenha Internacional”, tinham relação com o tema da crise no Ocidente. Depois disto, a cobertura do tema decaiu rapidamente, mas permaneceu como um componente importante (com uma média de 12 por cento) da propaganda relacionada com os Estados Unidos e a OTAN, durante o período de 1976-1979.

GRAFICO 7

Tema dos Problemas da Aliança com a OTAN

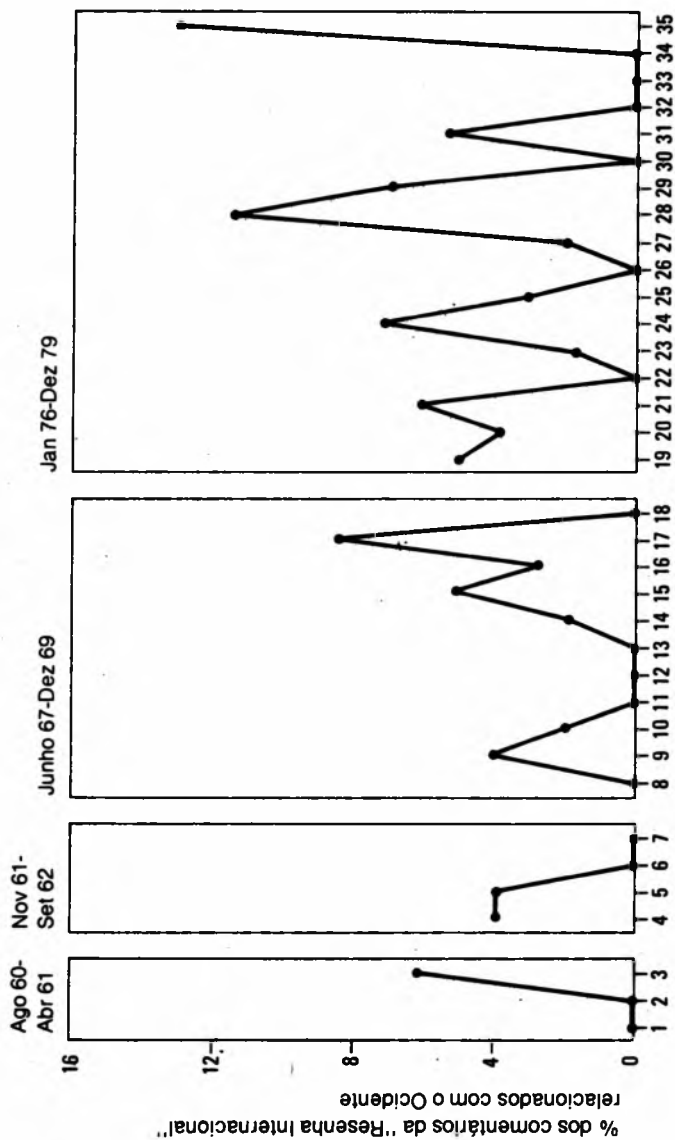
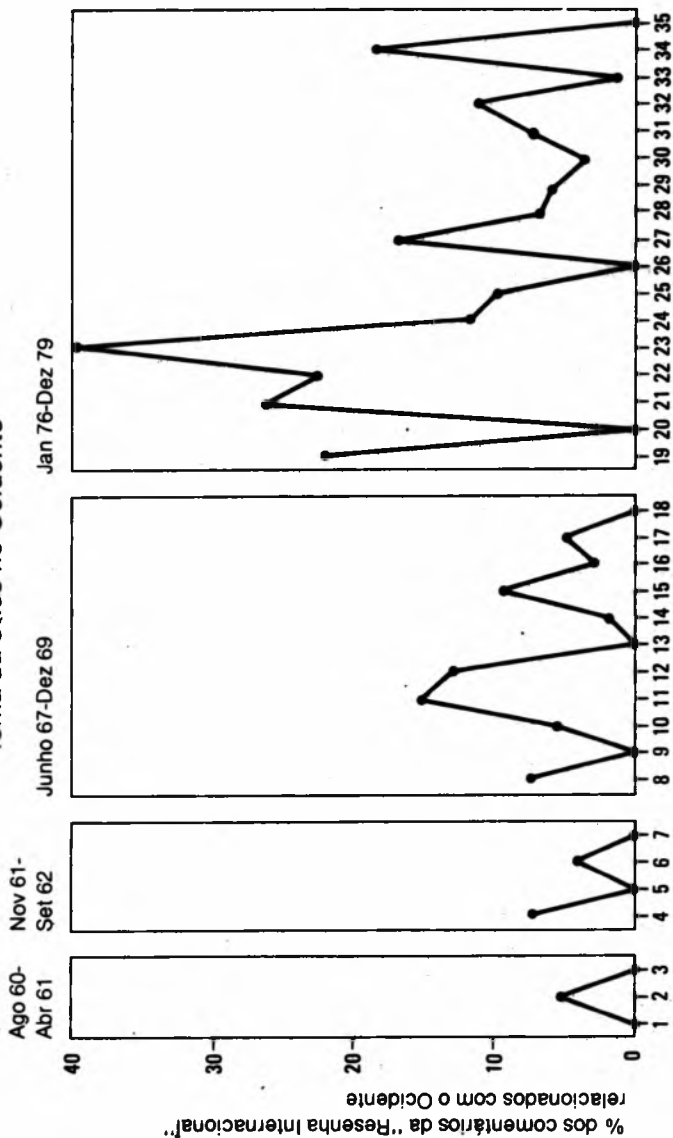


GRAFICO 8

Tema da Crise no Ocidente



Em resumo, a crescente ênfase dada a estes dois temas no final da década de 70 sugere que divisões dentro e entre os países ocidentais eram vistas pelos líderes do Kremlin como assuntos importantes para a propaganda soviética.

RESUMO

Durante o período 1960-1980, a propaganda soviética direta dirigida contra os Estados Unidos e a OTAN — como se refletiam tanto na “Resenha Internacional” do *Pravda* quanto na *Novos Tempos* — foi caracterizada pela uniformidade e intensidade, bem como pela complexidade, flexibilidade e sofisticação.

A análise textual descritiva e quantitativa demonstra que a preponderância da propaganda soviética durante a década de 60 e a última metade da década de 70 apresentou sempre os Estados Unidos e a OTAN em termos negativos. Durante a década de 60, estes comentários negativos focalizaram os temas da agressividade e do militarismo dos Estados Unidos e da OTAN. O comportamento americano, em questões internacionais, foi retratado como aventureiro, provocador, responsável por crescentes tensões internacionais e de exploração do Terceiro Mundo (isto é, o tema da agressividade). Os Estados Unidos e a OTAN foram apresentados como responsáveis pelo aumento da corrida armamentista, por contar com a força militar para alcançar os objetivos de sua política externa, e por buscar a superioridade nuclear (isto é, o tema do militarismo). Durante a década de 60, aproximadamente 10 por cento de todas as referências relacionadas com o Ocidente na “Resenha Internacional” estavam associadas a estes dois temas negativos — um resultado quantitativo, de acordo com a análise textual descritiva da *Novos Tempos* divulgada nas seções iniciais deste capítulo.

Durante a década de 70, a descrição soviética dos Estados Unidos e da OTAN permaneceu geralmente constante em sua caracterização negativa e difamatória do Ocidente. Como na década de 60, aproximadamente 80 por cento de todas as referências de propaganda na “Resenha Internacional”, relacionadas com o Ocidente, retrataram os Estados Unidos e a OTAN em termos desfavoráveis. Contudo, além das acusações de militarismo e agressividade, outros temas negativos foram então empregados. Por exemplo, tanto os Estados Unidos quanto a OTAN opunham-se ao SALT e a qualquer outro acordo negociado sobre problemas internacionais. Moscou acusava os Estados Unidos de interferirem nos assuntos dos países comunistas, e dizia que Washington desejava basicamente subverter a unidade do bloco comunista. No final da década de 70, Moscou também descrevia o Ocidente como atravessando uma grave crise econômica, política e social.

Estes resultados são reveladores, tendo em mente o fato de que a década de 70 encerrou significativamente os anos da distensão e do relaxamento das tensões Ocidente-Oriente. É importante observar que, enquanto a propaganda soviética dava atenção à detente e identificava o surgimento de forças “realistas” no Ocidente, estes acontecimentos quase sempre eram discutidos em termos da existência de “duas tendências contraditórias” no comportamento ocidental. Além do mais, o tema do realismo ocidental recebeu somente 10 por cento dos comentários da “Resenha Internacional” durante o segmento 1976-1979, enquanto os temas negativos receberam aproximadamente 80 por cento da cobertura total. (Conclusões semelhantes são apresentadas em nossa análise descritiva do texto.) Em suma, é evidente que independentemente — de um ponto de vista ocidental — de as relações Ocidente-Oriente atravessarem um período de distensão (isto é, a detente) ou de intensificação de tensões (isto é, a guerra fria), a propaganda soviética aberta continuou em geral a descrever os Estados Unidos e a OTAN em termos constantemente negativos e difamatórios.

Enquanto os Estados Unidos eram persistentemente caracterizados como a principal ameaça à paz mundial, uma análise cuidadosa da propaganda soviética indica que, na realidade, o Kremlin não percebeu qualquer ameaça ou desafio direto a seus interesses de segurança que emanavam da suposta agressividade e militarismo americano. A incompatibilidade entre a propaganda soviética e a percepção real da ameaça por Moscou pode ser parcialmente explicada considerando os objetivos táticos da política externa do Kremlin — especialmente o desejo de enfraquecer a aliança ocidental — ao invés de por suas preocupações imediatas de segurança.

Intimamente relacionadas com esta característica de constância temática estão a intensidade e a duração das mensagens que a propaganda externa soviética procura transmitir. Como foi demonstrado pelo exame que fizemos do período 1960-1980, temas gerais como a agressividade e o militarismo são repetidos de muitas e variadas formas, virtualmente *ad infinitum*. Além do mais, os soviéticos são capazes de saturar seus meios de comunicação com assuntos e eventos relacionados com estes temas para assegurarem uma cobertura regional ou global. As campanhas de propaganda de Moscou, tanto contra as armas de nêutrons como contra o programa de modernização das Forças Nucleares de Médio Alcance da OTAN são exemplos importantes deste processo. Igualmente reveladora foi o levantamento, por parte de Moscou, de várias campanhas de propaganda dirigidas contra o envolvimento americano no Vietnã.

O aumento no número de assuntos e eventos divulgados durante a última metade da década de 70, em comparação com o início da década de 60, assim como a intensidade com que estes temas foram combinados e inter-relacionados, aponta para a crescente complexidade e

sofisticação da propaganda externa soviética. Como foi observado acima, o esforço soviético de propaganda, durante a década de 60, concentrou-se quase que exclusivamente em um ou dois temas. No final da década de 70, seis temas receberam uma cobertura significativa. Além disso, os eventos e assuntos específicos associados a estes temas proliferaram, demonstrando a crescente complexidade dos comentários soviéticos. O número dos que receberam cobertura de propaganda também aumentou muito, de modo que a mesma atenção foi dedicada tanto aos subgrupos e indivíduos americanos durante o final da década de 70 quanto aos Estados Unidos como um todo. No final da década de 70, os soviéticos tinham conseguido uma habilidade um tanto impressionante para relacionar múltiplos assuntos e pessoas com temas específicos. A linguagem e o estilo dos comentários soviéticos apresentaram uma melhora significativa, com o passar dos anos. A propaganda soviética, durante o final da década de 70, nem de perto parece tão monótona e ritualista, se comparada com os comentários do início da década de 60.

Finalmente, a análise da propaganda externa soviética sobre o período de vinte anos em questão revela crescente flexibilidade. Isto permitiu que Moscou reagisse rapidamente aos assuntos e eventos críticos do dia. O repentino aparecimento do tema da conspiração, no comentário soviético, à medida que as relações dos Estados Unidos com a China melhoraram, em 1978, é ilustrativo a esse respeito. As intensas campanhas de propaganda foram uma resposta imediata à decisão americana de desenvolver a arma de nêutrons, e a decisão da OTAN; de modernizar suas forças nucleares, também serve como exemplo da flexibilidade e da eficiência soviética.

NOTAS

1. A literatura sobre a propaganda externa soviética, da década de 50 ao início da década de 60, parece consubstanciar esta afirmação. Entre os estudos mais importantes, consultar Frederick Barghoorn, *Soviet Foreign Propaganda* (Princeton: Princeton University Press, 1964); John Clews, *Communist Propaganda Techniques* (Nova Iorque: Praeger, 1964); Bower Evans, *Worldwide Communist Propaganda Activities* (Nova Iorque: Macmillan, 1955); e Evron M. Kirkpatrick, ed., *Target: The World* (Nova Iorque: Macmillan, 1956).
2. Consultar Barghoorn, *Soviet Foreign Propaganda*; Clews, *Communist Propaganda Techniques*; W. Phillips Davison, *International Political Propaganda* (Nova Iorque: Praeger, 1965); e Suzane Labin, *The Technique of Soviet Propaganda* (Washington, DC: GPO, 1967).
3. Consultar William Daugherty e Morris Janowitz, ed.: *A Psychological Warfare Casebook* (Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1958); Paul Linebarger, *Psychological Warfare* (Washington, DC: Infantry Journal Press,

1948); e Daniel Lerner, ed., *Propaganda in War and Crisis* (Nova Iorque: Stewart Publishers, 1950).

4. No campo das relações internacionais, os seguintes trabalhos constituem importantes contribuições ao estudo deste assunto: Harold Lasswell, Nathan Leites e associados, *Language of Politics: Studies in Quantitative Semantics* (Cambridge, MA: Stewart Publishers, 1949); Ole Holsti, Robert North, e Richard Brody, "Perception and Action in the 1914 Crisis," in J. David Singer, ed., *Quantitative International Politics* (Nova Iorque: Free Press, 1968); Ole Holsti, *Crisis, Escalation, War* (Montreal: McGill-Queen's University Press, 1972); Charles Hermann, et al., *Code Manual for Analytic Deck of Comparative Foreign Policy Events* (Columbus, OH: Ohio State University, 1971); Maurice A. East, "Size of Foreign Policy Behavior: A Test of Two Models", *World Politics* (julho de 1973), pp. 556-576; Alexander George, "The Operational Code: A Neglected Approach to the Study of Political Leaders and Decision-Making", *International Studies Quarterly* (junho de 1969), pp. 190-222; e Stephen Walker, "The Interface Between Beliefs and Behavior", *Journal of Conflict Resolutions* (março de 1977), pp. 129-173.

As comunicações soviéticas foram também analisadas, sistematicamente. Trabalhos importantes incluem Harold Holder, "Russian Propaganda in Exchange Publication", *Journalism Quarterly* (outono de 1965); Lasswell, Leites e associados, *Language of Politics*; Natalie Grant, *Communist Psychological Offensive: Distortion in the Translation of Office Documents* (Washington, DC: Research Institute of the Sino-Soviet Bloc, 1961); M.C. Lodge, *Soviet Elite Attitudes Since Stalin* (Columbus, OH: Charles E. Merrill, 1969); e William Zimmerman e Robert Axelrod, "The 'Lesson's' of Vietnam and Soviet Foreign Policy", *World Politics* (outubro de 1981) e "The Soviet Press and Soviet Foreign Policy: A Usually Reliable Source", *British Journal of Political Science* (abril de 1981).

5. Os seguintes temas de pesquisa foram sintetizados de trabalhos de ciências sociais que focalizam a análise de dados de comunicações de massa. Estas questões tratam dos tipos de assuntos que podem orientar projetos de pesquisa visando à análise da propaganda estrangeira. (1) Quais são as amplas tendências no conteúdo das comunicações? (2) Que diferenças existem no conteúdo dos vários canais de comunicação de um país específico? (3) Em que grau o conteúdo da propaganda estrangeira coincide com os objetivos políticos? (4) Como um ou mais governos utilizam diferentes técnicas de propaganda? (5) Quais são as intenções ou objetivos fundamentais das comunicações estrangeiras? (6) Qual a extensão da eficácia da propaganda estrangeira, em atingir seus objetivos? (7) Como pode um país alvo agir contra uma campanha da imprensa estrangeira dirigida contra si?

Estes são somente os temas de pesquisa mais óbvios que poderiam ser aplicados. Para uma discussão mais ampla destas questões e assuntos relacionados, ver Claire Sellitz, Lawrence Wrightsman e Stuart Cook, *Research Methods in Social Relations*, 3.ª ed. (Nova Iorque: Holt, Rinehart, and Winston, 1976).

6. B. Berelson, *Content Analysis in Communications Research* (Glencoe, IL: Free Press, 1952); George Gerbner, et al., ed., *The Analysis of Communications Content: Developments in Scientific Theories and Computer Techniques* (Nova Iorque: Wiley, 1969); B.L. Simeth, Harold Lasswell e R.D. Casey, *Propaganda, Communications, and Public Opinion* (Princeton: Princeton University Press, 1946); Ole Holsti, G. Aninovich, e D. Zinnes, *Content Analysis: A Handbook* (Evanston, IL: Northwestern University Press, 1963); Ole Holsti, *Content Analysis for the Social Sciences and Humanities* (Reading, MA: Addison-Wesley Publishing Co., 1969).

- 7 Estas regras para conduzir uma análise de conteúdo, sistemática, são baseadas no método científico empregado em várias abordagens empíricas das ciências sociais. Elas incluem (1) a identificação de categorias, claras e explicitamente definidas, para a classificação e a análise dos dados; (2) o recolhimento de uma amostra representativa, imparcial, dos dados a serem analisados; (3) a seleção da técnica quantitativa apropriada para analisar a amostra dos dados; e (4) a elaboração de um projeto de pesquisa que possa ser repetido e verificado. Ver especialmente Ole Holsti, *Content Analysis for the Social Sciences*.
8. Selltiz, Wrightsman e Cook, *Research Methods in Social Relations*, p. 392.
9. Por exemplo, uma amostra ao acaso, da Rádio Moscou, foi considerada, mas foi rejeitada por motivos metodológicos. Isto porque os procedimentos de amostragem do Serviço Estrangeiro de Informação de Radiodifusão (FBIS), para reproduzir os programas da Rádio Moscou não se baseiam em técnicas empíricas de amostragem de som. Consequentemente, a amostra do Serviço Estrangeiro de Informação de Radiodifusão pode ser distorcida. A *Novos Tempos* também foi levada em conta, mas foi considerada uma amostra massiva demais para uma análise de conteúdo.
10. Como foi observado anteriormente, durante a primeira metade da década de 60 havia falhas na aparição semanal da "Resenha Internacional". Para superar este problema, analisamos cada parágrafo de coluna (a unidade de análise é o parágrafo), contando cada vez que uma opinião sobre os Estados Unidos e/ou a OTAN fosse emitida; resumimos os dados em períodos de doze semanas; e convertimos os resumos dos dados brutos em percentagens. Isto originou 35 dados específicos para uma análise de linhas de tendências.

Foram omitidos os períodos de doze semanas que apresentavam intervalos na publicação. Isto resultou na subdivisão do período de 1960-1962 em dois segmentos (agosto de 1960-abril de 1961 e novembro de 1961-outubro de 1962). Pela mesma razão, os primeiros dados coletados para o período de 1967-1969 foram de maio de 1967, como resultado de intervalos que ocorreram durante a parte inicial do ano.

Este procedimento resultou em 35 escores de percentagens de doze semanas para os dez principais temas de propaganda durante os períodos de 1960-1962, 1967-1969 e 1976-1979. Embora nossas amostras não sejam perfeitamente iguais, na análise final elas proporcionam uma base de dados melhor do que outras alternativas disponíveis.

11. Com base em uma revisão extensa da literatura citada em notas anteriores do autor, acreditamos que o nosso projeto de pesquisa constitui um esforço original para analisar a propaganda externa soviética. Esperamos que nossa abordagem sirva para estimular outras pesquisas nestes assuntos ou relacionados a eles.
12. Por exemplo, "Resenha Internacional", *Pravda*, 17 de outubro de 1960 e 21 de novembro de 1960.
13. Para um Desarmamento Completo e Geral", *Novos Tempos* (no. 5, 1960), p.l.
14. Desarmamento Total: Que Significaria para o Povo Soviético?" *Novos Tempos* (Nº 1, 1960), pp. 10-13.
15. Para análises que cubram a década de 50 e o início da década de 60, ver Barghoorn, *Soviet Foreign Propaganda*; Clews, *Communist Propaganda Techniques*; Daugherty e Janowitz, ed.; *A Psychological Warfare Casebook*; Alexandra Sulyma, "The Russian Orthodox Church as a Tool of Soviet 'Peace Policy'", *Ukrainian Quarterly*

- (março de 1958), pp. 49-57; William Ewer, *Communists on Peace* (Londres: Batchworth Press, 1953); Harry Overstreet e Bonaro Overstreet, *The War Called Peace: Khrushchev's Communism* (Nova Iorque: Norton, 1961); e Peter Viereck, "The Trojan Dove", *Russian Review* (janeiro de 1953), pp. 3-15.
16. Barghoorn, *Soviet Foreign Propaganda*, p.86.
 17. Ver Barghoorn, *Soviet Foreign Propaganda*, e Labin, *The Technique of Soviet Propaganda*.
 18. Para uma discussão interessante, ver *Substitute for Peace* (Fredericton, New Brunswick: Centre for Conflict Studies, University of New Brunswick, 1982), pp.5-8.
 19. Ibid, p.7. Para uma declaração soviética atual, ver Y. Zakharov, "The World Revolutionary Process and Peaceful Coexistence", *International Affairs* (No. 4, 1978).
 20. Barghoorn, *Soviet Foreign Propaganda*.
 21. "Resenha Internacional", *Pravda*, 15 de agosto de 1960.
 22. "Pentagon to Resume Nuclear Testing", *Novos Tempos* (No.2, 1960), pp.3-5; "The Big Hole Theory", *Novos Tempos* (No.6, 1960), pp.9-10; "They Thrive on Provocation and Blood", *Novos Tempos* (No.23, 1960), pp.6-10; "American Provocative Act Against the Soviet Union", *Novos Tempos* (No.20, 1960), pp.33-40; e "Secrets of the First Atomic War", *Novos Tempos* (No. 29, 1961), pp.30-31.
 23. "What's Happening at the Test Ban, *Novos Tempos*, (No.16, 1961), pp.14-16.
 24. Ibid; e "No New Approach", *Novos Tempos*, (No.13, 1961), p.2.
 25. "Resenha Internacional", *Pravda*, 30 de janeiro, 1962; 26 de fevereiro, 1962; e 12 de março, 1962.
 26. "Halt the Drift to War", *Novos Tempos*, (No.37, 1961), p.1.
 27. "The Outgoing Year", *Novos Tempos*, (No.52, 1961), p.1.
 28. Ibid., p.2.
 29. "Exceptional Measures Needed", *Novos Tempos*, (No.8, 1962), pp.4-5; e "Vital Necessity", *Novos Tempos*, (No.10, 1962), pp.1-2.
 30. "Symbol of Hiroshima", *Novos Tempos*, (No.29, 1961), pp.25-31.
 31. "Acceptable Nuclear War — The Latest US Theory", *Novos Tempos*, (No.12, 1962), p.5.
 32. "Ibid., p.6.
 33. "World Without Weapons", *Novos Tempos*, (No.12, 1962), pp.1-2.
 34. Em 1962, a *Novos Tempos*, publicou uma série em quatro partes, sobre a história do esforço soviético pelo desarmamento, que se iniciou com a Conferência de Gênova de 1922. Ver "Reminiscences of the 1922 Genoa Conference," *Novos Tempos*, (Nos.15-18, 1962).
 35. "Crime in Space", *Novos Tempos*, (No. 25, 1962), pp.9-11; e "Demilitarize Outer Space", *Novos Tempos*, (No.26, 1962), p.6.
 36. "Humane Weapons Theory", *Novos Tempos*, (No.40, 1962), pp.13-14).
 37. "Meaning of the US Disarmament Plan", *Novos Tempos*, (No.20, 1962), pp.30-31.
 38. "America's Nuclear Napoleon", *Novos Tempos*, (No.27, 1962), pp.3-4.
 39. Sobre Cuba, ver "Resenha Internacional", *Pravda*, 20 de setembro, 1960; 24 de outubro, 1960; 6 de março, 1961; 7 de setembro, 1962; e 15 de outubro de 1962. Com relação ao Laos, ver "Resenha Internacional", *Pravda*, 20 de setembro, 1960; 6 de março, 1961; e 24 de maio, 1961. Comentários sobre Berlim inclui "Resenha Internacional", *Pravda*, 23 de julho, 1962; 27 de agosto, 1962; e 15 de outubro, 1962.
 40. "Pentagon Over South Vietnam", *Novos Tempos*, (No.30, 1960), pp.16-17.
 41. "Os quatro artigos de Burchett são "On the Border of South Vietnam", *No-*

- vos *Tempos*, (No.23, 1962), pp.27-30; "South Vietnam: War Against Trees", *Novos Tempos*, (No.25, 1962), pp.24-26; "South Vietnam's Liberation Front", *Novos Tempos*, (No.26, 1962), pp.7-11; e "Report from Hanoi", *Novos Tempos*, (No.33, 1962), pp.14-16.
42. "South Vietnam: War Against Trees", *Novos Tempos* (nº 25, 1962), pp.24-26.
 43. "Ibid.", p.24.
 44. Clews, *Communist Propaganda Techniques*, pp.146-147. Ver também John Clews, *The Communist's New Weapon-Germ Warfare* (Londres: Lincolns Praeger, 1953).
 45. "Globke, Eichmann and Others", *Novos Tempos*, (No. 42, 1962), p.14.
 46. Outras ocorrências receberam cobertura similar, incluindo os de Oberlander e Foertsch. Ver "Oberlander Case: New Developments", *Novos Tempos*, (No. 16, 1960), pp.8-9; e "Career of General Foertsch", *Novos Tempos*, (No. 6, 1961), pp.5-11.
 47. "German Revanchism and European Peace", *Novos Tempos*, (No.19, 1960), p.12. Ver também "Father of the Bundeswehr", *Novos Tempos*, (No.3, 1960), p.2; e "Resenha Internacional", *Pravda*, 29 de agosto, 1960 e 5 de setembro, 1960.
 48. "German Revanchism and European Peace", *Novos Tempos* (nº 19, 1960), p.14.
 49. "Father of the Bundeswehr", p.2. Ver também "Wolf Without Sheep's Clothing", *Novos Tempos*, (No.19, 1961), pp.28-30.
 50. "Right to Self Determination or Right to Revanche", *Novos Tempos*, (No.24, 1960), p.10.
 51. "Bundeswehr — The Nuclear Phase", *Novos Tempos*, (No.50, 1961), pp.10-12.
 52. "Bonn Over NATO", *Novos Tempos*, (No.31, 1960), p.9.
 53. "The Brown Hand", *Novos Tempos*, (No.8, 1960), p.10-13.
 54. "Resenha Internacional", *Pravda*, 29 de agosto, 1960; 10 de abril, 1961; e 27 de novembro, 1961.
 55. "Resenha Internacional", *Pravda*, 23 de julho, 1962.
 56. "Washington's European Policy", *Novos Tempos*, (No.21, 1961), pp.11-12; "Europe's Six and Seven and America's Ace", *Novos Tempos*, (No.14, 1961), pp.4-7; "Britain and Kennedy", *Novos Tempos*, (No.36, 1961), pp.14-17; "The NATO Arms-Drive Mechanism", *Novos Tempos*, (No.10, 1962), pp.4-7; "NATO's Trojan Horse in Northern Europe", *Novos Tempos*, (No.19, 1962), pp.19-22; e "The NATO Military Mechanism", *Novos Tempos*, (No.44, 1962), pp.16-19.
 57. "Total Espionage — Some Secrets of Allen Dulles Organization", *Novos Tempos*, (No.33, 1960), pp.10-13; "US Espionage: The Techniques", *Novos Tempos*, (No.34, 1960), pp.13-15; "Plaintive Senator", *Novos Tempos*, (No.6, 1962), pp.16-17; "Secret War On Two Fronts", *Novos Tempos*, (No.16, 1962), pp.13-14; e "The Truth About the Peace Corps", *Novos Tempos*, (No.40, 1962), pp.18-19.
 58. "Plaintive Senator", p.16.
 59. Por exemplo, "The Capitalist Economy in 1962", *Novos Tempos*, (No.7, 1962), pp.4-7; e "The Capitalist Economy in 1961", *Novos Tempos*, (No.10, 1961), pp.5-7.
 60. "Resenha Internacional", *Pravda*, 15 de janeiro, 1967; 26 de setembro, 1967; 7 de janeiro, 1968; e 25 de fevereiro, 1968. A cobertura intensificou-se, a partir da Ofensiva do Tet em janeiro de 1968.
 61. "The Fighting in Vietnam", *Novos Tempos*, (No.30, 1967), pp.13-14. Esta acusação opõe-se ao relato da guerra aérea no Vietnã. James Thompson argumenta que durante este período havia restrições de alvo nestes lugares e em outros. Ver Thompson, *Rolling Thunder: Understanding Policy and Program Failure* (Chapel Hill,

NC: University of North Carolina Press, 1980). Ver também Guenter Lewy, *America in Vietnam* (Nova Iorque: Oxford University Press, 1978).

62. "Up the Down Staircase", *Novos Tempos*, (No.33, 1967), pp.1-3.
63. "Vietnam and Nuremberg", *Novos Tempos*, (No.13, 1967), pp. 29-30.
64. "From the Great Society to the War Society", *Novos Tempos*, (No.6, 1967), pp.13-15; e "Napalm Morality", *Novos Tempos*, (No.13, 1967), p.31.
65. "Washington's Asian Strategy", *Novos Tempos*, (No.3, 1969), pp.11-14.
66. "Up the Down Staircase", pp.1-3.
67. "Vietnam in Flames", *Novos Tempos*, (No.6, 1968), pp.1-2. Este é um dos cinco artigos sobre o Vietnã neste exemplar.
68. "Will There Be Peace in Vietnam", *Novos Tempos*, (No.46 1968), pp.2-3; "Americans and Vietnam", *Novos Tempos*, (No.48, 1968), pp.19-20; e "The Paris Talks on the War", *Novos Tempos*, (No.16, 1969), pp.16-19.
69. "Resenha Internacional", *Pravda*, 7 de janeiro, 1968; 11 de fevereiro, 1968; e 25 de março, 1968. Também "Reaping the Whirlwind", *Novos Tempos*, (No.15, 1968), pp.1-2; "Student Revolt in the West", *Novos Tempos*, (No.21, 1968), pp.10-11; "American Youth and the Vietnam War", *Novos Tempos*, (No.17, 1969), pp.9-11; e "Massive Vietnam Protest", *Novos Tempos*, (No.42, 1969), pp.6-7.
70. "Washington's Other War", *Novos Tempos*, (No.32, 1967), p.1. Ver também "Resenha Internacional", *Pravda*, 17 de março, 1968 e 17 de abril, 1968.
71. "Washington's Other War", p.2.
72. "From the Great Society to the War Society". Ver também "The Negro Ghetto in Revolt", *Novos Tempos*, (No.32, 1967), pp.1-2.
73. "A Sick Society", *Novos Tempos*, (No.34, 1967), p.16
74. Por exemplo, ver "Resenha Internacional", *Pravda*, 17 de julho, 1967; 25 de fevereiro, 1968; e 25 de outubro, 1968.
75. "The Forces Behind the Aggressor", *Novos Tempos*, (No.25, 1967), p.5.
76. *Ibid.*, pp.5-6.
77. "Resenha Internacional", *Pravda*, 7 de julho, 1968; e 18 de agosto, 1968.
78. "Resenha Internacional", *Pravda*, 21 de agosto, 1967.
79. "Bundeswehr Over NATO", *Novos Tempos*, (No.35, 1967), p.6. Ver também "Bonn's Nuclear Plan", *Novos Tempos*, (No.31, 1969), pp.16-17; e "Bonn's CBW Schemes", *Novos Tempos*, (No.38, 1969), pp.10-11.
80. "Behind Revanche", *Novos Tempos*, (No.37, 1967), p.20
81. "Bonn Pattern for Europe", *Novos Tempos*, (No.15, 1969), p.18.
82. "US Presence and European Society", *Novos Tempos*, (No.17, 1967), pp.5-9.
83. "NATO Balance Sheet", *Novos Tempos*, (No.14, 1969), pp.10-14.
84. "NATO and the Nuclear Threshold", *Novos Tempos*, (No.17, 1969), p.14.
85. "Reanimating NATO", *Novos Tempos*, (No.5, 1969), p.11.
86. "Disarmament — A Common Responsibility", *Novos Tempos*, (No.52, 1968), p.2.
87. "Resenha Internacional", *Pravda*, 23 de março, 1969.
88. "Resenha Internacional", *Pravda*, 21 de dezembro, 1969.
89. *Ibid.*,
90. "Resenha Internacional", *Pravda*, 17 de agosto, 1969.
91. Adam Ulam, *Dangerous Relations: The Soviet Union in World Politics* (Nova Iorque: Oxford University Press, 1983), pp.83-88.
92. "Ibid.", p.96.
93. "Resenha Internacional", *Pravda*, 22 de abril, 1976 e 13 de maio, 1976.
94. "Resenha Internacional", *Pravda*, 21 de março, 1976.

95. "Resenha Internacional", *Pravda*, 16 de janeiro, 1976.
96. "Detente Requires Cooperation", *Novos Tempos*, (No.47, 1976), p.1.
97. "Ibid.
98. "Pentagon Oposition", *Novos Tempos*, (No.48, 1976), p.10.
99. "The 39th President Takes Over", *Novos Tempos*, (No.4, 1977), p.9.
100. "Ibid.
101. "Evolution of US Foreign Policy Thinking", *Novos Tempos*, (No.7, 1977), p.10.
102. "Resenha Internacional", *Pravda*, 20 de junho, 1976.
103. "Resenha Internacional", *Pravda*, 21 dezembro, 1969.
104. "Resenha Internacional", *Pravda*, 20 de junho 1979.
105. "URSS-West Germany: On the Road of Detente and Coopertion", *Novos Tempos*, (Nº 17, 1978), p.6.
106. Ibid.
107. Ver, por exemplo, "Pentagon Oposition", *Novos Tempos*, (No.48, 1976), pp.10-11.
108. "The 39th President Takes Over", p.8.
109. Ibid., pp.8-9.
110. Ibid.
111. "That Old Bogey", *Novos Tempos*, (No.38, 1976), pp.14-15.
112. "Death Merchants", *Novos Tempos*, (No.47, 1976), pp.20-22. Ver também "Pentagon: Arms and Money", *Novos Tempos*, (No.40, 1976), pp.21-24.
113. "Pentagon's Nuclear Strategy", *Novos Tempos*, (No.35, 1977), p.22.
114. "Weapons Cannot Be Humane", *Novos Tempos*, (No.31, 1977), p.8.
115. "Pentagon: Arms and Money", p.22.
116. Ibid.
117. "Brinkmanship Again", *Novos Tempos*, (No.7, 1976), p.21.
118. "NATO Obstructions in Vienna", *Novos Tempos*, (No.25, 1977), p.10.
119. "Resenha Internacional", *Pravda*, 11 de dezembro, 1977; 18 de dezembro, 1977; 25 de dezembro, 1977; 24 de janeiro, 1978; e 19 de fevereiro, 1978.
120. "In the White House or the Pentagon?" *Novos Tempos*, (No.28, 1977), p.1.
121. "Ibid.
122. "Dangerous Course", *Novos Tempos*, (No.27, 1978), p.12.
123. "Ibid.", pp.12-13.
124. Ibid., p.13.
125. "Military-Industrial Complex: Money, Arms, Power", *Novos Tempos*, (No.23, 1978), p.23-24.
126. Ibid., p.26.
127. Ibid.
128. Ibid.
129. *Documents on Disarmament* (Washington, DC: Arms Control and Disarmament Agency, 1978), pp.281-282.
130. "Resenha Internacional", *Pravda*, 19 de junho, 1977; 18 de dezembro, 1977; 25 de dezembro, 1977; 29 de janeiro, 1978; e 5 de fevereiro, 1978. Também, "Neutron Bomb: Squaring the Circle", *Novos Tempos*, (No.35, 1977), pp.6-8; "The Neutron Peril", *Novos Tempos*, (No.1, 1978), pp.26-27; e "Neutron Maniacs", *Novos Tempos*, (No.9, 1978), pp.14-15. As acusações soviéticas chegam ao ponto de rotular a arma de nêutron como arma racista que os "imperialistas poderiam ser tentados a usar para pôr fim à inflação humana no mundo desenvolvido. "Neutron Bomb is a Racist Weapon", *Novos Tempos*, (No.18, 1978), p.15.
131. "N-Bomb Over Europe", *Novos Tempos*, (No.36, 1977), p.13.
132. Ibid.

133. "No to the Bomb", *Novos Tempos*, (No.36, 1977), pp.14-15; "Policy and Rhetoric", *Novos Tempos*, (No.4, 1978), pp.10-11; e "Common Sense vs. Neutron Madness", *Novos Tempos*, (No.7, 1978), pp.12-13.
134. "Resenha Internacional", *Pravda*, 10 de dezembro, 1978.
135. "The Law of Life and the Apostles of Nuclear Death", *Novos Tempos*, (No.22, 1979), pp.8-9.
136. "The Difficult Road to Ratification", *Novos Tempos*, (No.33 1979), p.11.
137. "Does NATO Need the Euromissiles?", *Novos Tempos*, (No.44 1979), pp.4-5; e "Pentagon, NATO, and Euromissiles", *Novos Tempos*, (No.9, 1979), pp.8-9. Também, "Resenha Internacional", *Pravda*, 2 de dezembro, 1979; 16 de dezembro 1979; e 23 de dezembro, 1979.
138. "NATO: Myths and the Reality", *Novos Tempos*, (No.14, 1977), pp.20-30.
139. "Resenha Internacional", *Pravda*, 12 de agosto, 1979.
140. Ibid.
141. Ibid.
142. "Does NATO Need the Euromissiles?", p.5.
143. "The NATO Missile Frenzy", *Novos Tempos*, (No.48, 1979), pp.4-5; e "Hegemonist Geopolitical Thinking", *Novos Tempos*, (No.50, 1979), pp.18-19.
144. "NATO: Suicidal Risk", *Novos Tempos*, (No.52, 1979), p.7.
145. Ver, por exemplo, "Resenha Internacional", *Pravda*, 8 de fevereiro, 1976; 4 de abril, 1976; 30 de maio, 1976; e 26 de agosto, 1979.
146. "CIA, Subversion in Angola", *Novos Tempos*, (No.3, 1976), pp.10-11; "The Battle for Angola", *Novos Tempos*, (No.6, 1976), pp.8-9; "Imperialism Against África", *Novos Tempos*, (No.28, 1978), pp.18-30; "Neo-Colonial Stratagem in África", *Novos Tempos*, (No.35, 1978), pp.18-19; e "Resenha Internacional", *Pravda*, 26 de agosto, 1979.
147. A cobertura durante o segundo semestre de 1978 e o primeiro semestre de 1979 foi razoavelmente extensa. Para exemplos selecionados, consultar "Iran — Deep Crisis", *Novos Tempos*, (No.39, 1978), pp.10-11; "Iran: Crisis Pitch", *Novos Tempos*, (No.51, 1978), pp.10-11; "Iran — At the Crossroads", *Novos Tempos*, (No.2 1979), pp.8-9; e "Iran — The People's Wrath", *Novos Tempos*, (No.6, 1979), pp.12-13.
148. "Imperialist Design at the Horn of Africa", *Novos Tempos*, (No.7, 1978), pp.4-5.
149. Este não era um tema novo, como foi observado em nossa análise anterior. Contudo, o objetivo do ataque-contrá a CIA parece ter se intensificado durante o período de 1976-1979.
150. "On the Trail of a President's Killers", *Novos Tempos*, (No.2, 1977), pp.26-30.
151. Ibid.
152. Ibid. (No.3, 1977), p.30.
153. "Langely Silhouettes", *Novos Tempos*, (No.43, 46, e 50, 1979).
154. "Ibid. (No.43, 1979), p.26.
155. Ibid.
156. Ibid.

4.

TÉCNICAS POLÍTICAS DISSIMULADAS (1960-1980)

Este capítulo examina o uso, pelos soviéticos, de técnicas políticas dissimuladas (isto é, secretas) para promover e acentuar a eficácia da propaganda aberta de Moscou. Será mostrado que, apesar da ênfase à detente, movimento que visa a um acordo quanto ao controle de armas, e a presença de outros “indícios” de distensão das relações Ocidente-Oriente, na última metade da década de 70, os soviéticos continuaram a ampliar suas atividades políticas disfarçadas contra os Estados Unidos e a OTAN.

Tal como na propaganda aberta, o objetivo de uma ação política secreta é persuadir, manipular, iludir e enganar, e existe uma estreita relação entre as duas. Os temas de propaganda dissimulada, dirigida contra os Estados Unidos e a OTAN, descritos anteriormente, também foram levados adiante através de canais dissimulados. Tanto as medidas ativas disfarçadas quanto as diretas estão intimamente associadas aos objetivos da política externa soviética.

Três técnicas dissimuladas soviéticas específicas serão discutidas neste capítulo. Enquanto os líderes soviéticos engajam-se numa variedade de operações secretas, o enfoque, aqui, está nas organizações internacionais de fachada, nas operações de agentes de influência e nas falsificações.

ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS DE FACHADA

Num capítulo anterior, o conflito político foi definido como o uso, tanto de medidas veladas quanto diretas, que incluíam a diplomacia e a negociação, que influenciavam a política e os eventos de países estran-

geiros. As atividades empreendidas pelas organizações internacionais de fachada, dirigidas pelos soviéticos, caem, de um certo modo, no centro da sucessão continuada, veladas e diretas, das ações políticas soviéticas. Por outro lado, o Departamento Internacional (DI) do Comitê Central do PCUS coordena as atividades dessas organizações. Do mesmo modo, as organizações tentam ativamente manter uma imagem de independência.

As origens das organizações soviéticas internacionais de fachada, posteriores à Segunda Guerra Mundial, podem ser encontradas na década de 20, quando a Internacional Comunista (Comintern) organizou as primeiras frentes internacionais. Os principais dirigentes da Comintern atribuíram um papel importante a estas organizações, que funcionavam — na verdade — como instrumentos da política externa soviética. Isto foi descrito no início da década de 20 por Willi Munzenberg, especialista da Comintern em organizar frentes internacionais (que ele denominou “clubes de inocentes”). Na visão de Munzenberg: ¹

Precisamos penetrar em cada meio imaginável, dominar artistas e professores, usar teatros e cinemas e espalhar no exterior a doutrina de que a Rússia está preparada a tudo sacrificar para manter o mundo em paz.

Em 1922, Karl Radek — figura central do Comitê Executivo da Comintern — explicou detalhadamente o papel que as frentes internacionais deveriam exercer na política externa anterior do Estado soviético. De acordo com Radek, estas organizações seriam utilizadas contra inimigos soviéticos “quando carecêssemos da força necessária”.² Em outras palavras, as frentes serviriam como um meio indireto de conduzir uma política externa ofensiva contra adversários muito mais fortes, do recém-estabelecido regime comunista. Em 1935, o funcionário da Comintern Otto Kuusinen foi mais explícito: “Queremos atacar nossos inimigos de classe, pela retaguarda... Mas como podemos fazê-lo, se a maior parte dos jovens da classe trabalhadora não nos segue, e sim, por exemplo, aos padres católicos ou aos camaleões liberais? “A resposta, de acordo com Kuusinen, era “criar uma frente unida da juventude”.³

Este comentário, feito por um dos dirigentes mais importante da Comintern, fornece um esboço das tarefas iniciais legadas às organizações de fachada: isto é, estes grupos deveriam empregar a propaganda e empreender outras medidas políticas para promover os objetivos da política externa soviética dentro das fronteiras de outras nações. Julgando as atividades internacionais soviéticas de fachada, durante o período pós-Segunda Guerra Mundial, parece que Moscou continua a encarar estas organizações como instrumentos úteis para a conduta da guerra política.

Depois do fim da Segunda Guerra Mundial, a responsabilidade de dirigir e coordenar as organizações de fachada recaiu sobre o Comitê Internacional de Informação soviético (Cominform).⁴ Em novembro de 1949, em seu terceiro encontro, o Cominform tomou uma iniciativa que levou à uma campanha “pela paz”, na qual se envolveram as novas frentes pós-guerra. (Deve-se observar que a iniciação deste esforço pela “paz” coincidiu com o primeiro teste atômico soviético. Portanto, no exato momento em que os soviéticos iniciaram uma campanha para promover o desarmamento do Ocidente, também estavam empenhados no desenvolvimento de suas próprias forças nucleares, o que perdura até hoje.) Os elementos essenciais deste impulso foram apresentados num relatório intitulado “Defesa da Paz e a Luta Contra os Fomentadores de Guerra”, por Mikhail Suslov, Secretário do Comitê Central do PCUS (e, posteriormente, até sua morte, membro do Politburo).

Suslov afirmou, em seu relatório: “Pela primeira vez na história surgiu uma frente organizada pela paz, que fez de seu objetivo salvar a humanidade de outra guerra mundial, isolar o grupo exclusivo dos provocadores de guerra e assegurar a cooperação pacífica entre as nações.”⁵ Ele continuou a explicar que “o movimento pela paz surgiu como um movimento de protesto da massa contra o Plano Marshall, um sindicato ocidental agressivo, e a Aliança do Atlântico Norte”.⁶ Suslov conclui, observando que “de grande significado para o desenvolvimento do movimento pela paz” é o “Congresso de Intelectuais pela Paz, de Wroclaw... e, especialmente, o Congresso Pela Paz Mundial em Paris e Praga... no qual 600 milhões de organizadores, pela paz, estavam representados.”

Durante este último congresso, ocorrido em abril de 1949, foi formado o Conselho Mundial pela Paz (CMP). Desde sua criação, o Conselho Mundial pela Paz está entre as organizações de fachada mais importantes e ativas, dirigidas por soviéticos. Em questões de política externa, outras frentes parecem seguir a liderança do Conselho Mundial pela Paz. Estas organizações incluem a Federação Mundial de Sindicatos (FMS), a Federação Mundial da Juventude Democrática (FMJD), a União Internacional de Estudantes (UIE), a Federação Internacional de Mulheres Democráticas (FIMD), a Conferência Cristã pela Paz (CCP) e vários outros grupos menos ativos e sem bases amplas.

O Conselho Mundial pela Paz exerceu, nos últimos trinta anos, um papel significativo nos esforços soviéticos, no sentido de influenciar nos acontecimentos políticos do Ocidente. É um dos instrumentos usados pelos soviéticos para reforçar suas campanhas de propaganda direta. Este capítulo inclui um exame das atividades do Conselho Mundial pela Paz e sua interação com outras frentes. Contudo, antes que as principais campanhas de propaganda do Conselho Mundial pela Paz sejam discutidas, serão descritos os métodos soviéticos para controlar

este Conselho. Aparentemente, métodos semelhantes são usados para controlar outras frentes internacionais.⁸

A União Soviética e o Conselho Mundial pela Paz

Moscou mantém uma atividade quase imperceptível em suas relações com as frentes internacionais. Nos anos que se seguiram imediatamente à Segunda Guerra Mundial, as frentes estavam baseadas na Europa Ocidental. Quando os governos ocidentais “pediram que se retirassem”, as frentes seguiram para países neutros e para a Europa Oriental. Moscou não procurou manter cidadãos soviéticos em cargos de presidentes e funcionários administrativos superiores destas organizações evidentemente não governamentais. Não obstante, alguns métodos são empregados para assegurar que o PCUS retenha o controle das frentes — mesmo que, periodicamente (por exemplo, depois da invasão da Tcheco-Eslováquia em 1968), os elementos constituintes não sejam sempre tão compreensivos quanto Moscou deseja.

Moscou exerce sua influência, em grande parte, controlando os líderes tanto do Conselho Mundial pela Paz, como seus afiliados. A presidência, a secretaria e o comitê presidencial do Conselho Mundial pela Paz são em sua totalidade dominados por indivíduos simpatizantes — se não completamente leais — ao PCUS. As pessoas na esmagadora maioria, nestes grupos executivos do Conselho Mundial pela Paz, são funcionários ou compatriotas dos seguintes tipos de países e organizações internacionais: URSS e os países do bloco Leste da Europa; países comunistas que estão fora do bloco Leste mas são leais a Moscou; movimentos de guerrilha apoiados pela União Soviética; partidos comunistas fora do poder, em países desenvolvidos e em desenvolvimento, estão ligados ao Departamento Internacional do PCUS; e outras organizações internacionais de fachada, controladas pelos soviéticos. Apesar de dificuldades ocasionais, estes funcionários quase sempre permitem que Moscou satisfaça a sua vontade.

Um bom exemplo é o caso de Romesh Chandra, Presidente do Conselho Mundial pela Paz. Chandra é membro da Comissão Presidencial deste Conselho, desde 1953. É membro há muito tempo do Comitê Nacional do Partido Comunista da Índia, um dos partidos comunistas estrangeiros mais leais a Moscou durante estes anos.⁹ Por mais de um quarto de século, Chandra promoveu consistentemente os objetivos da política externa de Moscou. Um artigo sobre as atividades recentes do Conselho Mundial pela Paz, publicado no periódico *Problemas da Paz e do Socialismo* (conhecido em sua edição de língua inglesa como *World Marxist Review*), é ilustrativo da postura geral de Chandra. Segundo Chandra:¹⁰

As atividades do Conselho Mundial pela Paz adquiriram uma nova dimensão: 700 milhões de assinaturas foram recolhidas para o novo Apelo de Estocolmo para o Controle à Corrida Armamentista, do Conselho Mundial pela Paz, e entregues ao Dr. Kurt Waldheim, Secretário Geral da ONU, por ocasião da sessão especial da Assembléia Geral da ONU Sobre Desarmamento, realizada em maio de 1978.

Na Europa, a luta para controlar a corrida armamentista tornou-se uma demonstração popular contra o alastramento estratégico dos novos mísseis americanos; nas Américas do Sul e do Norte, na Ásia e na África converteu-se em ação em massa contra a escalada armamentista, contra as bases militares e o aumento das tensões no Oceano Índico, no Golfo Pérsico e no Caribe.

Enquanto na visão de Chandra estas medidas de defesa ocidentais foram retratadas como seriamente ameaçadoras à paz mundial, em contraste, o progresso militar soviético foi descrito como contribuição para o processo da paz. “A política militar da União Soviética”, declarou Chandra, “corresponde amplamente a estes objetivos. É de caráter puramente defensivo.”¹¹

Além das posições de Chandra como presidente, a Secretaria e o comitê presidencial do Conselho Mundial pela Paz são também integrados por partidários leais da União Soviética, que predominam em cada um desses grupos.¹² O comitê presidencial, o principal grupo executivo da organização, é selecionado a cada três anos num congresso internacional do Conselho Mundial pela Paz. No final da década de 70, o comitê presidencial incluía 23 vice-presidentes e representantes de mais de 100 comitês nacionais pela paz, organizações e movimentos nacionais e internacionais.

Dos 23 vice-presidentes, três eram funcionários da URSS, Polônia e Alemanha Oriental. Três outros — de Cuba, Vietnã e Angola — representavam governos comunistas leais a Moscou. Membros de duas outras organizações soviéticas de frente — a Federação Mundial de Sindicatos e a Federação Internacional de Mulheres Democráticas — ocupavam posições de vice-presidência. O Congresso Nacional Africano (CNA), da África do Sul, e a Organização pela Libertação da Palestina (OLP), ambos movimentos de guerrilha apoiados pela União Soviética, foram representados por quatro posições de vice-presidência ocupadas por partidos comunistas fora do poder, dos Estados Unidos, França, Argentina e Itália. Outros vice-presidentes incluíam representantes de filiais do Conselho Mundial pela Paz, a nível nacional, no Líbano, Egito e Iraque. Como será tratado a seguir, a liderança das filiais nacionais geralmente (mas nem sempre) é dominada pelos membros do partido comunista local, leais a Moscou.

A composição do restante do comitê presidencial seguiu o mesmo esquema. Incluídos estavam três funcionários da URSS, dezessete do bloco europeu do Leste, seis de governos comunistas alinhados com Moscou (dois do Lêmen do Sul, um para o Vietnã, Cuba, Coréia do Norte e Mongólia). Outros cinco membros do comitê foram retirados de outras frentes internacionais da Conferência Cristã pela Paz, a Federação Mundial da Juventude Democrática, a União Internacional de Estudantes e a Federação Democrática Internacional de Mulheres e três representavam movimentos de guerrilha apoiados pela União Soviética (o ANC, a Organização do Povo do Sudoeste da África (SWAPO) e a Frente Patriótica do Zimbábwe). Treze membros vieram de partidos comunistas fora do poder, ligados ao Departamento Internacional, e três representavam os governos geralmente pró-soviéticos da Etiópia, da Síria e da Líbia. Vinte associações nacionais, filiadas ao Conselho Mundial pela Paz, também estavam representadas.

O trabalho diário do Conselho Mundial pela Paz é conduzido pelo seu Secretariado de vinte e quatro membros, encabeçado por Chandra. Durante a última metade da década de 70, os principais membros do Secretariado eram funcionários da URSS, Polônia, Bulgária, Hungria, Tcheco-Eslováquia, Alemanha Oriental e Cuba.¹³

Os soviéticos parecem empregar procedimentos semelhantes para manter sua influência sobre as filiais nacionais do Conselho Mundial pela Paz. Essas associações servem aos interesses soviéticos dentro do país, nos seus respectivos estados, e apóiam as posições de Moscou no exterior, comparecendo a encontros internacionais.

Um caso em estudo é o do Conselho Americano pela Paz (USPC), fundado em 1979. Antes de sua formação, vários grupos em favor da paz, associados ao Partido Comunista dos Estados Unidos (CPUSA), serviram como a filial americana do Conselho Mundial pela Paz. Através de sua história, o Partido Comunista dos Estados Unidos tem sido um dos partidos comunistas pró-soviéticos mais leais no mundo. Sua direção recebe diretrizes e fundos soviéticos regularmente.¹⁴ Desde o final da década de 70, o Partido Comunista dos Estados Unidos considerou de suma prioridade as questões de controle de armas, o desarmamento e os movimentos pela paz. Embora funcione com somente poucos membros, a organização iniciou campanhas de envio de correspondência, patrocinou demonstrações e grandes comícios, formou alianças com outras organizações e patrocinou seminários e encontros de trabalho para promover a posição soviética sobre o desarmamento e a paz, e para ativar o movimento pacifista americano.

De acordo com o Serviço Federal de Investigação (FBI), durante o ano de 1979 o Partido Comunista dos Estados Unidos constituiu um capítulo norte-americano do Conselho Mundial pela Paz.¹⁵ Este foi, aparentemente, um componente do esforço cada vez maior de Moscou para explorar, nos Estados Unidos, causas populares como a paz e o

desarmamento. Em sua convenção de fundação, em novembro de 1979, o Conselho Americano pela Paz tornou-se uma organização filiada ao Conselho Mundial pela Paz, e as principais posições de liderança foram entregues a membros do Partido Comunista dos Estados Unidos.¹⁶ Por exemplo, o diretor executivo do Conselho Americano pela Paz, eleito na convenção, é Michael Myerson. Em 1982, o *Party Organizer* (Organizador do Partido) — um boletim interno publicado pelo Partido Comunista dos Estados Unidos para seus membros — identificou Myerson como membro do Conselho Nacional desse Partido.¹⁷

As atividades relacionadas com o Conselho Mundial pela Paz conheceram um notável aumento nos Estados, no final da década de 70. Segundo o FBI, “utilizando vários simpósios, conferências, demonstrações e publicações, o Partido Comunista dos Estados Unidos lutou persistentemente em favor da paralisação da produção de armas nucleares americanas e de seu uso em combate, particularmente das forças nucleares de médio-alcance na Europa Ocidental”.¹⁸ Estas observações surgem de um breve exame das atividades do Partido Comunista dos EUA desde 1979.

Tanto o Conselho Americano pela Paz como o Partido Comunista dos Estados Unidos participaram ativamente na campanha pelo congelamento nuclear nos Estados Unidos. Eles figuraram entre os organizadores da primeira conferência da campanha de estratégia nacional, realizada em Washington, D.C; em março de 1981. Entre os que participaram deste encontro inicial estavam Oleg Bogdanov e Yuri Kapralov. Bogdanov, que na maior parte do tempo reside em Moscou, é um especialista em medidas ativas do Departamento Internacional (DI). Kapralov, também oficial da KGB, participou de várias atividades em favor do congelamento nuclear nos Estados Unidos.¹⁹

Desde esta reunião inicial sobre estratégia, o Conselho Americano pela Paz tem tomado parte em várias reuniões e conferências, nas quais as ações específicas têm sido planejadas por vários grupos para a paz e pelo desarmamento. Até aqui, o esforço mais importante envolveu os preparativos para demonstrações a ocorrerem durante a Sessão Especial da ONU sobre Desarmamento, em junho de 1982. De acordo com o FBI, “quase todo arsenal de medidas ativas soviéticas foi empregado para infiltrar e influenciar o Comitê de 12 de junho, organização formada para planejar e coordenar as demonstrações” durante a Sessão Especial.²⁰ O Conselho Americano pela Paz se mostrou especialmente ativo. Um de seus líderes, a funcionária Sandra Pollock, do Partido Comunista dos Estados Unidos, integrou o comitê executivo de 12 de junho.

Segundo uma estimativa tornada pública, além de Pollock, “quatro outras cadeiras foram ocupadas por comunistas ou simpatizantes que representavam oficialmente suas organizações, mas eram apoiadas em sua admissão pelo Conselho Americano pela Paz”. Além dis-

so, de acordo com este relato, o Partido Comunista dos EUA e o Conselho Americano pela Paz exerceram forte influência nas sessões executivas do Comitê “para moderar a denominação de comício oficial, para que não fosse dirigida nem para os Estados Unidos nem para a União Soviética”.²¹ Um acordo foi aparentemente fechado no comitê executivo, no que diz respeito a pôr em foco principalmente a responsabilidade americana na corrida armamentista. Isto refletiu-se na posição oficial proposta pelo comitê, antes da demonstração:²²

A demonstração dirigiu-se a todos os governos que desenvolveram armas nucleares e que competem na corrida armamentista internacional, mas seu alvo principal era o governo dos Estados Unidos. Possuindo mais bombas nucleares do que todos os outros países juntos, e liderando a primeira investida da corrida armamentista e tecnológica, o governo americano é o que menos deseja cessar sua insanidade nuclear.

Além do seu envolvimento no processo de planejamento, o Conselho Mundial pela Paz, o Conselho Americano pela Paz e o Partido Comunista dos EUA também estavam envolvidos ativamente na demonstração do 12 de junho e em outros eventos ligados à Sessão Especial da ONU sobre Desarmamento. Das organizações não oficiais na lista de inscrição na Sessão Especial, outras dez frentes internacionais patrocinadas pela União Soviética podem ser identificadas como participantes. Estas incluem a AAPSO, a Conferência Cristã pela Paz, o IADL, o IOJ, a União Internacional de Estudantes, a Federação Democrática Internacional de Mulheres, a Federação Mundial da Juventude Democrática, o IIP e a Federação Mundial de Trabalhadores Científicos (WFSW).²³

O Conselho Americano pela Paz desde 1980 patrocinou e planejou visitas aos Estados Unidos de delegações de alto nível do Conselho Mundial pela Paz. Estes grupos excursionaram pelas principais cidades americanas, dirigindo a palavra em reuniões bastante numerosas de acadêmicos, estudantes, mulheres e ativistas pela paz. As delegações enfatizam os temas da paz, do desarmamento e da responsabilidade americana pela corrida armamentista, e insistiram com os participantes no sentido de iniciarem campanhas de envio de correspondência, comícios e demonstrações.

Além de proporcionar direção e pessoal de liderança ao Conselho Americano pela Paz, o Partido Comunista dos EUA tem-se envolvido no estabelecimento de comitês pela paz, estaduais e municipais. Por exemplo, em 1980 o Partido Comunista de Wisconsin foi útil em estabelecer uma Comissão pela Paz que organizou a participação e o apoio municipais às atividades do Conselho Americano pela Paz.²⁴ Entre outros objetivos, as filiadas locais do Conselho Americano pela Paz

procuraram mobilizar líderes religiosos, educadores e outras pessoas conhecidas para apoiarem o congelamento nuclear.

O Conselho Mundial pela Paz mantém laços com comitês nacionais pela Paz, (das quais o Conselho Americano pela Paz é só um exemplo) em mais de 130 nações em todo o mundo.²⁵ Através dos partidos comunistas municipais, Moscou não só tenta controlar e utilizar os Conselhos Nacionais pela Paz, mas também usa-os para controlar a organização internacional. Por exemplo, quando o comunista americano e líder do Conselho Mundial pela Paz Myerson viaja para o exterior para encontros deste Conselho, ele geralmente não se desvia da linha traçada pela política soviética.

Outro método utilizado pelo PCUS para controlar o Conselho Mundial pela Paz e muitas de suas associações filiadas é o financeiro. Moscou fornece o grosso dos fundos para as atividades desse Conselho. A evidência disponível sustenta fartamente esta conclusão, embora não fique completamente claro como estes arranjos se processam.

Apesar do fato de a ausência de informação financeira ser usada para desacreditar a organização, o Conselho Mundial pela Paz se recusa a publicar um orçamento detalhado ou explicar exatamente de onde procedem seus fundos. Recusa-se também a permitir que se faça qualquer auditoria independente de suas finanças. Estas recusas têm sido usadas pelos governos dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha para provar, nas Nações Unidas, que de fato o Conselho Mundial pela Paz é financiado pela União Soviética. Na verdade, em 1981 a organização foi forçada a retirar sua solicitação de uma classificação não governamental ante o Conselho Econômico e Social da ONU (ECOSOC) quando os governos ocidentais sustentaram que os fundos do Conselho Mundial pela Paz eram quase certamente provenientes do governo soviético.

O governo dos Estados Unidos foi ainda mais longe ao liberar seus próprios cálculos sobre gastos e fontes de receita do Conselho Mundial pela Paz. Tanto a CIA quanto ex-funcionários de inteligência do bloco soviético sustentam que o Conselho Mundial pela Paz é financiado quase que completamente por Moscou. Em 1980, a CIA calculou que os soviéticos estavam gastando 63 milhões de dólares anuais em apoio a treze frentes principais. O Conselho Mundial pela Paz — com um efetivo de 45 pessoas em horário integral e um orçamento anual de aproximadamente 30 a 40 milhões de dólares, de acordo com relatórios — absorveu a parte do leão destes desembolsos.²⁶

Estas conclusões gerais são também sustentadas por Ruth Tosek, antiga intérprete de diversas frentes internacionais. Em 1980, ela escreveu que, segundo sua experiência pessoal, “todos os recursos destas organizações, em moeda local, ou cambiáveis por ouro ou prata, são fornecidos principalmente pela União Soviética, mas também por outros países satélites da Europa Oriental, com base em taxas de contribuição fixas, pagas pelos governos destes países por vários canais”.²⁷

A evidência, é claro, não é conclusiva. Ela nos dá sólida suposição, contudo, de que Moscou e os partidos comunistas filiados ao bloco soviético fornecem a maior parte — se não o total — dos fundos para o Conselho Mundial pela Paz.

Também não está claro exatamente como o Kremlin coordena o pessoal e os recursos para utilizar o Conselho Mundial pela Paz para os objetivos desejados. Contudo, os veículos principais parecem ser o Departamento Internacional do PCUS e a KGB. Estas funções são aparentemente executadas através de: (a) o pessoal do Departamento Internacional, líderes oficiais do Conselho Mundial pela Paz (p. ex., o Agente Chefe do Departamento Internacional, V. Shaposhnikov), o pessoal deste Departamento que coordena as atividades de frentes sem funções oficiais no Conselho Mundial pela Paz (p. ex., Y.F. Kharmalov), assim como o pessoal soviético do próprio Secretariado deste Conselho (p. ex., I. Belyayev); e (b) mediante a coordenação pelo Departamento Internacional da seleção e financiamento de líderes nacionais do partido comunista que apoiam as posições soviéticas. A KGB ajuda financiando e coordenando, secretamente, tanto os partidos comunistas nacionais quanto o Conselho Mundial pela Paz.²⁸

Este Conselho e as outras frentes internacionais têm apoiado, quase que inabalavelmente, a política pública soviética. Desde suas origens na década de 40 até o início da década de 80, estas organizações quase nunca se afastaram da linha oficial soviética.

Primeiras Campanhas de Propaganda do Conselho Mundial pela Paz

Um dos principais propósitos dos movimentos pela paz e pelo desarmamento patrocinados pela União Soviética, depois da Segunda Guerra Mundial, tem sido o de opor-se à política americana e à Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Os líderes soviéticos lograram seu intento, repetidamente. Por exemplo, Suslov sustentou, em 1949, que “a Organização do Tratado do Atlântico Norte dos imperialistas, sob a égide dos Estados Unidos, representa uma ameaça para toda a humanidade progressista”.²⁹ Voltando-se seguidamente à questão dos recursos, Suslov observou que:³⁰

Deve ser dada uma atenção particular a trazer para o movimento pela paz os sindicatos e as organizações de mulheres, da juventude, de cooperativas, esportivas, culturais e educacionais, religiosas e outras, assim como cientistas, escritores, jornalistas, trabalhadores culturais, membros do parlamento e outros homens e mulheres políticos e públicos que saem em defesa da paz e contra a guerra.

A promoção do “Compromisso pela Paz, de Estocolmo” foi a primeira grande campanha organizada pelo Conselho Mundial pela Paz. Divulgado em março de 1950 por esse Conselho, o compromisso declarava:³¹

Exigimos a proibição absoluta das armas atômicas, instrumentos de terror e de extermínio em massa das populações... Consideramos que qualquer governo que fosse o primeiro a usar a arma atômica contra qualquer país estaria cometendo um crime contra a humanidade e deveria ser tratado como um criminoso de guerra... Convocamos a todos os homens de boa vontade de todo o mundo para assinar este apelo.

Em novembro de 1950, líderes do Segundo Congresso do Conselho Mundial pela Paz, celebrado em Varsóvia, afirmaram que 500 milhões de pessoas tinham assinado o Compromisso de Estocolmo.³² Os alvos contra os quais este esforço foi dirigido foram os Estados Unidos e a OTAN. Durante os anos 50 e 60, décadas nas quais os Estados Unidos mantiveram superioridade nuclear, “proibir a bomba” — isto é, o desarmamento — constituiu um tema central da propaganda soviética.

Uma vez que a campanha pela paz e pelo desarmamento, do Conselho Mundial pela Paz, estava em andamento, outras frentes internacionais soviéticas seguiram a liderança deste grupo e organizaram esforços de propaganda semelhantes. Durante o período 1960-1980, como será demonstrado a seguir, a coordenação dos temas de propaganda e de atividades políticas montadas pelo Conselho Mundial pela Paz e por outras organizações de frente soviética, se produziu coerentemente. Durante o período inicial do movimento pela paz e pelo desarmamento, a Federação Mundial de Juventude Democrática participou ativamente da campanha de assinatura para o “Proíba a Bomba”. Segundo o exemplar de julho de 1950 da revista *World Youth*, da Federação Mundial de Juventude Democrática: “Na União Soviética — o baluarte da paz — o apelo de Estocolmo é apoiado calorosamente por todas as pessoas, e milhões e mais milhões de assinaturas já foram coletadas”.³³ A aparentemente estreita associação entre a Federação Mundial da Juventude Democrática e a União Soviética foi descrita por Nikolai Mikhailov, um soviético participante das atividades desta federação:³⁴

Não foi somente o Komsomol (Liga da Juventude Comunista da União Soviética) que ajudou os ativistas soviéticos a organizarem a Federação Mundial de Juventudes Democráticas. Também recebemos a valiosa assistência do Comitê Central do Partido: nos foi mostrada uma aproximação correta dos problemas do movimento dos jovens...

Além do envolvimento da Federação Mundial de Juventudes Democráticas, os sindicatos comandados por comunistas, organizados pela Federação Mundial de Sindicatos, também participaram do primeiro movimento pela paz e pelo desarmamento. De acordo com Suslov:³⁵

Os centros dos sindicatos filiados à Federação Mundial de Sindicatos estão desempenhando um importante papel na organização dos defensores da paz. Eles são os iniciadores dos movimentos nacionais pela paz em muitos países e de comitês nacionais pela paz. Os sindicatos assumiram um papel de liderança na organização de greves de protesto e demonstrações contra o agressivo Tratado do Atlântico Norte, e em organizar petições por toda a nação, e outras medidas de massas em defesa da paz, assim como da independência nacional e a liberdade dos povos."

Suslov também designou um papel aos partidos comunistas municipais nesta campanha inicial pela paz, orientando os "partidos comunistas e dos trabalhadores para encabeçar a luta pela paz em todas as demonstrações públicas de massa e para emprestar-lhes um caráter eficaz e objetivo".³⁶

Com o início da Guerra da Coreia pela Coreia do Norte, em 25 de junho de 1950, o Conselho Mundial pela Paz (juntamente com outros canais soviéticos de propaganda direta e disfarçada) mudou de orientação. Este Conselho concentrou-se na questão da Coreia, de 1950 a 1953. Um dos principais temas utilizados pelos comunistas chineses e pelos coreanos do Norte, durante a guerra, foi a acusação de que os Estados Unidos estavam travando uma guerra bacteriológica na Coreia. Esta acusação foi feita, por exemplo, num telegrama enviado em 25 de fevereiro de 1952, pela República Popular da China ao Professor Frederic Joliot-Curie, Presidente do Conselho Mundial pela Paz.³⁷ Joliot-Curie, membro do Partido Comunista Francês, organizou então uma campanha de protesto mundial, e enviou telegramas a autoridades americanas censurando o uso da guerra bacteriológica.

Mais tarde, em primeiro de abril de 1952, numa reunião do Serviço do Conselho Mundial pela Paz (um corpo executivo deste Conselho), realizada em Oslo, a Noruega lançou um protesto contra o uso da guerra bacteriológica pelos americanos.³⁸ Em 17 de maio de 1952 o Dr. Heinrich Brandweuner, Presidente do Conselho Austríaco pela Paz (uma organização filiada ao Conselho Mundial pela Paz), distribuiu material numa reunião realizada em Graz, Áustria, pretendendo provar o envolvimento dos Estados Unidos na guerra bacteriológica. Este material foi depois publicado em forma de panfleto pelo Conselho Austríaco pela Paz, em junho de 1952. Muitas das "provas" ali contidas consistiam de reivindicações feitas pelos comunistas chineses e

coreanos e “confissões” de prisioneiros de guerra americanos sob custódia comunista.

Auxiliando o Conselho Mundial pela Paz na disseminação das acusações de guerra bacteriológica, estavam a Federação Mundial de Juventudes Democráticas e a União Internacional dos Estudantes. Um exemplar de 1952 da revista da União Internacional de Estudantes, intitulada *World Student News*, continha como suplemento a notícia de uma “comissão científica” organizada pelo Conselho Mundial pela Paz, para apoiar estas reclamações.³⁹ Na publicação da *World Youth*, a Federação Mundial da Juventude Democrática acusou os Estados Unidos de usar a ciência “para travar a guerra bacteriológica na Coreia”. A declaração da Federação Mundial de Juventudes Democráticas continuava: “Sua maneira de conduzir a guerra consiste agora em espalhar insetos infectados com os bacilos da peste bubônica, cólera, tifo e outras doenças, entre crianças, mulheres e toda a população civil.”⁴⁰

Com o fim da Guerra da Coreia, o Conselho Mundial pela Paz e as outras organizações soviéticas de fachada voltaram suas atenções mais uma vez para a Aliança Ocidental. Todos os principais instrumentos de propaganda externa soviética e influência política agora se voltaram para os esforços destinados a servir ao principal objetivo de Moscou, dividir os Estados Unidos e seus aliados da OTAN. A este respeito, as atividades da Federação Mundial de Sindicatos estavam estreitamente coordenadas com aquelas do Conselho Mundial pela Paz. Em 1961, o Secretário Geral da Federação Mundial de Sindicatos declarou perante o Quinto Congresso dessa Federação (realizado em Moscou), que a oposição ativa aos Estados Unidos e à OTAN constituía uma das responsabilidades centrais da organização. Ele declarou:⁴¹

É essencial levantar as massas de trabalhadores e todas as pessoas em todos os países para agir em uníssono contra a política de força e os planos agressivos dos imperialistas, para afastarmos o perigo de guerra.

Isto explica porque as organizações e sindicatos precisam usar cada oportunidade para explicar a origem deste perigo e condenar a estratégia agressiva que está sendo conduzida pelo imperialismo americano contra o campo socialista.

Esta estratégia é implementada mediante a instalação de um número cada vez maior de bases militares imperialistas e as atividades de blocos militares imperialistas orientados pela Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e a Organização do Tratado do Sudeste Asiático (OTASE), e a Organização do Tratado do Oriente Médio (CENTO). Estes blocos estão dirigidos em primeiro lugar contra a União Soviética e os países socialistas, e contra os movimentos nacionais de libertação e a independência dos povos.

Durante a década de 60, o Conselho Mundial pela Paz continuou a concentrar-se na oposição a todos os programas e políticas dos Estados Unidos e da OTAN. Este enfoque foi expresso, com autoridade, por Chandra, presidente do Conselho Mundial pela Paz. Refletindo, de novo, sobre a década, Chandra declarou em 1971 que “a maior ameaça à paz, tanto na Europa como em outras regiões do mundo, é a aliança da OTAN, dominada pelos Estados Unidos: a Europa está dividida em dois blocos militares”. Contudo, continuou ele, “as garras da OTAN podem ser sentidas na Ásia como também na África... as forças do imperialismo e da exploração, em particular a OTAN... carregam a responsabilidade pela fome e pela pobreza de centenas de milhões em todo o mundo”.⁴²

As demais organizações soviéticas de fachada seguiram a posição apresentada pelo Conselho Mundial pela Paz. Isto vem à tona, por exemplo, ao examinar-se a resolução final sobre os Estados Unidos e a OTAN, emitida pelo Oitavo Congresso da União Internacional de Estudantes em 1964. A resolução “solicita que os governos dos Estados Unidos, Grã-Bretanha e França iniciem imediatamente a pôr fim às suas bases militares no exterior e chamem de volta todas as tropas estacionadas no exterior”, e “a convidar as unidades nacionais (que pertencem à União Internacional de Estudantes) para anunciar seu protesto contra a manutenção de bases militares no exterior, e manifesta sua total solidariedade com as pessoas que lutam pela eliminação destas bases”.⁴³ (A resolução, deve ser dito, não menciona a presença de tropas ou bases soviéticas na Europa Oriental ou em outro lugar.) A declaração conclui afirmando que “o principal inimigo da humanidade e da paz é o imperialismo, encabeçado pelos Estados Unidos”.⁴⁴ Material publicado pela Federação Mundial de Juventudes Democráticas, a Federação Mundial de Sindicatos e outras frentes, durante este período, revela que estas organizações também aderiram a esta postura.⁴⁵

A coerência, durante a década de 60, entre a linha de propaganda articulada pelo Conselho Mundial pela Paz e outros grupos de frentes, por um lado, e a propaganda direta soviética, por outro lado, é facilmente aparente. Nos dois casos, a Aliança Ocidental foi caracterizada como um bloco militar agressivo e como a maior ameaça à paz, enquanto as forças e atividades da União Soviética e seus aliados do Pacto de Varsóvia foram apresentados como um esforço puramente defensivo.

A Guerra do Vietnã — Uma Campanha Importante do CMP

Na última metade da década de 60 e início de 70, o Conselho Mundial pela Paz concentrou-se, cada vez mais, na questão do envolvimen-

to dos Estados Unidos no Vietnã (como o fez a propaganda direta soviética). Em 1971, Chandra descreveu em linhas gerais o trabalho em andamento “contra a guerra dos Estados Unidos na Indochina” por organizações da Europa Ocidental filiadas ao Conselho Mundial pela Paz, e explicou como estas organizações combinam a questão do Vietnã com questões diretamente relacionadas com a segurança da Europa Ocidental. Chandra salientou:⁴⁶

Estes movimentos estão vinculando cada vez mais sua luta aos problemas de sua própria gente, acima de tudo com os problemas da segurança européia, do término de pactos, e bases imperialistas agressivas que afetam as economias de seus países e o bem-estar de seus povos.

Como parte de sua campanha contra os Estados Unidos, e em apoio ao Vietnã do Norte, o Conselho Mundial pela Paz organizou “A Conferência de Estocolmo sobre o Vietnã”. Entre 1967 e 1972, a Conferência de Estocolmo entrou num esquema anual. Além do mais, ela estabeleceu comitês de trabalho para conduzir as atividades durante os períodos entre as reuniões. O objetivo era estabelecer um mecanismo de organização da Europa Ocidental que pudesse conduzir a medidas ativas contra a política americana no Vietnã, até que a guerra acabasse. As reuniões deste grupo geralmente eram frequentadas por representantes das principais frentes internacionais soviéticas. Por exemplo, na reunião de maio de 1969, o Conselho Mundial pela Paz foi representado por uma delegação de seis e que incluía Chandra. Também compareceram membros da Federação Mundial de Juventudes Democráticas, a União Internacional de Estudantes, a Federação Mundial de Sindicatos, o IADL e a Conferência Cristã pela Paz.

O programa de ação aprovado nesta reunião exigia “ampliação das medidas contra os produtos dos Estados Unidos como petróleo, empresas que negociam bens, armas e serviços para a Guerra no Vietnã, como a Pan Am, e contra outras empresas não americanas que abasteciam e alimentavam a guerra”. Também foram recomendadas “ações para isolar e submeter a constante protesto e crítica os representantes do governo dos Estados Unidos”. Além do mais, foi decidido que deveria ser prestada assistência aos “americanos no exterior que se recusavam a se alistar, que desertavam das Forças Armadas dos Estados Unidos, fazendo propaganda no Exército, e à ação de militantes contra o Sistema de Convocação Militar”. Tal assistência podia incluir “presões em favor de direitos políticos totais em vários países e segurança para os desertores e os que se alistavam, e um apelo a todos os países,

para que concedessem asilo político aos que se recusarem a lutar no Vietnã".⁴⁷

O Conselho Mundial pela Paz forneceu orientação e apoio para a Conferência de Estocolmo sobre o Vietnã. A Carta Informativa Número 2 da Conferência de Estocolmo de 7 de maio de 1970, informava que o Comitê Presidencial do Conselho Mundial pela Paz tinha adotado unanimemente a seguinte resolução no dia anterior ao seu encontro, em Moscou:⁴⁸

As últimas ocorrências com respeito à Indochina tornam mais imperativo do que nunca, deter a guerra de agressão empreendida pelos Estados Unidos. Todas as organizações, todas as pessoas do mundo que defendem a paz, a liberdade e a independência devem unir seus esforços para exigir que os Estados Unidos cessem a guerra no Vietnã e em toda a Indochina.

Na Carta foi também declarado que:⁴⁹

O Comitê da Presidência do Conselho Mundial pela Paz apóia totalmente a decisão de uma campanha mundial de massa em favor do Apelo do Vietnã, publicada pela Conferência de Estocolmo, sobre o Vietnã, em conjunto com o Projeto "FORA JÁ" iniciado pelo movimento americano antiguerra."

Além disso, o Comitê da Presidência do Conselho Mundial pela Paz observava: "existem imensas possibilidades numa campanha como esta... tem-se oportunidade de desenvolver uma campanha em escala sem precedentes".⁵⁰

Uma Conferência Mundial sobre o Vietnã, o Laos e o Camboja, organizada pela Conferência de Estocolmo, foi realizada de 28 a 30 de novembro de 1970. Como nas reuniões anteriores, a maior parte das organizações comunistas internacionais de fachada estavam representadas. Chandra chefio a delegação do Conselho Mundial pela Paz. A União Soviética também enviou uma delegação do "Fundo Soviético pela Paz".

Outros membros da campanha do Conselho Mundial pela Paz contra o envolvimento americano no Vietnã poderiam ser citados. Contudo, os exemplos apresentados parecem ser representativos do modo pelo qual a campanha de propaganda e ação política deste Conselho foi estreitamente correlacionada com o programa soviético global, de medidas diretas e disfarçadas durante este período. Com o final da guerra no Vietnã, as frentes voltaram novamente seu principal foco de in-

teresse para a OTAN. A partir da metade da década de 70, as atividades do Conselho Mundial pela Paz concentraram-se primeiro na arma de nêutrons, e depois na modernização das forças nucleares da OTAN.

A Campanha do CMP contra a Arma de Nêutrons

A partir do início de 1977, a propaganda do Conselho Mundial da Paz foi dirigida contra a distribuição pelos Estados Unidos, de ogivas de nêutrons na Europa. Como foi descrito previamente, uma importante campanha de propaganda aberta contra a arma de nêutrons também foi lançada por Moscou durante 1977 e 1978. (Evidentemente, a grande preocupação revelada pela hierarquia do Kremlin derivou-se do resultado que o alastramento desta arma específica teria nas forças do Pacto de Varsóvia, no caso de uma guerra em território da OTAN.) Um exame do material usado pelo Conselho Mundial pela Paz em seus programas contra a arma de nêutrons, durante estes anos, revela uma estreita semelhança com a maneira pela qual Moscou tratava o assunto.

Por exemplo, em setembro de 1977 o Conselho Mundial pela Paz publicou um panfleto intitulado “Bombas de Nêutrons, Não”! Na introdução, escrita por Chandra, se lia:⁵¹

A campanha mundial lançada pelo Conselho Mundial pela Paz, em agosto de 1977, proibindo a bomba de nêutrons, é o movimento de massa mais poderoso dos tempos atuais contra armas de destruição maciça e para o fim da corrida armamentista. O apelo do Conselho Mundial pela Paz tem sido apoiado ativamente por numerosas organizações nacionais e internacionais que representam literalmente dezenas de milhões de pessoas de todos os países.

Além disso, Chandra observou que “nos países da OTAN o movimento de protesto cresceu”, e prosseguiu afirmando:⁵²

Em cada país, as ações são especialmente dirigidas no sentido de exigir que o governo envolvido declare publicamente sua oposição à colocação de bombas de nêutrons em seu território, e que peça ao Presidente Carter que abandone sua perigosa política de intensificar a corrida armamentista.

Num “Apelo do Conselho Mundial pela Paz”, incluído no mesmo panfleto, o CMP desenvolveu ainda mais os argumentos contra o alastramento de armas de nêutrons, ao rotular a bomba como uma “arma de tortura que estava sendo cinicamente apresentada com uma bom-

ba 'limpa' pelo governo dos Estados Unidos.”⁵³ *O Apelo exigia “ações mundiais durante o período de 1 a 15 de outubro Contra a Bomba de Nêutrons e Todas as Outras Armas de Destruição de Massa”* (ênfase no original) a ser executada por “todos os comitês pela paz nacionais, forças de paz, partidos políticos e outros movimentos nacionais, regionais e internacionais”.⁵⁴ Continha também o panfleto afirmações da Federação Mundial pela Paz, da Conferência Cristã pela Paz, da Federação Democrática Internacional das Mulheres, da União Internacional de Estudantes e da Federação Mundial da Juventude Democrática, contra a bomba de nêutrons.

Durante o ano de 1978, uma série de reuniões, demonstrações, comícios e outras atividades em oposição à arma de nêutrons foi organizada pelo Conselho Mundial pela Paz, na Europa e nos Estados Unidos. Por exemplo, de 25 a 28 de janeiro, uma reunião do Departamento do Conselho Mundial pela Paz “dedicado à revisão da campanha ‘Proíba a Bomba de Nêutrons!’ teve lugar em Washington, D.C.”⁵⁵

Em 22 de maio de 1978, o Conselho Mundial pela Paz tirou vantagem da Sessão Especial sobre Desarmamento, da Assembléia Geral da ONU, para apresentar ao Secretário Geral Waldheim o que os líderes deste Conselho afirmavam ser os setecentos milhões de assinaturas de apoio ao desarmamento. Numa declaração conjunta, o Conselho Mundial pela Paz criticou veementemente o desenvolvimento americano da arma de nêutrons e a colocação de mísseis de cruzeiro na Europa Ocidental.⁵⁶

Além disso, de 3 a 4 de junho de 1978, uma reunião de parlamentares de todo o mundo, realizada em Nova Iorque, e organizada pelo Conselho Mundial pela Paz, anunciou seu apoio na Sessão Especial da ONU. Uma declaração elaborada por esta Conferência “declarava que da fabricação de bomba de nêutrons acelera, de maneira trágica, a corrida armamentista”, e sustentava que “esta reunião apela para os parlamentares e todos outros representantes eleitos do povo, para que rejeitem a fabricação e alastramento da bomba de nêutrons”.⁵⁷

Para coincidir com estas atividades, o boletim informativo da CMP, *Peace Courier*, continha numerosos relatórios acerca do crescente protesto contra a arma de nêutrons. O material apresentado nesse boletim igualava-se, quanto ao conteúdo, aos relatórios encontrados em meios de comunicação de propaganda soviéticos como a *Novos Tempos*, o *Pravda* e a Rádio Moscou. Uma coleção de artigos do *Peace Courier* foi então traduzida e reimpressa para uso em agitações contra a arma de nêutrons na Alemanha Ocidental. Um exame cuidadoso da documentação é necessário para que se torne evidente que a maior parte do material desta série originou-se de fontes das frentes internacionais.⁵⁸

Embora o governo da Alemanha Ocidental tivesse concordado em desenvolver as ogivas de nêutrons, o Presidente Carter decidiu can-

celar sua fabricação em abril de 1978. Com esta decisão, a campanha do Conselho Mundial pela Paz contra a arma chegou a um fim imediato. Contudo, quando o Presidente Reagan assumiu, em janeiro de 1981, ressurgiu a possibilidade de desenvolvimento da arma. No início de agosto de 1981, começaram a aparecer artigos na imprensa americana declarando que o Presidente Reagan havia decidido continuar a fabricação e a distribuição da arma. Os canais soviéticos de propaganda aberta entraram em funcionamento. Quase imediatamente as acusações e os símbolos que tinham caracterizado a campanha de 1977 a 1978 começaram a reaparecer. Em 11 de agosto de 1981, um artigo no *Pravda* acusava:⁵⁹

a decisão horrenda de produzir a arma de nêutrons é o passo mais recente nas políticas aventureiras da atual administração, pois a bomba de nêutrons é um dos meios mais refinados e bárbaros de destruição em massa. É uma arma que tem um nível excepcionalmente elevado de radiação, não só dirigido contra os alvos e equipamentos bélicos e logísticos, mas contra seres humanos.

Em 13 de agosto de 1981, Gennady Shishkin, observador político da agência TASS (numa transmissão da TASS em inglês) afirmou que “os círculos dominantes dos Estados Unidos estão nas perigosas garras da insanidade. Este é o único modo de avaliar a decisão do Presidente Reagan sobre a produção de armas de nêutrons, e os motivos pelos quais ele se orienta.” Shishkin também se referiu à decisão de fabricar a arma de nêutrons como “uma filosofia canibalesca”.⁶⁰ O *slogan* do canibalismo foi repetido no dia seguinte pelo jornalista soviético Oleg Anichkin no Serviço Nacional da Rádio Moscou. Anichkin acusou:⁶¹

Esta modalidade de arma destina-se simplesmente a matar seres humanos, isto é, matar civis e militares, já que somente age pelo efeito da radiação. Eis porque estas armas são tão monstruosas e canibalescas. Casas, estruturas várias e equipamento militar permanecerão incólumes. Somente pessoas serão mortas. Ou morrerão de vez, ou lenta e agonicamente.

De modo semelhante, as organizações internacionais de fachada quase imediatamente encarregaram-se de voltar a usar as acusações que tinham sido utilizadas nas campanhas de 1977 e 1978. Por exemplo, como foi reportado na TASS, a Federação Mundial de Sindicatos, em agosto de 1981, “condenou, de maneira veemente, a cínica decisão do Presidente americano Reagan... como um ato de hostilidade para com o proletariado... Esta tentativa do governo dos Estados Unidos, de dar novo impulso à corrida armamentista surge ... no momento em que a

União Soviética ... apresenta propostas concretas e construtivas no interesse de ... remover o perigo de uma guerra nuclear mundial.”⁶²

O Conselho Mundial pela Paz também acionou suas forças em defesa da posição soviética. De acordo com o número de setembro de 1981 do *Peace Courier*:⁶³

O Conselho Mundial pela Paz condena, nos termos mais veementes possíveis, a decisão do presidente americano Reagan... Este ato desafia a opinião pública mundial... É o passo mais recente no avanço americano rumo à superioridade militar e empurra o mundo para mais perto ainda de uma catástrofe nuclear.

O Conselho Mundial pela Paz instruiu então seus seguidores para utilizar a ampla série de medidas que tinha sido usada durante a campanha anterior.

Campanhas Recentes do CMP contra a OTAN

Em dezembro de 1979, face à estrutura nuclear soviética, a OTAN decidiu (em resposta a um pedido específico da Alemanha Ocidental) modernizar suas forças nucleares de médio alcance. Desde então, uma das principais campanhas políticas internacionais de Moscou tem sido fomentar a oposição internacional a esta decisão da OTAN. Como no caso da campanha contra a bomba de nêutrons, o Conselho Mundial pela Paz seguiu liderança estabelecida pela propaganda direta soviética.

No *Pravda* de 28 de janeiro de 1982, Moscou reviu as conquistas recentes do CMP na campanha contra a modernização das Forças Nucleares de Alcance Médio da OTAN, e congratulou-se com o Conselho por seus esforços. “Representantes de sessenta Estados que participavam da sessão da Comissão Administrativa Permanente do Conselho Mundial pela Paz, em Copenhague, expressaram resolutamente seu apoio às iniciativas de paz soviéticas e apelaram para que se colocasse de sobreaviso a implantação de perigosos planos do Pentágono e da OTAN”, se informava. O *Pravda* também mostrou o sucesso do Conselho Mundial pela Paz em atrair duzentos mil participantes para uma demonstração, em Lisboa e outras duzentas mil vozes de protesto a um comício na Noruega.⁶⁴ O propósito dessas demonstrações era incitar a opinião pública contra os planos da OTAN e essencialmente evitar a modernização das Forças Nucleares de Alcance Médio.

Na metade da década de 80, muitas das outras frentes soviéticas se haviam unido ao Conselho Mundial pela Paz, numa oposição ativa à decisão da OTAN. Por exemplo, a Federação Mundial de Sindicatos

organizou, em 26 de setembro de 1980, uma Mesa Redonda Internacional de Sindicatos em Sofia, Bulgária, para protestar contra as sugestões apresentadas pela administração do Presidente Carter, de melhorar o potencial defensivo da Europa Ocidental. O encontro foi aberto por Ibrahim Zakaria, Secretário Geral da Federação Mundial de Sindicatos, que afirmou:⁶⁵

Estamos nos reunindo numa hora crucial para toda a humanidade. A nova espiral alarmante da corrida armamentista apresenta tarefas extremamente importantes para os membros de sindicatos do mundo inteiro, indiferentemente à orientação política ou filiação a associações internacionais. Somos impelidos a trabalhar juntos para encontrar plataformas políticas comuns, e avançar rumo a ações unificadas.

O comentário de Zakaria coincidiria totalmente com o do delegado soviético na conferência, que afirmava:⁶⁶

O perigo de uma guerra nuclear mundial tornou-se tão mais próximo que podemos dizer que ele está praticamente batendo às nossas portas... Sob estas condições, os sindicatos de todos os países e, em primeiro lugar os da Europa, precisam explicar para a maioria da população a séria ameaça à causa da paz, que os projetos da OTAN e de Carter representam.

A Federação Mundial de Juventudes Democráticas também se tornou ativamente envolvida na campanha contra os planos da OTAN de modernização das forças nucleares de alcance médio. Por exemplo, a Federação Mundial de Juventudes Democráticas publicou em 1982 uma coleção de documentos intitulada *Youth for Disarmament — Facts, Arguments, Information*. Este “livro de ocorrências” foi aparentemente planejado para uso no debate em andamento na Europa. É interessante notar que, enquanto a publicação da Federação Mundial de Juventudes Democráticas caracteriza o programa de modernização da OTAN como muito desestabilizante para o equilíbrio europeu, ela afirma categoricamente que “o equilíbrio do poder militar não será perturbado pelo SS-20 [soviético]”.⁶⁷ O “livro de ocorrências” da Federação Mundial de Juventudes Democráticas em muitos aspectos iguala-se ao livreto do Conselho Mundial pela Paz intitulado o Incremento Militar Global (também publicado em 1982) e, por conseguinte, serve para ilustrar a estreita correlação existente entre a Federação Mundial de Juventudes Democráticas e o Conselho Mundial pela Paz.

Além de promover a posição soviética no que concerne à política de defesa da Europa Ocidental, o Conselho Mundial pela Paz também apóia a outros objetivos da política externa soviética. Por exemplo, a

União Soviética apóia a OLP, assim como faz o Conselho Mundial pela Paz. De fato, a OLP está oficialmente representada no Conselho, e enviou um membro à delegação do Conselho Mundial pela Paz que se reuniu em Genebra em 1975 com o Secretário Geral da ONU, Kurt Waldheim.⁶⁸ Em 1979 o CMP promoveu uma conferência internacional para manifestar solidariedade com o povo palestino, e o tema central do encontro foi o apoio à OLP. Como Chandra comentou na conferência:⁶⁹

Nossa conferência não só estende sua solidariedade total e incondicional à Organização para a Libertação da Palestina: também estende apoio total à unidade dos países árabes e dos povos que se opõem a Pax Americana e à traição que a acompanha e que estão levando avante a grande causa do povo palestino.

Finalmente, quando as ações soviéticas tornam-se o alvo de crítica internacional, a Conferência Mundial pela Paz pôde tomar medidas para defender Moscou. Por exemplo, quando os Estados Unidos, em 1980 e 1981, acusaram a União Soviética de apoiar o terrorismo internacional, o Conselho Mundial pela Paz convocou uma reunião do Comitê Presidencial, em Havana, em abril de 1981, aparentemente para agir contra estas acusações. Ao comentar as deliberações desta reunião, a Rádio de Havana relatou:⁷⁰

Dentro da estrutura do encontro da presidência do Conselho Mundial pela Paz, reunido no Palácio de Convenções de Havana, o Presidente deste Conselho, Romesh Chandra, deu uma entrevista coletiva à imprensa durante a qual afirmou que os terroristas que colocam em risco a paz mundial são aqueles que produzem armas e promovem a corrida armamentista, concretamente os Estados Unidos e seus aliados da OTAN. Chandra acrescentou que as afirmações de Leonid Brezhnev, durante o XXVI Congresso do Partido Comunista da União Soviética são verdadeiras e traduzem os apelos da opinião pública mundial em favor da paz.

AGENTES DE INFLUÊNCIA

Dos vários meios empregados por Moscou para conduzir operações secretas em apoio aos objetivos da política externa, o agente de influência pode ser o mais complexo e difícil de ser provado. De fato, mesmo funcionários especializados em contra-espionagem acham mui-

to difícil seguir e desenredar as operações orquestradas por agentes de influência. Como foi observado anteriormente, existem alguns tipos diferentes de agentes de influência, entre eles os indivíduos inconscientes mas manipulados, os “contatos de confiança” e os agentes disfarçados sob controle.

O agente de influência pode ser um jornalista, um funcionário do governo, um líder trabalhista, um acadêmico, um líder da opinião pública, um artista ou alguém envolvido em numerosas outras profissões. O objetivo principal de uma operação de influência é o uso da posição do agente — quer no governo, na política, no trabalho, no jornalismo ou em qualquer outro campo — para apoiar ou promover as propostas políticas pretendidas pelo patrocinador do poder estrangeiro.

Moscou usa o agente de influência como um elemento de um esforço cuidadosamente dirigido. Os conhecedores rotulam esta orquestração de *kombinatsia*. Isto se refere à habilidade de relacionar, aproximar e combinar vários agentes de influência (em várias ocasiões e em lugares diversos) a várias tarefas operacionais especiais, de tal modo que a eficácia seja aumentada. Estas ações constituem mais um componente da abordagem conjunta de ações abertas-disfarçadas empregada pelo Kremlin.

A KGB geralmente é responsável pela condução destas atividades. A primeira fase exige o desenvolvimento de fortes relações veladas com figuras importantes de sociedades estrangeiras. Uma vez que tal relacionamento seja estabelecido, o próximo passo é assegurar a colaboração ativa da pessoa em assuntos de interesse mútuo. Em troca, a KGB proporcionará recompensas talhadas para vir de encontro às necessidades ou vulnerabilidades específicas da pessoa envolvida. Em alguns casos, a forma de compensação pode simplesmente envolver dinheiro. Contudo, para o indivíduo que chega a ter preeminência, as recompensas por servir como um agente de influência são provavelmente auxílios para a conquista de metas políticas ou pessoais.

O Caso Pierre-Charles Pathé

Um caso recente e interessante é o de Pierre-Charles Pathé.⁷¹ Em razão de Pathé ser importante, operar por um longo período de tempo, escrever muito, ser preso e julgado, é possível seguir muitas de suas atividades. (Entrevistas também foram feitas na França com jornalistas e antigos funcionários do serviço secreto francês, conhecedores do caso Pathé, seu julgamento e sua condenação em 1979.)

Aparentemente, Pathé chamou a atenção dos soviéticos quando escreveu, em 1959, um artigo elogiando a União Soviética em termos brilhantes. Um convite do embaixador soviético em Paris conduziu então o relacionamento entre Pathé e o primeiro de alguns funcionários

com os quais ele iria colaborar. Embora pedissem que Pathé fornecesse informação sobre a política e políticos franceses, seu papel principal foi como agente de influência nos meios de comunicação.

Em 1961, Pathé começou a publicar — com estímulo soviético — um periódico intitulado *Centro de Informação, Científica, Econômica e Política*, e começou a receber algum apoio financeiro de Moscou. Além de produzir seu próprio periódico, Pathé também colaborou em várias outras publicações de massa dos meios de comunicação franceses, sob o pseudônimo de “Charles Morand”.⁷² Parece que os soviéticos não davam a Pathé artigos completos para publicação; ao invés disso, forneciam-lhe instruções gerais e temas sobre os quais basear seus artigos.

Como será discutido no Capítulo 5, nas entrevistas com antigos funcionários do serviço secreto do bloco soviético que lidaram com agentes como Pathé, este tipo de arranjo não é incomum. O relacionamento entre um alto funcionário e um agente de influência é aparentemente flexível e baseado em interesses mútuos, especialmente quando o agente é uma pessoa importante. Neste último caso, particularmente, a KGB fornece instruções gerais, ao invés de ordens específicas.

Pathé lançou em 1976 um novo boletim informativo quinzenal, intitulado *Síntese*, pelo qual recebeu ajuda financeira parcial dos soviéticos.⁷³ O boletim focalizou questões políticas, econômicas, militares e científicas francesas, européias e internacionais. A esta altura, o *Síntese* incluía, entre seus assinantes, 139 senadores, 299 deputados, 41 jornalistas, 14 embaixadores e — curiosamente — somente sete particulares em um total de 500 assinaturas na França. Através de seu boletim, Pathé alcançava, portanto, 70 por cento da Câmara de Deputados e 47 por cento do Senado. Naturalmente é difícil avaliar o grau de influência que o *Síntese* de fato alcançou.

Em 1978 um jovem membro do Parlamento francês relatou a funcionários da contra-espionagem francesa que estava sendo envolvido por um funcionário soviético, Igor Kuznetsov. A agência do serviço secreto francês começou a vigiar Kuznetsov. Apesar de seus esforços defensivos, Kuznetsov levou, inadvertidamente, os funcionários franceses a seus encontros clandestinos com Pathé. Os dois foram presos quando trocavam dinheiro e documentos. Pathé foi julgado publicamente e condenado por espionagem contra o Estado. Ele admitiu a participação em encontros clandestinos com a KGB, o recebimento de pequenas somas em dinheiro por artigos escritos no interesse de Moscou e de ter proporcionado análises políticas aos soviéticos. Pathé foi sentenciado a cinco anos de prisão.

Além dos periódicos e artigos que publicava sob pseudônimo, Pathé teve também um desempenho pessoal. De acordo com a revista de

notícias francesa *Paris Match*, Pathé — enquanto não era famoso — chegou a usufruir de certa reputação entre jornalistas, que apreciavam seu ímpeto e espírito, sua habilidade e seu raciocínio analítico e claro, e sua facilidade de expressão.⁷⁴ Sendo filho de um francês pioneiro do cinema, cunhado de um ministro, do embaixador francês nos Estados Unidos e do presidente da Renault, uma empresa estatal de produção de automóveis, ele era um parisiense bem informado. Conhecia personagens da vida pública do nível político de de Gaulle a Mitterrand. Além do mais, Pathé estava numa posição favorável para identificar, para a KGB, jornalistas e políticos que ele julgasse pudessem ser recrutados, e ele pode ter-lhes dado essa assistência.

Durante quase duas décadas, Pathé serviu como elemento soviético útil, cuja influência jornalística foi reforçada por seus contatos pessoais com figuras em posição de prestígio. É importante lembrar, contudo, que as operações políticas soviéticas envolvem grande quantidade de elementos — tanto as diretas quanto as disfarçadas, oficiais ou não — visando, em conjunto, a indivíduos e grupos como alvo. Pathé não estava sozinho; ao contrário, ele deve ser considerado um dentre uma grande quantidade de forças, visando aos líderes franceses.

Pathé produziu tanto a propaganda velada, quanto a desinformação escrita, em nome da União Soviética. Os artigos, inspirados em Moscou, que apareciam nas publicações dos meios de comunicação de massa franceses parecem se classificar na categoria de propaganda velada. O boletim *Sintese* foi classificado tanto de propaganda disfarçada quanto de desinformação. Os alvos do *Sintese* não eram um público de massa, mas principalmente jornalistas franceses e a elite política francesa. A publicação era seletiva e discriminadora na forma, procurando enganar sutilmente este público da elite.

Temas Abordados pelo *Sintese*

Esta seção analisa quase todos os setenta números do *Sintese* publicados durante sua existência, de 1976 a 1979. Embora seja difícil saber exatamente que itens os soviéticos promoveram, nossa avaliação do *Sintese* revela duas grandes categorias de propaganda e de desinformação: a difamação e os ataques aos interesses e à política ocidentais; e a defesa da URSS e seus aliados. O trabalho de Pathé parece ter sido elaborado para omitir da publicação qualquer matéria que pudesse tornar a URSS e seus aliados vulneráveis à crítica, abafar a crítica que não pudesse ser evitada e incluir matéria que apoiasse ativamente ou defendesse pontos de vista da União Soviética e/ou seus aliados.

Crítica a Interesses e à Política Ocidentais

O tema do *Síntese*, dirigido contra os interesses e a política ocidentais, pode ser dividido em quatro tópicos básicos. Este modelo generalizado emerge com razoável clareza, e é muito semelhante a modelos encontrados tanto em outros exemplos de atividades disfarçadas, descritos neste capítulo, quanto no conteúdo da propaganda aberta, analisado anteriormente neste livro. Os quatro temas contra o Ocidente incluem fomentar a desconfiança entre os aliados da OTAN e seus amigos, difamando o sistema de armas e a política defensiva ocidental, criticando a política francesa, comparando-a com arranjos políticos e defensivos americanos e da OTAN, e expressando desconfiança e censurando os Estados Unidos. (Estes temas não estão sendo apresentados por ordem de hierarquia, de acordo com sua relativa importância; todos podem ter sido igualmente consequentes, e os quatro se integraram intimamente e muitas vezes se combinaram um com o outro.)

Fomentar a Desunião do Ocidente. Muitos artigos do *Síntese* tiveram por alvo a criação de atrito e desconfiança entre os aliados ocidentais, com o objetivo fundamental de enfraquecer a OTAN. Assim, a publicação encaixa-se diretamente numa das campanhas políticas internacionais mais importantes, levadas a cabo pelo Kremlin, no período posterior à Segunda Guerra Mundial.

Neste sentido, Pathé concentrou muita atenção na Alemanha Ocidental — vizinha da França, e um alvo óbvio. Foram levantadas suspeitas de que criminosos de guerra nazistas tinham sobrevivido para ocupar posições no governo da Alemanha Ocidental. Por exemplo: um número de abril de 1977 dizia que “os descendentes de Hitler dormem na Alemanha de hoje”.⁷⁵ Medidas alemãs contra o terrorismo foram caracterizadas como repressivas, e o próprio terrorismo foi retratado como um sinal das profundas crises sociais na Alemanha Ocidental, como evidência dos excessos do caráter alemão. A Alemanha Ocidental foi descrita como um país paralisado por seus complexos e pela presença da Alemanha Oriental, retratada como um modelo completamente contrastante de ordem e estabilidade.⁷⁶ Foram também evocados os receios de uma Alemanha nuclear, a dominação econômica alemã, e os laços especiais germano-americanos.⁷⁷

É interessante lembrar que muitas destas acusações apareceram freqüentemente nos vários meios de expressão da propaganda aberta soviética, durante a década de 60. Contudo, pelo final dos anos 70 — como foi observado no capítulo anterior — Moscou estava retratando a República Federal em termos muito diferentes: agora foi retratada como uma das principais forças do “realismo” ocidental, e um proponente

importante da detente. Não obstante, na visão soviética, parece que o sentimento antigermânico continuava em alta na França, e Moscou aparentemente acreditava que o desenvolvimento do tema do nazismo continuava a ser um instrumento útil para prevenir relações mais estreitas entre Paris e Bonn.

Com respeito ao uso da OTAN como alvo de ataque direto, Pathé e seus patrocinadores parecem ter usado de cautela, pois apareceu somente um artigo no qual era rechaçada a utilidade e necessidade da OTAN.⁷⁸ A ofensiva montada por *Síntese* contra qualquer relação francesa mais estreita a respeito da OTAN deve, contudo, ser vista como um ataque contra esta última (veja-se a continuação). Além do mais, o epíteto — “atlanticista” — lançado por Pathé ao Presidente Valéry Giscard d’Estaing era, ao mesmo tempo, intencionalmente contra a OTAN e antiamericano.⁷⁹ Este ataque indireto contra a aliança ocidental foi também efetivado através de artigos que acentuavam a falta de interesses e de solidariedade comuns à França e à OTAN. Os chefes de Estado ocidentais que participaram, em 1977, da Reunião de Cúpula de Londres, com exceção dos Estados Unidos e da França, foram retratados como tendo renunciado a uma política externa própria.

Num artigo de maio de 1977, a França foi mostrada como o objetivo particular de uma guerra econômica americana “secreta”, e a Alemanha Ocidental foi apelidada de “vaca leiteira da suserania americana”. O artigo afirmou que os déficits americanos na balança de pagamentos permitem a Washington “sugar a riqueza” de outros países. A *Síntese* continuava dizendo que a Europa deveria deixar de fazer concessões desnecessárias aos Estados Unidos, e deveria lidar com Washington, em questões econômicas, em bases estritamente de concessões mútuas. O artigo concluía dizendo que durante anos os Estados Unidos exploraram seus aliados europeus (a Alemanha Ocidental mais do que os outros) e que a Europa era como um protetorado econômico americano.⁸⁰

Uma edição de fevereiro de 1979 relatava que o relacionamento especial da Inglaterra com os Estados Unidos não trouxera nenhum bem para Londres, e — ao contrário — tinha beneficiado somente Washington. A posição internacional britânica, dizia-se, tinha se reduzido à de um satélite político e financeiro dos Estados Unidos. Além disso, o plano ítalo-americano de cooperação na produção e venda de armas foi descrito como um modelo medíocre a ser seguido, já que não era um acordo entre iguais.⁸¹

Esta linha básica de crítica nunca variou em seus parâmetros gerais, e *Síntese* não publicou artigo algum reconhecendo a existência de interesses comuns entre a França e os Estados Unidos, ou — em um sentido mais geral — entre a Europa e os Estados Unidos. (Não é necessário dizer que nenhuma menção foi feita ao interesse partilhado entre

estes países frente ao desafio soviético.) Em contraste, como será demonstrado mais adiante, Pathé parecia excluir ou diminuir a importância de quaisquer diferenças entre os países da Europa Ocidental, por um lado, e a União Soviética e seus amigos, por outro. Isto é focalizado aqui para enfatizar uma questão chave: tanto deverá ser encarado como uma forma de desinformação que realmente aparece no *Síntese*, como também o que não aparece.

A Política Ocidental de Armas e Defesa. Apareciam também frequentemente no *Síntese* artigos que centralizavam sua crítica na política defensiva — uma pressão intimamente relacionada com o tema do estímulo à desunião do Ocidente. O tratamento dado a estes dois temas nos comentários de *Síntese* eram semelhantes e refletiam os que apareciam nos canais de propaganda aberta soviética, bem como os esforços de publicidade e ações políticas levadas a efeito pelo Conselho Mundial pela Paz e outras organizações internacionais de fachada. É reveladora esta aparentemente estreita coordenação entre medidas executadas através de vários canais abertos e velados, e serve como uma indicação do modo como todos os meios julgados eficazes são utilizados nas campanhas e operações políticas internacionais de Moscou

Síntese publicou diversos artigos que levantavam dúvidas — algumas fundamentais — sobre a necessidade das políticas de defesa ocidentais e de novos armamentos ocidentais. (Deve ser observado que em nenhuma ocasião apareceu um tratamento igual para a evolução militar soviética, para colocar a questão em sua devida perspectiva; ao invés disso, como será demonstrado a seguir, o editor do boletim engajou-se num firme esforço para reduzir a importância das questões da defesa soviética.) Por exemplo, no único artigo dedicado exclusivamente à OTAN, Pathé afirmou que muitos políticos franceses eram da opinião que a OTAN já não servia a qualquer propósito e deveria ser dissolvida.⁸²

Frequentemente levantavam-se dúvidas sobre a disposição dos Estados Unidos de defender a Europa Ocidental, devido ao risco de um ataque nuclear no próprio território americano. Numa edição de janeiro de 1979, Pathé argumentou que os líderes americanos e soviéticos deveriam empregar armas nucleares somente no caso de seus próprios territórios serem atacados.⁸³ Num artigo sobre a força nuclear francesa, Pathé argumentou que a chave para a credibilidade desta força reside no fato de que ela existe unicamente para a defesa da própria França; por isso, continuou ele, um ataque soviético convencional exporia ao perigo de uma guerra nuclear somente se estendesse para além da Alemanha e penetrasse na França.⁸⁴

Outros temas continham descrições da arma de nêutrons como um

armamento desumano e inútil, nada acrescentando de construtivo ao existente arsenal da OTAN. Os Estados Unidos eram retratados como tendo desencadeado um amplo esforço de propaganda para convencer os europeus ocidentais de que a arma de nêutrons é de fato uma arma convencional, e que o uso do armamento não levaria à ultrapassar o umbral da guerra nuclear. Contudo, afirmava Pathé, mesmo os alemães ocidentais — a quem os norte-americanos tentavam tranquilizar a respeito desta arma — agora compreendem seu verdadeiro significado.⁸⁵ Num artigo publicado em março de 1978, Pathé expressou surpresa pelo fato de alguns países da OTAN mostrarem entusiasmo pelo míssil de cruzeiro. Este míssil, acusou ele, não mudaria quaisquer das condições nas quais se desenvolveria uma guerra nuclear, e nada faria quanto a reforçar a defesa dos países que já possuíam mísseis nucleares.⁸⁶

Dois fatos devem ficar claros durante uma análise do material sobre a composição da defesa ocidental, que apareceram na *Síntese*. Em primeiro lugar, Pathé não mencionou em momento algum o grande alastramento de mísseis soviéticos e outros aspectos do significativo fortalecimento do poder militar soviético que ocorreu neste período. Em segundo lugar, deve-se observar que a retirada da França, em 1966, da ala militar da OTAN, constitui um grande benefício estratégico para a União Soviética e um prejuízo para a OTAN. O grau em que as medidas ativas soviéticas influíram na decisão do Presidente de Gaulle nunca foi analisado. Aquilo que Pathé (um agente soviético ativo de influência na época) e outros estavam escrevendo e dizendo durante o período que precedeu a retirada militar francesa da OTAN pode nos dar indícios acerca de canais soviéticos adicionais de desinformação que operavam na ocasião. Compreender os esforços de Pathé torna-se fácil se tivermos em mente os resultados estratégicos do rompimento parcial da França com a aliança ocidental.

Relações da França com o Ocidente. Um ponto central do trabalho de Pathé, através da *Síntese*, dizia respeito às posições tomadas pela França em questões da defesa européia, e à coesão e cooperação ocidentais. A *Síntese* trazia grande número de artigos atacando a administração do Presidente Giscard d'Estaing, com advertências sobre esta questão. Grande ênfase foi colocada nos acontecimentos que, de acordo com Pathé, poderiam enfraquecer a independência da política francesa ou sugerir um movimento de aproximação com os Estados Unidos e a OTAN. Deve-se observar que Pathé, enquanto servia como agente soviético, participou ativamente no Movimento Gaulista para a Independência da Europa, o qual ele ajudou a organizar.

No início da publicação do boletim, os artigos da *Síntese* criticavam o governo francês por alegada subserviência aos Estados Unidos

e acusavam Giscard d'Estaing de ser um "atlanticista". O Presidente francês foi censurado por aliar-se a outros chefes de Estado na Reunião de Cúpula de Londres, em 1977, quanto à decisão de renunciar a qualquer outra política externa que não a dos Estados Unidos. Pathé argumentou também que uma invasão soviética à Alemanha Ocidental não resultaria numa guerra nuclear porque os Estados Unidos não sacrificariam suas próprias cidades à destruição nuclear para defender a República Federal. Ele alegou, também, que o ponto de vista sustentado por de Gaulle, de que a Europa Ocidental não podia depender do guarda-chuva nuclear americano, estava se tornando mais amplamente aceito.⁸⁷

Um outro número da *Síntese* criticou a intervenção da França no Chade, no Saara e no Zaire, dizendo que não servia aos interesses da França, mas somente aos interesses de outros países ocidentais. Foi alegado que o Ocidente está interessado apenas na matéria-prima da África. Os leitores foram doutrinados no sentido de que não existem grandes questões dividindo a França e a URSS, e afirmou-se que não existe qualquer rivalidade política verdadeira entre estes países, já que não são potências da mesma ordem. Pathé também declarou que a prolongada política nuclear repressora de Giscard d'Estaing — que desejava o provável uso de armas nucleares em circunstâncias que não implicavam ameaça direta ao território francês — não era digna da confiança dos soviéticos e foi planejada apenas para tranquilizar a Alemanha Ocidental.⁸⁸ (Este comentário constitui a variação de um tema muitas vezes utilizado por Pathé — isto é, a afirmação de que um avanço soviético na Alemanha Ocidental não provocaria uma guerra nuclear.)

Pathé argumentou, num artigo de abril de 1979, que os mísseis de cruzeiro não iriam, em hipótese alguma, melhorar a defesa de países como a França, que já possuía um arsenal poderoso de mísseis. Pathé alertou que a indústria e o governo franceses deveriam manter-se afastados de acordos conjuntos de produção de armas com os Estados Unidos, já que tais arranjos poderiam servir para enfraquecer um sistema industrial francês forte e independente.⁸⁹

O Alvo Americana Desde a Segunda Guerra Mundial, Moscou considera os Estados Unidos seu adversário mais importante e o principal obstáculo para a conquista dos objetivos políticos soviéticos. Não é de surpreender, portanto, que uma importante parte do trabalho de Pathé (em conjunto com outras atividades diretas e disfarçadas) se concentrasse em retratar os Estados Unidos como o principal responsável pela instabilidade internacional e a ameaça básica à paz mundial. Este ataque antiamericano é evidente nos temas incluídos na *Síntese*, já examinados neste capítulo. Contudo, no boletim apareceram outros artigos que tratavam de vários eventos e políticas e se referiam aos Esta-

dos Unidos de maneira ainda mais direta, constituindo alguns dos escritos menos sutis de Pathé (e, presumidamente, refletindo as atitudes de seus patrocinadores soviéticos). Os principais temas abordados por Pathé nesta tarefa estão delineados (não necessariamente pela ordem de sua importância) nos parágrafos a seguir.

Em primeiro lugar, Pathé contribuiu para a principal campanha de propaganda soviética dirigida contra a CIA, de 1976 a 1979. *Síntese* retratou os serviços americanos de segurança e o serviço secreto como não sendo passíveis de serem redimidos. Dois dos objetivos principais de um artigo de junho de 1977 sobre o assassinato do Presidente Kennedy eram: (a) criar a impressão de que o poder máximo nos Estados Unidos estaria nas mãos do diretor do FBI, e (b) expor o ponto de vista de que a morte do Presidente não poderia ter acontecido sem o conhecimento do chefe do FBI, já que este desejava ver o Presidente fora do seu caminho.⁹⁰

Numa outra edição, Pathé acusou os serviços de inteligência americano de ajudarem o antigo Primeiro Ministro iraniano a escapar do Irã, e tentar criar problemas no Irã de Khomeini. Pathé afirmou também que havia cláusulas secretas, envolvendo a CIA, no acordo de Camp David entre Israel e o Egito. Pathé também afirmou que um dos motivos pelo qual os Estados Unidos necessitam de um balanço de pagamentos favorável é sua necessidade de pagar as atividades de seu serviço secreto no exterior.⁹¹ Na maior parte, a *Síntese* concentrou-se somente em certas pretensas atividades do serviço secreto dos Estados Unidos, em vez de novamente lançar a publicidade desfavorável quanto ao serviço secreto americano gerado por investigações que eram feitas nos Estados Unidos. (Este último material foi usado na propaganda direta soviética, como foi indicado no capítulo anterior.)

Um outro assunto enfatizado por Pathé foi a política econômica americana e a existência de um profundo conflito de interesses econômicos entre os Estados Unidos e os países da Europa Ocidental. Esta rivalidade foi projetada, por Pathé, de várias maneiras. A questão das restrições americanas aos direitos de pouso do Concorde nos Estados Unidos foi apresentada como representativa dos esforços americanos para manter um quase monopólio da indústria aeronáutica e prejudicar as vendas em outros países.⁹² Foi dito que os Estados Unidos se opunham à liberalização do comércio mais do que qualquer outro membro do Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio (GATT), e os EUA foram acusados de fazer o possível para reduzir o Mercado Comum à impotência.⁹³ Pathé declarou, ainda, categoricamente, que não havia nenhuma necessidade natural de comércio entre a Europa e os Estados Unidos. Assegurou, ao contrário, que os interesses econômicos soviéticos e europeus são complementares, em vez de conflitantes.

Os alvos de Pathé incluíam também a política dos Estados Uni-

dos fora da Europa. A América Latina foi escolhida para ênfase especial e diversos artigos na *Síntese* criticaram a política americana nesta região, levando dúvidas sobre os motivos e os propósitos americanos. Vale a pena observar que num artigo de março de 1978 Pathé ignorava a questão da forma de governo totalitário em Cuba e qualquer lição negativa derivada da experiência cubana. O governo totalitário de Castro foi aceito como necessário, em parte para destruir o antigo exército e as organizações de segurança como meio de impedir possíveis atentados americanos para derrubar seu governo.⁹⁴

O resto da América Latina era apresentado no mesmo artigo como sob a influência dos Estados Unidos, com a maioria das administrações governamentais, as forças policiais e os exércitos totalmente subordinados aos “serviços especiais” americanos. Argumentava que os Estados Unidos exercem o papel de “colonizador” na região e que o exército dos países latino-americanos eram guardas pretorianos e os verdadeiros abonadores da suserania americana. Além disso, se recomendava como fonte oficial nestas questões um relatório altamente crítico e polêmico, escrito por Philip Agee, ex-funcionário da CIA, sobre as atividades do serviço secreto americano na América Latina.⁹⁵

Com respeito às ações americanas no Oriente Médio, Pathé rotulou o acordo de Camp David, entre Israel e o Egito, de “não-confidência”.⁹⁶ Em um artigo de abril de 1977, a política americana no Irã, durante o governo do Xá, foi retratada como favorecendo o Ocidente às custas do povo iraniano; e o Irã foi descrito como um país com um rei “americano”. A linguagem usada por Pathé para descrever a política americana no mundo todo era em certas ocasiões bastante forte e mesmo extremista. Por exemplo, Pathé afirmava que “durante trinta anos o império americano foi construído pela força e pela corrupção”.⁹⁷

As instituições americanas constituíam um alvo adicional para Pathé. Um artigo em *Síntese* levantou questões a respeito das credenciais democráticas dos Estados Unidos. A democracia americana tinha evoluído para uma “democracia policial” — embora, admitia, não parecendo com aquela anterior, imposta pela NKVD soviética”.⁹⁸ (O uso da sigla NKVD pode ser uma referência à era stalinista, e um esforço para distinguir entre aquele período e o atual.)

Inevitavelmente, a *Síntese* trazia comentários sobre o problema racial dos Estados Unidos. Em um outro artigo, nesta mesma edição, Pathé reiterou as acusações de que importantes organizações dos Estados Unidos continuavam a rejeitar qualquer participação de negros. Dizia-se que matar era um método político americano para tratar com a população negra do país, e o assassinato do Presidente Kennedy foi apresentado como a representação de um “aspecto essencial da democracia americana”. O artigo também fazia afirmações depreciativas quanto à imprensa americana, à Casa Branca, o FBI, a Comissão War-

ren e outros aspectos da sociedade americana.⁹⁹

Uma edição de setembro de 1976, no qual se afirmava que os líderes americanos tinham mostrado pouca preocupação para com os direitos humanos nos países “que eles controlaram” durante trinta anos, foi usada para questionar a sinceridade dos Estados Unidos na questão dos direitos humanos. Além disso, a imprensa americana foi acusada de seguir a linha do governo no que diz respeito a outros pecados americanos de ação e omissão.¹⁰⁰

Defesa da Política e dos Objetivos Soviéticos

O segundo tema geral evidente em *Síntese* — apoio e defesa das políticas, da prática e das instituições da União Soviética e seus aliados — pode ser dividido em duas importantes categorias. A primeira é a defesa ativa, oposta ao silêncio, de assuntos de importância crucial para o Kremlin. Como foi observado anteriormente neste capítulo, depreciar os assuntos e as questões que afetam desfavoravelmente a URSS ou adotar uma posição de silêncio deliberado quanto a estes tópicos eram táticas usadas frequentemente por Pathé. Estas práticas não estão confinadas às questões em que a URSS tinha participação. Deve-se observar, com relação a isto, o tratamento dado por *Síntese* à iniciativa de paz, do Presidente do Egito Anwar Sadat, com respeito a Israel. Contudo, a defesa eficaz indica um debate de mais alta importância. A segunda principal categoria abrange ataques contra pessoas, grupos e países que competem com a URSS ou são considerados uma ameaça ideológica.

Quando estas duas categorias são levadas em consideração, o patrocínio e os propósitos de *Síntese* ficam claramente evidenciados — e a publicação se desmascara como sendo mais do que o produto de um gaulista antiamericano excêntrico. O tom ruidoso de alguns dos artigos relacionados com este segundo tema geral trai um comprometimento a ponto de poder levantar suspeitas quanto a sua verdadeira autoria, mesmo não se estando a par da situação de Pathé como agente soviético. Esta estridência também resulta em perda da sutileza em qualquer abordagem.

Apoio a Moscou. *Síntese* apoiou e defendeu a União Soviética e seus amigos em numerosos artigos. Num número de junho de 1978, a ameaça nuclear representada pela URSS foi subestimada, e Pathé afirmou que Moscou nunca usaria armas nucleares a não ser que o território soviético fosse atacado. A denúncia de Pathé de ausência de qualquer rivalidade entre a França e a União Soviética foi observada anteriormente neste capítulo. Pathé também argumentou que os temores dos norte-

americanos a respeito do comunismo na Itália e na França eram infundados, à luz de sua atuação em sindicatos e governos municipais destes países. Pathé continuou a afirmar que a União Soviética somente interfere em áreas “já desestabilizadas” por outros, e envolve-se sem enviar tropas; em outras palavras, a URSS, segundo ele, não se desestabiliza.¹⁰¹

Na opinião de Pathé, por exemplo, o envolvimento soviético e cubano em Angola veio após a ingerência da CIA. Outros argumentos de Pathé incluem afirmações de que os países ocidentais — e não soviéticos — estavam na África para obter matérias-primas; que os líderes de Pequim criaram deliberadamente divergências com a URSS como uma saída para o descontentamento interno; que problemas na Iugoslávia se iniciaram apenas como resultado de um movimento de independência croata apoiado pelo Ocidente; e que os critérios coloniais do Ocidente não eram aplicáveis à Ásia Central soviética.¹⁰²

Pathé defendeu Moscou em várias outras circunstâncias em que os interesses soviéticos e ocidentais entravam em conflito. O argumento era que a União Soviética nunca tencionara destinar recursos para um pretendido programa espacial, e que os Estados Unidos foram os responsáveis pela militarização do espaço. Proclamou, a seguir, que o satélite de energia nuclear soviético, que caiu em território canadense poderia ter sido interceptado por satélites assassinos americanos.¹⁰⁴ Também foi afirmado que as acusações de infiltração da União Soviética e da Europa Oriental no séquito de de Gaulle e na contra-espionagem francesa (SDECE) eram inspiradas pelos Estados Unidos. Os artigos sobre o satélite e as acusações de infiltração continham os sinais identificadores de uma tentativa de deter a crítica dirigida contra a URSS como resultado destes eventos.

De forma similar, amigos e aliados da União Soviética eram solitamente apoiados e elogiados e suas posições justificadas nas páginas de *Síntese*. Por exemplo, Pathé defendeu o Vietnã, argumentando que as pessoas que fugiam da Indochina em barcos eram de fato da classe média, e que os problemas em andamento na Indochina eram consequência de ações prévias americanas. O ataque chinês de 1979 ao Vietnã foi classificado como injustificável e o Vietnã pró-soviético foi elogiado.¹⁰⁵ A Alemanha Oriental, outro aliado soviético, foi escolhida para um elogio especial. Isto contrastou com o tratamento dispensado por Pathé à Alemanha Ocidental. A Alemanha Oriental foi descrita como estável, afligida por poucos problemas, gozando de progresso econômico e em posição de dar algumas lições à Europa Ocidental. Os alemães orientais, dizia o boletim, consideravam o Muro de Berlim uma defesa contra a infiltração “de imperialistas americanos e seus satélites em Bonn”. Da mesma forma, a repressão de Cuba sob o governo de Castro era retratada como necessária para a defesa daquele país contra as atividades da contra-espionagem americana.¹⁰⁶

A respeito dos acontecimentos no Camboja, *Síntese* empreendeu uma mudança flagrante em sua posição para se ajustar à linha de Moscou. Um artigo de setembro de 1977 expressou reservas quanto às acusações então em circulação quanto à extensão dos horrores do regime de Pol Pot, e levantou dúvidas quanto à exatidão dos números elevadíssimos de mortos nesses massacres. As medidas extremas usadas por Pol Pot foram retratadas como típicas do que ocorre quando um “regime antigo” é substituído. Foi utilizado o argumento que era necessário transferir um grande contingente da população devido à incapacidade de o país alimentar sua grande massa urbana.¹⁰⁷ Em janeiro de 1979 a linha do boletim, neste assunto, se tinha alterado drasticamente, refletindo mudanças na política externa soviética. O regime de Pol Pot era agora visto como desumano. A invasão do Camboja pelos vietnamitas, em dezembro de 1978, foi elogiada. A partir desta nova perspectiva, Pathé subitamente percebeu o movimento forçado da população no Camboja como algo conduzido a limites absurdos.¹⁰⁸

Mudanças de atitude semelhante verificou-se no modo como Pathé tratou os eventos no Irã. Inicialmente *Síntese* apoiava o regime de Khomeini e chamava a atenção para o papel dos marxistas na derrubada do regime do Xá.¹⁰⁹ Contudo, pouco tempo depois, Khomeini se voltou contra os grupos marxistas e *Síntese* assumiu uma posição de crítica em relação ao novo governante, em resposta a esta política.¹¹⁰

Difamação dos Adversários Ideológicos de Moscou. A ausência de uma mão sutil e delicada pode ser sentida muitas vezes em *Síntese*. Em nenhum outro lugar isto foi mais evidente do que nos ataques aos adversários ideológicos dentro do campo marxista-leninista. Claramente manifestos nestes ataques eram os temores das discordâncias e desafios à URSS que poderiam ser interpostos por outros governos comunistas ao declararem o acerto de suas próprias posições ideológicas.

A China foi, é claro, um dos seus principais alvos. As críticas de Pathé ao regime de Pequim foram a princípio cautelosas. Os primeiros números desta publicação expressavam que a China seguia então o mesmo caminho do desenvolvimento econômico da URSS, sugerindo a rejeição da Revolução Cultural de Mao. Contudo, no final de 1978, as críticas dirigidas contra a política econômica e cultural e a orientação política de Mao tornaram-se mais vigorosas. Ao fim do ataque chinês ao Vietnã, em março de 1979, as duras acusações de Pathé contra Pequim tinham todos os sinais de terem sido elaboradas em Moscou.¹¹¹ Naquela época, a China era descrita como tendo “vivido no absurdo, tanto em palavras como em ações” durante vinte anos. A política externa e a imprensa chinesa foram denunciadas violentamente e condenado o ataque ao Vietnã. Além disso, Pathé acusou a China de informar aos Estados Unidos sobre suas intenções, e de ter recebido a apro-

vação tácita de Washington para o ataque ao Vietnã. Finalmente, Pathé retratou, em termos desanimadores, o problema demográfico chinês e as perspectivas do país, quanto à industrialização.

Um artigo, no final de 1978, criticou a Romênia e o líder do Partido Comunista, Nicolae Ceausescu. Atacou o regime romeno por suas posições anti-soviéticas e por xenofobia. Foram feitas referências ao nepotismo envolvendo o irmão da esposa de Ceausescu e outras personalidades — uma prática, afirmou Pathé, que praticamente não é tolerada em qualquer lugar do mundo comunista. O artigo reduziu o significado da suposta independência romena em questões externas, em vista da proximidade geográfica do país com a União Soviética.¹¹²

Os dissidentes e exilados políticos soviéticos compreendiam de outro modo o objetivo do ataque e das difamações dissimuladas. Aqui a mão soviética pareceu evidente — quer traindo uma possível falha de julgamento por parte dos manipuladores soviéticos de Pathé quanto à melhor maneira de tratar deste assunto, quer criando pânico em Moscou. Um comentário foi dedicado ao fracasso dos emigrados soviéticos em se integrarem à vida israelense; e afirmou-se que os adultos soviéticos encontravam dificuldade para se ajustarem ao mundo capitalista, já que o “Homo Sovieticus”, moldado pelo regime soviético, é um ser um tanto diferente.¹¹³ Parece que Moscou perdeu a paciência com os ataques anti-soviéticos no Ocidente, por parte de dissidentes soviéticos.

Continuando com esta linha de crítica, Pathé depreciou as revelações do dissidente tcheco Karel Kaplan e alertou para a disseminação de informações falsas por serviços da contra-espionagem ocidental. Pathé também falou sobre a ausência de influência dos dissidentes da União Soviética. A imprensa ocidental prefere ignorar a verdade dessa situação, acusou Pathé, e prefere conviver com seus preconceitos. Continuou, afirmando que a bajulação do Ocidente estava transformando os dissidentes soviéticos em “ruínas” (*epaves*), com noventa por cento deles impossibilitados de se adaptar à sociedade ocidental.¹¹⁴ Num artigo sobre o PCUS, *Síntese* criticou novamente os exilados políticos soviéticos e dissidentes, acusando-os de apresentarem um falso retrato do Partido Comunista e pondo em dúvida sua imparcialidade. O mesmo artigo descrevia os adversários exilados do regime soviético como “peixes fora d’água” e “oficiais sem tropas”, incapazes de formar uma oposição verdadeira. A única oposição na URSS, declarou Pathé, é encontrada entre intelectuais isolados.¹¹⁵

A evidente linha de *Síntese*, de forte reação quanto a questões ideológicas, ou a respeito de assuntos relativos à *raison d’être* da sociedade comunista, era manifesta nos artigos que diziam respeito aos filósofos franceses antimarxistas, conhecidos como “os novos filósofos”. O boletim caracterizava seus pontos de vista como niilistas e afirmava que eram baseados em questões secundárias. Pathé comentava, por exem-

plo, que “o modo como continuam retornando ao assunto do Gulag é risível.”¹¹⁶ Outro ataque referia-se à ignorância por parte deles de problemas reais como “abismal”, e dizia que seus “discursos elegantes” apresentavam enorme confusão e sua retórica era anárquica. O artigo levantava questões quanto ao modo como esses filósofos conseguem discorrer sobre opressão em sociedades distantes e terminava dizendo que a conclusão lógica de suas idéias é o “terrorismo político”. Acrescentava que, na URSS, os membros desta escola filosófica são ridicularizados.¹¹⁷

Um outro tema de *Síntese* foi o assunto dos direitos humanos preconizado pela administração Carter. Durante a Conferência sobre Segurança e Cooperação Européia (a “Conferência de Helsinque”), que se iniciou em 1977, Pathé advertiu que os soviéticos iriam mostrar a “roupa suja” do Ocidente de um modo impressionante, se este último continuasse a interferir naquilo que deveria ser considerado questões internas soviéticas.¹¹⁸ Ao defrontar-se com a crítica da URSS e de seus amigos em questões específicas como os direitos humanos, uma clara atitude defensiva, empregada por Pathé, consistiu em desacreditar a confiança e a exatidão dos meios de comunicação franceses e — de modo mais geral — ocidentais. Esta tática também serviu ao propósito evidente de mudar de rumo os ataques, ao afirmar a impecabilidade das credenciais morais do crítico.

Pathé, portanto, enfatizou a tese de que a imprensa ocidental não é confiável em muitas questões, ou silencia em outras, e está sujeita a grande variedade de pressões externas (incluindo aquelas sobre exigências de circulação). Foi feita referência à venalidade da imprensa francesa, e a seu passado de relações com governos estrangeiros. A imprensa francesa foi chamada a prestar contas através de uma sucessão rápida de perguntas sobre ocorrências referentes aos direitos humanos em países distantes caracterizados por culturas diferentes, onde a França não teria chance de exercer qualquer influência.¹¹⁹

Outro comentário referia-se a falhas de informação da imprensa ocidental sobre a URSS, o que “alcança o nível de desinformação”.¹²⁰ Ao discutir uma resolução da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), sobre o tema das comunicações da imprensa, Pathé considerou desonestos os argumentos ocidentais sobre a falta de liberdade de imprensa em países do bloco soviético.¹²¹ Finalmente, *Síntese* também se queixava de que a imprensa ocidental tratava os dissidentes e exilados políticos como celebridades, e preferia não buscar a verdade.¹²²

FALSIFICAÇÕES SOVIÉTICAS

Desde o início do regime bolchevista, Moscou tem-se servido de documentos forjados para desacreditar e iludir os adversários. Por

exemplo, as falsificações exerceram um papel importante nas operações “Confiança” da década de 20, esquemas elaborados e altamente bem-sucedidos, planejados por Felix Dzerzhinsky (fundador e diretor da Cheka) para atrair importantes contra-revolucionários, até sua captura e morte na Rússia, e — mais tarde — para desacreditar grupos anti-soviéticos na Europa. O “Confiança” também ajudou a espalhar a mensagem de Moscou de que o novo regime bolchevista era forte demais para ser subvertido por grupos “renegados”. Dzerzhinsky criou, na verdade, uma organização contra-revolucionária falsa (conhecida como “Confiança”) para estes fins. Agentes especializados foram despachados para a Europa para se aproximarem de líderes políticos de oposição exilados. Para convencer esses líderes da legitimidade da organização, uma variedade de táticas foi empregada, incluindo cartas, instruções e acordos forjados.¹²³

Durante os anos de 1960 a 1980, documentos falsificados continuaram a exercer um papel importante nas atividades disfarçadas soviéticas com outras técnicas diretas e dissimuladas, e intimamente relacionadas a objetivos soviéticos específicos. Durante o início da década de 60 e a última metade da década de 70, muitos documentos falsificados tinham como alvo os Estados Unidos e a OTAN. Amostras selecionadas de material falsificado, dos dois períodos, especialmente voltados contra os Estados Unidos, foram publicados pela CIA. Foram divulgados em audiência do Congresso dos EUA, juntamente com explicações sobre como cada documento veio a ser identificado como uma falsificação.¹²⁴ Até onde pode ser determinado, estas avaliações da CIA não foram contestadas. (Deve-se notar que a CIA pode não ter mostrado todas as falsificações em seu poder, e o governo americano pode não ter descoberto todas as falsificações disseminadas pelos soviéticos.)

Como tem ocorrido desde o final da década de 50 com certas outras táticas de desinformação soviéticas, as falsificações são formuladas e executadas através do Serviço A da Primeira Diretoria Chefe da KGB. Além de conduzir suas próprias operações de falsificação, o Serviço A também dirige e supervisiona as falsificações e outras atividades de desinformação levadas a cabo pelos serviços de contra-espionagem dos países satélites do Leste Europeu. Ladislav Bittman, um ex-funcionário da contra-espionagem tcheca, que se especializou em operações de desinformação, assim descreveu a relação existente entre a KGB e os serviços de contra-espionagem do bloco:¹²⁵

Os serviços da Alemanha Oriental, da Tcheco-Eslováquia, da Polônia, da Hungria e da Bulgária estão formalmente subordinados a seus governos, mas são dirigidos principalmente pela

KGB. Moscou é informada a respeito de cada detalhe operacional de suas atividades ... Os conselheiros russos opinam sobre o planejamento de cada operação e avaliam seus resultados. Nenhuma decisão importante é tomada sem sua anuência.

Durante o período examinado neste estudo, muitas das falsificações dirigidas contra os Estados Unidos assumiram a forma de documentos e boletins oficiais do governo americano, de aparência autêntica mas falsos. Estas falsificações caem em duas categorias gerais: (a) versões alteradas ou distorcidas de documentos americanos reais que os soviéticos conseguiram obter (geralmente através de espionagem), e (b) documentos inteiramente falsificados. Estas falsificações anti-Estados Unidos visam tanto às elites políticas, quanto às populações dos vários países em mira.

Independentemente do tipo de contrafacção empregado e do alvo pretendido, a orientação geral destes documentos falsificados tem sido uniforme. Ao usar esta técnica, os líderes soviéticos aparentemente procuraram retratar os Estados Unidos como a principal ameaça à paz, criar suspeita e discórdia nas relações entre os Estados Unidos e seus aliados da Europa Ocidental e caracterizar a política americana no Terceiro Mundo como imperialista. Estes temas são evidentes tanto nas falsificações que ocorreram no início da década de 60 como naquelas a partir de meados da década de 70.

Falsificações Soviéticas no Final da Década de 50 e Início da de 60

No final da década de 50 e início da de 60, foi identificada uma quantidade de falsificações destinadas a passar por documentos e comunicações oficiais do governo americano.¹²⁶ Seguiam três orientações gerais.

Em primeiro lugar, os Estados Unidos foram apresentados como a principal ameaça à paz mundial. Como foi demonstrado no capítulo anterior, este tema também dominou a propaganda direta tanto na "Resenha Internacional" do *Pravda* como na *Novos Tempos*, de 1961 e 1962. Uma diretriz falsa do Departamento de Estado ordenando as missões diplomáticas americanas no exterior a envidarem todos os esforços possíveis para sabotar as negociações de uma Conferência de Cúpula dos Quatro Grandes serve como exemplo de como as falsificações eram usadas para enfatizar este tema.¹²⁷ O documento falsificado do Departamento de Estado foi planejado para refletir os comentários que apareciam na propaganda direta soviética durante o início da década

de 60, que afirmavam constantemente que os Estados Unidos estavam fazendo o possível para sabotar todas as negociações com a URSS, especialmente em questões de desarmamento.

Outra falsificação relacionada com a tentativa de Moscou de retratar os Estados Unidos como o principal inimigo da paz, serviu como caixa de ressonância ao benefício inesperado da propaganda, resultante do incidente do U-2, na primavera de 1960. Um memorando falsificado do Adido da Força Aérea Americana, Emmens, para o embaixador em Tóquio, MacArthur, esboçava prováveis planos secretos do governo americano para ocultar os U-2 no Japão, para vôos posteriores sobre a URSS e a China.¹²⁸

Outras falsificações escolheram o Comando Aéreo Estratégico (SAC) como uma causa importante dos perigos procedentes dos Estados Unidos. O conjunto de funcionários do SAC foi retratado como um grupo altamente perigoso, capaz de iniciar uma guerra nuclear a qualquer momento. Exemplo disso é uma carta intencionalmente forjada supostamente dirigida pelo Subsecretário de Defesa (Saúde e Assistência Médica) Frank Berry ao Secretário de Defesa. A falsificação revelava que 67,3 por cento de todo o grupo de vôo do SAC era constituído de psiconeuróticos, com sintomas de fobias, grande hostilidade e comportamento irracional. Além disso, acrescentava que “a depressão moral é um estado típico de todos os membros da tripulação que efetua vôos com bombas-H e atômicas”.¹²⁹ A carta forjada de Berry foi seguida de uma série de cartas falsas, ostensivamente escritas por “pilotos americanos neuróticos” não identificados, exibindo estas características.¹³⁰

Um segundo grupo de falsificações foi planejado para revelar os planos e ambições imperialistas dos Estados Unidos no Terceiro Mundo. Esta atividade estava de acordo, novamente, com um tema principal que surgia na propaganda direta soviética. Enquanto muitas destas falsificações tinham por alvo as elites políticas de países específicos, outras visavam a um público maior. Uma carta falsificada de Nelson Rockefeller ao Presidente Dwight Eisenhower serve de ilustração. A carta que apareceu durante o fim da década de 50, continha implícito um plano para a manipulação americana de ajuda militar e econômica, com a finalidade de conquistar a hegemonia mundial. Uma parte da falsificação dizia:¹³¹

Para abordar a política em poucas palavras — nossa política deve ser ... “global”: isto é, incluir métodos políticos, psicológicos, econômicos, militares e especiais, integrados num todo. Em outras palavras, a tarefa é englobar todos os nossos cavalos num único conjunto ... Uma vez que todas as recomendações forem executadas, o resultado não será somente o forta-

lecimento da posição internacional dos Estados Unidos como um todo, mas também isso iria facilitar consideravelmente o cumprimento de quaisquer tarefas militares com que os Estados Unidos pudessem se defrontar no futuro.

Exemplos de falsificações mais minuciosamente elaboradas incluem itens que revelavam ostensivamente planos americanos para manipular os líderes de países do Terceiro Mundo e sua política. A evidência dos objetivos de Washington neste campo foi “revelada” sob a forma de cabogramas forjados da Embaixada americana em Djakarta, contendo planos apresentados para derrubar o Presidente Sukarno da Indonésia.¹³² Outras falsificações pretendiam revelar planos secretos para depor Sihanouk do Camboja e Nasser do Egito.¹³³ Outro documento falso continha instruções do Serviço de Divulgação dos Estados Unidos (USIS) aconselhando que funcionários de certo país asiático deveriam ser pressionados para atacar verbalmente outros países asiáticos. Uma carta falsificada do Subsecretário de Estado para o embaixador americano em Leopoldville, por exemplo, declarava que os Estados Unidos tinham recrutado como agente, com sucesso, o Premier Moïse Tshombe.¹³⁴

Em terceiro lugar, falsificações eram usadas numa tentativa de provocar discórdia entre os membros da aliança ocidental. Uma carta pretensamente enviada pelo Chefe da Seção Política da Embaixada americana na Alemanha Ocidental ao Departamento de Estado, por exemplo, tinha a intenção de mostrar que os Estados Unidos viam com simpatia as organizações neonazistas da Alemanha Ocidental.¹³⁵ Esta falsificação ampliou, desse modo, o tema do revanchismo do nazismo, que dominava a propaganda aberta soviética, voltada durante este período para a Alemanha Ocidental.

Falsificações Soviéticas a partir da Metade da Década de 70

Desde 1976, o ímpeto principal das falsificações soviéticas tinha por finalidade comprometer a posição dos Estados Unidos na Alemanha Ocidental e provocar a desarmonia no seio da aliança ocidental. Estas falsificações enfatizavam a ameaça nuclear americana na Europa, os planos e envolvimento dos Estados Unidos em manipular a política interna européia, e medidas americanas planejadas para enfraquecer as economias dos países europeus. Um segundo alvo concentrou-se em enfraquecer as relações americanas com os países do Terceiro Mundo, especialmente no Oriente Médio. Finalmente, parece que algumas falsificações foram arquitetadas para desviar a atenção das atividades soviéticas fora das fronteiras da URSS.

No capítulo anterior observou-se que um tema-chave da propaganda direta soviética, durante o período de 1976 a 1979, foi a acusação de que, em caso de uma guerra nuclear na Europa, os Estados Unidos planejavam sacrificar seus aliados da OTAN para se salvarem. Este tema também aparece em falsificações soviéticas de uma maneira mais crua e provocadora. Por exemplo, em 1980 Moscou começou a fazer ressurgir uma variedade de documentos forjados, americanos e da OTAN, que foram anteriormente usados na Europa durante o final da década de 60 e início de 70. A apresentação deste acúmulo de falsificações, publicadas na Inglaterra num único panfleto por um grupo não identificado, com o título “Um Novo Holocausto na Europa”, seguiu os mesmos temas de propaganda soviéticos, com o objetivo de semear a discórdia entre os países membros da OTAN.

Na tentativa de invalidar os fundamentos do plano da OTAN de modernizar suas forças nucleares de médio alcance, os autores do panfleto comentaram: “A estratégia de modernização da OTAN gira essencialmente entre dois pontos — em primeiro lugar, o Pacto de Varsóvia, que tem superioridade no campo europeu e, em segundo lugar, à busca de objetivos políticos que somente poderiam ser assegurados pelo uso daquela superioridade”.¹³⁶ De acordo com os autores, “nenhuma afirmação é válida. O equilíbrio essencial entre a OTAN e as forças do Pacto de Varsóvia, na Europa, é uma questão documentada.” A segunda afirmação foi descrita como “ainda mais ridícula”, e os autores continuaram argumentando que, “militarmente, a teoria da vantagem política desabou porque ela se baseia na falsa premissa de que os ataques nucleares táticos podem representar uma guerra nuclear total”.¹³⁷

Estas afirmações levaram à reiteração de outro tema chave da propaganda direta soviética: “não existe qualquer ameaça soviética; existe uma ameaça americana real para a Europa”.¹³⁸ Manifestava-se que essa ameaça se originava de uma estratégia americana para a Europa dominada por preparativos para a guerra, em vez de para a defesa da Europa, e pela opinião de Washington de que “a guerra nuclear confinada à Europa nada mais é do que a expansão definitiva das ‘pequenas guerras’ do tipo das que surgiram após a Segunda Guerra Mundial”.¹³⁹

Além do mais, a falsificação pretendeu demonstrar que “quando a guerra nuclear tendo por centro a Europa for efetivamente deflagrada”, os líderes dos Estados Unidos “supõem que poderão escapar das consequências e, mais importante, acreditam que dela poderão colher todos os benefícios possíveis”.¹⁴⁰ Por outro lado, a União Soviética tentou convencer os membros europeus ocidentais da OTAN de que “a instalação de mísseis nucleares de médio alcance na Europa é uma armadilha para os próprios europeus, da qual somente os americanos podem tirar proveito”. Tal instalação significaria que a Europa “seria queimada, explodida e aniquilada no processo”.¹⁴¹

Inúmeras outras falsificações forneceram variações sobre o tema da predisposição americana de sacrificar seus aliados da OTAN. Por exemplo, um mapa autêntico e não secreto do governo americano foi representado falsamente, para que o Pentágono pudesse ser acusado de estabelecer um alvo em cidades austríacas para destruição nuclear, no caso de guerra na Europa.¹⁴² Uma carta falsificada, escrita aparentemente pelo Adido de Defesa dos Estados Unidos em Roma, continha uma declaração negando “rumores sugerindo que a morte de crianças em Nápoles poderia ser devida a substâncias químicas ou biológicas armazenadas em ... bases americanas próximas desta cidade”.¹⁴³ Uma carta forjada enviada em 1976 ao Secretário Geral da OTAN Joseph Luns, pelo Comandante Supremo Alexander Haig, dizia que a estratégia da OTAN exigia uma atenção adicional ao “uso limitado de forças nucleares americanas na Europa, em caso de emergência”.¹⁴⁴ Outra carta falsa foi escrita em papel oficial da OTAN, levando a assinatura falsificada do Secretário Geral dessa organização. Nessa carta, o embaixador americano junto à OTAN foi informado de que o Ministério da Defesa belga tinha compilado fichários de jornalistas que se opunham à propagação da bomba de nêutrons, fazendo crer que seriam castigados. (Esta falsificação apareceu durante a maciça campanha soviética de propaganda direta contra a arma de nêutrons.)¹⁴⁵

Um segundo grupo de falsificações soviéticas, dirigidas contra os Estados Unidos e a OTAN, a partir da metade da década de 70, simulava fornecer “evidência” de tentativas americanas diretas e inescrupulosas, feitas por Washington, para manipular a política interna dos aliados europeus. Um caso em questão é uma falsificação de 1978, intitulada “Normas de Coleta do Serviço Secreto”. Este documento, publicado primeiramente num jornal grego (*To Vima*), supostamente apresentou instruções da Agência do Serviço Secreto, do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, em conjunto com a espionagem americana, para quarenta e três partidos e organizações políticas gregas.¹⁴⁶ Aproximadamente na mesma época, o líder da oposição grega, Andreas Papandreou, apresentou ao Parlamento grego uma cópia do que veio a ser um telegrama forjado do Departamento de Estado, esboçando simuladamente uma política americana em favor de Ancara na disputa greco-turca.¹⁴⁷ O objetivo por trás das duas falsificações era aparentemente criar tensões nas relações entre a Grécia e os Estados Unidos, desse modo enfraquecendo a coesão da aliança da OTAN.

A Grécia continuou sendo um dos objetivos das falsificações soviéticas durante o início da década de 80. Uma carta falsificada do Subsecretário de Estado William Clark ao embaixador americano na Grécia, Monteagle Stearns, recomendava simuladamente que Stearns deveria utilizar um estudo patrocinado pelo Departamento de Estado sobre a “Situação Política Atual” na Grécia. O estudo, falsamente endossado por Clark, sugeria que os Estados Unidos poderiam apoiar um

golpe militar na Grécia a fim de preservar suas bases militares.¹⁴⁸ O relacionamento dos Estados Unidos com a Espanha também se tornou tema de falsificações soviéticas, e uma carta forjada do Presidente Reagan para o Rei Juan Carlos foi elaborada para revelar a este que muitos de seus conselheiros opunham-se à entrada da Espanha para a OTAN.¹⁴⁹ Finalmente, além destas falsificações enfatizando a manipulação da política européia por parte dos Estados Unidos (e as falsificações enfatizando a ameaça nuclear americana à Europa, descritas anteriormente), poucas falsificações apareceram durante este período que supostamente revelou planos americanos para manipular e criar crises na economia européia.¹⁵⁰

Um segundo impulso importante nas falsificações soviéticas desde 1976 tem sido uma tentativa de enfraquecer a política e a reputação dos Estados Unidos no Terceiro Mundo. Uma série de declarações contra o Presidente egípcio Sadat foram falsamente atribuídas a importantes funcionários do governo americano, incluindo o Vice-Presidente Walter Mondale e o Secretário de Estado Cyrus Vance, numa tentativa de confundir as relações entre os Estados Unidos e Egito.¹⁵¹ Documentos similares, forjados, tinham como objetivo enfraquecer a política para a América Latina e a África.¹⁵²

Uma terceira categoria importante de falsificações que apareceram durante este período pode ser vista como tentativas, por parte de Moscou, de justificar ou desviar novamente a atenção internacional de certas ações soviéticas fora das fronteiras da URSS. Por exemplo, um telegrama forjado, do Departamento de Estado de 1980, supostamente encontrado em destroços de um incêndio da Embaixada americana em Islamabad, dizia que um mensageiro especial regular da CIA para o antigo Presidente do Afeganistão Hafizullah Amin tinha desaparecido.¹⁵³ O propósito da falsificação era aparentemente vincular Amin à CIA, uma acusação que já fora feita na imprensa soviética depois da invasão do Afeganistão pelos soviéticos. Depois desta falsificação, em 1981 surgiu um mapa alterado e não classificado da CIA do Afeganistão. A história que acompanhava o mapa, que primeiramente apareceu num jornal indiano, relatava que o mapa apresentava evidência do envolvimento da CIA com as guerrilhas do Afeganistão. Contidos simuladamente no mapa estavam alvos específicos selecionados pela CIA, para serem destruídos pelas guerrilhas (por exemplo, centrais elétricas, aeroportos, minas etc.).¹⁵⁴

Este breve exame sugere que desde 1976 as falsificações soviéticas têm-se tornado mais sofisticadas e de qualidade mais elevada do que as que apareceram no final da década de 50 e início dos anos 60. Além do mais, o alvo principal destes esforços mudou um pouco, com mais ênfase nos anos recentes às relações entre os Estados Unidos e seus aliados da OTAN. Outros aspectos importantes nesta área de medidas ativas soviética têm permanecido, contudo, basicamente estáveis. Em

primeiro lugar, as falsificações soviéticas continuam comparando — embora de maneira mais grosseira e difamatória — temas importantes da propaganda direta, apresentados na *Novos Tempos*, no *Pravda* e na Rádio Moscou. Em segundo lugar, as falsificações estudadas pelos autores em questão tiveram, evidentemente, a intenção de servir a objetivos importantes da política externa soviética. (Certamente este foi o caso da recente série de falsificações tendentes a provocar suspeita e desavença nas relações entre os aliados da OTAN.)

Para que um documento forjado seja adquirido, aceito e publicado como autêntico nos meios de comunicação não comunistas, dependerá do conteúdo do material, do método pelo qual ele vem à tona e da sofisticação global do documento. Até onde podem ser determinadas com base nas falsificações examinadas acima, o histórico soviético nesta questão é confuso. Em alguns casos, como no da carta forjada do Presidente ao Rei Juan Carlos, da Espanha, o comentário da imprensa ou ignorou o documento ou percebeu que era falso. Contudo, outros documentos falsificados receberam variados níveis de cobertura na imprensa.

Um dos esforços soviéticos de maior sucesso envolveu um manual de campanha do Exército Americano (FM-30-31B). Este manual fornecia, simuladamente, orientação para o pessoal do serviço secreto do Exército, quanto à interferência nas questões do país anfitrião, à subversão de funcionários estrangeiros e oficiais militares, e ao uso de organizações de extrema esquerda para assegurar os interesses americanos nos países amigos, nos quais os comunistas pudessem introduzir-se no governo.¹⁵⁵ Este documento, primeiramente mencionado num jornal turco em 1975, foi reimpresso em duas edições espanholas em 1978, e desde aquela época tem sido tema de artigos publicados em mais de vinte países, incluindo os Estados Unidos.

NOTAS

1. Baseado em documentos confidenciais da Terceira Internacional, primeiramente publicados em 1924, em alemão, pela Federação dos Sindicatos Alemães (ADGB), com o título "The Third Column of Communist Policy — IAH (International Worker's Aid)". Citado em inglês na *Labour Magazine* (dezembro de 1924). As citações foram autênticas por Babette Gross, viúva de Willi Munzenberg, no seu livro intitulado *Willi Munzenberg — A Political Biography* (Lansing, Michigan: Michigan State University Press, 1974), pp. 121 e 133.
2. *Fourth Congress of the Communist International*, resumo do relatório das reuniões mantidas em Petrogrado e Moscou, 7 de novembro-3 de dezembro

de 1922 (Londres: Partido Comunista da Grã-Bretanha), p.53.

3. *Seventh Congress of the Communist International*, relatório taquigráfico, abreviado, de procedimentos, julho-agosto de 1935 (Moscou: Foreign Languages Publishing House, 1939), p.489.
4. Como foi explicado anteriormente, o Departamento Internacional do Comitê Central do PCUS assumiu, em 1957, a responsabilidade de coordenar e dirigir as organizações internacionais de fachada.
5. *Meeting of the Information Bureau of Communist Parties — in Hungary in the Latter Half of November 1949*, publicado pelo periódico *For a Lasting Peace, For a People's Democracy* (o órgão da Associação Comunista Internacional), impresso na URSS em 1950, p.48. Reimpresso pelo Partido Comunista dos Estados Unidos com o título *Working Class Unity For Peace* (Nova Iorque: New Century Publishers, 1950).
6. *Ibid.*, p.49.
7. *Ibid.*, p.49.
8. Ver Roy Godson, *Labor in Soviet Global Strategy* (Nova Iorque: Crane, Rusak and Co., [1984]).
9. *Documents of the Ninth Congress of the Communist Party of India, 1971* (Nova Delhi: Publicações do Partido Comunista, 1972), p.414.
10. Romesh Chandra, "Postponing or Eliminating the Threat of War", *World Marxist Review* (janeiro de 1981), pp.31-35.
11. *Ibid.*, p. 35.
12. *The World Peace Council: What It is and What It Does* (Helsinque: Conselho Mundial pela Paz, 1978).
13. *Ibid.* Durante o período 1980-1983, o quadro de membros destas organizações do Conselho Mundial pela Paz permaneceram relativamente os mesmos. Ver *World Peace Council List of Members 1980-1983* (Helsinque: Conselho Mundial pela Paz, 1982). Ver também os dados e análise de Wallace H. Spaulding, "The Communist Movement and Its Allies", de Ralph M. Goldman, ed., *Transnational Parties* (Lanham, Maryland: University Press of America, 1983).
14. Congresso dos Estados Unidos, Câmara de Deputados, Comitê Selecionado Permanentemente do Serviço Secreto, "Soviet Active Measures", 97º Congresso, segunda sessão (Washington, DC: GPO, 1982), pp.198-236.
15. Congresso dos Estados Unidos, Câmara de Deputados, *Registro do Congresso*, 97º Congresso, segunda sessão, 1983, cabeçalho de página-1791. (*FBI Intelligence Division Report on Soviet Active Measures Relating to the US Peace Movement*.)
16. Congresso dos Estados Unidos, Câmara dos Deputados, Comitê Selecionado Permanente do Serviço Secreto, "Soviet Active Measures", p.203.
17. *Party Organizer*, vol. XVI (Nºs 4, 5, 6, 1982), pp.48-49. Um artigo escrito por Myerson discute a tarefa do Partido Comunista dos Estados Unidos e o Conselho pela Paz dos Estados Unidos, dirigida na Sessão Especial sobre Desarmamento da ONU em 1982.
18. *FBI Intelligence Division Report on Soviet Active Measures*.
19. *Ibid.*
20. *Ibid.*
21. Ronald Radosh, "The Peace Council and Peace", *New Republic* (31 de janeiro de 1983), p.16.
22. *FBI Intelligence Division Report on Soviet Active Measures*.
23. Congresso dos Estados Unidos, Câmara de Deputados, Comitê Selecionado Permanente no Serviço Secreto, "Soviet Active Measures", p.298.
24. *Party Organizer*, vol. XVI (Nº 1. 1982), p.31.
25. *The World Peace Council: What It Is and What It Does*.

26. Congresso dos Estados Unidos, Câmara dos Deputados, Comitê Seleccionado Permanente do Serviço Secreto, "Soviet Covert Action (The Forgery Offensive)", 96º Congresso, segunda sessão (Washington DC: GPO, 1980), p.79.
27. Carta de Ruth Tosek para o editor, *New Statesman* (17 de outubro de 1980), p.22.
28. Para informação sobre funcionários do Departamento Internacional que servem como oficiais do Conselho Mundial pela Paz e frequentam suas reuniões, ver as publicações deste Conselho, previamente citados. Sobre o assunto do controle do Departamento Internacional pelo presidente do Conselho Mundial pela Paz, Romesh Chandra, e o secretariado deste Conselho, ver Congresso dos Estados Unidos, Câmara de Deputados, Comitê Seleccionado Permanente do Serviço Secreto, "The CIA and the Media", 95º Congresso, primeira e segunda Sessões (Washington, DC: GPO, 20 de abril de 1978), p.571. Sobre o controle soviético e o financiamento de partidos comunistas nacionais (especialmente o Partido Comunista dos Estados Unidos) e sobre o envolvimento da KGB, ver Congresso dos Estados Unidos, Câmara de Deputados, Comitê Seleccionado Permanente do Serviço Secreto, "Soviet Active Measures", pp. 22,56-57,70, 165-167 e 202-235.

Uma quantidade de organismos pela paz, que trabalharam com o Conselho Mundial pela Paz ou para ele e outras frentes também sustentaram que Moscou exerce um controle esmagador sobre estas organizações. Ver, por exemplo, declarações feitas por Richard K. Ullman, ex-vice-presidente da Conferência Cristã pela Paz, no seu *Dilemmas of a Reconciler: Serving the East-West Conflict* (Wallingford, Pennsylvania: Pendle Hill, 1963); e Jiri Pelikan, antigo chefe da União Internacional de Estudantes, no seu artigo "The Struggle for Socialism in Czechoslovakia", *New Left Review* (janeiro e fevereiro de 1972). E. P. Thompson, um proponente britânico do desarmamento nuclear unilateral, também alertou aos ativistas contra a guerra que tomassem cuidado com o Conselho Mundial pela Paz. (*The Guardian* [Londres], 18 de fevereiro de 1981). Provavelmente a única melhor fonte secundária sobre o Departamento Internacional e a manipulação da KGB no Conselho Mundial pela Paz e suas afiliadas americanas e europeias seja *The KGB Today* de John Baron (Nova Iorque: Reader's Digest Press, 1983). Para uma visão contrária, ver Frank Donner, "But Will They Come?", *The Nation* (6 de novembro de 1982), pp. 456-465.
29. *Meeting of the Information Bureau of Communist Parties* p.36.
30. *Ibid.* p.53.
31. *In Defense of Peace* (abril de 1950), p.2.
32. Movimento Mundial pela Paz, *Resolutions and Documents* (n.p.: secretariado do Conselho Mundial pela Paz, 1955), p. 47.
33. *World Youth* (julho, 1950), p.2.
34. Nikolai Mikhailov, *We Live to Bring Peace* (Moscou: Novosti Press Agency, [aproximadamente no final da década de sessenta], p.15. Um editorial, no exemplar de abril de 1950 da *World Youth*, a revista da Federação Mundial de Juventudes Democráticas, revelou que "o povo soviético, guiado por Stalin, está [sic] agora à frente, no campo da paz e da democracia".
35. *Meeting of the Information Bureau of Communist Parties*, p.54.
36. *Ibid.* No que deve ser definida como uma explicação reveladora da "ofensiva pela paz" comunista, Maurice Thorez, chefe do Partido Comunista Francês, e Palmiro Togliatti, chefe do Partido Comunista Italiano, anunciaram que dariam boas-vindas ao exército soviético quando entrasse em seus países, "na sua batalha contra o agressor". Ver *For a Lasting Peace, For a People's Democracy* (1 e 15 de março de 1949).

37. *Schwarzbuch Über den Bakterienkrieg* (O Livro Negro da Guerra Bacteriológica) (Viena: Österreichischen Friedensrat [Conselho Austríaco pela Paz], junho de 1952), p.2.
38. *World Peace Movement Resolutions and Documents*, pp. 102-103.
39. *World Student News* (nº 11, 1952), p.5.
40. *World Youth* (julho de 1952), p.3.
41. Louis Saillant, *The WFTU and the Tasks of the Trade Union Movement*, Relatório do 5º Congresso da Federação Mundial de Sindicatos, Moscou, 4 a 16 de dezembro de 1961 (Londres: WFTU Publications Ltd., 1961), pp.20-21.
42. *Assembly of the World Peace Council, Documents*, Budapeste, 13 a 16 de maio de 1971 (Helsinque: Conselho Mundial pela Paz, 1971), p.54.
43. *World Student News* (Nº 11-12, 1964), p.8.
44. *8th International Union of Students Congress, Resolutions*. (Sofia, Bulgária: 28 de novembro a 10 de dezembro de 1964), p.8.
45. Ver, por exemplo, *Documentary Record, WFDY Executive Committee Meeting*, Moscou, 16 a 18 de novembro, 1972 (Budapeste: Federação Mundial de Juventudes Democráticas, 1973), p.72.
46. *Assembly of the World Peace Council, Documents*, Budapeste, 13 a 16 de maio de 1971, p.43.
47. Documentos mimeografados anexados a uma carta de Bertil Svahnstrom, dirigente do Comitê de Ligação Internacional da Conferência de Estocolmo sobre o Vietnã, 23 de maio de 1969.
48. *World Peace Council Information Letter N.º 2* da Conferência de Estocolmo (Estocolmo: Conselho Mundial pela Paz, 7 de maio de 1970), p.5.
49. *Ibid*
50. *Ibid*
51. *Neutron Bombs No!* (Helsinque: Conselho Mundial pela Paz, setembro de 1977), pp.6-7.
52. *Ibid.*, p.7.
53. *Ibid.*, pp.39-40.
54. *Ibid.*, pp.50 e 53.
55. *New Perspectives* (março de 1978), p.6.
56. *World Peace Council and Disarmament* (Helsinque: Conselho Mundial pela Paz, 27 de maio de 1978), pp. 1, 7 e 8.
57. *World Peace Council and Disarmament* (Helsinque: Conselho Mundial pela Paz, 8 de junho de 1978), p.4.
58. *Stoppt die Neutronen Bombe* (Parem a Bomba de Nêutrons), publicado pelo SEW-Hochschulgruppe (Partido Unitário Socialista de Berlim Ocidental, grupo da escola secundária), aproximadamente em meados de 1978.
59. Moscou, Serviço Internacional da TASS, em russo, 10 de agosto de 1981, traduzido no *FBIS Daily Report*, União Soviética, Vol. III (11 de agosto de 1981), p. AA1.
60. Moscou, TASS, 13 de agosto de 1981, traduzido no *FBIS Daily Report*, União Soviética, Vol. III (14 de agosto de 1981), p. AA4.
61. Moscou — Serviço Nacional, em russo, 14 de agosto de 1981, traduzido no *FBIS Daily Report*, União Soviética, Vol. III (17 de agosto de 1981), p. CC7.
62. Moscou — TASS, em inglês, *FBIS Daily Report*, União Soviética, Vol. III (19 de agosto de 1981), p. AA3.
63. *Peace Courier* (setembro de 1981), p.1.
64. *Pravda*, 28 de janeiro de 1982, p.1. Traduzido no *FBIS Daily Report*, União Soviética, Vol. III (2 de fevereiro de 1981), p. CC1.
65. *International Trade Union Round Table, detente — Conversion — Disarma-*

- ment (Praga: Federação Mundial de Sindicatos, 1981), p. 6.
66. *Ibid.*, p.11.
 67. Federação Mundial da Juventude Democrática. *Youth Disarmament — Facts, Arguments, Information* (Budapeste: Federação Mundial da Juventude Democrática, 1982).
 68. *Peace Courier* (agosto de 1975), p. 1.
 69. *Rights of the Palestinian People — Key to Peace in the Middle East*, Conferência Internacional de Solidariedade para com o Povo Palestino, Basileia, Suíça, 4 a 6 de maio de 1979 (Helsinque: Conselho Mundial pela Paz, maio de 1979), pp. 11-13.
 70. Havana — Serviço Nacional, em espanhol, 21 de abril de 1981, traduzido no *FBIS Daily Report*, América Latina, Vol. VI (22 de abril de 1981), p.2.
 71. Ver *Paris Match* (11 de julho de 1980); e o *Daily Telegraph*, 14 de julho de 1980. Ver também Congresso dos Estados Unidos, Câmara de Deputados, Comitê Seletor Permanente do Serviço Secreto, "Soviet Active Measures", pp. 42-43.
 72. Estes incluem *Realité*, *Libération*, *France-Observateur*, *L'Evenement*, *Le Nouvel Observateur*, *Option* e *Vie Ouvrier*.
 73. *Síntese* foi publicada bimestralmente de julho de 1976 até a prisão de Pathé em julho de 1979 — um período de quase exatamente três anos. A extensão do boletim informativo era em média de oito páginas de tamanho ofício. Cada exemplar continha de três a cinco artigos de assuntos políticos, econômicos, militares e científicos. O conteúdo e os temas destes artigos são analisados mais adiante, neste estudo.
 74. *Paris Match* (11 de julho de 1980).
 75. *Síntese* (20 de abril de 1977).
 76. *Ibid.* (20 de fevereiro de 1978).
 77. *Ibid.* (20 de agosto de 1977 e 20 de fevereiro de 1978).
 78. *Ibid.* (5 de janeiro de 1978).
 79. *Ibid.* (5 de dezembro de 1976).
 80. *Ibid.* (20 de maio de 1977).
 81. *Ibid.* (5 de fevereiro de 1979).
 82. *Ibid.* (5 de janeiro de 1978).
 83. *Ibid.* (20 de janeiro de 1979).
 84. *Ibid.* (5 de março de 1977).
 85. *Ibid.* (20 de abril de 1977 e 20 de abril de 1978).
 86. *Ibid.* (5 de março de 1978).
 87. *Ibid.* (5 de março de 1977).
 88. *Ibid.* (20 de setembro de 1977).
 89. *Ibid.* (5 de abril de 1979).
 90. *Ibid.* (5 de junho de 1977).
 91. *Ibid.* (20 de março de 1979).
 92. *Ibid.* (5 de novembro de 1976 e 20 de novembro de 1977).
 93. *Ibid.* (5 de abril de 1977).
 94. *Ibid.* (20 de março de 1978).
 95. *Ibid.*
 96. *Ibid.* (20 de março de 1979).
 97. *Ibid.* (5 de abril de 1977).
 98. *Ibid.* (5 de junho de 1977).
 99. *Ibid.*
 100. *Ibid.* (5 de setembro de 1976).
 101. *Ibid.* (20 de junho de 1978).
 102. *Ibid.*

103. *Ibid.* (20 de fevereiro de 1978).
104. *Ibid.* (20 de maio de 1977).
105. *Ibid.* (5 de março de 1979).
106. *Ibid.* (20 de fevereiro de 1978).
107. *Ibid.* (5 de setembro de 1977).
108. *Ibid.* (20 de janeiro de 1979).
109. *Ibid.* (5 e 20 de fevereiro de 1979).
110. *Ibid.* (20 de março de 1979).
111. *Ibid.* (5 de março de 1979).
112. *Ibid.* (20 de dezembro de 1978).
113. *Ibid.* (20 de março de 1978).
114. *Ibid.* (5 de novembro de 1977).
115. *Ibid.* (20 de maio de 1978).
116. *Ibid.*
117. *Ibid.* (5 de junho de 1978).
118. *Ibid.* (5 de maio de 1978).
119. *Ibid.* (20 de julho de 1978). Ver também *Ibid.* (5 de novembro de 1978).
120. *Ibid.* (5 de novembro de 1978).
121. *Ibid.*
122. *Ibid.* Ver também *Ibid.* (5 de novembro de 1977).
123. Geoffrey Bailey, *The Conspirators* (Nova Iorque: Harper, 1960), p.306.
124. As falsificações soviéticas analisadas neste estudo são retiradas do Congresso Americano. Senado, Comitê sobre o Subcomitê Judiciário para Investigar a Administração da Lei de Segurança Interna, "Communist Forgeries", 87º Congresso, Primeira sessão (Washington, DC: GPO, 1961); Congresso dos Estados Unidos, Câmara dos Deputados, Comitê Selecionado Permanente do Serviço Secreto, "Soviet Covert Action (The Forgery Offensive)"; e Congresso dos Estados Unidos, Câmara de Deputados, Comitê Selecionado Permanente do Serviço Secreto, "Soviet Active Measures".
125. Ladislav Bittman, "Soviet Bloc 'Disinformation' and other 'Active Measures'; em *Intelligence Policy and National Security* de Robert L. Pfaltzgraff, Uri Ra'anan e Warren Milberg, ed., (Hamden, Connecticut: Archon Books, 1982), p.217. Ver também Jan Sejna, *We Will Bury You* (Londres: Sidgwick and Jackson, 1982), para um estudo por um antigo general tcheco, sobre como a guerra política encaixa-se no planejamento estratégico soviético global.
126. Congresso dos Estados Unidos, Senado, Comitê sobre o Subcomitê Judiciário para Investigar a Administração da Lei de Segurança Interna, "Communist Forgeries".
127. *Ibid.*, p.22.
128. *Ibid.*, p.56
129. *Ibid.*, p.24
130. Um trecho em uma destas cartas diz: "Sou um piloto americano que perdeu um amigo que voava sobre a Alemanha Oriental. Pretendo vingar-me lançando uma bomba atômica no território soviético." *Ibid.*, p.92.
131. *Ibid.*, p.12-13
132. *Ibid.*, p.44
133. *Ibid.*, pp.12,13, 18 e 31.
134. *Ibid.*, p.7 e 9.
135. *Ibid.*, pp. 20 e 30.
136. Congresso dos Estados Unidos, Câmara de Deputados, Comitê Selecionado Permanente do Serviço Secreto, "Soviet Active Measures", p. 77.
137. *Ibid.*, p.78.

138. *Ibid.*, pp.78-79.
139. *Ibid.*, p.79.
140. *Ibid.*, p.83.
141. *Ibid.*, p.84.
142. *Ibid.*, p.91.
143. Congresso dos Estados Unidos, Câmara de Deputados, Comitê Selecionado Permanente do Serviço Secreto, "Soviet Covert Action (The Forgery Offensive)", p. 137.
144. Congresso dos Estados Unidos, Câmara de Deputados, Comitê Selecionado Permanente do Serviço Secreto, "Soviet Active Measures", pp. 122.124.
145. Congresso dos Estados Unidos, Câmara de Deputados, Comitê Selecionado Permanente do Serviço Secreto, "Soviet Covert Action (The Covert Action (The Forgery Offensive))", p. 133.
146. *Ibid.*, p.122.
147. *Ibid.*, pp.122-123.
148. Congresso dos Estados Unidos, Câmara dos Deputados, Comitê Seleccionado Permanente do Serviço Secreto, "Soviet Active Measures", pp.119-121.
149. *Ibid.*, p.95.
150. Por exemplo, em 1967, publicou-se um radiograma adulterado do Departamento de Estado americano, a membros de alguns governos da Europa Ocidental, instruindo os destinatários que juntassem informações sobre maneiras de subornar dirigentes europeus, e desenvolver outros modos de abalar ou eliminar a concorrência no comércio externo. Este documento original simplesmente continha informações econômicas do mundo todo para o Ano Fiscal de 1975. Congresso dos Estados Unidos, Câmara dos Deputados, Comitê Selecionado Permanente do Serviço Secreto, "Soviet Covert Action (The Forgery Offensive)", p.102.
- 151.. *Ibid.*, pp. 147 e 153-156.
152. *Ibid.*, p.125; e Congresso dos Estados Unidos, Câmara dos Deputados, Comitê Selecionado do Serviço Secreto, "Soviet Active Measures", pp. 111-119 e 133-135.
153. *Ibid.*, pp. 89-90.
- 154.. *Ibid.*, pp. 93-94. Um outro exemplo foi uma correspondência sueco-americana que supostamente revelava um acordo sueco-americano propiciando o uso americano das facilidades suecas em Karlskrona para fins de reconhecimento. Um dos objetivos desta correspondência pode ter sido desviar a atenção mundial da recente violação de águas territoriais suecas por um submarino soviético com armas nucleares. *Ibid.*, pp.105-110.
155. Congresso dos Estados Unidos, Câmara dos Deputados, Comitê Seleccionado Permanente do Serviço Secreto, "Soviet Covert Action (The Forgery Offensive)", pp.86-101.

5.

ENTREVISTAS COM EX-AGENTES DO SERVIÇO SECRETO DO BLOCO SOVIÉTICO

Este capítulo contém entrevistas, realizadas separadamente, com dois ex-agentes do serviço secreto do bloco soviético, especialistas em medidas ativas, durante as décadas de 60 e 70.

Ladislav Bittman atuou como funcionário de carreira do serviço de inteligência tcheco de 1954 a 1968. Durante esse período permaneceu oito anos no estrangeiro recrutando e orientando espiões e, durante dois anos (1964-66), foi assistente-chefe do Departamento de Desinformação (Departamento nº 8) do serviço secreto tcheco. De 1966 a 1968 Bittman operou em Viena com cobertura diplomática, como Adido de Relações Públicas da missão diplomática da Tcheco-Eslováquia, tentando manipular a imprensa austríaca e chefiando agentes de influência. Em agosto de 1968, em seguida à invasão da Tcheco-Eslováquia pelas forças do Pacto de Varsóvia, Bittman atravessou a fronteira da Alemanha Ocidental e pediu asilo às autoridades americanas. Reside atualmente nos Estados Unidos.

Stanislav Levchenko trabalhou no Comitê Central do Departamento Internacional do PCUS, de 1965 a 1971, dirigindo as organizações soviéticas internacionais de fachada. Ingressou na KGB em 1971 e no outono de 1972 tornou-se funcionário importante da seção japonesa do 7º Departamento da Primeira Diretoria da KGB. Em fevereiro de 1975 Levchenko foi designado para o Departamento da KGB de Tóquio, para trabalhar em espionagem política; e no início de 1979 tornou-se ativo chefe do grupo encarregado de operações da seção da KGB de Tóquio. Em outubro de 1979, entrou em contato com funcionários americanos no Japão e pediu asilo. A exemplo de Bittman, mora atualmente nos Estados Unidos.

Estes dois antigos especialistas em medidas ativas fornecem outro nível de informação sobre a maneira como o bloco soviético teve influência nas ocorrências internacionais durante as décadas de 60 e 70. Ambos publicaram e promoveram palestras sobre suas experiên-

cias e são considerados de confiança.⁴ Constituem fonte rara para o estudioso do comportamento soviético em política externa.

Os autores realizaram aquilo que em ciências sociais denomina-se entrevistas “semiestruturadas” com Bittman e Levchenko, separadamente, em janeiro e fevereiro de 1983. Em ambos os casos, foi feita uma série de perguntas sistemáticas relativas à maneira como as medidas ativas foram formuladas e conduzidas no campo. As perguntas dirigidas a Bittman e Levchenko concentraram-se na organização, no controle e na avaliação das medidas ativas e nos procedimentos específicos utilizados para conduzir as operações de influenciamento. Além disso, pediu-se a Levchenko que narrasse suas experiências com a propaganda direta e as organizações internacionais de fachada. As respostas de Bittman e Lechenko não apenas fornecem importantes revelações quanto à maneira como o serviço de informações do bloco soviético conduz as medidas ativas, como também fornecem — pela primeira vez — informações sobre a avaliação que Moscou faz da eficiência desses esforços.

ENTREVISTA COM LADISLAV BITTMAN, EX-FUNCIONÁRIO DA INTELIGÊNCIA TCHECA

Durante oito anos, entre os fins da década de 50 e começo da de 60, o senhor aliciou e dirigiu agentes de influência na Europa. Que tipo de elite visava, aliciava e dirigia?

Na prática, durante os anos 60 as operações com agentes de influência estavam a cargo do quadro de funcionários do serviço secreto. Naquela ocasião, embora houvesse um departamento de desinformação em Praga, eles não tinham seus próprios funcionários que especificamente conduzissem operações de influência. Desse modo, na qualidade de oficial chefe, eu tinha em mira todas as principais repartições e ministérios do governo, partidos políticos etc., com a finalidade principal de coletar informações. Dentro dessas categorias de objetivos nós também executávamos operações de persuasão. Eu pessoalmente tinha como alvo figuras da política e jornalistas. Certa ocasião tive quatro ou cinco agentes, mas nem todos realizavam operações de influenciamento.

Qual era o ponto de vista político desses agentes? Onde os situaria, dentro do processo político?

O objetivo, é claro, não é meramente recrutar gente da esquerda, mas, em vez disso, de qualquer tendência política. Permita-me usar a

Alemanha Ocidental como exemplo, pois tive muita experiência operacional lá. O serviço secreto tcheco aliciava agentes em todos os partidos políticos, inclusive do Social Democrata e do Democrata Cristão. O Partido Social Democrata foi profundamente infiltrado, mas também tivemos agentes entre os democratas cristãos. Posteriormente dirigimos nosso trabalho não apenas para a estrutura federal, mas também para as assembleias legislativas.

Quais eram suas técnicas básicas para recrutar esses agentes?

O recrutamento é um processo de dois a três anos que envolve uma investigação ampla e profunda para avaliar se o alvo é vulnerável. Em meu tempo a chantagem era bastante usada. Em comparação com os anos 50, durante a década de 60 a ideologia era menos importante. Dinheiro era também muito importante, e quase todos os casos que me eram familiares incluíam pagamentos. Também em muitos casos empregava-se a chantagem disfarçada para recrutar a pessoa, mas isto se fazia de maneira cuidadosa e sem pressões. Este aspecto foi tratado com mais sutileza nos anos 60 do que na década de 50. Entretanto, os funcionários-chave procuravam criar interesses comuns e negócios com o sujeito, especialmente depois de estabelecido o relacionamento. Na Alemanha Ocidental, se você estivesse trabalhando alguém da direita política, por exemplo, deveriam ser enfatizados o nacionalismo germânico, a dominação e a manipulação da Alemanha Ocidental pelos Estados Unidos e temas semelhantes.

Dos agentes que você dirigiu, quantos sabiam que você era funcionário da Inteligência tcheca? Seu disfarce os convencia?

De acordo com minha experiência, quase todo agente com quem me relacionei sabia que eu pertencia à Inteligência tcheca. Talvez não no início, mas certamente ao desenvolver-se o relacionamento. Meu próprio disfarce era dentro do Ministério do Exterior tcheco. Entretanto, grande número de instituições eram igualmente usadas. Toda instituição que tivesse atividades no estrangeiro era utilizada, incluindo-se organizações e associações comerciais, serviços de transporte, associações de jornalistas e agrupamentos sociais (por exemplo, as vítimas da agressão nazista). No início da década de 60, ênfase maior foi colocada no aprimoramento profissional do funcionário do Serviço de Inteligência, para que adquirisse conhecimentos quanto ao disfarce a ser utilizado. Por exemplo, do funcionário da Inteligência tcheca que usasse a agência de publicidade tcheca como um disfarce, esperava-se que aprendesse tudo referente a ela antes de partir para o estrangeiro. Outros tipos de disfarce, do mesmo modo, requeriam treinamento profissional adequado.

Vamos falar sobre jornalistas. Você declarou em seu depoimento no Congresso, em 1980, que durante o tempo em que permaneceu na ativa se manteve em contato com o diretor de uma cadeia nacional de televisão na Europa Ocidental. Que outros tipos de jornalistas você recrutou?

Eu pessoalmente não fiz a aproximação, mas conduzi o reconhecimento e a avaliação do alvo. Outra pessoa se encarregava do aliciamento em si. Dessa maneira, se a operação falhasse eu não ficaria exposto. Recrutamos muito mais jornalistas da esquerda política do que do centro ou da direita. Uma variedade de técnicas era usada para fisgar a pessoa. Formas sutis de chantagem eram usadas em combinação com dinheiro e o relacionamento de figuras ilustres (criando interesses e negócios comuns). Como ocorre com todo aliciamento, o objetivo era estabelecer uma rede de cumplicidade que envolvesse o agente. Usava-se o dinheiro para manter a pessoa contente e produtiva.

Como você usava esses jornalistas recrutados? Eles eram utilizados apenas para publicar artigos? Quais eram os assuntos que você tinha em vista?

A principal responsabilidade desses jornalistas era publicar artigos e reportagens, mas esses trabalhos não eram de apoio declarado à política soviética. Em vez disso, o objetivo principal era abalar os Estados Unidos e a OTAN, e criar divisões entre a Alemanha Ocidental e a França, ou entre os Estados Unidos e seus aliados. O tema principal provava que a aliança da OTAN estava se desintegrando porque os Estados Unidos eram um país militarista, perigoso e insensível às necessidades da Europa. Por exemplo, na Alemanha Ocidental, os Estados Unidos eram acusados de não levar em conta a herança e a cultura germânica na recuperação do pós-guerra ao impor as instituições e a formação política dos aliados ao povo alemão. Por sua vez, a Alemanha Ocidental se apresentava aos franceses e a outros povos europeus como abrigando fortes tendências nazistas, e foi anunciado que muitos criminosos de guerra tinham sido colocados em cargos políticos no governo alemão ocidental. Esta situação era apresentada como extremamente perigosa para toda a Europa.

Como você conseguia o trabalho dos jornalistas? Fornecia artigos completos para publicar?

Não conheço nenhuma situação em que artigos completos são passados para um agente. Isto seria operacionalmente desastroso e poderia acabar revelando uma conexão. Digo isto porque é extremamente difícil copiar o estilo de outra pessoa. Eu fornecia esboços para o agente seguir. Consistiam de um resumo de duas ou três páginas dos objetivos e assuntos a serem tratados em determinado artigo. Após fornecer essa orientação, o agente produzia a história. Algumas vezes eu incluía material e informações para ele fazer uso deles como conviesse.

Os jornalistas sob sua orientação eram utilizados para outros fins? Eram utilizados em operações contra outros jornalistas, figuras da política ou outros associados importantes?

Todos os agentes, incluindo jornalistas, eram empregados na coleta de informação. Frequentemente eles tinham acesso a informações confidenciais que poderiam ser muito úteis. Quanto às operações de influência, em meu tempo usávamos apenas alguns jornalistas para isto.

Eu diria que a maioria dos jornalistas que dirigíamos não eram usados em operações de influência. Somente aqueles de mais confiança e que tinham relacionamentos vantajosos eram usados para esse fim.

E o aliciamento? Você usava jornalistas para aliciar outros jornalistas?

Eu diria mesmo que é muito raro um agente ser usado para isso. Entretanto, ele poderia ser usado para identificar o alvo em potencial. Posteriormente, se ele conhecesse pessoalmente um alvo, poderia ajudar a reunir as informações necessárias para determinar se o alvo era vulnerável e como o atrair.

Até que ponto o escritor central monitorava e avaliava as operações jornalísticas? Qual o critério usado para medir sua eficácia?

No caso de jornalistas, o critério tendia a ser prático: o número de artigos publicados, a qualidade desses artigos e onde eles eram publicados, quer dizer, se em jornais conceituados. Esta era a orientação geral. Se a matéria publicada persuadia ou não os alvos pretendidos era muito mais difícil de avaliar e muito subjetivo. Avaliar outros tipos de operações de medidas ativas era igualmente subjetivo. Uma falsificação é um bom exemplo, assim como também a publicidade direta. O impacto imediato dessas operações frequentemente é incerto. Quando eu agia, não havia um sistema sofisticado para medir o impacto imediato das tarefas de desinformação. Todas essas operações eram avaliadas em termos de seu efeito cumulativo sobre o alvo com o passar do tempo. Esta era a maneira como Moscou e Praga abordavam essas questões na década de 60.

Permita-me perguntar-lhe sobre o Departamento de Desinformação (o Departamento Oito) da inteligência tcheca. Quando era subchefe do Departamento em Praga (1964-66), qual era seu relacionamento com os funcionários em operações?

Em primeiro lugar, o Departamento de Desinformação, durante a metade dos anos 60, não tinha operadores em campo. E nem tinha autoridade sobre os funcionários do departamento operacional da região que, além de suas tarefas de coletar dados, conduzia as medidas ativas no campo. Poderíamos rever e analisar suas operações, recomendar cautela e formular sugestões, mas não podíamos dirigir suas atividades. É bom lembrar que as medidas ativas eram tarefa dos departamentos regionais e uma função a mais em sua principal responsabilidade de coletar informações. O Departamento Oito não tinha operadores no exterior cuja única responsabilidade fosse realizar medidas ativas.

A única responsabilidade do Departamento Oito sobre os departamentos regionais era avaliar as medidas ativas levadas a efeito através do aparato da inteligência, e censurar os departamentos que não fossem suficientemente ativos. Desse modo, podíamos analisar e avaliar programas e recomendar atuação, mas não tínhamos controle ope-

racional a nível territorial. Além disso, uma vez que não conhecíamos detalhadamente os agentes recrutados nos departamentos regionais, nossas recomendações eram na forma de orientação mais geral. Assim, na metade da década de 60, não podíamos efetivamente usar os recursos dos departamentos regionais para a realização de medidas ativas.

O Departamento Oito podia, por si mesmo, tomar a iniciativa de medidas ativas?

Em meu tempo, geralmente nos preocupávamos com falsificações, propaganda disfarçada, desinformação, boatos e intrigas. Naquela ocasião, pelos motivos acima expostos, não nos envolvíamos em operações de influência. Basicamente, cada uma dessas operações especiais procurava enganar o inimigo ou a vítima alimentando-o com informações falsas que pudessem levá-lo às conclusões que desejávamos. Nos anos 60, o serviço tcheco de informação dirigia operações dessa natureza contra países em desenvolvimento como o Egito e a Argélia. O material utilizado incluía dados falsos sobre várias operações antiárabes e sobre atividades subversivas planejadas pelos Estados Unidos, pela Grã-Bretanha e outras nações européias. O objetivo era aprofundar a desconfiança dos árabes no mundo ocidental e promover a aproximação dos árabes com Moscou e o bloco Leste.

Operações semelhantes eram realizadas contra as relações entre os aliados da OTAN. Em 1964 eu estive envolvido em uma operação extremamente bem-sucedida (Operação Netuno) contra a Alemanha Ocidental. Anunciou-se que importantes documentos nazistas, incluindo listas de agentes nazistas no leste europeu, foram encontrados em um lago da fronteira tcheca com a Alemanha Ocidental. O objetivo era paralisar as atividades do serviço de informações da Alemanha Ocidental. Dizia-se que os nomes das listas estavam trabalhando com antigos agentes nazistas — gente do Leste Europeu que havia colaborado com o regime nazista. Pretendia-se que as falsas listas forçassem o rompimento do contato com aquelas pessoas. A operação foi considerada um sucesso.²

Vamos voltar às operações de influência. Quando o senhor estava na Alemanha Ocidental, dirigiu agentes dentro do Parlamento alemão. Como usava esses agentes? Eram utilizados em operações de influência?

Como declarei acima, o funcionário da inteligência, no campo, conduzia as operações para influir, além da sua principal tarefa de coletar. Entretanto, houve casos, na Alemanha Ocidental, em que os agentes aliciados no Parlamento foram empregados em operações de influência. Por exemplo, eu era o funcionário-chave para Alfred Frenzel, membro do Partido Social Democrata de Bundestag (Parlamento Federal). Frenzel fazia parte de várias comissões parlamentares, inclusive o Comitê de Defesa. Foi usado para captar informação sobre a capacidade defensiva da Alemanha Ocidental e da OTAN e também foi

instruído para influir em certas decisões, se possível, de interesse da URSS. Nós o instruíamos sobre como reagir e que posições assumir durante as sessões do Parlamento.

Em tese, quais eram os principais alvos do Departamento de Desinformação tcheco quando o senhor era subchefe, em meados da década de 70?

Tendo por base os planos traçados por Moscou, na década de 60, para o serviço de informação tcheco, o principal alvo eram os Estados Unidos. O objetivo era prejudicar os Estados Unidos onde fosse possível e enfraquecer sua posição na Europa Ocidental. Procurávamos criar divisões entre esta nação e seus aliados da Europa Ocidental, assim como entre vários membros da OTAN. Por exemplo, tentávamos provocar esses desentendimentos sobre o poder militar das forças do Pacto de Varsóvia. Esta desinformação militar, de acordo com meu ponto de vista, tem ocorrido como um aspecto muito importante das atuais atividades soviéticas de desinformação. Também nos voltávamos para o Terceiro Mundo e para o relacionamento dos Estados Unidos com essas novas nações. Mais uma vez, o objetivo da desinformação era causar divisões e desacreditar a política e o programa dos Estados Unidos em relação ao Terceiro Mundo.

Eram muito detalhadas as instruções que a inteligência tcheca recebia de Moscou? Essas instruções eram muito específicas, quanto ao seu aspecto operacional? Até que ponto Moscou supervisionava?

Permita-me responder em duas etapas. Primeiramente, durante os anos 60 recebíamos orientação e definição dos objetivos da sede em Moscou, através dos mentores soviéticos da KGB, os quais estavam presentes em todos os níveis da direção do serviço de inteligência tcheco. Esses amplos objetivos políticos levavam a inteligência tcheca a desenvolver programas visando a prejudicar os Estados Unidos onde e quando fosse possível, enfraquecer sua posição e da Europa Ocidental e criar novas divisões entre os aliados da OTAN e causar brechas entre os Estados Unidos e os países em desenvolvimento. Nosso pessoal então se encontrava para traçar planos e propostas visando a viabilizar essas instruções no campo. Contudo, antes de essas instruções serem postas em prática no campo, consultávamos o funcionário da KGB designado para nosso pessoal.

O senhor tinha de explicar todas essas diretrizes ao funcionário da KGB? Seus planos poderiam ser rejeitados por ele?

Sim, ele poderia rejeitar essas diretrizes. Em meu caso específico, essas relações assumiam um aspecto quase comercial. Eu o consultava e ele podia introduzir modificações e fazer observações. Entretanto, é claro que ele sempre poderia dizer “não” aos planos. Esta supervisão ocorria diariamente.

Na fase de lançamento havia lugar para inovações? O senhor po-

deria introduzir modificações em ordens e planos e depois executá-las, ou tudo precisava do apoio de Praga?

É claro que havia lugar para a iniciativa e a inovação entre os funcionários operativos. Entretanto, era necessário explicar as mudanças e os planos ao comando. Isto era uma perda de tempo que algumas vezes ocasionava a perda de oportunidade. Em outras palavras, um funcionário tcheco em atividade tinha que enviar todos os planos ou modificações de volta a Praga para serem revisados pelo departamento operacional da região e pelo consultor soviético do departamento. Este procedimento aplicava-se a todas as medidas ativas propostas.

Com que frequência as operações dos funcionários operativos de influência e outras medidas ativas eram avaliadas? Qual o critério usado?

Em tese, cada funcionário era avaliado anualmente. O escritório central poderia examinar todas suas atividades, se estava trabalhando bem com os agentes sob sua responsabilidade, o que esses agentes haviam executado e até onde você os conduzia. Quanto às medidas ativas, a pessoa era avaliada em termos do número de operações propostas e conduzidas, e do sucesso delas. Havia de fato um critério de avaliação para essas operações, embora em certos casos esse critério fosse subjetivo. Por exemplo, como observei logo no início, as operações de influência conduzidas através de jornalistas tinham medidas específicas de eficácia que incluíam a quantidade de artigos publicados, se foram escritos de maneira eficiente e onde foram publicados. No caso de falsificação, por outro lado, o critério de eficiência era muito mais subjetivo. O mesmo ocorria com outras modalidades.

É importante notar, contudo, que a maneira como os comunistas abordam a questão da eficácia é diferente do que ocorre no Ocidente. Os comunistas se prendem mais ao efeito cumulativo no transcorrer do tempo. Além disso, a própria interpretação comunista de tempo é muito diferente do ponto de vista ocidental. Assim sendo, eles não dão importância à eficácia de cada tipo de operação de medidas ativas, muitas das quais são difíceis de avaliar, tal como ocorre no Ocidente. De acordo com o ponto de vista comunista, é o impacto cumulativo que é importante. Esta, afinal, foi minha experiência nos anos 60.

Muitos, no Ocidente, menosprezam o uso que os soviéticos e o bloco Leste fazem de agentes de influenciamento, das organizações internacionais de fachada e outras operações de medidas ativas, considerando-as ou não muito importantes ou não muito eficazes. Tomando por base sua vivência na década de 60, como você responderia a esta afirmação?

Quando se leva em conta a dimensão e o crescimento do esforço global nesta área, do bloco Leste e da União Soviética, é claro que Moscou considerava muito importante este componente da estratégia. Os

expedientes e o pessoal a serviço dessas operações foram rapidamente se expandindo. Os acontecimentos da década de 70, em minha opinião, confirmam a importância dessas atividades para os soviéticos. Até que ponto esses esforços foram eficazes no esquema geral dos fatos? Compare-se a influência e a presença soviéticas no mundo de 1980 com as de 1955. Além do mais, meu próprio estudo sobre a desinformação, os projetos econômicos, o uso de operações com refugiados (recentemente cubanos) e as operações de influência levam-me a concluir que essas medidas desempenharam um importante papel no esforço global soviético contra os Estados Unidos e a OTAN.

ENTREVISTA COM STANISLAV LEVCHENKO, EX-FUNCIONÁRIO DE INTELIGÊNCIA DA KGB

O senhor manobrava jornalistas no Japão. Como os aliciava? Que tipos de jornalistas procurava para implementar as medidas ativas?

Primeiramente, o aliciamento é um processo muito demorado e complicado. Gastam-se de dois a quatro anos para completar o recrutamento e ter um agente trabalhando. Para se conseguir isso, usam-se as ferramentas de uma atividade profissional. Procede-se a uma investigação completa do ambiente para se determinar que ângulos usar no recrutamento do alvo. Geralmente um agente da KGB dedica-se a dois tipos de jornalistas. Um é o especialista em uma área específica e que possui tanto o conhecimento sensível quanto contatos com pessoas-chaves.

Que tipos de especialistas Moscou tem em mira?

Escritores que tenham bom nível de conhecimento em vários aspectos de assuntos políticos, econômicos ou militares. Eu me detinha em especialistas políticos. Tal agente pode ser útil de inúmeras formas. Pode produzir relatórios evidentemente defendendo o ponto de vista soviético a respeito de um assunto específico. Além do mais talvez ele tenha acesso a informações confidenciais que poderá trazer para você. Finalmente, por ser um especialista, pode conhecer e entrar em contato com outras elites. Então é possível encarregar o agente da execução de várias operações de influência contra aquelas pessoas. Quatro dos agentes que eu orientava no Japão eram jornalistas conhecidos. Tinham contatos de alto nível no Partido Socialista e no Partido Liberal Democrata e entre agentes do governo, inclusive membros do Conselho de Ministros. Os jornalistas forneciam informações e documentos se-

cretos do governo. Eu também os orientei em várias operações de influência contra aqueles agentes do governo.

Qual a segunda categoria de jornalistas que o senhor visava no aliciamento?

O segundo tipo de jornalistas que eu visava era aquele com muitos seguidores ou vinculado a um jornal de grande circulação. Um dos agentes que a KGB dirigia no Japão era da estrita confiança do proprietário do principal jornal daquele país, com uma circulação diária de três milhões de exemplares. Ele era usado para executar uma variedade de medidas ativas contra o jornal.

O senhor poderia ser um pouco mais claro quanto aos métodos de aliciamento usados e a visão política de seus agentes de influência? Quantos agentes o senhor aliciou?

Uma vez tomada a decisão de promover a aproximação de um jornalista ou de um membro de outro setor importante, usam-se vários sistemas de atração. Os sistemas específicos eram determinados na base de um exame de cada caso. Vou resumir um caso modelo para você. Geralmente a idéia é encontrar alguma área ou interesse comum sobre a qual se possa estar de acordo e, a partir daí, estabelecer um vínculo pessoal com o alvo. Esta abordagem pode ser usada para alvos de acordo com a tendência política. Para os da direita, contudo, o interesse comum pode ser uma saída. Por exemplo, um alvo pode ser muito favorável a Formosa e ser contrário a um relacionamento mais estreito entre o Japão e a República Popular da China. A área comum aqui é óbvia e muito poderia ser tentado neste setor. Se esta pessoa fosse um jornalista eu o ajudaria com dinheiro, apoio moral e estímulo, e possivelmente informações e matérias jornalísticas.

Que outros métodos são usados no aliciamento? O suborno é usado para atrair o agente e o conservar ativo?

Embora estabelecer um relacionamento pessoal e interesses comuns seja de importância primordial, o dinheiro também é válido. Certas pessoas, mesmo aqueles que são contra os soviéticos, trabalharão para você unicamente por dinheiro. Por outro lado, eu não julgava o uso do dinheiro uma boa técnica. É claro que ela tem sido usada pela KGB. Contudo, eu pessoalmente não gostava do suborno, porque sentia que ele poderia colocar o agente nas mãos do setor de contra-informação da nação alvo.

Quais as tendências políticas dos agentes que o senhor manipulou no Japão? Quantos dirigiu?

Grosso modo, cerca de um terço dos agentes que orientava tinham tendências socialistas e marxistas. Outro terço poderia ser caracterizado como de neutros, ou da política do centro. O terço final era constituído de indivíduos da direita no espectro político. Por volta de 1979 eu manobrava 10 agentes e contatos em andamento, com os quais eu tinha entre 20 e 25 encontros clandestinos por mês. No departamento

de Tóquio havia cinco agentes importantes, conduzindo medidas ativas por meio de 25 agentes de influência. O total de agentes da KGB, em Tóquio, era de aproximadamente 50 e 60.

A maioria dos agentes que o senhor manipulava conhecia sua verdadeira identidade? Eles sabiam que o senhor era um elemento da KGB?

Eu diria que a maior parte deles desconhecia isto. Eles julgavam que eu fosse correspondente da *Novos Tempos* e não um agente de inteligência da KGB.

O senhor fornecia aos jornalistas que o senhor controlava matérias para publicação? Em outras palavras, o senhor lhes passava reportagens e artigos prontos?

Em meu caso, eu lhes fornecia idéias, temas e informações e o agente produzia o artigo. Eu não achava prudente fornecer a matéria pronta para ser publicada. O motivo era que eu julgava que cada jornalista tem seu estilo e um método pessoal, e um artigo produzido por mim ou escrito em Moscou poderia despertar a atenção da contra-inteligência do país alvo. Apresentam-se sugestões e discute-se com o agente a maneira como desenvolver e completar os objetivos.

O senhor tinha permissão de fazer com que os agentes que aliciou também recrutassem outros agentes, além de executarem as operações das medidas ativas?

É muito raro ter um agente que possa de fato executar um aliciamento. Isto ocorre, mas muito raramente. É muito mais comum ter um agente que o assessor na localização ou identificação de possível recrutamento. Uma vez detectado o alvo em potencial, inicia-se o longo processo de sondar o indivíduo para determinar se e como o abordar. Em princípio, os agentes que eu dirigi ajudavam-me nesta tarefa, localizando possíveis alvos para recrutamento.

Qual o critério para designar uma tarefa para um de seus agentes e que abordagem ele deveria fazer, ao conduzir a operação?

Como já mencionei, as operações das medidas ativas no Japão baseavam-se em diretrizes que recebíamos de Moscou. Frequentemente recebíamos essas instruções quase diariamente, três a cinco de uma vez. De modo geral, os funcionários mais graduados reuniam o grupo principal para determinar a melhor maneira de seguir as instruções. Uma vez estabelecido o plano, geralmente confirmava-se com Moscou para sua aprovação. Isto não era necessário para todas as ações, mas para a maioria delas.

Em linhas gerais, quais eram os objetivos específicos das operações das medidas ativas de Moscou, conduzidas contra o Japão enquanto o senhor esteve em Tóquio?

A prioridade fundamental era evitar que a cooperação nipo-americana se intensificasse e provocar desconfiança entre o Japão e os

Estados Unidos, no plano político, econômico e militar. Um segundo objetivo era perturbar as boas relações entre o Japão e a República Popular da China e impedir o surgimento do triângulo Washington-Pequim-Tóquio. Um terceiro objetivo era criar um grupo de pressão a favor dos soviéticos entre políticos japoneses de prestígio, através da penetração dos partidos Liberal Democrata e Socialista, que lograsse vínculos econômicos e políticos mais estreitos entre a União Soviética e o Japão e a criação de um monopólio político no Parlamento japonês. O governo japonês igualmente deveria ser persuadido, pela ação de agentes de influência de alto nível, de negociantes conceituados e da opinião pública. Esses eram os principais objetivos.

Queira delinear, se possível, o trabalho da KGB soviética no Japão durante os anos que o senhor mencionou aqui. Quais eram os agentes mais eficazes?

A KGB tinha no Japão uma rede de aproximadamente 200 agentes trabalhando no serviço secreto político, científico e tecnológico da Diretoria Geral. Entre os mais eficientes havia um ex-membro do Conselho de Ministros do governo, que dirigia um órgão público parlamentar importante; vários membros importantes do Partido Socialista; um conceituado estudioso da República Popular da China que mantinha estreitas relações com funcionários do governo; e vários membros do Parlamento. Em meu caso específico, os agentes de influência mais importantes que orientei eram jornalistas.

Nossa avaliação de Novos Tempos demonstra que grande parte da matéria que ela focaliza visa a atacar, denegrir e criticar os Estados Unidos e a OTAN. O senhor utilizava a Novos Tempos como uma camuflagem enquanto servia como agente da KGB no Japão. O senhor também escrevia para a Novos Tempos? Em que temas o senhor se detinha totalmente nos Estados Unidos e na OTAN?

Primeiramente, sua avaliação de que o principal objetivo da Novos Tempos eram os Estados Unidos e a OTAN está correta. Entretanto, como correspondente de Novos Tempos, meu trabalho não era fazer propaganda direta; isto era apenas meu disfarce. Minha principal responsabilidade, na qualidade de funcionário da KGB, era aliciar jornalistas japoneses, parlamentares e outras elites, para executar vários tipos de medidas ativas. A KGB utiliza a Novos Tempos para tais atividades. Na metade da década de 70 a Novos Tempos tinha doze correspondentes estrangeiros, dos quais dez eram funcionários da KGB. Entretanto, dos dois outros, um executava uma variedade de tarefas com o Departamento Internacional. Durante meu tempo em serviço, os dois assim chamados correspondentes “limpos” tinham atribuições nos Estados Unidos e na Alemanha Ocidental.

Ainda assim, para tornar sua cobertura jornalística digna de crédito, o senhor não produzia reportagens? Ou elas eram preparadas em Moscou?

A regra geral é que a maioria dos agentes da KGB, sob disfarce jornalístico, não escreva no local de sua atividade. Os artigos lhes são facilitados de acordo com seu interesse. Meu caso, no Japão, foi um tanto especial. Eu de fato enviava um ou dois artigos por mês a *Novos Tempos*. Há dois motivos para isto: primeiro, em virtude de meus estudos de pós-graduação, eu compreendia amplamente a Ásia; segundo, a *Novos Tempos* não tinha ninguém em seu escritório principal que tivesse conhecimentos sobre o Japão. Voltando às primeiras perguntas, os assuntos abordados nessas reportagens diziam respeito, em muitas ocasiões, aos Estados Unidos. Eu tinha certa liberdade quanto ao que escrever, mas dentro de certas categorias mais amplas. Assim, em meus trabalhos, assuntos como militarismo, problemas econômicos e imperialismo dos Estados Unidos se relacionavam com o Japão e a Ásia. De várias maneiras esses assuntos refletiam os principais objetivos das medidas ativas soviéticas no Japão — inclusive a prevenção de um futuro aprofundamento da cooperação Estados Unidos-Japão, e a possibilidade de provocar um rompimento nos circuitos militares, políticos e econômicos entre esses dois países.

Vamos nos aprofundar um pouco mais na questão da cobertura jornalística. Qual foi o seu treinamento como jornalista? A KGB faz questão de que o agente se torne um especialista na atividade que ele usar como disfarce?

No meu caso, o estágio final do preparo para minha designação para o Japão consistiu de quase um ano na *Novos Tempos* em Moscou. Eu deveria aperfeiçoar minha habilidade para assuntos jornalísticos, estudar os mecanismos da atividade editorial e publicar vários artigos. Desse modo, quando fui para o Japão, eu podia circular com desenvoltura no meio jornalístico e executar minha tarefa de modo real. Eu tinha uma experiência jornalística autêntica e isto facilitou meu disfarce. Isto não é uma ocorrência excepcional. A KGB prepara seus funcionários assim.

Além do disfarce jornalístico, que outras formas de disfarces são amplamente usadas pela KGB, para a realização de medidas ativas?

O Ministério do Comércio Exterior, que lida com numerosos problemas econômicos e comerciais pelo mundo todo e envia para o exterior muitos funcionários, é também muito importante para a KGB. Assim como acontece no setor do jornalismo, o agente da KGB designado para esse tipo de camuflagem tudo aprende sobre ele antes de ser designado para o exterior.

*Já que o senhor é familiarizado com a *Novos Tempos*, permita-me perguntar sobre seus principais alvos. A quem os soviéticos procuram atingir por meio dessa publicação?*

O conteúdo da *Novos Tempos*, é em grande parte dirigido para as elites estrangeiras. Na Europa Ocidental o público inclui universitários, jornalistas, líderes políticos etc. Os soviéticos sabem que esses são

a classe de indivíduos que lêem a revista e são influenciados por ela. A *Novos Tempos* indica também a linha de ação de vários assuntos para os partidos comunistas estrangeiros. Embora *Problemas da Paz e o Socialismo* também sirva a esses propósitos, ele é publicado apenas uma vez por mês. *Novos Tempos*, por sua vez, é semanal. Finalmente, *Novos Tempos* é também usada na propaganda interna dirigida para a população da União Soviética. Em outras palavras, esta revista é dirigida tanto para o público interno quanto estrangeiro.

Enquanto ainda estamos tratando de propaganda direta, deixe-me perguntar a respeito do Departamento de Informação Internacional (DII), criado em 1978. Por que foi criado esse departamento do Comitê Central do PCUS? Moscou não estava satisfeita com a coordenação e o desempenho da propaganda direta?

Em primeiro lugar, creio que a importância do DII é superestimada no Ocidente. O DII não está em pé de igualdade com o Departamento Internacional (DI). Embora seja verdade que o DII tem a obrigação de tirar proveito das oportunidades, a responsabilidade e a argúcia para coordenar os principais canais de propaganda aberta da URSS, esta função era considerada necessária primeiramente para o público interno, em segundo lugar para o público externo. Em outras palavras, a insatisfação de Moscou era quanto à eficiência interna. Além do mais, o DII não estabelece os temas da propaganda. Isto compete mais ao DI (sob a direção do Politburo e do Comitê Central). Por exemplo, é o DI — e não o DII — que dirige e propõe os tópicos a serem abordados pela *Novos Tempos*. Ao DII compete coordenar os vários canais de propaganda direta para o público interno e externo.

Tomando-se por base seu trabalho no Departamento Internacional, por favor faça um resumo, se o senhor desejar, de como Moscou mantém sua influência nas organizações internacionais de fachada. Com que frequência essas atividades são monitoradas e recebem ordens no campo?

Primeiramente, Moscou não influencia as frentes internacionais. Ao invés, ela controla essas organizações através do DI. Os principais produtos das frentes (pedidos de ajuda, conferências, publicações etc.) são decididos e atendidos pelo DI. Por exemplo, o Comitê Soviético da Solidariedade Afro-Asiática (AASC), sob supervisão direta do Departamento Internacional, manipula a Organização de Solidariedade do Povo Afro-Asiático (AAPSO). Da mesma maneira, o Fundo Soviético para a Paz, também uma ferramenta ativa do DI, é responsável pelo controle do Conselho Mundial pela Paz. Em cada caso, as atividades dessas organizações são dirigidas para apoiar os objetivos soviéticos. Uma maneira de manter o controle é através do domínio dos órgãos que lideram essas organizações. Por exemplo, a maioria do Conselho Presidencial da AAPSO é controlada pelo Comitê Soviético de Soli-

riedade Afro-Asiática. Desse modo, todas as atividades da AAPSO são controladas pelo DI.

Como o DI controla as atividades das subsidiárias locais da AAPSO e do Conselho Mundial pela Paz? Isto é mais difícil?

Dependendo da situação, isto pode ser mais difícil. Um canal de controle normalmente usado é o Partido Comunista local que frequentemente é controlado e dirigido pelo DI. O Conselho Mundial pela Paz, dos Estados Unidos, é um caso típico. Seu controle e sua organização local também podem ser executados mediante elementos locais da KGB sob orientação disfarçada.

Qual seria o exemplo de uma campanha ou ação recente dirigida pelo DI contra os Estados Unidos?

O Comitê de Apoio ao Vietnã colaborou na direção da campanha contra a guerra do Vietnã, em bases mundiais. Um de seus programas era a utilização de desertores americanos em ações de propaganda internacional. A AASC detinha esses desertores tão logo chegavam à URSS. A KGB também era envolvida e estabelecia uma rota de fuga para os desertores através do Japão. Para colaborar neste ponto, a KGB infiltrava-se no Comitê Japonês pela Paz no Vietnã, organização muito ativa constituída de intelectuais. Além da AAPSO, o CMP era muito ativo, promovendo a propaganda soviética contra o envolvimento americano no Vietnã.

Como as frentes recebem auxílio financeiro?

Mais uma vez, depende de ser uma frente internacional em si mesma, ou de ser um organismo de frente regional ou local. No caso do Conselho Mundial pela Paz, o auxílio vem diretamente do Fundo Soviético pela Paz, isto é, através do DI. O AASC serve de canal semelhante para a AAPSO. Esta pode usar este fundo para realizar várias atividades determinadas pelo DI ou para prover outras organizações, como os assim chamados movimentos de libertação nacional, no Terceiro Mundo. O auxílio financeiro para filiados locais do CMP ou da AAPSO ou para outras frentes internacionais vai do DI para o partido comunista local por meio de um intermediário da KGB. Esta é uma rota para ajuda local.

Os principais organismos burocráticos formuladores da propaganda direta e disfarçada são o DI e a KGB. No campo de trabalho os representantes desses organismos atuam juntos para coordenar as atividades, ou tudo isto é executado em Moscou? Como as ordens são recebidas e qual seu nível de especificação?

Para começar, nas operações externas de medidas ativas, os principais organismos atuantes são o DI e a KGB. O DI desempenha um papel menor na realização dessas atividades. Seu trabalho é executado na União Soviética. No campo nós geralmente recebíamos basicamente uma vez por semana (e algumas vezes diariamente) orientações de Moscou quanto aos vários temas e atividades que tínhamos de executar. Es-

tas ordens poderiam ser bem detalhadas ou apenas de orientação geral, dependendo do objetivo. Em projetos de longa duração com os quais todos estávamos familiarizados e nos quais tínhamos todos trabalhado — por exemplo, a campanha contra a bomba de nêutrons ou outras campanhas visando a denegrir a reputação dos Estados Unidos — as ordens que recebíamos eram simples orientações. É evidente que nos reuníamos em equipe para discutir como efetivar essas ordens.

É possível introduzir inovações? O senhor podia introduzir modificações nas ordens e depois executá-las?

Nas reuniões de nossa equipe nós podíamos decidir mudanças em ordens e orientações gerais e havia muita possibilidade de introduzir modificações. Entretanto, na maioria das vezes esses planos eram devolvidos a Moscou para revisão. Geralmente não se podia tomar a iniciativa sem autorização do centro. Contudo, se fosse uma emergência e o tempo curto, apenas alguns dias, nesse caso podíamos agir com rapidez.

Desse modo, se surgisse uma oportunidade — digamos, por exemplo, que um ex-oficial militar de alta patente dos Estados Unidos, que agora é um elemento de destaque no movimento pelo desarmamento, estivesse prestes a visitar o Japão — o senhor poderia agir rapidamente para tirar vantagem desse alvo?

Sim. Imediatamente transmitiríamos instruções ao centro e recebíamos a posição de Moscou sobre o fato. Num caso assim especial, a resposta seria imediata.

Como se mede a eficácia das operações executadas por um funcionário em campo? Há uma supervisão constante? Qual a importância dos resultados?

Em primeiro lugar, as atividades do funcionário em campo são monitoradas e avaliadas muito de perto nos relatórios detalhados. O sucesso é de importância primordial. Por outro lado, avaliar esse sucesso é algumas vezes complicado. Certas atividades são fáceis de medir e avaliar — por exemplo, o desempenho de um jornalista que você aliciou (a quantidade de artigos publicados ou de informações confidenciais coletadas), ou atividades de um de seus agentes no Parlamento (fazendo afirmações, iniciando algumas discussões ou criando um clima favorável, de apoio aos objetivos soviéticos no Parlamento). Esses elementos são avaliados, de acordo com certos padrões, por seus superiores.

Por outro lado, certas operações são mais difíceis de serem avaliadas. Por exemplo, o sucesso do movimento pela paz, na Europa, é um fato comprovado e a KGB e o DI têm participado intensamente. Entretanto, o crescimento do movimento não pode ser atribuído apenas à KGB e ao DI. Desse modo, essa avaliação é mais subjetiva. Ainda, o chefe do serviço da KGB local e o chefe do grupo de medidas ativas são os responsáveis pela avaliação e conceituação de tais atividades.

O que ocorre em caso de fracasso?

Se a pessoa falha em sua produção, isto em última instância pode levá-lo a ser chamado de volta. Entretanto, geralmente os membros do grupo das medidas ativas podem tentar ajudar e aconselhar o funcionário quanto ao modo de melhorar o desempenho. A maneira de evitar um fracasso, nesse nível, é um amplo treinamento e aprendizagem antes que o funcionário comece a realizar operações. Isto inclui treinamento tanto dentro como fora de seu país. A KGB procede assim, e há recursos disponíveis para isso. Compreende-se a importância desse investimento. Quando uma operação importante falha, procede-se a uma extensa revisão, mas o fracasso, por si só, não paralisa o serviço local da KGB. Reúne-se as partes, espera-se um pouco, e se recomeça tudo de novo. A situação atual no Japão, como consequência de minha saída em 1979, é um exemplo de tal ocorrência.

Muitas pessoas no Ocidente menosprezam a utilização, pelos soviéticos, de agentes de influência, organizações internacionais de fachada e outras operações de medidas ativas por não as considerar tão importantes ou tão eficazes. O que o senhor diria dessa afirmação?

Para começar, há de fato instrumentos indicadores da importância que os soviéticos atribuem a essas atividades. O volume do trabalho de medidas abertas e disfarçadas é enorme, e isto pode ser pesquisado e provado. Tendo a vantagem de eu ser uma pessoa bem informada, posso afirmar que o DI e a KGB recebem todo recurso financeiro e de pessoal necessários à execução desse trabalho gigantesco. Jamais há carência. Claro que isto não é recente. Um exame da história do PCUS provará a importância de tais táticas. Uma leitura detalhada do que os líderes soviéticos escrevem e dizem também permite compreender a importância dessas medidas. Embora já tenhamos tratado disso antes, desejo reafirmar que todas as operações das medidas ativas são avaliadas por uma série de critérios. O sucesso é um ingrediente vital. O crescimento do trabalho soviético em matéria de medidas ativas soviéticas durante os últimos dez anos deveu-se ao progresso do trabalho de campo.

NOTAS

1. Consultar o livro de Bittman, *The Deception Game* (Syracuse, Nova Iorque: Syracuse University Research Corp., 1972) e seu depoimento perante o Comitê Permanente de Inteligência, do Congresso dos Estados Unidos, "Soviet Covert Action (The Forgery Offensive)", 96º Congresso, 2ª sessão (Washington, DC: GPO, 1980), pp.34-58. As declarações de Levchenko perante o Congresso estão em Congresso dos Estados Unidos, Comitê Permanente de Inteligên-

cia: "Soviet Active Measures," 97º Congresso, 2ª sessão (Washington, DC: GPO, 1982), pp. 138-169.

2. Para uma completa discussão sobre a Operação Netuno consultar Bittman: *The Deception Game*, Capítulo 2.

CONCLUSÃO

Os líderes do Kremlin seguem atentamente as técnicas de propaganda aberta e disfarçada, e de influência política, como meios importantes de alcançar seus objetivos. Isto não é surpreendente, em vista das origens e do modo como se desenvolve o sistema político soviético. Em sua busca pelo poder, os bolcheviques contaram, em grande parte, com uma combinação de propaganda e outras medidas políticas, juntamente com as forças armadas, para derrubar o governo provisório. Uma vez consolidado o poder bolchevique, estas técnicas foram institucionalizadas como complementos dos instrumentos tradicionais da arte de governar. Elas ainda continuam a ser usadas para influenciar a política de outros governos, debilitar a confiança dos líderes e das instituições desses Estados, para desintegrar as relações entre as várias nações e para desacreditar e enfraquecer seus principais adversários.

Poucos estudos dos assuntos soviéticos procuraram examinar como Moscou emprega atualmente estes instrumentos de política externa. As razões para esta omissão não são claras. Uma explicação parcial pode ser encontrada na opinião de muitos especialistas que consideram que, desde que a União Soviética se tornou uma superpotência, os líderes do Kremlin não mais consideram a propaganda e as operações de influência política tão importantes. Este estudo desmente essa alegação. Durante o período de 1960 a 1980, Moscou cada vez mais enfatizou os instrumentos tradicionais de exercer a política, tais como a diplomacia, a ajuda militar e econômica. Contudo, estas mudanças não reduziram ou enfraqueceram o programa soviético de medidas ativas.

Um exame dos anos entre 1960 e 1980 demonstra que a União Soviética dedicou amplos recursos para desacreditar, isolar e dividir a aliança ocidental pelo uso da propaganda e de atividades de influência política como parte de sua estratégia político-militar mais ampla. Para atingir estes propósitos, o Politburo desenvolveu uma estrutura organizacional altamente centralizada e muito bem coordenada para

o planejamento e a implementação das medidas ativas. A dimensão desta estrutura e o grau de controle do Politburo indicam a importância que os líderes soviéticos dão a estas táticas. Os dados disponíveis também sugerem que os meios dedicados às medidas ativas expandiram-se significativamente durante estes anos.

Nossa análise das fontes de propaganda direta como a *Novos Tempos* e a "Resenha Internacional" do *Pravda* também demonstra que, embora os assuntos e eventos específicos cobertos pela imprensa soviética tenham variado, a mensagem da propaganda global de Moscou permaneceu basicamente inalterada durante as últimas décadas. Os principais temas da propaganda contra o Ocidente têm procurado, uniformemente, caracterizar o militar e o político americanos como a causa da maior parte dos conflitos internacionais; demonstrar que os Estados Unidos são uma potência agressiva, militarista e imperialista; e isolar Washington de seus aliados e amigos. Em suma, que os aliados ocidentais percebam que as relações Ocidente-Oriente atravessam um período de guerra-fria ou um período de detente, a propaganda aberta soviética continuava a retratar os Estados Unidos e a OTAN em termos negativos e difamatórios. Contudo, o estudo demonstra que, ao mesmo tempo, a campanha de propaganda de Moscou contra o Ocidente tornou-se mais sofisticada, complexa e variada.

Enquanto os Estados Unidos eram consistentemente caracterizados como a principal ameaça à paz mundial, uma análise cuidadosa da propaganda soviética indica que na realidade o Kremlin não percebeu nenhuma ameaça direta, ou desafio, a seus interesses de segurança emanados da alegada agressividade e militarismo americano. Esta incongruência entre a propaganda soviética e a percepção de ameaça real por parte de Moscou pode ser parcialmente explicada ao se considerarem os objetivos táticos da política externa do Kremlin, ao invés de suas preocupações imediatas com a segurança.

Em outras palavras, o objetivo principal de Moscou, ao empregar a propaganda externa, é não alertar os Estados Unidos e seus aliados da OTAN para os verdadeiros propósitos soviéticos. Ou melhor, os líderes soviéticos usam este instrumento mais como parte de uma estratégia político-militar para enfraquecer a aliança ocidental. Nossa pesquisa também revela que as divisões dentro da OTAN, que apareceram durante a última metade da década de 70, foram consideradas por Moscou como um alvo atraente de propaganda e resultaram num crescimento de propaganda direta soviética para explorar as brechas entre os países ocidentais.

Também é evidente que Moscou combina ativamente a propaganda direta e as técnicas políticas disfarçadas. Os soviéticos empregam uma ampla variedade de medidas ativas para manipular, iludir e confundir os alvos ocidentais. Este estudo focalizou as organizações inter-

nacionais de fachada, os agentes de influência e as falsificações para demonstrar como o Kremlin persegue um dado objetivo do plano de ação através de canais abertos ou disfarçados. Por exemplo, quando a oposição à modernização das Forças Nucleares de Médio Alcance da OTAN tornou-se o principal tema do *Pravda* e da *Novos Tempos*, os soviéticos imediatamente empregaram o Conselho Mundial pela Paz e outras frentes, agentes como Pierre-Charles Pathé, e forjaram documentos para focalizar, ainda mais, a atenção no assunto. Outros exemplos desta abordagem, cuidadosamente orquestrada e bastante integrada, estão documentados no estudo.

Finalmente, as entrevistas com ex-funcionários do Serviço de Inteligência do bloco soviético proporcionam uma visão singular do planejamento, implementação e avaliação das medidas ativas soviéticas. Bittman e Levchenko revelam o alto grau de controle exercido pelo Kremlin sobre as medidas ativas conduzidas pela KGB e pelos serviços de Inteligência do bloco Oriental. Eles relatam como durante o período em que serviram como agentes do Serviço Secreto, Moscou continuou a aumentar os já elevados recursos da organização e os fundos dedicados a estas atividades. Bittman e Levchenko mostraram que o Kremlin conquistara com este crescimento a habilidade de conduzir as medidas ativas numa escala intensa e mundial, e contra os Estados Unidos e a OTAN, e também contra outros alvos.

Continuarão os soviéticos a empregar, na década de 80, a propaganda direta e velada e técnicas de influência política contra os Estados Unidos e outros membros da aliança ocidental? Estas atividades aumentarão? Não podemos ter certeza, mas a resposta a estas duas perguntas parece ser "sim". Aparentemente, Moscou tem se impressionado com seus próprios programas. Assim como Levchenko e outros salientam, o crescimento, a importância e o alcance das campanhas de medidas ativas soviéticas podem ser vistos como um indicador importante de como o Kremlin considera estas ações um sucesso. Com esta convicção pode-se esperar que as lideranças soviéticas continuarão a empregar e talvez expandir as operações de medidas ativas contra os aliados da OTAN, em futuro próximo e em futuro mais distante.

Um segundo fator que contribuiu para este prognóstico é a posição equilibrada de Yuri Andropov*. Durante o tempo em que foi chefe da KGB, de 1967 a 1982, Andropov foi responsável pelo rápido crescimento e progresso do programa mundial da KGB, em medidas ativas

* A versão original deste livro, em inglês, foi publicada em 1984. Yuri Andropov, o líder máximo da URSS, faleceu em 9 de fevereiro de 1984 e foi substituído por Konstantin Ustinov Chernenko até março de 1985. Ao falecer este, Mikhail Gorbachev foi designado para ocupar os vários cargos que definem a hierarquia política mais alta da União Soviética. O prognóstico dos autores estava correta; a importância desse acerto é que correspondem a três diferentes governantes máximos (N. do E.)

disfarçadas. Como este estudo demonstra, o programa da KGB foi parte importante do esforço global soviético contra o Ocidente, durante o período de 1960 a 1980. Não é provável que Andropov, como chefe de todo o sistema soviético, venha a reduzir ou depreciar o uso do instrumento do plano de ação que ele expandiu e de cujos detalhes cuidou quando chefe da KGB. De fato, seus substitutos na KGB e no PCUS, promovidos por suas atividades quanto às medidas ativas, estão certos de terem proporcionado um impulso institucional que provavelmente sobreviverá ao período de Andropov como líder do Partido.

Isto não tem como objetivo sugerir que o programa soviético de operações de propaganda e de influência política não sofreu algum revés, ou que não tenha quaisquer fraquezas. As medidas ativas são vulneráveis se expostas ao público. Nossas pesquisas demonstram que algumas das atividades de Moscou foram de fato identificadas. Contudo, o Kremlin parece disposto a aplicar os recursos que julgar necessários para conduzir estas medidas, vigorosamente e em escala mundial. Além disso, duas décadas de crescimento em termos de organização e centralização resultaram numa campanha de técnicas diretas e dissimuladas mais intensa, integradas e sofisticadas, dirigida contra o Ocidente. Mudanças táticas, na técnica e na introdução de temas novos ocorrerão, sem dúvida nenhuma, com o fluxo e refluxo da política mundial; mas a estratégia soviética, no uso das medidas ativas, é mais provável que continue durante a década de 80.

Estes avanços trazem em si importantes implicações políticas para os Estados Unidos e seus aliados, cujo exame completo está além do objetivo deste estudo. O Kremlin está ciente das principais vulnerabilidades ocidentais e das oportunidades resultantes para a realização de medidas ativas. Nos últimos 20 anos, os soviéticos vêm tentando explorar cada vez mais estas vulnerabilidades. Os aliados da OTAN, por outro lado, até bem recentemente deram publicamente pouca atenção a estas atividades soviéticas. Isto tem sido prudente? Os governos ocidentais deveriam ignorar o assunto? Alternativamente, deveriam os líderes ocidentais explicar a seus cidadãos o escopo, objetivo e métodos do impulso da política de Moscou contra os Estados Unidos e a OTAN? Deveria ser fornecida a jornalistas, parlamentares e outros alvos das atividades soviéticas uma oportunidade de saber como e por que Moscou tenta influenciá-los? Os governos ocidentais poderiam tentar expor publicamente as operações das medidas ativas soviéticas. Isto deveria ser feito?

Que outras opções estão abertas aos Estados Unidos e a seus aliados? Através da história, tanto em tempos de paz como em época de conflito armado, as nações têm incluído entre suas opções de planos de ações o uso da propaganda, da diplomacia e da ação política para influenciar atitudes e comportamento em países estrangeiros. Quan-

do um Estado é afrontado por um adversário disposto a dedicar amplos recursos a campanhas de guerra política, direta e velada, cuidadosamente coordenadas, a restrição unilateral e o descuido no uso de uma variedade comparável de instrumentos disponíveis poderiam levar a sérios revezes na política e na segurança.

Isto não significa que os Estados Unidos e seus aliados devam meramente reagir às iniciativas soviéticas. Nem deveriam os Estados Unidos se empenhar em empregar cada uma das técnicas usadas pelo Kremlin. Ao contrário, métodos ocidentais de ação política, coerentes com os valores ocidentais, deveriam ser utilizados. Algumas formas de ação podem ser projetadas especificamente para rebater a atividade soviética, mas também para promover ativamente os princípios e objetivo da democracia.

Propostas deste tipo muitas vezes tornam-se um tanto controversas. Contudo, durante os últimos anos da administração Carter e da administração Reagan tem havido um crescente reconhecimento, por Washington, da importância não só de se opor às campanhas de Moscou mas também de prestar auxílio às forças democráticas. A criação de um mecanismo de coordenação intergovernamental para aquilo que atualmente se chama "diplomacia pública", através da Diretiva 77 da Decisão sobre Segurança Nacional, e a criação do Fundo Nacional para a Democracia, projetado para promover a democracia no exterior, são indicadores tangíveis da tendência geral de Washington no início da década de 80.

Neste ponto não é possível dizer, com qualquer possibilidade de certeza, que o governo dos Estados Unidos e a OTAN irão efetivamente manter tais iniciativas. Nem poderemos saber a extensão com que as organizações não governamentais nesses Estados e a imprensa ocidental apoiarão ou se oporão a essa tendência do plano de ação. São necessárias respostas afirmativas para tais perguntas. Sem este apoio, está longe a certeza de que o Ocidente está preparado para enfrentar o desafio quase certo das medidas ativas soviéticas da década de 80.

GLOSSÁRIO

AGENTE DE INFLUÊNCIA

O agente de influência é uma pessoa que usa sua posição, influência, poder e credibilidade para promover os objetivos de uma potência estrangeira de maneira não atribuível àquela potência. Operações de influência poderão ser executadas por agentes controlados (pessoas que são aliciadas e transmitem os interesses de uma potência estrangeira em resposta a ordens específicas); "contatos de confiança" (pessoas que colaboram conscientemente para transmitir os objetivos de uma potência estrangeira, mas que não são formalmente recrutadas e controladas); e indivíduos inocentes mas manipulados.

CORRELAÇÃO DE FORÇAS

A expressão soviética "correlação de forças" refere-se à avaliação do poder mundial. É mais amplo e mais complexo do que o conceito tradicional ocidental de "equilíbrio de forças", e leva em conta contradições no campo inimigo e muitos elementos intangíveis e tangíveis do poder. Além dos fatores militares, esta avaliação inclui componentes econômicos e estimativas de tendências internacionais sociais, políticas e revolucionárias. Na doutrina soviética, as prioridades do plano de ação e da estratégia ofensiva e defensiva, em qualquer estágio da história, devem fluir de uma determinação da correlação de forças.

DEPARTAMENTO INTERNACIONAL, PCUS

Estabelecido em meados da década de 50, o Departamento Internacional (DI) do Comitê Central do PCUS é provavelmente responsá-

vel pelo (a) planejamento do plano de ação externo, no que diz respeito aos governos não comunistas e organizações não governamentais, e (b) planejamento, coordenação e realização das medidas ativas. Estas últimas funções incluem administrar, dar assistência financeira e coordenar as atividades de bem mais de uma dúzia de organizações internacionais de fachada. O Departamento Internacional também executa medidas ativas através de sua ligação com partidos comunistas que não estão no poder e movimentos revolucionários e organizações não governamentais por eles controladas. Por meio de encontros internacionais, os representantes localizados no exterior e o periódico semanal *Problemas da Paz e o Socialismo* (conhecido na sua edição em inglês como *World Marxist Review*), o Departamento Internacional dá instruções e diretrizes oficiais a partidos comunistas estrangeiros, movimentos de insurreição e organizações de fachada.

DEPARTAMENTO INTERNACIONAL DE INFORMAÇÃO

O Departamento Internacional de Informação (DII) do Comitê Central do PCUS foi aparentemente estabelecido em 1978. Existe uma tendência conflitante no que diz respeito ao objetivo deste departamento e a natureza de suas responsabilidades. Alguns analistas ocidentais acreditam que ele foi criado para melhorar a atividade de propaganda externa soviética através de uma integração mais centralizada e eficiente da ampla variedade de veículos empregados. Outra evidência sugere que o Departamento Internacional de Informação não estipula a linha de propaganda para canais de comunicação estrangeira nem se responsabiliza pela orientação de sua propaganda. Neste aspecto, parece que o Departamento Internacional de Informação é menos importante do que o Departamento Internacional.

DESINFORMAÇÃO (CONDUZIDA DE FORMA ENCOBERTA)

A desinformação tende a ser direta ou disfarçada. Este estudo leva em conta somente as operações de desinformação conduzidas secretamente. A desinformação disfarçada é uma comunicação não atribuída ou falsamente atribuída, escrita ou oral, que contém informação intencionalmente falsa, incompleta ou enganosa (frequentemente combinada com informação verdadeira), que procura iludir e desinformar

e/ou enganar o alvo. Tanto as elites estrangeiras governamentais e não governamentais, quando a população estrangeira podem compor o alvo.

O objetivo da desinformação é levar a acreditar na veracidade da mensagem e, conseqüentemente, agir nos interesses da nação que conduz a operação de desinformação. Esta técnica pode ser adiantada através de boatos, falsificações políticas manipulatórias, agentes de influência, organizações de fachada e outros meios. Até a década de 50, o termo *dezinformatsia* foi usado em alguns círculos soviéticos para se referir aquilo que alguns líderes soviéticos atualmente denominam “medidas ativas”. Atualmente *dezinformatsia* é usada em Moscou para se referir a um tipo específico de medidas ativas, aqui chamado “desinformação”.

FALSIFICAÇÃO

A falsificação, uma das muitas técnicas de desinformação, é o uso de documento e informação oficiais de aparência autêntica, porém falsos. Os documentos falsificados, examinados neste estudo, incluem versões alteradas ou distorcidas de documentos reais do governo americano, obtidos pelos soviéticos (geralmente através da espionagem) e documentos que foram inteiramente montados. Os principais alvos das falsificações tendem a ser as elites estrangeiras, governamentais ou não, embora a população também possa ser um alvo.

LUTA POLÍTICA

Segundo uma definição ampla, a luta política é a ameaça de empregar (ou o uso efetivo de) técnicas políticas, econômicas e militares, diretas ou disfarçadas, para influenciar políticas e eventos em países estrangeiros. O objetivo é persuadir o alvo a comportar-se de maneira que apóie direta ou indiretamente a nação que conduz a luta política. Durante o século XX, vários governos definiram e empregaram a luta política de diferentes modos, dependendo, em grande parte, do tipo de regime envolvido e da situação específica disponível.

MEDIDAS ATIVAS

Uma expressão soviética que entrou em uso na década de 50 para descrever certas técnicas diretas e dissimuladas de influenciar eventos e comportamentos em países estrangeiros e as atividades destes países. As medidas ativas podem acarretar influência em planos de ação de ou-

tro governo, debilitação da confiança em seus líderes e instituições, a perturbação das relações entre outras nações e o descrédito e enfraquecimento dos adversários no governo e fora dele. Isto frequentemente envolve tentativas de ludibriar o alvo (elites governamentais e não governamentais estrangeiras, ou a massa da população) e distorcer a visão que o alvo tem da realidade.

As medidas ativas podem ser conduzidas diretamente através de canais de propaganda estrangeira, com patrocínio oficial, de relações diplomáticas e da diplomacia cultural. As técnicas políticas dissimuladas incluem o uso da propaganda velada, a desinformação verbal e escrita, agentes de influência, rádios clandestinas e organizações internacionais de fachada. Embora as medidas ativas sejam principalmente de natureza política, manobras militares e ajuda paramilitar a insurreições e terroristas também podem estar envolvidos.

ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS DE FACHADA

Embora pretendendo ser organizações não governamentais independentes, na realidade as organizações internacionais de fachada são criadas e dirigidas pelo PCUS para promover seus objetivos no plano de ação externo. As táticas utilizadas por uma organização de fachada podem incluir operações de propaganda e operações de influência política. A partir da metade da década de 50, as frentes internacionais soviéticas têm sido dirigidas pelo Departamento Internacional (DI) do PCUS. Entre as principais frentes soviéticas estão o Conselho Mundial pela Paz (CMP), a Federação Mundial de Sindicatos (FMS), a Federação Mundial de Juventudes Democráticas (MFJD) e a União Internacional de Estudantes (UIE).

PROPAGANDA DIRETA

A propaganda direta é a informação escrita ou oral, de uma fonte de governo não dissimulada, que procura deliberadamente influenciar e/ou manipular a opinião e as atitudes de outras pessoas. Um governo pode dirigir sua propaganda para um público estrangeiro ou nacional. A propaganda não reflete necessariamente preocupação com a exatidão ou veracidade. A propaganda direta soviética tem sido cada vez mais definida pela intensidade e concentração; flexibilidade e versatilidade; e controle e coordenação centralizados.

PROPAGANDA DISSIMULADA

A propaganda é definida como a informação escrita ou verbal que procura deliberadamente influenciar e/ou manipular as opiniões e atitudes de um determinado público. No caso da propaganda dissimulada, a informação emana de uma fonte falsamente identificada ou não identificada e é disseminada através de vários canais de propaganda. Estes incluem campanhas organizadas na imprensa mundial por jornalistas que atuam como agentes de influência, transmissões clandestinas de rádio e atividades de propaganda das organizações internacionais de fachada.

SERVIÇO A DA DIRETORIA PRINCIPAL DA KGB

O Serviço A, localizado dentro da Primeira Seção Principal da KGB, tem a responsabilidade de planejar e conduzir as medidas ativas dissimuladas. Estas incluem as operações com agente de influência, desinformação oral e escrita, falsificações e outros tipos de ações políticas dissimuladas.

OS AUTORES

Os autores de *Desinformação* são dois especialistas no assunto, ambos professores universitários e colaboradores na imprensa. Roy Godson leciona Relações Internacionais e Inteligência na Universidade de Georgetown. Richard H. Shultz é professor de Política Internacional e Assuntos de Segurança na Fletcher School de Direito e Diplomacia.

ISBN 85-7007-117-5



Minha Impalpável Biblioteca